

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HUMANIDADES, DIREITOS E OUTRAS
LEGITIMIDADES

ADRIÃ ORÍDAN FERREIRA DA SILVA

Narrativas de uma revolução: transgredindo a normatividade a partir de
saberes byxa-preta-cabocla-de-quebrada

Versão corrigida

SÃO PAULO
2024

ADRIÃ ORÍDAN FERREIRA DA SILVA

**Narrativas de uma revolução: transgredindo a normatividade a partir de
saberes byxa-preta-cabocla-de-quebrada**

Versão corrigida

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eucenir Fredini Rocha

Co-orientador: Prof. Dr. André Mota

SÃO PAULO
2024



ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Anuência do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Adriã Orídan Ferreira da Silva

Data da defesa: 13/12/2023

Nome do Prof. (a) orientador (a): Prof^a. Dr^a. Eucenir Fredini Rocha

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 27 de fevereiro de 2024.

(Assinatura do (a) orientador (a))

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

069 n Orídan, Adriã
Narrativas de uma revolução: transgredindo a normatividade a partir de saberes byxa-preta-cabocla-de-quebrada / Adriã Orídan; orientador Prof^a. Dr^a. Eucenir Fredini Rocha - São Paulo, 2024.
195 f.

Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades da Universidade de São Paulo. Área de concentração: Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades.

1. byxa-preta-cabocla-de-quebrada. 2. transgressões. 3. cisnormatividade. 4. sistema normativo. 5. normatividades. I. Rocha, Prof^a. Dr^a. Eucenir Fredini, orient. II. Título.

ORÍDAN, Adriã. **Narrativas de uma revolução: transgredindo a normatividade a partir de saberes byxa-preta-cabocla-de-quebrada**. 2024. Dissertação (Mestrado em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Profa. Dra.

Instituição:

Julgamento:

Profa. Dra.

Instituição:

Julgamento:

Profe. Dre.

Instituição:

Julgamento:

DEDICATÓRIA

Às divindades que guiam o meu Orí e conduzem os meus passos no Àiyé, aos ancestrais que cultivaram essa terra para que eu estivesse aqui hoje, às pessoas byxa-preta-cabocla-de-quebrada e não-normativas, sobretudo a juventude e aquelas que lutam pela transgressão e pela transformação social, dedico não somente esse trabalho, mas também a minha ação política e transgressora.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a cada pessoa que em algum momento se fez presente na minha vida, verdadeiramente me enxergando, acreditando no meu potencial transformador e me incentivando a ser o meu melhor.

Agradeço à minha família, que se constitui a partir de um sentido muito mais amplo, em especial à minha mãe Maria, ao meu pai Erivaldo, ao meu companheiro de vida Igor, à minha lyáloriça Rachel, à minha òyáojúgboná Andréia, ao meu psicólogo e Pai Carlinhos, ao meu padrinho Renato e a todas as minhas irmãs e irmãos de lutas, caminhadas e corres, por me fortalecerem nos melhores e piores momentos da minha vida.

Agradeço Cleydson Catarina, Luna Dy Córtes, Rafael Quaresma, Rafael Rodrigues e Ton Moura pela generosidade e confiança em compartilhar as suas histórias e experiências comigo, me ajudando a me reerguer a partir da sua força transgressora, me dando chaves importantes para o meu processo de emancipação e me ensinando valiosas lições de vida e coletividade.

Agradeço também ao Diversitas, à minha orientadora Profa. Dra. Eucenir Fredini Rocha e ao meu co-orientador Prof. Dr. André Mota pela ajuda e acolhimento dispensados ao longo desses anos de pesquisa, à Prof. Dra. Maria das Graças de Souza e ao Prof. Dr. Sérgio Bairon Blanco Sant'Anna que me deram preciosos direcionamentos no meu exame de qualificação, às professoras e professores que de alguma forma também me ajudaram ao longo dessa caminhada e finalmente a todes amigues do programa de pós-graduação em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades com quem pude verdadeiramente trocar conhecimento e afeto ao longo desses últimos anos.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. - This

study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

RESUMO

ORÍDAN, Adriã. **Narrativas de uma revolução: transgredindo a normatividade a partir de saberes byxa-preta-cabocla-de-quebrada**. 2024. Dissertação (Mestrado em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

Esta pesquisa se configura como uma fonte de denúncia das múltiplas condições de opressão às quais estão sujeitas as pessoas em um contexto interseccional não-normativo de localização social byxa-preta-cabocla-de-quebrada, condições essas que são resultado dos processos produzidos pela cisnormatividade que cria e promove um estado normalizado e naturalizado de violências, a partir da articulação de um sistema normativo que opera socialmente através de crenças e violências institucionalizadas e não institucionalizadas, em associação à uma pedagogia normativa que o sustenta. Trata-se do resultado do diálogo estabelecido entre o referencial teórico que integra esta pesquisa, composto por intelectuais dos estudos decoloniais, dos feminismos negros, dos transfeminismos e dos estudos queer, bem como pelas histórias de diferentes pessoas em contexto interseccional *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*, a partir dos objetivos de mapeamento e discussão sobre as violências e transgressões que se dão diante desse contexto normativo. A partir dos conceitos de *dispositivo de racialidade/biopoder*, do *dispositivo de sexualidade*, do *epistemicídio* e da *cisnormatividade*, encontramos um caminho teórico para a elucidação dessas questões em associação ao trajeto de investigação empreendido a partir da simbologia dos espelhos *abebés* usados pela divindades iorubá Oxum e Iemanjá. Foi possível concluir que o *sistema normativo* funciona a partir de mecanismos de exploração, exclusão, constrangimento, punição e correção, no sentido de modelagem de corpos e subjetividades, de forma a colocar e manter a masculinidade normativa, a branquitude, a heterossexualidade e a cisgeneridade no centro da existência humana e nos lugares de poder e privilégio, enquanto conduz as pessoas e as experiências não-normativas às margens e às periferias em suas mais variadas formas. De tudo as normatividades pretendem se apossar, se materializando a partir dos corpos e subjetividades em consonância com

uma corrente de pensamento fundamentalista e ultraconservadora que podemos nomear como a sua pedagogia. O mecanismo de funcionamento do sistema normativo se baseia no uso do poder, o qual é exercido através das violências e coerções, objetivando a submissão. A não-submissão acarreta violências ainda maiores, como a rejeição, o desprezo e o abandono, conduzindo as pessoas não-normativas ao caminho do isolamento e da solidão, objetivando a sua eliminação e morte.

Palavras-chave: Byxa-preta-cabocla-de-quebrada, Transgressões, Cisnormatividade, Sistema normativo, Normatividades

ABSTRACT

ORÍDAN, Adriã. **Narratives of a revolution: transgressing normativity through 'byxa-preta-cabocla-de-quebrada' knowledge**. 2024. Dissertação (Mestrado em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

This research is configured as a source of denunciation of the multiple conditions of oppression to which people are subject in a non-normative intersectional context of social location byxa-preta-cabocla-de-quebrada, conditions that are the result of the processes produced by cisnormativity which creates and promotes a normalized and naturalized state of violence, based on the articulation of a normative system that operates socially through institutionalized and non-institutionalized beliefs and violence, in association with a normative pedagogy that supports it. This is the result of the dialogue established between the theoretical framework that integrates this research, composed of intellectuals from decolonial studies, black feminisms, transfeminisms and queer studies, as well as the stories of different people in an intersectional context byxa-preta-cabocla-de-quebrada, based on the objectives of mapping and discussing the violence and transgressions that occur in this normative context. Based on the concepts of the raciality/biopower device, the sexuality device, epistemicide and cisnormativity, we found a theoretical path to elucidate these issues in association with the investigation path undertaken based on the symbolism of the *abebé* mirrors used by the Yoruba deities Oxum and Iemanjá. It was possible to conclude that the normative system works through mechanisms of exploration, exclusion, constraint, punishment and correction, in the sense of modeling bodies and subjectivities, in order to place and maintain normative masculinity, whiteness, heterosexuality and cisgenderity at the center of human existence and in places of power and privilege, while leading people and non-normative experiences to the margins and peripheries in their most varied forms. Normativities intend to take possession of everything, materializing from bodies and subjectivities in line with a fundamentalist and ultra-conservative current of thought that we can name as its

pedagogy. The operating mechanism of the normative system is based on the use of power, which is exercised through violence and coercion, aiming at submission. Non-submission leads to even greater violence, such as rejection, contempt and abandonment, leading non-normative people to the path of isolation and loneliness, aiming for their elimination and death.

Keywords: Byxa-preta-cabocla-de-quebrada, Transgressions, Cisnormativity, Normative system, Normativities

SUMÁRIO

SUMÁRIO	11
INTRODUÇÃO	13
METODOLOGIA (O ESPELHO DA DISTORÇÃO)	25
1. Caminhos investigativos e referenciais teóricos	25
2. Procedimentos metodológicos	32
2.1. Levantamento bibliográfico	32
2.2. Autoetnografia	34
2.3. Busca de colaboradores	35
2.4. Definição do grupo de amostragem	37
2.5. Investigação de campo através da história oral de vida	38
PARTE 1: SITUANDO O SISTEMA NORMATIVO (O ESPELHO RETROVISOR)	40
1. Compreendendo o sistema normativo e a relevância dessa discussão para o contexto político-social brasileiro	41
2. A analítica do poder do sistema normativo	47
2.1. Modelo conceitual de organização e funcionamento do sistema normativo	47
2.2. As formas de organização e os mecanismos de funcionamento da analítica do poder do sistema normativo	48
2.3. O dispositivo de sexualidade e gênero	54
2.4. O dispositivo de racialidade e biopoder	63
2.4.1. Raça e racismo	63
2.4.2. A criação do dispositivo de racialidade	70
2.4.3. O mito da democracia racial	73
2.4.4. A associação do biopoder ao dispositivo de racialidade	78
2.5. Epistemicídio	81
PARTE 2: SABERES BYXA-PRETA-CABOCLA-DE-QUEBRADA (O ESPELHO DA COLETIVIDADE)	88
1. Ancestralidades, origens e heranças	89
1.1. Heranças do colonialismo	89
1.2. Espiritualidades e subjetividades	91
1.3. Movimentos diaspóricos e as histórias dos nossos mais velhos	100
1.4. Feminilidades normativas e o nosso legado matriarcal	109
1.5. Masculinidades normativas e a questão do abandono paterno	114
1.6. Fraturas intergeracionais, saberes ancestrais e a dimensão do aquilombamento pela via da coletivização	119
2. Territórios periféricos e trânsito social	126
2.1. O contexto diaspórico de formação das periferias e a cultura de quebrada	126
2.2. Nossas quebradas	131
2.3. Os desafios de ser uma pessoa byxa-preta-cabocla na quebrada	139

2.4. O contexto escolar das quebradas	143
2.5. Fundamentalismo, violência e repressão como estratégias de aprisionamento e controle X transgressão como estratégia de liberdade e emancipação	147
2.6. Trabalho precoce	152
2.7. Contextos da educação brasileira e o conhecimento como chave transgressora para a emancipação	157
CONCLUSÃO (O ESPELHO DA LUTA)	177
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	190
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	193
ANEXO I: O MERGULHO NO ESPELHO	195
1. Adriã Orídan	196
2. Cleydson Catarina	240
3. Luna Dy Córtes	265
4. Rafael Quaresma	290
5. Rafael Rodrigues	329
6. Ton Moura	354

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa trata de algo muito maior do que uma única história ou o caso isolado de uma pessoa *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*, apesar dela ter nascido inicialmente de mim, bem como da minha história em confronto com a normatividade e o epistemicídio que sempre insistiram em me perseguir e por todos os lados e vias buscar me limitar. Esta pesquisa se configura, portanto, como uma fonte de denúncia das múltiplas condições de opressão às quais estão sujeitas as pessoas em um contexto interseccional não-normativo de localização social *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* - referenciadas nesta pesquisa simplesmente como pessoas *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* -, condições essas que são resultado dos processos produzidos pela *cisnormatividade* que cria e promove um estado normalizado e naturalizado de violências, a partir da articulação de um sistema normativo que opera socialmente através de crenças e violências institucionalizadas e não institucionalizadas, em associação à uma pedagogia normativa que o sustenta.

Este estudo foi feito, sobretudo, a partir das narrativas de diferentes pessoas *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* provenientes de territórios periféricos localizados em Aracaju/SE, Belém/PA, Fortaleza/CE, Embu das Artes/SP, Taboão da Serra/SP e São Paulo/SP, buscando o reconhecimento e também a valorização de narrativas, saberes e transgressões de pessoas *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* para a transformação social, diante de um cenário político-social fortemente desconectado das perspectivas de liberdade e emancipação subjetiva e intelectual das populações não-héterocisnormativas, negras, indígenas, mestiças e periféricas historicamente inferiorizadas e socialmente desfavorecidas, que é fruto das incontáveis ações e omissões promovidas pelo Estado brasileiro ao longo de sua história, em associação aos ideais normativos que aqui se estabeleceram através dos adventos do colonialismo e da escravidão dos povos africanos.

Trago nesta pesquisa a minha colocação como uma pessoa *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*, uma vez que além de ser a pesquisadora que

conduziu este estudo, eu sou também vítima e sobrevivente deste cenário de violências normativas e normalizadas que aqui investigo e discuto, sendo portanto parte integrante e indissociável do meu próprio objeto de estudo. Em outras palavras, isso significa dizer que eu não sou meramente um *EU* falando sobre *ELES*, mas sim um *EU* falando sobre *NÓS*, o que implica em dizer que os fenômenos sociais que passam pelas minhas experiências passam também por outras experiências *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*, não-normativas e vice-versa, dialogando com a realidade das diferenças sociais que vivenciamos diariamente em níveis muito profundos.

Para uma pessoa *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*, ter que correr e se esforçar imensamente mais do que uma pessoa em contexto normativo é regra para sobreviver, chegar e permanecer em qualquer espaço, o que não implica de forma alguma em garantias de acesso, escuta, participação ou equidade, bem como na possibilidade de reconhecimento desses esforços ou minimamente das nossas humanidades, uma vez que o imaginário e o mecanismo normativo que formam e conduzem as performances corporais e subjetivas em nossa sociedade - até que o ponto em que se reconheça, compreenda e rompa com eles -, chegam antes de nós na maioria dos espaços.

É com muito propósito, esforço e insistência que conseguimos acessar os diferentes lugares de poder e ocupar os mais variados espaços sociais que nos foram e seguem sendo historicamente negados, de forma que não é pelo fato de estarmos conseguindo chegar nesses lugares, que as nossas possibilidades de acesso e permanência estejam asseguradas ou sejam as mesmas daquelas pessoas que se encontram localizadas em um contexto normativo e socialmente privilegiado. Compreender a dimensão desses desafios é de fundamental importância, sobretudo para as populações e juventudes *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* e não-normativas, uma vez que essa compreensão se mostra como um fator determinante para o acesso, permanência e possibilidade de trânsito social nesses espaços de forma minimamente saudável.

Depois de muitos esforços para conseguir conquistar uma vaga para cursar o mestrado na USP, eu passei por um infeliz episódio de assédio moral e rebaixamento intelectual que me mostraram que a universidade pública seria mais

um lugar onde a minha humanidade e intelectualidade seriam alvo de ataques e rebaixamentos, o que por um lado impactou diretamente todo o meu trajeto acadêmico ali dentro, bem como a minha saúde e bem-estar físico e mental, mas por outro lado também me permitiu redefinir os rumos desta pesquisa a partir de questões vitais e latentes que sempre se fizeram presentes na minha vida.

Foi assim que eu direcionei os meus esforços para a compreensão desse movimento e condição repetitiva de violências naturalizadas que acompanha não somente as minhas experiências, mas de todas as pessoas *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* que aqui dialogam comigo. Encarar essas questões nunca será uma tarefa fácil, pois a cada vez que fazemos isso, acabamos por revisitar situações pelas quais jamais deveríamos ter passado e que ainda seguimos passando, porém a partir desse episódio eu pude reafirmar a compreensão de que, enquanto essas violências seguirem sendo encaradas como atos normalizados e legítimos por uma grande parcela da sociedade, denunciá-las e nos colocar no movimento de combate contra elas são atos necessários para a nossa sobrevivência, caminhada e transgressão diante dessa realidade.

Nós, pessoas *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*, nos fazemos a personificação da transgressão política e social, a partir do momento em que insistimos no movimento do viver e buscamos diariamente enfrentar e romper com as amarras que a normatividade tenta colocar sobre os nossos corpos, subjetividades e trajetos. Contudo, eu honestamente acredito que, no final das contas, a maioria de nós gostaria simplesmente de viver as nossas vidas e de ter a nossa dignidade humana assegurada, tendo assim a possibilidade de sonhar e de correr atrás dos nossos sonhos e objetivos, encontrando minimamente alguma paz e felicidade pelo caminho, sem a obrigatoriedade de ter que enfrentar tantos obstáculos, medos e violências vindas de todos os lados.

A cada violência gratuita que recebemos, mais uma tentativa de deslocamento forçado acontece em nossas trajetórias, nos remetendo à questão da diáspora africana que segue em curso, se repetindo em nossas vidas. Eu sempre busquei seguir firme, forte e concentrada nos meus propósitos, evitando assim olhar para todas as mazelas que existiam dentro e fora de mim, de modo a não ter que confrontá-las diretamente e com isso desperdiçar o meu precioso tempo de vida já

tão escasso, porém quando mais uma vez eu me vi diante de uma situação de inferiorização e preconceito, pelo fato de eu ser quem e como sou, eu pude constatar que esse movimento havia me acompanhado ao longo de toda a vida e que poderia estar presente em qualquer outro lugar onde eu fosse ou buscasse ocupar, havendo ali uma grande questão a ser compreendida e, sobretudo, combatida.

Essa situação de inferiorização intelectual, fruto do epistemicídio, somada aos ataques de ordem transfóbica, racial e religiosa que passei a sofrer de forma ainda mais recorrente à luz do dia, sob o incentivo da política conservadora e fundamentalista do então presidente Jair Messias Bolsonaro, foi o estopim que fez com que a carga de todas as violências pelas quais passei ao longo da vida e que aprendi a recalcar como forma de sobrevivência, caísse duramente sobre mim, fazendo com que por um momento eu me perdesse de mim mesma e tudo fosse colocado em xeque. Cansada de não caber, cansada de ser deslocada, cansada de ser vista a partir do olhar estereotipado que a normatividade lança sobre mim, me impedindo de ser verdadeiramente vista, ouvida e considerada gente, uma pessoa humana, pensante e que sente, tanto no corpo quanto na mente, por um momento eu quase enlouqueci e por pouco eu não morri.

No confronto entre a vida e a morte, eu escolhi viver, reconstruindo e ressignificando a minha história a partir do diálogo e da troca com outras pessoas *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* e com as suas experiências, bem como denunciando as desigualdades e injustiças sociais que vivemos diariamente, buscando, sobretudo, formas de valorizar e celebrar as nossas existências, transgressões, transformações e saberes que conquistamos a partir de todo esse movimento de vida. Não fosse pelas compreensões que adquiri ao longo desta pesquisa, pela ressignificação da minha história, pela sabedoria ancestral e também pela movimentação transgressora que sempre me conduziram, o meu curso e possibilidades de vida poderiam ter sido outras, de forma a compor somente mais um número nas estatísticas.

Mas por quais razões esses conhecimentos voltados à uma prática de liberdade, de transgressão e de emancipação subjetiva e intelectual, dos quais eu tanto precisei para compreender quem eu sou, os lugares sociais que ocupo, as

dinâmicas sociais que me cercam e também as implicações desses lugares nas minhas experiências, nunca me foram garantidos com um direito básico à minha dignidade humana? Por que foi tão difícil acessar esses conhecimentos e chegar nessas compreensões? Quantas outras vidas e realidades todo esse conhecimento poderia transformar? O que posso dizer por experiência e investigação, é que essa ausência de compreensão sobre quem somos, como estamos socialmente localizados e como os mecanismos normativos operam sobre as nossas vidas, é algo que pode nos levar a um estado de ignorância onde as violências são legitimadas e naturalizadas, fazendo com que o ciclo de opressões e violências promovido pela cisnormatividade se replique infinitamente.

É diante deste cenário que eu defendo que tais conhecimentos se configuram como uma valiosa chave de acesso para melhores perspectivas de humanização, liberdade e emancipação subjetiva, intelectual, espiritual e política de pessoas *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* e em outros contextos não-normativos, sobretudo daquelas mais socialmente vulneráveis e que se encontram nos contextos da infância e da juventude. Foi também diante de tal perspectiva que esta pesquisa foi conduzida, sabendo que o compartilhamento desses conhecimentos, bem como das nossas histórias e experiências, diante de uma realidade onde tudo isso nos é negado e impedido pela ação da normatividade, podem criar uma ponte de diálogo com as juventudes e com as futuras gerações, possibilitando a transformação social e a criação de um futuro mais digno e justo para todes.

O caminho investigativo que eu segui para compor este estudo e que pode ser compreendido a partir da simbologia dos *abebés*¹ carregados pela divindades iorubá Oxum e Iemanjá, me possibilitou compreender os mecanismos de funcionamento da normatividade, a partir da contemplação e da análise, em um primeiro momento, das minhas próprias experiências, trajetórias e localizações dentro das dinâmicas normativas de poder. Os rios que deságuam no mar e transbordam para a terra, nutrindo a vida e conectando as subjetividades às intersubjetividades, me levaram ao reencontro com a coletividade da qual eu sempre fiz parte, mas que pela ação da normatividade eu havia sido cerceada e excluída,

¹ Abebé ou Abebê é um objeto da religiosidade iorubá-nigeriana, cultuada no Brasil pelos povos de terreiro do Candomblé, que se apresenta como um espelho que é parte indispensável da indumentária cerimonial das divindades Oxum e Iemanjá.

me conduzindo também ao precioso encontro com outras pessoas *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*, bem como com intelectuais que vivem e constroem uma abordagem decolonial transgressora, me permitindo ampliar a minha visão e compreensão sobre as questões aqui discutidas.

Para além do aspecto investigativo, buscar conexão e diálogo com outras pessoas *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* foi uma estratégia adotei como forma de recuperar a conexão que eu havia perdido com a dimensão social, com a minha arte-espiritualidade e também comigo mesma de uma forma muito mais profunda. Na busca pela troca e pelo diálogo com outras pessoas, experiências, resistências e transgressões, eu tive a honra de conhecer Cleydson Catarina, Luna Dy Córtes, Rafael Quaresma, Rafael Rodrigues e Ton Moura, cujas narrativas eu pude perceber se refletindo na minha e vice-versa em proporções enormes, o que me permitiu compreender a grandeza e a potência do movimento transgressor e revolucionário que fazemos a partir das nossas existências, bem como o fato de não estarmos sozinhas ou sermos uma pequena minoria, como nos pretende fazer acreditar a normatividade.

Nos diálogos que tive com Cleydson Catarina, Luna Dy Córtes, Rafael Quaresma, Rafael Rodrigues e Ton Moura, lhes questionei sobre as suas motivações em participar desta pesquisa e compartilhar as suas histórias, recebendo as seguintes respostas:

Cleydson Catarina

Quando eu ouvi esse negócio de *byxa preta* eu disse “Eu quero contar!”, sabe? Onde eu puder chegar, conversar, tocar, trocar - isso aqui é uma troca -, e eu acho que a gente tem que criar essas redes, a gente tem que falar mais sobre a gente, outras pessoas já falaram demais da gente, vamos mandar essas pessoas calar a boca. Eu ia falar uma coisa bem violenta mas deixa, calar a boca já é uma violência. Eu acredito nesse processo de que a gente tem que falar da gente.

Olha o que aconteceu (pandemia), quanta gente morreu. Eu fiquei pensando que a gente poderia criar um museu de histórias das pessoas. O pai de um amigo

meu faleceu, um senhor que criou sete filhos sozinho, um senhor preto, na favela do Pici, favela da fumaça, onde era o campo dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, que foi ocupada. Esse cara não casou mais só para criar os filhos, um senhor lindo, de um sorriso lindo, de uma beleza linda, que eu sempre chegava na casa dele e ele tava rindo para mim. Esse senhor morreu e foi através dele que eu pensei “A gente tem que contar essas histórias, a gente tem que ouvir essas histórias”, porque a gente sempre fala do homem preto que vai embora e deixa a mulher, mas esse não deixou, esse soube ser pai, que eu acho que foi até difícil pra ele aprender isso, não sei a história dele, porque essas violências acontecem entre nós porque é reprodução, a gente nem pode nem condenar às vezes.

Eu acredito que num projeto desses a gente tem que contar as nossas histórias e as pessoas tem que conhecer. É isso, eu sou exibido, porque eu quero conhecer gente, eu quero que pessoas me conheçam ou tenham raiva de mim, sei lá, mas eu quero contar também essa história pra não repetir como os outros, é muita violência. Também por essa beleza padrão, que é uma das coisas que me machuca muito: a gente não é visto pra ser amado? Eu quero falar isso, a gente tem que ser visto pra ser amado sim, porque não? Estamos vivos! Eu não tô falando de casamento, não tô falando nada dessas coisas patriarcais, nada disso, eu tô falando de vivências, de trocas, eu acho que é esse o local. Eu entro nessa coisa da estética e preciso falar disso, porque falar em colonização é falar sobre a estética, a gente não fala sobre a vida. É legal quando eu falo desse corpo contraditório por isso, eu posso falar isso porque é o meu corpo, é a minha história, não é porque eu vou botar isso numa fotografia, num teatro, numa música que eu não tô falando sobre isso.

Acho que é esse local mesmo de falar, de contar a nossa história e parece que não pode. Eu quero falar sobre a minha mãe, eu quero falar da Dona Maria, essa mulher que me acolheu na casa dela, que o filho dela morreu e ela não sabe porque o filho mais novo morreu. Ela conta a história dela, é a coisa mais linda e a gente vai perder essa história, essa vida? Ela falou uma coisa muito forte: o marido dela, quando o filho dela morreu, ele morreu depois. Eu entrei nessa casa ela já tava com dois lutos e as filhas falam que essa mulher começa a sorrir por causa de mim. Não foi por causa de mim, foi porque ela sabe que tem que viver. Ela falou uma coisa que me ensinou muito, que às vezes a gente pode até decidir o que é morrer

ou não morrer, às vezes é fácil morrer, e ela fala “Eu não podia morrer porque eu tinha que cuidar dos meus filhos”. Forte isso, porque podia ser mais fácil a dor.

Eu acho que é isso: contar as nossas histórias. É a mesma coisa que eu falo no teatro: eu não quero falar sobre Brecht - desculpa, Brecht! Você é maravilhoso - , mas eu não quero falar sobre ele, eu não quero falar sobre o Dias Gomes, eu não quero. Eu quero falar sobre mim, sobre vocês, eu quero falar só sobre o nossos corpos, eu não quero falar sobre Romeu e Julieta, não quero montar isso, nem quero assistir, nem quero ouvir. Eu nem vou pra essas coisas afro, com todo respeito, eu quero falar sobre nós aqui, olhando uma mulher preta que tá ali, eu quero contar, ouvir e compartilhar o nosso pensar, nem é saber, é o nosso pensar, e ouvir o pensar do outro, aceitar ou não aceitar. Estar vivo é essa troca de olhares, de sentimento, de aceitar e não aceitar, é isso.

Luna Dy Córtes

Você! Não faria sentido se fosse outra pessoa, se fosse uma pessoa cis, branca, heteronormativa falando “E aí, fala sobre ser travesty aí na frente da câmera”, sabe? Faz sentido porque é um diálogo, dialoga com a sua vivência, porque a sua vivência dialoga comigo, por esse lugar de sororidade também, por mais que sejamos corpos diferentes, com jeitos de pensar diferentes, vivências diferentes, a gente tá em diálogo de alguma forma, faz sentido a construção dessa rede. Eu tava falando com uma colega ontem sobre essa pesquisa, como ia ser e tal, e eu falei “Eu tô fazendo porque é uma byxa fazendo”, é esse rolê, nós por nós. Não tem outra resposta, foi isso que me motivou.

Rafael Rodrigues

Quando surgiu a oportunidade, eu acho que o nome do projeto me ganhou, porque tem tudo a ver comigo. Eu me identifiquei com o nome e também com a possibilidade de falar da minha história, pra que outras pessoas pudessem ver e

compartilhar dessa mesma história. Quando a gente é byxa, preta e periférica, quanto mais a gente expande a nossa história pra que outras pessoas nos conheçam, a gente muda aquele cenário de quando as pessoas não nos conhecem e nos apontam, tentando colocar a gente abaixo daquilo que elas imaginam, é por isso que eu acho esse projeto é muito válido.

A gente tem que crescer, a gente tem que falar mesmo, a gente tem que pôr a nossa boca no trombone, tem que falar do que a gente faz, o que a gente não faz, o que a gente já viveu, o que já passou, o que não passou, o que tá passando, porque isso talvez possa conscientizar e tocar em algum lugar daquela pessoa, mudar de alguma forma o que ela pensava por não conhecer como é ser uma byxa, preta e periférica, como ela é e vive, por exemplo, sabe? Esse foi um dos motivos pra que eu participasse e também pra ajudar as byxas e as monas.

Rafael Quaresma

Quando eu comecei a sair daquela bolha de igreja e comecei a ter esse processo de autoconhecimento com um homem gay, como viado e como byxa, eu lembro que eu via muitos depoimentos de outras pessoas. Eu devorei o canal do Samuel Gomes², eu via muitos vídeos de outras pessoas gays, de pessoas trans, de pessoas que eu nunca tive contato. Algumas daquelas histórias eram muito diferentes e algumas eram muito parecidas com a minha, mesmo as que eram muito diferentes também contavam um pouco da minha, e eu lembro como aquilo me confortava, como aquilo me dava força pra eu também sair do armário, pra eu também me encontrar como pessoa, pra eu me enxergar no lugar onde deveria estar. Eu lembro dessa importância de ver outros depoimentos, de ver como a história dos outros também alcançava a minha, mesmo tão distante e sendo de realidades tão diferentes, e isso fazia a diferença, sabe?

Foi como eu te falei naquela primeira vez que eu entrei em contato contigo. Eu lembro que foi pelo Instagram que eu achei o teu perfil e lembrei daquele vídeo do canal Guardei no Armário, daí eu pensei "Vou mandar uma mensagem!", porque

² Samuel Gomes é escritor, especialista em cultura e diversidade, professor e creator, conhecido pela produção do canal Guardei no Armário no YouTube.

tu me ajudou e eu acho que é importante ver isso, de ver que a gente se une naquilo que a gente é, a história do outro ajuda a tecer a minha e a gente é um amontoado de histórias também.

A gente que cresce no armário acaba crescendo tão sozinho, eu por exemplo cresci tão reprimido que eu pensava que não podia contar pra ninguém, que ninguém podia saber. Foram questões que eu nunca tinha abordado e que eu não tive a oportunidade por elas não terem crescido comigo. A partir do momento que eu vi outros falando, outros tratando disso tão naturalmente de uma forma que eu nunca tratei, falando como eu tô te falando agora, isso fez a diferença. Se eu não tivesse esse contato com os outros talvez eu nem estivesse aqui da mesma forma, talvez eu nem estivesse aqui, talvez eu estivesse em uma outra realidade, a gente nunca sabe, mas eu sei que seria diferente do que é agora, se outra pessoa não tivesse me contado a sua trajetória, não tivesse me contado a sua experiência.

O que me motiva a participar é justamente isso, saber que a minha história talvez possa ajudar outra pessoa que esteja precisando e possa dar uma mensagem de tranquilidade, de que tudo melhora, de que tudo passa, de que é só uma fase. É isso o que me motiva.

Ton Moura

O que me motivou é poder falar a verdade. Voltando àquela questão da mão branca, isso aqui faz sentido porque é você, porque você é nordestina, porque você é de quebrada. Por que quando alguém branco, que estudou em colégio particular a vida toda, sempre teve privilégios, pensão, nunca passou fome ou nunca precisou fazer um corre real senta na minha frente, ela não me ouve, ela só quer gravar, ela só quer o trampo dela, ela só quer fazer isso ir ao ar.

Quando eu converso com você que é nordestina, que tem uma história que é totalmente diferente da minha, mas é de quebrada e tem a sua história, a gente conversa, então é isso o que me motiva. Eu tô contando a minha história pra uma pessoa que também é do mesmo meio que eu e que vai fazer esse rolê todo ser expandido pra outras byxas pretas e pra não-byxas pretas, porque as pessoas

brancas, cis, heteronormativas precisam também ouvir o que a gente tem pra falar, sabe? Isso tem que sair daqui da favela e ir pra condomínios, quebrar paredes de condomínios, entrar em apartamentos, ir pra litorais e pra outras cidades. É por isso que eu topei falar, conversar com vocês.

Eu acho que é super importante pra quem é *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* contar e compartilhar as suas histórias, porque as pessoas se vitimizam por algo tão pequeno, e às vezes eu vejo as pessoas falando, eu olho pra minha mãe e falo “Mãe, essa pessoa nem sabe o que tá fazendo, o que tá falando, o que é construir”. A gente tem uma história e a minha história não é um conto de fadas, a minha história não é uma série de TV, a minha história é real.

Contar isso, contar a minha história e fazer com que as pessoas vejam isso é além de me ouvir, porque tem outras *byxas* pretas crianças ainda e que vão passar por tudo o que eu passei na minha trajetória. Eu não tive suporte nenhum, não tive documentário na internet, não tive acesso à internet, não tive por algum tempo TV por falta de grana, então tudo isso é importante por isso, porque elas vão ter e elas podem tá preparadas pro futuro ouvindo a minha história, ouvindo a história do Rafael, ouvindo a história do Catarina, ouvindo histórias que elas se identificam.

--

Vivendo em um país de abismos sociais que se refletem principalmente sobre as populações negras, indígenas, mestiças, pobres e periféricas, bem como no país com os maiores índices de homicídio e violência contra as populações LGBTQIAPN+, sobretudo contra as populações *trans**, ser uma pessoa *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* que segue viva, *sã*, consciente e focada no movimento transgressor do viver e do construir, é por si só um ato revolucionário que se coloca contra todas essas estatísticas.

Todas as nossas narrativas e experiências aqui presentes, trazem consigo denúncias sobre as ações e mecanismos de poder, violência e opressão empreendidos pela normatividade contra os nossos corpos, subjetividades e trajetos, bem como revela uma valiosa fonte de saberes, ações e movimentos transgressores, capazes de romper com os ciclos de aprisionamento que nos foram

historicamente impostos pela ação da normatividade, evidenciando que o rompimento com o poder normativo não somente é possível, como também fundamental para o nosso bem-viver, para o deslocamento dos poderes hegemônicos e para a constituição de uma nova expressão de poder que não se dê mais através da inferiorização e da desumanização de determinados tipos humanos com fins de dominação e exploração, mas sim a partir da equidade, do respeito à diversidade e da valorização da vida, visando a construção de uma sociedade mais justa a partir da mobilização e da prática coletiva.

Este trabalho é, portanto, o resultado do diálogo estabelecido entre as histórias e narrativas das diferentes pessoas *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* aqui apresentadas, bem como pelo referencial teórico que integra esta pesquisa, tendo como objetivo o mapeamento e a discussão sobre o estado naturalizado de violências, criado pela ação da normatividade sobre os nossos corpos, subjetividades e trajetórias, bem como o mapeamento, o reconhecimento e a valorização dos nossos movimentos transgressores, transformadores e revolucionários diante desse contexto normativo.

Que as nossas descobertas, avanços e conhecimentos sejam chave para o progresso, emancipação e transformação não somente das pessoas *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*, mas sim de toda a sociedade brasileira que há séculos vem sendo violentada e destruída pela ação da normatividade.

METODOLOGIA (O ESPELHO DA DISTORÇÃO)

1. Caminhos investigativos e referenciais teóricos

Cheguei à teoria porque estava machucada - a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguiria continuar vivendo. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender - apreender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época, um local de cura. (hooks, 2017, p. 83)

Tal como bell hooks, eu cheguei nesta pesquisa porque estava machucada. Mais do que machucada, eu estava psicologicamente adoecida e também em busca de compreensões do que estava acontecendo dentro e fora de mim. Diferente do caminho tradicional normalmente percorrido em uma investigação científica clássica, esta pesquisa não partiu de um referencial teórico, mas sim da concretude da vida, das minhas experiências enquanto uma pessoa *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*, dos meus esforços para compreender as questões que atravessam a minha e outras existências não-normativas e também da necessidade de transgredir a realidade de modo a transformá-la. Desta maneira, o presente estudo surgiu inicialmente como uma estratégia de sobrevivência frente à necessidade vital e urgente de recuperação e reconstrução da história, da subjetividade e da humanidade a mim negadas pela ação da normatividade, buscando se fazer prática política, de cura, de transgressão e de transformação, de forma que

Quando nossa experiência vivida de teorização está fundamentalmente ligada a processos de autorrecuperação, de libertação coletiva, não existe brecha entre a teoria e a prática. Com efeito, o que essa experiência mais evidencia é o elo entre as duas - um processo que, em última análise, é recíproco, onde uma capacita a outra. (hooks, 2017, p. 85-86)

Em *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*, bell hooks afirma o quanto o seu desenvolvimento como pensadora crítica foi fortemente influenciado pela obra de Paulo Freire, ficando nítido que mais do que exercitar qualquer tipo de teoria a partir da sua obra, o que ela fez foi incorporar as suas

valiosas ideias e ensinamentos, voltados à prática da liberdade e da emancipação, na sua vida cotidiana e na sua ação política e social, vivenciado de fato a *práxis* por ele ensinada, o que passa diretamente pela abordagem adotada como metodologia nesta pesquisa. Foi de uma maneira muito semelhante que eu tive a minha primeira aproximação com qualquer tipo de teoria crítica, encontrando uma profunda identificação com as ideias de Paulo Freire na obra *Pedagogia do oprimido* (2014), de forma que o que eu encontrei ali não foi uma mera teoria abstrata de difícil compreensão, mas sim um diálogo que me ajudou tanto a compreender a realidade social que me cercava, bem como me conectar às questões latentes que eu vivenciava, impulsionando assim o meu desenvolvimento crítico e me direcionando para uma prática de liberdade que moldou todo o meu fazer social, político e acadêmico desde então.

O diálogo direto e horizontal com as questões que atravessam a minha existência *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*, bem como a abordagem decolonial engajada na transgressão e na transformação social, política e científica, foram critérios que adotei na seleção dos referenciais teóricos aqui utilizados, uma vez que, antes de buscar apoio em qualquer corrente de estudos ou teoria acadêmica, o meu processo investigativo foi iniciado a partir da minha luta pelo direito fundamental de ser, existir e viver, buscando amparo na minha história, nas minhas vivências e no conhecimento ancestral que sempre me conduziu. Foi desta maneira que o referencial teórico aqui utilizado foi selecionado, considerando a corrente de estudos decoloniais, da qual os feminismos negros, os transfeminismos e os estudos queer fazem parte.

Seguindo essa corrente de estudos decoloniais, o engajamento na subversão do quadro das desigualdades sociais, como forma de efetivamente transformar a realidade social, se apresenta ao mesmo tempo como metodologia científica e estratégia de transgressão frente à normatividade compulsória. Desta maneira, me narrar como forma de localizar os fenômenos sociais que têm origem e estão localizados além de mim, bem como expandir essa busca a partir do diálogo com outras narrativas *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* e intelectuais engajades³ na

³ Como estratégia de utilização de uma linguagem minimamente inclusiva, o termo *peessoas* foi adotado nesta pesquisa, de forma que, diante da impossibilidade do seu uso, palavras de cunho generalizador foram grafadas com a letra *e*, tal como em *engajades*.

luta pela transformação social, constitui, além de uma estratégia de compreensão desses fenômenos, a própria metodologia de investigação científica que conduz esta pesquisa.

A análise interseccional sobre o contexto *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*, se fez valiosa e necessária pela possibilidade de apreensão das dinâmicas de poder que se dão a partir das interações entre os diferentes eixos de subordinação que passam pelas racialidades negra e cabocla, pelas não-heterossexualidades e pelas transgeneridades de forma interconectada, permitindo ainda expandir saberes aparentemente localizados, como forma de resistência não somente às pessoas *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*, mas também às demais pessoas não-normativas que têm em comum a ação da normatividade sobre as suas vidas, corpos e subjetividades.

Adotar uma abordagem metodológica interseccional, pautada em uma perspectiva transfeminista e queer, se mostrou como caminho necessário pois, ao iniciar a minha investigação sobre o contexto *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* e as questões que lhe atravessam, me deparei com duas situações principais: 1) a ausência de trabalhos sobre essa temática de forma geral e, dos poucos resultados encontrados, 2) a escassez de trabalhos que tratavam sobre a racialidade negra, as não-heterossexualidades e as transgeneridades de forma interseccional. Desta maneira, a seleção das obras e autores que compõem o referencial teórico desta pesquisa, foi feita com objetivos de buscar uma aproximação com a interseccionalidade *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*, em vez de compor uma revisão bibliográfica tradicional, considerando a bibliografia disponível até o ano de 2020 no período pré-pandemia.

Encontramos na investigação de Megg Rayara (2020) um eco nesse sentido, uma vez que ela também aponta que a maioria das produções acadêmicas às quais teve acesso, discutiam temas como homossexualidade e relações raciais separadamente, havendo também uma ausência de pesquisas que pautam a homossexualidade negra masculina. Em sua pesquisa, ela também aponta para o fato da intersecção entre homofobia e racismo no Brasil ainda ser uma novidade, de modo que, da mesma forma que os estudos de gênero têm dado pouca atenção às questões de raça, os estudos sobre a racialidade também seguem negligenciado as

questões relacionadas às não-heterossexualidades e às transgeneridades, fatos que encontram sua causa na ausência de pesquisadoras em atividade nas universidades brasileiras atuando nesses contextos.

Encontramos também a justificativa dessa ausência na historicidade dos estudos que pautam essas questões, historicidade essa que é marcada, em um primeiro momento, pelos discursos médicos e higienistas surgidos no século XIX e, posteriormente, pelos estudos gays e lésbicos ligados ao feminismo norte-americano e europeu da década de 1960, os quais sempre se concentraram majoritariamente em homossexuais brancos cisgêneros, ignorando as questões raciais de forma sistemática (OLIVEIRA, 2020). Somado a esse cenário, temos ainda o contexto do epistemicídio ao qual as pessoas em contexto *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* estão sujeitas, o qual age sobre a destruição das nossas subjetividades e saberes, de forma a limitar a nossa ascensão e trânsito social, impedindo assim que ocupemos espaços de saber e poder.

Diferente das inferiorizações e das exclusões típicas de metodologias pautadas pela normatividade, uma abordagem metodológica que se dá através de uma perspectiva transfeminista tem a capacidade de 1) agir sobre a desconstrução dos diversos binarismos impostos pela normatividade, 2) reconhecer e valorizar o caráter interseccional das opressões, 3) valorizar as lutas políticas e as experiências de pessoas trans*, 4) agregar a diversidade não-normativa e as pessoas aliadas que estejam engajadas na luta por justiça e transformação social, 5) compreender os processos que produzem tanto a normatividade hegemônica como as subalternidades, possibilitando um posicionamento crítico frente às ficções identitárias e com isso ações efetivas rumo à transformação social (JESUS, 2014).

Jaqueline de Jesus situa o *transfeminismo* como um termo surgido no contexto do movimento intelectual e político da população transgênera norte-americana, composta majoritariamente por travestis, mulheres e homens transexuais, sendo cada vez mais frequente nas discussões feministas e sobre gênero na América Latina. O *transfeminismo*, também menos conhecido como *feminismo transgênero*, pode ser definido como:

[...] uma linha de pensamento e de prática feminista que, em síntese, rediscute a subordinação morfológica do gênero (como construção psicossocial) ao sexo (como biologia), condicionada por processos históricos, criticando-a como uma prática social que tem servido como justificativa para a opressão sobre quaisquer pessoas cujos corpos não estão conformes à norma binária homem/pênis e mulher/vagina [...] (JESUS, 2014, p. 243)

O *transfeminismo* se constitui a partir do reconhecimento da intersecção entre as diferentes identidades e identificações dos sujeitos, bem como do reconhecimento da opressão sobre os corpos que não se alinham e não se conformam aos ideais normativos, contemplando as subjetividades transgêneras sem a elas se limitar. Desta forma, a abordagem interseccional proposta pelo *transfeminismo* se apresenta como uma das maiores contribuições para o entendimento das dinâmicas de poder herdadas pelas sociedades coloniais, representando um grande salto não somente do ponto de vista teórico, mas sobretudo do ponto de vista dos afrontamentos e resistências necessários para as transformações sociais.

Através da compreensão de Foucault de que os dispositivos de poder produzem também resistências, a partir da instituição de um novo campo de saber/poder, podemos situar o *transfeminismo*, dadas as suas características, como um valioso campo epistemológico de resistência diante da epistemologia dominante disseminada pela normatividade. Nesse sentido, o *transfeminismo* demonstra a capacidade de reivindicar a revisão histórica e a negociação do poder hegemônico necessárias para uma efetiva transformação social, em um contexto no qual sujeitos e saberes sujeitados emergem como forma de insurgência intelectual, sendo capazes de promover a crítica e o deslocamento dos discursos hegemônicos que reiteram poderes e saberes consolidados, bem como as sujeições por eles produzidos (CARNEIRO, 2005).

O pensamento e a prática que se dão a partir do *transfeminismo*, representam também possíveis linhas de fuga dos dispositivos e dos mecanismos desqualificadores dos sujeitos legítimos de fala, apontando para um caminho

alternativo voltado para dentro, conforme nos sugere Sueli Carneiro, no qual as pessoas localizadas às margens da normatividade - como acontece no caso das pessoas *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* -, reconhecem o valor e a potência dos seus saberes, a partir de “uma olhada mais franca a si mesmos, às forças históricas e sociais que os moldam, e aos recursos limitados mas significativos da comunidade de onde vieram” (bell hooks apud CARNEIRO, 2005, p. 122).

Por fim, a metodologia aqui utilizada também dialoga diretamente com os conceitos da *autoetnografia* e da *história oral*, discutidos respectivamente a partir de Leandro Cristóvão (2018) e José Meihy (2005). Em seu artigo “*Dizer-se. Narrar-se. Etnografar-se*”, Leandro Cristóvão nos diz que:

Acompanhar o raciocínio e o fluxo de uma escrita autoetnográfica depende da atenção sobremaneira àquilo que leva o pesquisador ao texto em termos não-acadêmicos, isto é, às suas vivências particulares, à sua constituição como sujeito do mundo, aos sentidos que o seu corpo constrói socialmente, ao que pode ser compreendido como o que lhe é pessoal e íntimo. A autoetnografia se abre a um eu, mas não mais como um elemento acessório e eventual que pode ser relevante para a compreensão de um estudo. O eu de uma autoetnografia é o próprio estudo: o “eu em análise”, que é também o “eu que analisa”. (CRISTÓVÃO, 2018, p. 265-266)

Diante desta perspectiva, encontramos na *autoetnografia* uma possível via de emancipação do sujeito pesquisador através da sua autoenunciação, possibilitando um mergulho investigativo no qual a clássica relação hierárquica entre *sujeito-investigador* e *objeto-investigado*, base do fazer científico clássico e normativo, é subvertida. É partir da inversão dessa lógica que podemos encontrar a presença de *vozes subalternas* nos textos autoetnográficos, vozes de quem antes não dizia e que agora rompe com esse silenciamento:

Há visivelmente uma voz subalterna em jogo nos textos autoetnográficos. Apesar de não ser uma característica mandatória desse tipo de produção acadêmica em termos metodológicos, pode-se dizer que, ao menos empiricamente, ouve-se uma narrativa outrora em silêncio saindo das páginas autoetnográficas. A autoetnografia talvez seja, no discurso acadêmico, o narrar de histórias outras, um espaço de presença das vozes do Sul, do subalterno que fala, de quem antes não dizia. (CRISTÓVÃO, 2018, p. 268)

O diálogo com a *história oral* surge nesta pesquisa como forma de recuperação, de valorização e de compartilhamento das nossas histórias *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*, visando o nosso fortalecimento enquanto pessoas e coletividade. José Meihy, grande expoente da *história oral* no Brasil, nos diz que

Cada indivíduo é único, sua inscrição no coletivo se dá mediante decisões temáticas afins. Por outro lado, a experiência coletiva se manifesta nos indivíduos explicando sua relação com o mundo. É por isso que se diz que a história oral individual, além de social, é cultural.

[...] Reunido, o conjunto das histórias colhidas, além de propor discussão sobre as motivações individuais, serve para que, se equiparadas, elas forneçam elementos capazes de iluminar o conjunto das individualidades que se sustentam sob alguns traços comuns. (MEIHY, 2005, p. 81)

A partir da *história oral*, definida por José Meihy (2005, p. 17) como “um recurso moderno usado para elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos”, encontrei amparo para a ampliação de uma investigação que não se encerra em mim, investigando as questões que atravessam as existências *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* a partir de uma *história viva*, na qual a história do tempo presente nos permite compreender o passado como processo histórico não acabado e, portanto, em construção:

Atualmente, a história oral já se constitui em parte integrante do debate sobre a função do conhecimento social e atua em uma linha que questiona a tradição historiográfica centrada em documentos oficiais. Por isso, a história oral hoje é parte inerente dos debates sobre tendências da historiografia contemporânea ou da história do tempo presente. Como pressuposto, a história oral implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. É isso que marca a história oral como 'história viva'. (MEIHY, 2005, p. 19)

Ainda segundo José Meihy, a *história oral* enquanto registro de experiências de pessoas vivas e expressão legítima do tempo presente, deve responder a um sentido de utilidade prática, pública e imediata, de modo que, diante dos processos de controle, inferiorização, invisibilização, silenciamento e extermínio das populações *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* discutidos nesta pesquisa, conduzir essa investigação a partir das vozes, dos saberes e das existências que a normatividade tem como alvo de eliminação, não somente responde à necessidade

imediata de transformação social, diante do contexto crônico das violências e das desigualdades no qual vivemos, como também configura uma revolucionária forma de transgressão frente à normatividade compulsória, mostrando assim o seu sentido de utilidade pública. Nesse sentido, bell hooks também nos fala sobre o sentido de utilidade, bem como sobre a importância do testemunho e da experiência pessoal, de forma que

Se o testemunho pessoal, a experiência pessoal, é um terreno tão fértil para a produção de uma teoria feminista libertadora, é porque geralmente constitui a base da nossa teorização. Enquanto trabalhamos para resolver as questões mais prementes da nossa vida cotidiana (nossa necessidade de alfabetização, o fim da violência contra mulheres e crianças, a saúde da mulher, seus direitos reprodutivos e a liberdade sexual, para citar algumas), nos engajamos num processo crítico de teorização que nos capacita e fortalece. (hooks, 2017, p. 97)

2. Procedimentos metodológicos

2.1. Levantamento bibliográfico

O levantamento bibliográfico foi realizado a partir das seguintes etapas:

1. Definição de 21 descritores de pesquisa, escolhidos a partir de termos-chave da investigação sobre o lugar interseccional de pessoas em contexto *byxa-preta-de-quebrada*;
2. Pesquisa dos descritores e suas possíveis variações a partir do portal de busca integrada da USP;
3. Compilação dos resultados encontrados em uma planilha de dados, a partir da organização dos descritores por abas;
4. Análise dos resultados encontrados e seleção de referências a partir da definição de três categorias básicas: 1) resultados de maior relevância, 2) resultados de leitura complementar e 3) resultados excluídos;

5. A partir da seleção final dos resultados encontrados, definição de três ciclos de leitura, a saber: 1) introduções, conceitos, panorama histórico e metodologia; 2) foco nos autores base da pesquisa e 3) aprofundamento das questões tratadas nas entrevistas;
6. Download e organização do material selecionado.

Cód. do Descritor	Descritor	Qtde. total de resultados	Artigos	Livros	Teses ou Dissertações	Resultados de maior relevância	Resultados de leitura complementar	Resultados excluídos	Status
D1	Bicha preta	21	11	10	0	5	4	12	Revisão finalizada em 29/05/2019.
D2	Gay negro	63	53	9	1	16	26	21	Revisão finalizada em 31/05/2019.
D3	Gay preto	12	3	6	3	7	4	1	Revisão finalizada em 31/05/2019.
D4	Homossexualidade do homem negro	15	15	0	0	7	6	2	Revisão finalizada em 31/05/2019.
D5	Sexualidade do homem negro	5	4	1	0	0	1	4	Revisão finalizada em 13/06/2019. Atualização em 28/06/2019.
D6	Masculinidade negra	1	1	0	0	1	0	0	Revisão finalizada em 31/05/2019.
D7	Gay periférico	12	12	0	0	8	1	3	Revisão finalizada em 13/06/2019. Atualização em 28/06/2019.
D8									
D9	Gênero não-binário	21	21	0	0	15	5	1	Revisão finalizada em 31/05/2019.
D10	Transgeneridade	12	8	2	2	5	5	2	Revisão finalizada em 31/05/2019.
D11	Gênero queer	4	4	0	0	2	2	0	Revisão finalizada em 13/06/2019.
D12	Performance de gênero	2	1	0	1	2	0	0	Revisão finalizada em 13/06/2019.
D13	Identidade de gênero (queer)	15	13	0	2	13	2	0	Revisão finalizada em 17/06/2019.
D14	Feminismo negro	46	45	0	1	30	12	4	Revisão finalizada em 01/06/2019.

D15	Feminismo negro no Brasil	11	11	0	0	1	3	7	Revisão finalizada em 01/06/2019.
D16	Feminismo negro e teoria Queer	8	8	0	0	1	1	6	Revisão finalizada em 02/06/2019.
D17	Transfeminismo	22	22	0	0	9	7	6	Revisão finalizada em 02/06/2019.
D18	Interseccionalidade Queer	24	23	1	0	10	4	10	Revisão finalizada em 02/06/2019.
D19	Estudos pós-coloniais	4	4	0	0	2	2	0	Revisão finalizada em 13/06/2019.
D20	Decolonialidade	23	23	0	0	7	13	3	Revisão finalizada em 03/06/2019.
D21	Decolonialidade	13	13	0	0	4	7	2	Revisão finalizada em 03/06/2019.
D22	Construção identitária	17	17	0	0	14	3	0	Revisão finalizada em 15/06/2019.
Totais		351	312	29	10	159	108	84	

Figura 1: quadro de resumo do levantamento bibliográfico

2.2. Autoetnografia

O processo de autoetnografia foi realizado a partir das seguintes etapas:

1. Realização de conversas informais com os meus pais, a partir das quais foram anotados dados, números, citações e memórias importantes acerca de suas trajetórias e experiências de vida;
2. Redação das histórias dos meus pais e dos nossos antepassados a partir da compilação dos dados obtidos através das conversas;
3. Estruturação da minha narrativa de forma cronológica, contemplando os períodos da infância, adolescência, juventude e vida adulta, a partir do diálogo com a bibliografia adotada para o primeiro ciclo de leituras.

2.3. Busca de colaboradores

A busca de colaboradores se baseou nas seguintes etapas:

1. Elaboração do material de apresentação da pesquisa para a internet, contemplando: 1) razões para falar sobre o contexto interseccional *byxa-preta-de-quebrada*, incluindo dados e números oficiais sobre a violência contra esse grupo; 2) escopo e objetivos do projeto e 3) público-alvo;
2. Elaboração de formulário online para recepção das intenções de participação. Poderia manifestar interesse qualquer pessoa que se identificasse com o lugar *byxa-preta-de-quebrada*, não se enquadrando na lógica normativa-binária dos gêneros e/ou sexualidades, sendo negra e tendo vivido em uma cultura de periferia;
3. Divulgação do material através do meu canal (à época chamado de Abacaxi Azul) na plataforma YouTube e no Instagram.

Projeto 'Bicha Preta da Quebrada'

Olá! Seja muito bem-vinde!

Você gostaria de participar do projeto 'Bicha Preta da Quebrada'? Então está no lugar certo!

Antes de responder as perguntas deste formulário, por favor assista o vídeo abaixo para entender o que é esse projeto e como você pode contribuir com ele.



Algumas informações sobre você...

Por qual artigo gostaria de ser chamado? *

- O
- A
- Tanto faz!
- Outro: _____

Qual é o seu nome? *

Sua resposta _____

Onde você nasceu? (por favor, informe a CIDADE e ESTADO DE NASCIMENTO) *

Sua resposta _____

Em quais lugares morou ao longo da sua vida? (por favor, informe o(s) BAIRRO(S), CIDADE(S) E ESTADO(S) onde residiu) *

Sua resposta _____

Onde mora atualmente? (por favor, informe o BAIRRO, CIDADE E ESTADO onde reside) *

Sua resposta _____

Qual é a sua idade? *

Sua resposta _____

Como você se identifica em relação à sua SEXUALIDADE? *

Sua resposta _____

Como você se identifica em relação à sua IDENTIDADE DE GÊNERO? *

Sua resposta _____

Como você se identifica em relação à sua RAÇA/ETNIA? *

Sua resposta _____

Qual é o seu principal telefone de contato (WhatsApp)? *

Sua resposta _____

Possui algum outro telefone? Qual? *

Sua resposta _____

Possui e-mail? Informe o endereço: *

Sua resposta _____

Suas motivações

Gostaríamos de saber um pouco sobre quem você é e as suas motivações em participar deste projeto, tudo de forma muito simples. Para isso, basta responder as perguntas abaixo do seu jeito, podendo optar por escrever as respostas ou gravá-las em um vídeo curto com a ajuda de um celular.

Caso opte pela gravação do vídeo, por favor envie-o via WhatsApp para o número (11) 98017-7215.

IMPORTANTE: Caso opte pelo envio do vídeo, copie e cole a frase 'RESPOSTA POR VÍDEO' nos campos abaixo.

De que forma você se identifica com o projeto 'Bicha Preta da Quebrada'? *

Sua resposta _____

O que te motiva a compartilhar sua história e experiências de vida? *

Sua resposta _____

Figura 2: Formulário de interesse

2.4. Definição do grupo de amostragem

A partir dos formulários de interesse recepcionados, foi criado o seguinte grupo de colaboradores:

- Adriã Orídan, multiartista, educadora, pesquisadora e empreendedora, nascida em 1990 em Vargem Grande do Sul/SP, filha de pernambucanos das cidades de Capoeiras e Jupi, cresceu no bairro do Jardim do Colégio em Embu das Artes/SP e vive em Taboão da Serra/SP;
- Cleydson Catarina, arte-educador, ator e diretor, nascido em 1979 em Fortaleza/CE, vive no bairro do Campo Limpo em São Paulo/SP.
- Luna Dy Córtes, arte-educadora e artista multimídia da palavra, nascida em 1999 em São Paulo/SP, cresceu no bairro Jardim Leme em Taboão da Serra/SP e vive em São Paulo/SP;
- Rafael Quaresma, arquiteto, nascido em 1998 em Belém/PA, cresceu e vive no bairro Castanheira;
- Rafael Rodrigues, dançarino e professor de dança, nascido em 1989 em Itambé/BA, cresceu e vive no bairro de Paraisópolis em São Paulo/SP;
- Ton Moura, multiartista, nascido em 1993 em Aracaju/SE, cresceu no bairro América, conjunto Jardim, Mosqueiro e Castelo Branco em Aracaju/SE, Capão Redondo, Valo Velho e Parque Independência em São Paulo/SP e vive no Jardim Pinheirinho em Embu das Artes/SP.

A partir desse grupo é possível observar um recorte temporal que compreende o intervalo entre os anos de 1979-2023, representando um período histórico de 43 anos.

2.5. Investigação de campo através da história oral de vida

O processo de investigação em campo foi realizado a partir das seguintes etapas:

1. Elaboração dos roteiros de entrevista seguindo a mesma estrutura adotada na autoetnografia, contemplando, portanto, os períodos da infância, adolescência, juventude e vida adulta;
2. Realização das entrevistas, a partir da captação do material em áudio e vídeo;
3. Processamento, organização e armazenamento do material coletado;
4. Processo de transcrição, transcrição e revisão das entrevistas;
5. Processo de revisão e aprovação do material finalizado.

PARTE 1: SITUANDO O SISTEMA NORMATIVO (O ESPELHO RETROVISOR)

1. Compreendendo o sistema normativo e a relevância dessa discussão para o contexto político-social brasileiro

O nosso ponto de partida para a compreensão sobre a existência, o funcionamento e as implicações de um sistema normativo, operando sob as bases fundantes do Estado brasileiro, das suas instituições e das suas dinâmicas político-sociais, é o presente histórico no qual vivemos, a partir da compreensão sobre as *cisnormatividades*, os *dispositivos de poder* e também as narrativas *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* que compõem esta pesquisa.

Em seu artigo *Pensando a cisgeneridade como crítica decolonial*, Viviane Vergueiro (2016, p. 251 e 264) situa as *cisnormatividades* a partir do entendimento sobre as *ciscolonialidades*, para quem estas se estabelecem interseccionalmente através de violências institucionalizadas e não institucionalizadas, podendo ser alinhada à ideia de *heteronormatividade* por também se constituir através de práticas e instituições que legitimam e privilegiam a cisgeneridade como corporalidades e identidades de gênero naturais e mentalmente saudáveis, tendo o poder de organizar moralidades, ideias de família e o Estado, por exemplo.

Para ela, o olhar sobre as ciscolonialidades nos permite refletir sobre como os projetos coloniais não estiveram limitados somente à questão da exploração econômica e política das colônias, sendo também constituídos a partir da “idealização de perspectivas socioculturais eurocêntricas, cristãs e racistas sobre corpos e identidades de gênero”, de forma que

A organização cisnormativa de ideias morais e familiares é indissociável dos históricos projetos coloniais europeus, cristãos, branco-supremacistas, projetos que instaura(ra)m diferentes formas de colonialidade contra diferenças étnico-raciais, cosmogônicas e de interpretações socioculturais sobre corpos e identidades de gênero. Daí a importância de atrelar os entendimentos e análises sobre cisnormatividade às colonialidades históricas que ainda hoje fundamentam determinadas normatividades. (VERGUEIRO, 2016, p. 264-265)

A partir dessa compreensão sobre as cisnormatividades, podemos novamente nos voltar para o olhar sobre o presente histórico brasileiro, de modo que se faz importante partirmos do histórico desse presente pois, diferente do que poderia pensar o senso comum acrítico-normativo-conservador-fundamentalista, o qual há tempos vem atentando contra as democracias, a dignidade humana e toda forma de vida neste planeta, a história - seja ela sobre as nossas próprias trajetórias e experiências ou seja ainda sobre as sociedades e o mundo que habitamos - é um conhecimento de valor imensurável para o desenvolvimento subjetivo-cognitivo-crítico-político-intelectual-e-social das pessoas, bem como necessário para a compreensão da realidade que nos cerca e também para o pleno exercício da cidadania, caracterizando um fator fundamental para a garantia da dignidade humana e de um estado verdadeiramente democrático para todos.

Se faz igualmente importante olharmos para o presente desse histórico, pois olhar para o passado como forma de nele se fixar, é estratégia das normatividades, do conservadorismo e fundamentalismo para retomar um passado de dominação e violências, naturalizando assim o uso do poder e da força como formas de subjugo e inferiorização de determinadas formas de existência. O que deveria interessar a qualquer pessoa ou sociedade democrática verdadeiramente comprometida com a dignidade humana e com o combate às desigualdades sociais, é olhar para os desafios sociais e políticos que configuram o presente, buscando na historicidade a compreensão necessária para se romper definitivamente com as mazelas sociais do passado, objetivando assim a transformação social e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária no presente e no futuro.

Em meados de 2023, o presente histórico brasileiro foi marcado pela transição do governo fascista, genocida, conservador e fundamentalista de Jair Messias Bolsonaro - “democraticamente” eleito a partir da manipulação consentida por uma grande parcela da população brasileira, a qual se deu pela promoção e disseminação do ódio, da violência e da desinformação, a partir do financiamento por parte de grandes empresários do agronegócio, da indústria do armamento e de grupos cristãos fundamentalistas, conforme amplamente divulgado nos diferentes veículos de comunicação -, para o governo de Luiz Inácio Lula da Silva, que buscou se mostrar amplamente democrático antes mesmo de sua posse, com o anúncio da

criação do Ministério dos Povos Indígenas e de importantes nomeações a cargos ministeriais, tais como Anielle Franco (Ministério da Igualdade Racial), Sônia Guajajara (Ministério dos Povos Indígenas), Silvio Almeida (Ministério dos Direitos Humanos) e Margareth Menezes (Ministério da Cultura).

Essa transição aconteceu diante de uma profunda crise socioeconômica, promovida pelo governo anterior a partir de políticas de abandono e extermínio das populações mais socialmente vulneráveis, do atentado aos direitos humanos e também do desmonte público. Tal crise culminou ainda em um dos maiores períodos de destruição ambiental da nossa história; na crise sanitária durante a pandemia de COVID-19, acumulando mais de 36 milhões de casos e 694 mil mortes⁴; na volta do Brasil ao mapa da fome, com mais de 33 milhões de pessoas em situação de insegurança alimentar⁵; nos ataques aos povos e terras indígenas; nos atentados contra a vida e a humanidade de pessoas negras, LGBTQIAPN+ (sobretudo as populações trans*) e mulheres; na escalada dos casos de intolerância religiosa contra as populações de terreiro; no retrocesso da educação pública em todos os níveis e também no ataque terrorista por parte de bolsonaristas radicais contra a sede dos três poderes, caracterizando um dos maiores ataques contra a democracia dos últimos tempos.

Confrontar a realidade e agir de forma a transformá-la são tarefas urgentes diante dos desafios sociais postos, razão pela qual se faz tão necessário compreender a dimensão dos mecanismos de poder envolvidos nas dinâmicas político-sociais da atualidade, bem como buscar a compreensão sobre o passado histórico que os sustentam, lhe dando base e permitindo que o presente se configure de tal forma. Lançar luz sobre como um sistema normativo opera dentro das estruturas sociais e políticas brasileiras, é uma estratégia para confrontar a realidade das desigualdades e injustiças sociais, buscando vias de transformação que permitam derrubar as lentes coloniais a nós violentamente impostas.

Em um contexto social no qual os direitos humanos e as possibilidades de desenvolvimento de determinados tipos de pessoa (tal como acontece com aquelas inseridas em um contexto *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*) são estrategicamente

⁴ Conforme dados do Ministério da Saúde, disponíveis em: <https://covid.saude.gov.br/>

⁵ Conforme dados Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional, disponíveis em: <https://olheparaafome.com.br/>

negados e impedidos, por ação e influência de uma pedagogia normativa que busca se consolidar como cosmovisão universal e verdade absoluta, não podemos falar sobre liberdade e igualdade no Brasil, tal como se pretende desde o período de uma dita abolição pelas mãos da princesa Isabel.

Diante de vidas e existências que se dão a partir de toda a sorte de impedimentos, bem como diante de um contexto no qual o trabalho assume a centralidade da vida para fins de uma sobrevivência precarizada, o que encontramos são elementos de rebaixamento e dominação que em nada nos deveriam ser estranhos, dado o violento histórico colonial de escravidão e repressão empreendido em terras brasileiras, o que nos leva ao entendimento de que as populações brasileiras marginalizadas seguem ainda sendo submetidas à um regime de dominação e inferiorização que se dá em múltiplos níveis.

Veremos que o regime de poder e dominação moderno, atualizado para o contexto da sociedade brasileira contemporânea, se dá pela estrutura econômica capitalista-neoliberal do trabalho - a qual objetiva esmagar quem está em sua base, como forma de favorecer quem está no seu topo -, bem como pela ação normatizadora empreendida sistematicamente sobre as existências não-normativas, a partir da subalternização, do rebaixamento intelectual e da tentativa de aprisionamento subjetivo, intelectual, espiritual, econômico, político e social a elas impostos. É nesse sentido que o sistema normativo que aqui opera, sendo fruto e continuidade do empreendimento colonial que se deu sobretudo pela ação dos portugueses, visa desde os seus primórdios a submissão e o aprisionamento das não-normatividades em diferentes níveis, a fim de cumprir os seus objetivos estratégicos de soberania e poder.

O que nos interessa com esta pesquisa, portanto, é trazer luz para a existência, bem como para as dinâmicas de funcionamento e implicações das normatividades e de toda a rede de poderes que as sustentam enquanto um sistema normativo, considerando que um dos maiores e mais latentes desafios atuais da sociedade brasileira seja conseguir enxergar, compreender e confrontar a sua própria realidade, diante dos abismos das injustiças e desigualdades sociais que aqui existem e que são fruto de uma herança colonial e escravocrata que nos impede de buscar caminhos para a transgressão e transformação dessa realidade.

Pela ação da normatividade, vivemos em um estado de desigualdades sociais e violências naturalizadas, com o qual nenhuma sociedade verdadeiramente democrática deveria compactuar.

Como forma de compreender tal sistema normativo a partir de um exercício de abstração conceitual, podemos interpretá-lo tal como um sistema lógico, composto por entradas, processamentos e saídas, que se dão a partir da ação de agentes (atores) alinhados a determinados objetivos estratégicos, o que nos possibilita conceber esse sistema normativo a partir de um modelo lógico e mapeável, através do qual podemos compreender os seus objetivos estratégicos, bem como a sua composição, operação e formas de organização. Em linhas gerais, podemos compreender o sistema normativo, bem como as normatividades que são retroconstruídas através dos seus mecanismos e pedagogia, a partir de uma perspectiva de *analítica do poder*, tal como proposto por Michel Foucault e discutido por Sueli Carneiro (2005) em sua tese, nos voltando para a rede de saberes e poderes, bem como para os objetivos estratégicos que os campos de poder das *sexualidades*, dos *gêneros*, das *racialidades* e do *biopoder* buscam realizar.

Os diferentes campos de poder que formam essa rede, são sustentados por *dispositivos de poder* - situados por Sueli Carneiro (2005) como *ideias-força* - que são construídos e perpetuados a partir dos diferentes discursos de poder, recorrentemente construídos e reforçados através da ação e do uso que fazemos da linguagem: em síntese, tudo o que conhecemos é construído *na ação* que se dá pela linguagem, de forma que o pensamento codificado em linguagem é o que cria a realidade tal como a conhecemos. Desta maneira, pensando-se em um modelo conceitual capaz de contemplar o sistema normativo, podemos situar as suas *entradas*, *processamentos* e *saídas* como os *discursos de poder disseminados* a partir de uma pedagogia normativa, bem como a sua *internalização*, *replicação* e *disseminação* por parte do Estado, das suas instituições e populações, os quais figuram como os seus agentes, alinhados ao objetivo estratégico de perseguir a soberania das normatividades sobre as não-normatividades.

Longe de buscar origens, talvez possamos tomar como um possível ponto inaugural desse sistema normativo, o momento em que as normatividades se colocaram acima da natureza, de tudo e de todes, inaugurando assim uma relação

binária e hierárquica entre *cultura* e *natureza*, na qual a natureza foi reduzida a mero objeto de posse, criando a relação dicotômica *eu / Outro* (BUTLER, 2017, p. 74) que poderia explicar toda a desconexão e crises de ordem ambiental, humana e social que vivemos na atualidade, criadas a partir do movimento da ocidentalização e da colonização mundo afora. Não querer enxergar essa realidade, não se revoltar contra ela e não tentar transgredí-la de qualquer forma, significa ser conivente com as normatividades: é se declarar parte delas, sendo sua aliada, sendo portanto as normatividades em si.

O sistema normativo e as normatividades retrocriadas por ele, operam a partir de uma lógica binária e normalizadora, bem como de mecanismos de opressão e violência que visam manter as existências e performances normativas na centralidade da existência humana e, por consequência, nos lugares de poder e privilégio a elas destinadas, enquanto conduz as existências não-normativas às margens e às periferias em seus mais variados sentidos.

Diante de uma lógica binária de programação, o sistema normativo busca programar os seus agentes para ignorar a realidade do mundo que os cerca, replicando infinitamente essa ação como forma de manter as suas engrenagens em contínuo funcionamento e cumprir os seus objetivos estratégicos. Tenta também programar a todo custo os por ela tidos como *outros objetificados, subalternizados e desumanizados*, por meio do uso da violência, do rebaixamento e do adestramento para que sejam dóceis, cumpram o seu papel produtivo e nada questionem.

De tudo as normatividades pretendem se apossar, se materializando nas pessoas, em seus corpos e subjetividades em consonância com uma corrente de crenças e violências naturalizadas que podemos nomear como a sua pedagogia. Desta forma, o sistema normativo busca esmagar as não-normatividades para o usufruto de seus prazeres e privilégios, objetivando destituí-las de humanidade, valor e importância para que, assim se enxergando, a vida se tome de vazio.

Ansiedades, depressões e crises de toda a sorte são também resultados das ações do sistema normativo que opera incessantemente sobre as nossas vidas. Ao longo da história e ainda hoje em muitos lugares do mundo, existências

não-normativas como as das pessoas trans* e homoafetivas⁶ são tratadas a partir do viés da patologização, quando na realidade hoje podemos observar que as normatividades são uma verdadeira patologia causadora de muitas outras doenças e do grande mal-estar social que vivemos, residindo aí a importância de trazer luz para essa problemática, diante da iminência histórica que vivemos e dos desafios sociais e políticos que aqui colocados.

2. A analítica do poder do sistema normativo

2.1. Modelo conceitual de organização e funcionamento do sistema normativo

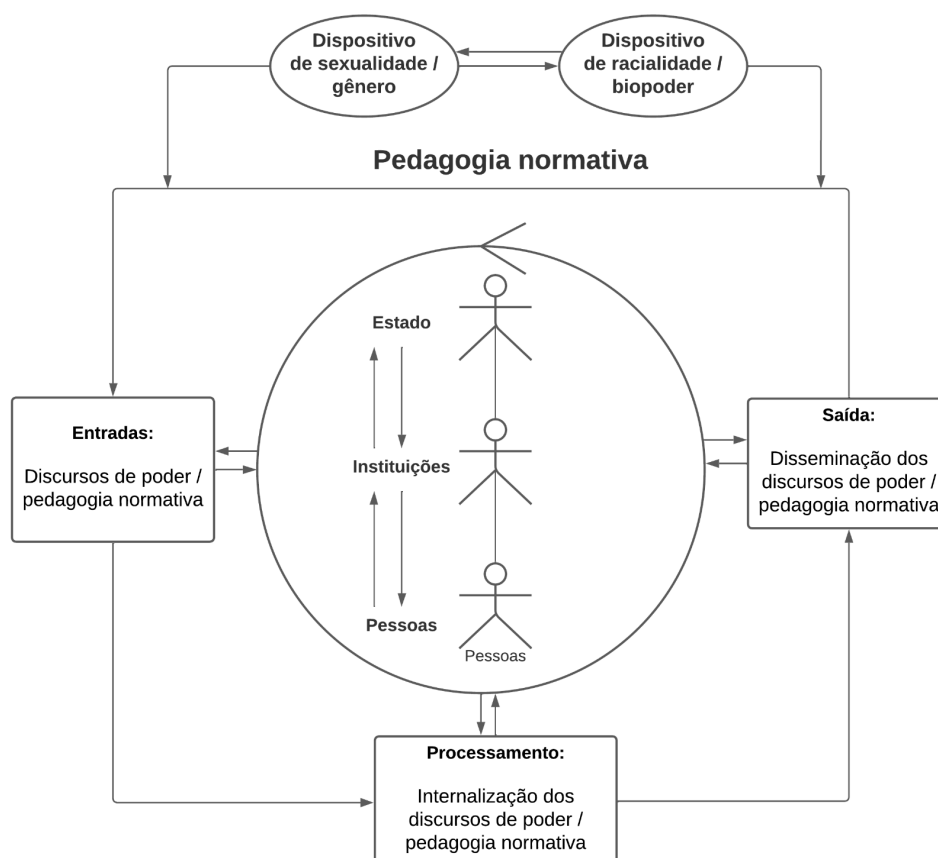


Figura 3: modelo conceitual de organização e funcionamento do sistema normativo a partir do objetivo estratégico da soberania e hegemonia normativa

⁶ A homoafetividade foi removida da classificação internacional de doenças (CID) da Organização Mundial de Saúde (OMS) em 1990, enquanto que as transexualidades e travestilidades deixaram de ser consideradas patologias somente com a publicação da CID 11, vigente a partir de 2022.

2.2. As formas de organização e os mecanismos de funcionamento da analítica do poder do sistema normativo

Podemos compreender a analítica de poder do sistema normativo como a rede de saberes e poderes que sustenta os mecanismos de inferiorização dos corpos, subjetividades, experiências e saberes não-normativos, a partir dos processos cíclicos de produção e reprodução dos *discursos de poder*, os quais configuram uma *pedagogia normativa* e se dão pela ação dos seus agentes (Estado, instituições e indivíduos), a partir da associação e articulação junto às *cisnormatividades* e aos *dispositivos de sexualidade/gênero* e *racialidade/biopoder*, sob o objetivo estratégico de promover a soberania e a hegemonia normativa.

Como já apontado anteriormente, a abordagem do sistema normativo a partir da perspectiva de uma *analítica do poder*, se faz relevante pela sua capacidade de nos proporcionar a compreensão de como os poderes normativos estão estabelecidos, operam e se manifestam. Neste sentido, Sueli Carneiro aponta que uma analítica do poder nos remete às relações de força e que, portanto,

[...] a analítica do poder, destina-se a revelar a rede de saberes e poderes e, sobretudo, os objetivos estratégicos que um determinado campo de poder busca realizar; assim também, seus pontos de afirmação, de oposição, de convivência, as formas de reciclagem que as resistências ou determinadas injunções conjunturais lhe obrigam. Enfim, é iluminar o jogo real que se joga na sociedade em relação a um campo de poder. (CARNEIRO, 2005, p. 31)

A discussão encontrada em Foucault (apud CARNEIRO, 2005) sobre uma *analítica do poder*, nos indica quatro regras gerais de funcionamento, que são: 1) a regra da imanência, 2) a regra das variações contínuas, 3) a regra do duplo condicionamento e 4) a regra da polivalência tática dos discursos. A *regra da imanência* nos fornece a compreensão de que todo poder institui um campo de saber e que, da mesma forma, todo saber é expressão de uma dimensão de poder, o que aponta para a intencionalidade de cada saber produzido e também as suas

relações intrínsecas com as relações de poder que impulsionam o seu desenvolvimento. A partir da *regra das variações contínuas*, temos a premissa de que os discursos, os saberes e os dispositivos de dominação se renovam continuamente, sempre se adaptando às configurações de um dado momento histórico.

A *regra do duplo condicionamento*, por sua vez, nos leva à compreensão de que, ao mesmo tempo em que um determinado domínio de poder representa um elemento tático que busca realizar um objetivo estratégico, este mesmo objetivo estratégico pode atuar de forma a redefinir o domínio em questão, fazendo com que adquira novas características, em uma interação contínua que adequa tanto o domínio como os objetivos, conforme as mudanças conjunturais de um determinado momento histórico. Finalmente, a *regra da polivalência tática dos discursos* nos conduz ao entendimento de que é no discurso que poderes e saberes se articulam, o que significa dizer que, ao mesmo tempo em que os discursos veiculam e produzem poderes, eles também criam brechas pelas quais é possível enfraquecer, barrar e minar esses mesmos poderes.

As regras gerais de uma *analítica do poder* nos fornecem a possibilidade de compreender os mecanismos pelos quais o sistema normativo se estabelece e se mantém, bem como nos indica possíveis caminhos para a sua transgressão. Os dispositivos de poder compreendidos enquanto *ideias-força*, por sua vez, nos permitem compreender as correntes de pensamento e os discursos de poder que estabelecem e perpetuam os domínios da sexualidade, do gênero e da racialidade, uma vez que:

[...] um dispositivo é sempre um dispositivo de poder, que opera em um determinado campo e se desvela pela articulação que engendra de uma multiplicidade de elementos, pela relação de poder que entre eles se estabelece. O dispositivo expressa, ainda, um objetivo estratégico que atende a uma urgência histórica. (CARNEIRO, 2005, p. 38)

O dispositivo é ainda definido por Foucault (1979) como um conjunto heterogêneo que compreende discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos,

proposições filosóficas, morais e filantrópicas, que toma o dito e o não-dito como os seus elementos fundamentais, sendo caracterizado pela rede que se estabelece entre tais elementos.

Os dispositivos instauram uma prática divisora, criando um binarismo que gera efeitos ontológicos sobre as não-normatividades, de forma a reduzi-las a *sujeitos-forma* destituídos de humanidade e caracterizados unicamente pelas suas diferenças inferiorizadas diante do olhar normativo. A prática divisora instaurada pelo dispositivo se dá a partir da enunciação sobre o outro, constituindo assim uma “função de existência”, caracterizada pela “constituição de uma nova unidade, composta de um núcleo interno em que se aloja a nova identidade padronizada e, fora dele, uma exterioridade que lhe é oposta mas essencial para a sua afirmação” (CARNEIRO, 2005, p. 39). Neste sentido temos, por exemplo, o doente mental viabilizando o “*homem normal*”, uma vez que este último somente pode se afirmar a partir da negatividade imposta ao outro, de forma que:

Ele se define negativamente para demarcar a sua diferença em relação ao sujeito-forma, aquele construído negativamente para afirmar a dinâmica positiva do Ser. Ou seja, o Outro fundado pelo dispositivo [...] apresenta-se de forma estática, que se opõe à variação que é assegurada ao Ser. Assim, a dinâmica instituída pelo dispositivo de poder é definida pelo dinamismo do Ser em contraposição ao imobilismo do Outro. (CARNEIRO, 2005, p. 39-40)

A partir da perspectiva de Martin Heidegger (apud CARNEIRO, 2005) sobre os aspectos *ôntico* e *ontológico* do ser, podemos dizer que o *ôntico* estaria para as partes e características que o compõem, enquanto que o *ontológico* estaria para a complexidade e completude do ser enquanto enquanto tal, constituído de sua humanidade. É neste contexto que Sueli Carneiro (2005, p. 27-28) indica que é a ideia de particularidade que aprisiona o ser e o reduz ao seu grupo específico, de forma que “ao fazer do ôntico o ontológico do Outro, o Eu hegemônico rebaixa o estatuto do ser desse Outro”. Dentro desta lógica, aspectos como sexualidades, gêneros e a racialidades se referem, portanto, ao aspecto ôntico do ser, ou seja, às suas particularidades, enquanto que ser uma pessoa complexa, composta de muitas camadas e dotada de humanidade e direitos, diz respeito ao aspecto ontológico do

ser, de forma que a redução do ser ao seu aspecto *ôntico* faz com que a dimensão ontológica lhe seja negada, resultando em um processo de desumanização onde os seus direitos humanos e as suas possibilidades de desenvolvimento lhe são tomadas.

Outro aspecto importante e necessário para a compreensão do sistema normativo é o conceito de *biopoder*. A noção de *biopoder* em Foucault (apud CARNEIRO, 2005) se dá no contexto da discussão do poder sobre a vida e a morte, tendo a guerra como o elemento necessário para o entendimento dos processos históricos que serviram de base para o seu surgimento. Em linhas gerais, Foucault situa a guerra das raças, concebida ao longo de praticamente todo o século XVIII. Na sequência, a partir do século XIX, a guerra adquire novos contornos e nuances com o surgimento do princípio da universalidade nacional, o qual teria eliminado a noção de guerra da análise histórica, ocorrendo mais tarde a retomada da questão racial como racismo de Estado. É ainda no século XIX que é possível observar fenômenos característicos, qualificados por Foucault (apud CARNEIRO, 2005, p. 73) como a “assunção da vida pelo poder via estatização do biológico”, sendo a partir desta ideia que o direito de fazer viver e de deixar morrer, a partir do *biopoder*, se estabelece.

Desta forma, o *biopoder* inaugura uma nova tecnologia de poder, produzindo um deslocamento do *homem-corpo* para o *homem-espécie*, sucedendo as técnicas disciplinares dos dispositivos de poder, porém sem dispensá-las. A biopolítica que se converte em *biopoder* promove a emergência de três novos elementos até então desconhecidos: 1) a população (os corpos múltiplos), 2) a busca pelo controle sobre os fenômenos coletivos e 3) o poder que consiste em fazer viver e em deixar morrer, sendo este o momento a partir do qual Foucault passa a incluir o racismo em sua reflexão sobre as tecnologias de poder (CARNEIRO, 2005).

O breve trajeto teórico trilhado até aqui nos permite compreender a importância dos conceitos de 1) *cisnormatividade*, 2) *analítica do poder*, 3) *dispositivos de poder* e do 4) *biopoder* para a compreensão do sistema normativo, das suas dinâmicas de funcionamento e das suas reverberações sobre as não-normatividades, em especial aquelas *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* que são

alvo desta investigação. A partir da compreensão de que a prática divisora instaurada pelos dispositivos de poder tem como base a enunciação dos *sujeitos normativos* sobre os *outros não-normativos* - rompendo com a possibilidade coletiva de um *nós* a partir da criação de um binarismo *eu/outro* -, bem como de que todo poder institui um campo de saber, da mesma forma que todo saber é expressão de uma dimensão de poder, podemos compreender que:

1) As normatividades somente podem se manter no centro do poder a partir da negatização e, sobretudo, do subjugamento das pessoas que são colocadas à sua margem, uma vez que estes princípios se colocam como pilares de sustentação da sua existência;

2) O sistema normativo, ao se apresentar como um mecanismo complexo de poderes, institui, dissemina e replica uma epistemologia normativa que se pretende dominante - aqui concebida como uma *pedagogia normativa* -, que coloca a branquitude, a masculinidade normativa pautada no falocentrismo, a heterossexualidade e a cisgeneridade no centro da existência humana, relegando ao espaço do outro inferiorizado as feminilidades, as negritudes, as indigeneidades⁷, as mestiçagens, as não-hétero sexualidades, as transgeneridades, corpos com deficiência e também aqueles tidos como imperfeitos.

Esses pontos de compreensão, por sua vez, nos permitem concluir que: 1) as normatividades somente podem se manter no centro do poder a partir do subjugamento das não-normatividades, o que significa dizer que tal realidade somente pode ser transgredida a partir de uma reconfiguração social na qual hierarquias de humanidade, existência e direitos sejam extintas, o que se mostra possível a partir da quebra do ciclo de inferiorização e controle impostos pela ação das normatividades. 2) A diversidade de saberes, experiências, corpos e afetos é alvo de destruição da epistemologia/pedagogia normativa, a qual se mostra historicamente destruidora em níveis subjetivos, espirituais, familiares, sociais, ambientais e todos os demais aspectos que compõem a vida, razão pela qual precisa ser combatida.

⁷ Referente às vivências indígenas.

A partir da análise da trajetória histórico-escravocrata que deu origem ao Estado brasileiro, podemos compreender a configuração normativa da sociedade na qual vivemos, a qual historicamente se sustenta sob a lógica dos *dispositivos de poder* e do *biopoder*, com objetivos estratégicos de adestramento e normatização de corpos e subjetividades não-normativas, visando uma supremacia e hegemonia normativas. Uma vez que essa normatização por si só não se mostra plenamente efetiva - afinal toda forma de poder abre espaço para transgressões como nos indica Foucault -, o biopoder mostra a sua face e entra em ação, determinando a eliminação das pessoas e existências que não se mostram úteis aos interesses capitalistas e neoliberais da sociedade produtivista contemporânea.

Se olhar para uma analítica do poder nos permite “iluminar o jogo real que se joga na sociedade em relação a um campo de poder” (CARNEIRO, 2005), trazer luz para a compreensão sobre as normatividades que aqui operam é passo fundamental para refletirmos sobre os desafios sociais que vivemos e assim buscar formas de resistência e transgressão frente à essa realidade. Além de uma perspectiva teórica, iluminar o jogo real das dinâmicas de poder imbricadas na sociedade brasileira, é trazer à luz uma problemática que foi e segue sendo estratégica e sistematicamente ignorada ao longo de toda a nossa história.

Conceber a analítica do poder do sistema normativo a partir de uma perspectiva *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*, não nos conduz simplesmente à compreensão de uma problemática localizada como normalmente aconteceria sob uma análise binária-normativa, mas sim à compreensão de uma problemática com reverberações em todo o tecido social, dado o seu contexto interseccional. Desta forma, o olhar sobre a realidade das injustiças e desigualdades sociais, bem como sobre o presente-histórico que nos cerca, a partir de uma perspectiva interseccional *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*, aponta para a possibilidade de resistências, transgressões e revoluções não somente das populações localizadas neste contextos, mas sim de todas as populações não-normativas que compartilham da ações e dos efeitos dos diferentes poderes e opressões sobre suas trajetórias.

2.3. O dispositivo de sexualidade e gênero

Podemos situar o *dispositivo de sexualidade e gênero* como um dos pilares ideológicos de sustentação do sistema normativo, dispositivo esse que é formado pela articulação que se dá entre os discursos de poder e os mecanismos de opressão e violência dentro uma *matriz heterossexual*. Essa matriz opera sob a lógica binária da *sequência sexo-gênero-sexualidade* (LOURO, 2018) - onde os gêneros *masculino* e *feminino* são determinados a partir do *sexo biológico*, compreendido pelo discurso médico respectivamente como a presença do *pênis* e da *vagina* enquanto órgãos reprodutores, o que por fim irá determinar o *desejo heterossexualizado* que cria as figuras dos *homens* e *mulheres* cisgêneras tidos como normais/naturais dentro de uma lógica normativa -, instituindo assim a *heterossexualidade compulsória* e o *falocentrismo* como regimes de poder e discurso (BUTLER, 2017), com o objetivo estratégico de controle dos corpos, desejos e afetos.

Butler entende que o *sexo*, enquanto elemento discursivo e perceptivo, caracteriza um *regime epistemológico* (um conjunto de crenças e discursos) que forma a percepção das pessoas a partir da linguagem e que modela forçadamente as inter-relações a partir das quais corpos são percebidos. Isso significa dizer que existe uma suposta verdade instituída acerca dos sexos, gêneros e desejos, a qual tem o poder de criar a realidade social a partir da linguagem e da fala dos sujeitos falantes. Em diálogo com o pensamento de Monique Wittig, Butler afirma que:

[...] a linguagem é um conjunto de atos, repetidos ao longo do tempo, que produzem efeitos de realidade que acabam sendo percebidos como "fatos". Considerada coletivamente, a prática repetida de nomear a diferença sexual criou essa aparência de divisão natural. A "nomeação" do sexo é um ato de dominação e coerção, um ato performativo institucionalizado que cria e legisla a realidade social pela exigência de uma construção discursiva/perceptiva dos corpos, segundo os princípios da diferença sexual. (BUTLER, 2017, p. 200-201)

A partir dessa compreensão, as pessoas seriam obrigadas a corresponder minuciosamente à ideia de natureza estabelecida para “*homens*” e “*mulheres*”, internalizando essas categorias políticas, que nada têm de natural, em seus corpos e subjetividades. Desta forma, através do que Wittig chama de contrato forçado, o ‘sexo’ enquanto categoria impõe o ‘sexo’ enquanto configuração social de corpos, a partir do que Butler (2017, p. 201) conclui que “a categoria de “sexo” é um nome que escraviza”. É, portanto, a partir da linguagem que constrói e sustenta os discursos de poder acerca dos sexos e *gêneros*, visando o controle de corpos e subjetividades, que a noção de uma heterossexualidade compulsória é construída, exigindo uma concepção inteligível de homossexualidade e também a sua proibição como forma de sobrevivência e continuidade. Neste sentido, é curioso observar que, segundo a psicanálise, enquanto orientações como a bissexualidade e a homossexualidade são consideradas predisposições libidinas primárias, a heterossexualidade se caracteriza pela “construção laboriosa que se baseia em seu recalçamento gradual” (BUTLER, 2017, p. 138), o que significa dizer que a mesma é continuamente performada e contruída a partir da internalização de proibições.

A construção da noção de homossexualidade a partir da heterossexualidade compulsória se dá a partir do mesmo mecanismo pelo qual ocorre a construção do *Outro* como *Não-ser* em Sueli Carneiro (2005), o que segundo ela acontece a partir do século XVIII no campo ontológico. Antes disso porém, a partir do final do século XVI, surge um outro fenômeno que segundo Megg Rayara (2020) merece atenção: o *emblema do sexo que fala*, o qual pode ser definido como:

Uma fala motivada pela insaciável curiosidade em torno do sexo que obriga a questioná-lo, a ouvi-lo e também a ouvir falar dele. Embora haja certas regras de discricção no modo como essa fala é estimulada, ainda assim contraria a ideia de que por muito tempo houve um processo de silenciamento a seu respeito. (OLIVEIRA, 2020, p. 63)

Segundo a autora, a partir do seu diálogo com Foucault, esse grande interesse em torno do sexo se justificaria pela forma de organização das sociedades ocidentais e ocidentalizadas, a partir das quais o entendimento sobre o sexo e o estabelecimento de critérios para a sua prática garantiria o bom funcionamento dos

diversos setores que integram a sociedade, como é o caso da família procriadora. Neste mesmo sentido, Foucault nos indica que, a partir da metade do século XVIII, a burguesia se empenha em atribuir a si mesma uma sexualidade e um corpo específico, "um corpo 'de classe' com saúde, uma higiene, uma descendência, uma raça" (FOUCAULT, apud CARNEIRO, 2005, p. 40), de forma que vemos que foi através de mecanismos de autosssexualização e de encarnação do sexo em seu próprio corpo, que a burguesia se apropriou do sexo e da sexualidade, se utilizando do sangue enquanto linhagem para proclamar a sua superioridade em relação à monarquia, considerada como degenerescente naquela época, fazendo o mesmo a partir do processo imperialista de conquista dos povos não-brancos como forma de demarcar a legitimidade de sua hegemonia.

É também a partir do século XVIII que se observa uma explosão discursiva sobre o sexo que, ao mesmo tempo em que tenta impor regras de decência para as práticas sexuais, também possibilita o surgimento de contra-discursos que questionavam essas mesmas regras. Foi dessa maneira que a igreja católica passou a estimular os seus fiéis a falar de sexo sob a forma de confissão, a partir do que "O bom cristão deveria confessar além dos atos contrários à lei que foram cometidos, os seus desejos, todos os seus desejos" (FOUCAULT, apud OLIVEIRA, 2020, p. 63).

Segundo a perspectiva Foucaultiana, foi a partir do cristianismo que o sexo passou a ser encarado como a centralidade da existência do ser, configurando uma possível verdade do sujeito humano (CARNEIRO, 2005). Nesta mesma linha, Foucault localiza uma estratégia de classe na formação do dispositivo de sexualidade, a qual Sueli Carneiro (2005) interpreta como o esforço de demarcação de uma identidade e de um projeto político, sustentados essencialmente no controle da sexualidade, visando principalmente a reprodução da burguesia enquanto classe social.

Desta forma, podemos compreender que os discursos em torno do sexo não objetivavam julgá-lo ou condená-lo, mas sim administrá-lo como forma de aumentar a sua utilidade para um suposto bem de todos e para a felicidade pública, de forma que "Ao deixar de ser um assunto restrito da esfera privada para tornar-se de interesse coletivo, de interesse do Estado, o sexo e as tecnologias de poder que

incidem sobre ele passam a ser discutidos num contexto mais amplo chamado população" (OLIVEIRA, 2020, p. 63-64).

O grande interesse pelo sexo também encontra justificativa no seu impacto sobre a economia política, uma vez que diversos problemas relacionados ao sexo incidem diretamente sobre essa economia. Temos como exemplos desses problemas as taxas de natalidade, a frequência das relações sexuais, as taxas de fecundidade, o celibato e as práticas contraceptivas, de forma que:

Embora diga respeito às sensações do corpo e à qualidade dos prazeres, o dispositivo de sexualidade se liga à economia por meio de articulações numerosas e sutis, sendo o corpo a principal - corpo que produz e consome (FOUCAULT, 1999) e que "serviu de fundamento para discursos e práticas regulatórias que produziram os próprios sujeitos e uma hierarquização entre os mesmos" (SANTOS, 2010, p. 64). (OLIVEIRA, 2020, p. 64)

Além da explosão discursiva em torno do sexo, Foucault observa também o aumento de discursos que procuravam destacar os variados tipos de sexualidade, lugar de onde surge a ideia que aponta para a homossexualidade como uma perversidade, lugar de desvio e patologia, o que a tornava um pecado grave, passível de condenação em tribunal (FOUCAULT, apud OLIVEIRA, 2020). É nessa linha que surge a concepção do homossexual do século XIX, o qual figura como o sujeito histórico da homossexualidade, sendo produzido pelo discurso médico.

Com a invenção do homossexual, a ciência toma para si a responsabilidade de discutir um assunto que antes era de responsabilidade da igreja e do Estado e, com isso, a pergunta sobre uma possível "normalidade" passa a adquirir sentido, uma vez que a heterossexualidade, ao estabelecer uma verdade sobre o sexo, passou a ser compreendida como a única sexualidade possível, visando a reprodução e sobrevivência de sua "espécie". É a partir do momento em que a homossexualidade passa a ser estudada como categoria especial da sexualidade humana, que existe uma transição da sua visão como perversão moral para a sua visão como patologia. (OLIVEIRA, 2020)

Adriana Nunan do Nascimento Silva (apud OLIVEIRA, 2020) aponta para um fato crucial para a compreensão dos processos de construção da homossexualidade

e de invenção do homossexual: tal feito somente foi possível a partir do momento em que a mulher se torna o inverso complementar do homem. Através do estabelecimento de diferenças físicas e biológicas, bem como da definição de papéis sociais e sexuais que homens e mulheres deveriam desempenhar, Foucault aponta para um aumento do policiamento sobre a conduta sexual da população, com a finalidade de assegurar um suposto equilíbrio entre o biológico e o econômico. É a partir deste esforço que surge a ideia de inversão, situada por Megg Rayara (2020) como uma categoria importante para a construção do homossexual e descrita por Jurandir Freire Costa (apud OLIVEIRA, 2020) como algo antinatural e perverso, sendo tal perversidade compreendida como a incorporação da sexualidade feminina pelo corpo masculino. Desta maneira, o homossexual inventado pela ciência apresentava características homogêneas, assentadas em uma suposta essência feminina, possibilitando assim a sua visibilidade e fácil reconhecimento perante o dispositivo de sexualidade e suas ações normalizadoras OLIVEIRA, 2020).

Tanto Megg Rayara (2020) como Sueli Carneiro (2005) concordam que o dispositivo de sexualidade e a tecnologia do sexo foram produzidas pela burguesia e testadas sobre ela mesma, incidindo gradualmente sobre as classes populares com a finalidade de controlar os nascimentos como forma de “proteção à sociedade”. Além da *medicina*, da *psicologia* e da *psiquiatria*, ambas autoras apontam para outra disciplina científica com reverberações sobre os domínios da racialidade e da sexualidade: o *campo da criminologia*. Tendo Cesare Lombroso (1835-1909) como principal expoente desse campo de estudos, Megg Rayara (2020) indica que esse autor buscava estabelecer uma relação entre determinadas características corporais à psicopatologia criminal, entendida como as tendências consideradas inatas de indivíduos sociopatas e o comportamento criminal dos mesmos. A partir da antropologia criminal, Lombroso defendia que a homossexualidade estava num patamar de desenvolvimento abaixo da heterossexualidade, propondo que homossexuais deveriam ficar restritos a asilos devido ao perigo que representavam para a sociedade (BELMONTE apud OLIVEIRA, 2020).

Segundo Sueli Carneiro (2005), é a partir dos temas da *progenitura* e da *descendência*, ambos derivados da eugenia, que é possível localizar as articulações que serão empreendidas entre racismo e sexualidade, especialmente pela forma

como a psiquiatria se apropriou deles. Foi no século XIX que as técnicas de discriminação, de isolamento e de normalização dos indivíduos considerados perigosos foram elaboradas em torno da *teoria médica da degenerescência*, da *teoria médico-legal do eugenismo*, do *darwinismo social* e da *teoria penal da 'defesa social'*, categorias a partir das quais Sueli Carneiro (2005) conclui que existe um processo de "expurgo" do mal do corpo branco a ser depositado nos outros corpos.

A partir da compreensão anterior de que a prática divisora instaurada pelos dispositivos de poder se dá a partir da enunciação sobre o *Outro*, compreendemos que é a enunciação sobre a homossexualidade que institui a cisheterossexualidade, da mesma forma que é a enunciação sobre a negritude que institui a branquitude. Neste sentido, a partir da nomeação do homossexual e da homossexualidade, torna-se necessária também a nomeação do sujeito e da prática que lhes serviram como referência, sendo de extrema importância observar que, conforme nos fala Guacira Lopes Louro (2018), até então a heterossexualidade não havia sido nomeada, uma vez que se colocava - da mesma forma como ainda se coloca - como onipresente e evidente por si mesma.

Segundo Megg Rayara (2020), é Jonathan Ned Katz (1996) quem sugere a existência de uma história heterossexual que precisa ser reconhecida e investigada. Este autor concorda com Foucault que o termo *homossexual* foi inventado em 1869, apontando que o primeiro uso do termo *heterossexual* data de 1901 (KATZ apud OLIVEIRA, 2020). Ele ainda aponta para o fato de que o uso corrente desses termos só aconteceu a partir do primeiro quarto do século XX, uma vez que antes disso as pessoas não concebiam um universo social polarizado entre héterossexuais e homossexuais (KATZ apud OLIVEIRA, 2020). Por fim, ele conclui que "os termos "heterossexualidade" e "homossexualidade" significam modos historicamente específicos de dominar, pensar sobre, avaliar e organizar socialmente os sexos e seus prazeres" (KATZ apud OLIVEIRA, 2020, p. 66).

Para além da historicidade dessa prática divisora binária dos desejos, que se dá a partir da heterossexualização compulsória, precisamos também considerar os efeitos dessa prática sobre corpos e subjetividades. Neste sentido,

Para Foucault, ser sexuado é estar submetido a um conjunto de regulações sociais, é ter a lei que norteia essas regulações situada como princípio formador do sexo, do gênero, dos prazeres e dos desejos, e como o princípio hermenêutico de autointerpretação. A categoria do sexo é, assim, inevitavelmente reguladora, e toda análise que a tome acriticamente como um pressuposto amplia e legitima ainda mais essa estratégia de regulação como regime de poder/conhecimento. (BUTLER, 2017, p. 168)

Em Foucault (apud BUTLER, 2017), o desejo é compreendido como efeito da lei coercitiva, ou seja, como uma criação da normatividade que se dá a partir da autopromoção de uma heterossexualidade compulsória. Essa mesma lei, segundo Butler (2017), cria a suposição de um desejo recalcado como forma de racionalizar as suas estratégias auto ampliadoras, devendo ser reconcebida como uma *prática discursiva produtora ou generativa*, uma vez que produz a ficção linguística do desejo recalcado como forma de se perpetuar. Desta maneira, o desejo e o seu recalco são situados por ela como uma oportunidade para a consolidação das estruturas jurídicas, de forma que “o desejo é fabricado e proibido como um gesto simbólico ritual pelo qual o modelo jurídico exerce e consolida seu próprio poder” (BUTLER, 2017, p. 136).

Essa mesma produção disciplinar que passa pela construção dos desejos, passa também pela construção do gênero, o que segundo Butler (2017) leva a efeito uma falsa estabilização do gênero, como forma de construir e regular a sexualidade no domínio produtor a partir da heterossexualidade compulsória, de modo que

Essa heterossexualidade institucional exige e produz, a um só tempo, a univocidade de cada um dos termos marcados pelo gênero que constituem o limite das possibilidades de gênero no interior do sistema de gênero binário oposicional. Essa concepção do gênero não só pressupõe uma relação causal entre sexo, gênero e desejo, mas sugere igualmente que o desejo reflete ou exprime o gênero, e que o gênero reflete ou exprime o desejo. (BUTLER, 2017, p. 52)

Temos aqui, portanto, o gênero como uma construção política e cultural que, apesar de construída a partir dessa falsa relação de decorrência e dependência com

o sexo e o desejo, se difere totalmente dessas categorias, compreendendo na verdade os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, o qual figura como superfície de inscrição do gênero. Para além de uma inscrição cultural de significado num sexo previamente dado, Butler (2017) compreende que o gênero

[...] tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza, ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual a natureza sexuada" ou "um sexo natural" é produzido e estabelecido como "pré-discursivo", anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura. (BUTLER, 2017, p. 27)

Essa produção do sexo como um domínio pré-discursivo é, segundo Butler (2017), uma forma de garantir a estabilidade interna do sexo a partir dessa estrutura binária, podendo essa produção ser compreendida como efeito do mecanismo de construção social pelo qual o gênero passa. O gênero é então compreendido por ela como uma “estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (BUTLER, 2017, p. 69), de forma que

Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. [...] os atos e gestos, os desejos articulados e postos em ato criam a ilusão de um núcleo interno e organizador do gênero, ilusão mantida discursivamente como propósito de regular a sexualidade nos termos da estrutura obrigatória da heterossexualidade reprodutora. (BUTLER, 2017, p. 235)

Neste sentido, por ser marcado pelo fator performativo, o corpo construído a partir do gênero demonstra ser constituído dentro de uma realidade que é fabricada como essência interna das subjetividades, sendo efeito e função de um discurso

social e público que, a partir da regulação do desejo e do gênero, institui a integridade do sujeito e esconde esse mecanismo, deslocando a origem política e discursiva da identidade de gênero para um núcleo psicológico que impede a compreensão da constituição política do sujeito marcado pelo gênero. Desta forma,

[...] o gênero é uma construção que oculta normalmente sua gênese; o acordo coletivo tácito de exercer, produzir e sustentar gêneros distintos e polarizados como ficções culturais é obscurecido pela credibilidade dessas produções e pelas punições que penalizam a recusa a acreditar neles; a construção "obriga" nossa crença em sua necessidade e naturalidade. As possibilidades históricas materializadas por meio dos vários estilos corporais nada mais são do que ficções culturais punitivamente reguladas, alternadamente incorporadas e desviadas sob coação. (BUTLER, 2017, p. 240-241)

A possibilidade de qualificação de corpos como humanos, bem como da humanização das pessoas a partir de uma lógica normativa, se dá através dos gêneros binários e dos seus signos, de forma de que os bebês passam a ser humanizados a partir do momento em que a pergunta “é menino ou menina?” é respondida. Por outro lado, tudo o que se coloca contra os signos de gênero normativos, passa então a constituir “o domínio do desumanizado e do abjeto, em contraposição ao qual o próprio humano se estabelece” (BUTLER, 2017, p. 194). O gênero é, portanto, compreendido por Butler (2017) como um ato, uma ação pública que requer uma performance repetida para existir, sendo ao mesmo tempo “reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação” (BUTLER, 2017, p. 242), sob o *objetivo estratégico* que funda e consolida o sujeito no sentido de manter o gênero em sua estrutura binária. Desta maneira,

O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanente marcado pelo gênero. Essa formulação tira a concepção do gênero do solo de um modelo substancial da identidade, deslocando-a para um outro que requer concebê-lo como uma

temporalidade social constituída. Significativamente, se o gênero e instituído mediante atos internamente descontínuos, então a aparência de substância é precisamente isso, uma identidade construída, uma realização performativa em que a plateia social mundana, incluindo os próprios atores, passa a acreditar, exercendo-a sob a forma de uma crença. (BUTLER, 2017, p. 242-243)

A contextualização acerca da historicidade do dispositivo de sexualidade e gênero, a compreensão sobre a construção do homossexual e da homossexualidade a partir do *paradigma do Outro*, bem como da construção do gênero a partir de performances corporais que trilhamos até aqui, é o que nos dará a base necessária para a compreensão do *dispositivo de racialidade/biopoder* proposto por Sueli Carneiro (2005), conforme veremos a seguir.

2.4. O dispositivo de racialidade e biopoder

2.4.1. Raça e racismo

Sueli Carneiro (2005) adota em sua tese a perspectiva conceitual e metodológica do *paradigma do Outro*, proposta e defendida por Roseli Fischmann que a orientou em sua tese. Tal conceito se apoia em Thomas Kuhn, para quem cientistas nunca aprendem conceitos, leis e teorias de forma abstrata e isolada, de forma que "as manifestações de preconceito, discriminação e estigmas têm uma 'unidade histórica e pedagogicamente anterior', da qual seriam uma aplicação" (FISCHMANN apud CARNEIRO, 2005, p. 25), configurando uma modalidade de 'paradigma de senso comum' (grifo do autor) que se traduz em expectativas em relação ao comportamento do *Outro*.

Ao situar uma unidade histórica que precede preconceitos, discriminações e estigmas, o *paradigma do Outro* se mostra como um valioso recurso metodológico para a compreensão da historicidade que envolve o sistema normativo, bem como dos domínios que essa historicidade articula no contexto da sociedade brasileira.

Para Sueli Carneiro (2005), a qual conduz a sua investigação a partir da perspectiva da racialidade, a unidade histórica e pedagogicamente anterior citada por Roseli Fischmann, seria primeiramente o contexto da escravidão africana e todos os discursos que foram produzidos sobre ela com a intenção de torná-la legítima, reduzindo os povos negros à categoria de objeto com forma de usurpar a sua humanidade.

Munidas da compreensão sobre a escravidão enquanto a unidade histórica que dá origem à sociedade brasileira tal como a conhecemos, passamos agora a discutir a ideia de raça e a sua importância para a compreensão dos fenômenos sociais da contemporaneidade. Sueli Carneiro (2005) situa a ideia de raça como um dos elementos estruturais das sociedades multirraciais de origem colonial, na mesma direção em que Megg Rayara (2020) aponta para a raça como uma categoria “estrutural e estruturante para a construção de um quadro de discriminação e desigualdades no Brasil” (OLIVEIRA, 2020, p. 49). Segundo Silvio Almeida (2018), a noção de raça se apresenta como um fenômeno da modernidade, sendo a sua historicidade a mesma que dá origem à constituição política e econômica das sociedades contemporâneas. Contudo, apesar da relevância que passa pela compreensão dessa dimensão racial, é somente a partir da década de 70 e dos estudos sobre as desigualdades raciais, que conceitos como *raça* e *racismo* passaram a ser redefinidos, bem como o seu peso na estratificação social passou a ser considerado (CARNEIRO, 2005).

Diferentes autores como Sueli Carneiro (2005), Megg Rayara (2020), Silvio Almeida (2018), Sérgio Guimarães (2003) e Stuart Hall (2003) concordam que raça é um elemento sobretudo político, que se utiliza de uma classificação social como forma de justificar e naturalizar diferenças sociais, a partir de uma suposta diferença biológica. É também consenso entre essas autoras e autores, que essa suposta diferenciação biológica não encontra qualquer tipo de amparo na ciência moderna, uma vez que desde o início do século XX, disciplinas como a antropologia e a biologia vem demonstrando a inexistência de qualquer tipo de diferença que justifique a discriminação entre seres humanos. Conforme já discutido aqui, podemos na verdade encontrar uma justificativa para essas discriminações nos

objetivos estratégicos atrelados aos dispositivos de poder, os quais visam fazer do *Outro* subjugado a sua possibilidade de existência e permanência no poder.

Tal como acontece com os conceitos de *sexualidade e gênero*, o conceito de *raça* também se baseia em uma construção discursiva, voltada para fins de classificação e hierarquização dos indivíduos. Segundo Megg Rayara (2020), é em torno dessa construção discursiva, a partir da qual diferentes papéis sociais são atribuídos às identidades racializadas, que se organiza o racismo, classificado por ela como um sistema de poder econômico, de exploração e exclusão. É também neste sentido que Silvio Almeida (2018) situa a ideia de *raça* como um fator político importante, pois é através dela que podemos observar a naturalização das desigualdades, da segregação e do genocídio de grupos considerados minoritários.

Em busca de uma historicidade do conceito de *raça* e suas construções, encontramos um ponto de partida na construção do europeu como o homem universal, a qual foi viabilizada pela expansão comercial burguesa - também conhecida como expansão mercantilista -, bem como da cultura renascentista. Posteriormente, o *iluminismo* daria continuidade a esse projeto, marcando uma transição das sociedades feudais para a sociedade capitalista de forma longa e brutal, criando um movimento de levar a civilização europeia para lugares onde ela não existia, o que resultou em um processo de destruição, morte e espoliação, feito em nome de uma suposta “razão” que hoje conhecemos como *colonialismo*. Um pouco mais adiante, no século XIX, o homem passa de objeto filosófico para objeto científico, caracterizando um período regido por determinismos científicos que passam a conduzir e dar continuidade ao projeto iniciado pelo iluminismo e pela colonização. (ALMEIDA, 2018)

A partir do diálogo com Aníbal Quijano, Megg Rayara (2020) indica que a ideia de *raça* se deu a partir do contato entre os invasores europeus e as populações americanas no século XVI, onde diferenças fenotípicas foram utilizadas como justificativa de uma suposta diferença biológica, que situava uns em situação natural de inferioridade em relação a outros. Neste sentido, o contato com as populações nativas americanas e o posterior sequestro das populações africanas, marcaram o início das relações baseadas no trabalho escravizado e na dominação,

servindo também como marco de fundação da categoria *branco* como identidade, de forma que:

O próprio europeu se autodenominou branco e outorgou a si o direito de classificar as demais populações, atribuindo a elas características que fossem distintivas não apenas fenotipicamente, mas também dos elementos constitutivos da cultura de cada grupo na perspectiva de afirmar e justificar seu papel como dominador.

Surge, então, a ideia de raça antes mesmo de se consolidar como um conceito da ciência. Ela foi sendo formulada como uma representação social, uma forma de classificação social imbricada nas estratégias de poder colonial. Essa noção tornou-se um instrumento de poder econômico, político, cultural, epistemológico e até pedagógico. A empreitada colonial educativa e civilizatória esteve impregnada da ideia de raça. (GOMES, 2012, apud OLIVEIRA, 2020, p. 50)

Temos até aqui, portanto, a compreensão da raça como uma estratégia de hierarquização, dominação e subalternização associada ao poder colonial. É nesta mesma esteira de objetivos estratégicos do colonialismo, bem como de suas expressões e tecnologias de poder, que passamos a discutir então o racismo. Como nos explica Silvio Almeida (2018), a partir da leitura de Paul Gilroy em *O Atlântico negro*, tanto a ideia de *raça* como de *racismo* são produtos do intercâmbio e do fluxo internacional de pessoas, de mercadorias e ideias, englobando necessariamente uma dimensão afro-diáspórica que nos conduz ao entendimento de que a compreensão do mundo contemporâneo está diretamente ligada à compreensão da diáspora africana, ou seja, do violento processo de sequestro dos povos africanos de suas terras e do seu deslocamento forçado para outras regiões do mundo, sendo reduzidos à categoria de objeto de trabalho desprovido de qualquer tipo de humanidade.

Em sua análise, Silvio Almeida diferencia o racismo de outras categorias associadas à ideia de raça, tais como o preconceito racial e a discriminação racial, o definindo como “uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo

racial ao qual pertençam” (ALMEIDA, 2018, p. 25). Neste sentido, ele conclui que o racismo se materializa como discriminação racial, sendo definido pelo seu caráter sistêmico e não apenas como um ato ou um conjunto de atos discriminatórios isolados, mas sim de “um processo em que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas” (ALMEIDA, 2018, p. 27).

Sueli Carneiro (2005), por sua vez, compreende que a essência do racismo foi buscar legitimar uma prática e uma política, no plano das ideias, sobre os povos não-brancos, bem como produzir privilégios simbólicos e/ou materiais para a supremacia branca que o engendrou, uma vez que:

São esses privilégios que determinam a permanência e reprodução do racismo enquanto instrumento de dominação, exploração e mais contemporaneamente, de exclusão social em detrimento de toda evidência científica que invalida qualquer sustentabilidade para o conceito de raça.

A sustentabilidade do ideário racista depende de sua capacidade de naturalizar a sua concepção sobre o Outro. É imprescindível que esse Outro dominado, vencido, expresse em sua condição concreta, aquilo que o ideário lhe atribui. É preciso que as palavras e as coisas, a forma e o conteúdo, coincidam para que a ideia possa se naturalizar. A profecia auto-realizadora é imprescindível para a justificação da desigualdade. Nesse sentido, a pobreza a que estão condenados os negros no Brasil, é parte da estratégia racista de naturalização da inferioridade social dos grupos dominados a saber negros ou afrodescendentes e povos indígenas. (CARNEIRO, 2005, p. 29)

Como já apontado anteriormente, seja para a compreensão do conceito de *raça*, seja para a compreensão do conceito de *racismo*, compreender a historicidade que os envolve é também fundamental. Neste sentido, Silvio Almeida (2018) nos chama a atenção para a importância do debate sobre a herança da escravidão sob a perspectiva da economia política, indicando duas possíveis explicações para o entendimento das relações entre escravidão e racismo.

A primeira explicação aponta para o racismo enquanto decorrência das marcas deixadas pela escravidão e pelo colonialismo, caracterizando uma espécie

de resquício da escravidão nos países periféricos, impedindo a modernização das economias e o aparecimento de regimes democráticos. A segunda explicação, por sua vez, indica que as formas contemporâneas do racismo são produtos do capitalismo avançado e da racionalidade moderna, em vez de resquícios de um passado que não passa, o que implica dizer que a escravidão e o racismo são elementos constitutivos da modernidade e do capitalismo. Em resumo, para que o capitalismo possa se renovar, ele precisa também renovar continuamente o racismo.

A partir da compreensão do caráter sistêmico do racismo, Silvio Almeida (2018) busca uma análise mais completa desse fenômeno, o dividindo em três diferentes concepções: 1) o racismo individual, que se relaciona às subjetividades; 2) o racismo institucional, que se relaciona ao Estado; e 3) o racismo estrutural, que se relaciona à economia. A concepção individualista do racismo é aquela que diminuiu o racismo e as questões dele decorrentes ao caráter individual ou coletivo, o tratando como uma possível patologia ou irracionalidade. A partir desta perspectiva, não haveria sociedades ou instituições racistas, mas sim indivíduos racistas que agem de forma isolada ou em grupo. Tal concepção ainda age de forma a reduzir o complexo fenômeno que o racismo representa, de forma que:

[...] quando se limita o olhar sobre o racismo a aspectos meramente comportamentais, deixa-se de considerar o fato de que as maiores desgraças produzidas pelo racismo foram feitas sob o abrigo da legalidade e com o apoio moral de líderes, políticos, líderes religiosos e dos considerados “homens de bem”. (ALMEIDA, 2018, p. 28-29)

A concepção institucional do racismo, por sua vez, se expande além dos comportamentos individuais, compreendendo o racismo como resultado do funcionamento das instituições do Estado, a partir de uma dinâmica que garante desvantagens e privilégios a partir da raça, representando, segundo Silvio Almeida (2018), um grande avanço nos estudos raciais. O racismo estrutural, por fim, pode ser compreendido como:

[...] decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo

institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. (ALMEIDA, 2018, p. 38)

Silvio Almeida (2018) divide a perspectiva estrutural do racismo em dois processos distintos, porém complementares: 1) o processo político e 2) o processo histórico. Em primeiro lugar, o racismo se apresenta como processo político pois, sendo um processo sistêmico de discriminação com impactos em toda a organização da sociedade, ele depende do poder político para a sua execução e sustentação, sem o qual a discriminação sistemática de diferentes grupos sociais inteiros não seria viável e possível. Essa mesma politicidade do racismo se apresenta através de uma dimensão institucional, a partir da regulação jurídica e extrajurídica do Estado, bem como de uma dimensão ideológica, com a produção de narrativas por parte do Estado com a finalidade de unidade social, onde a questão dos nacionalismos se apresenta como importante categoria de análise. (ALMEIDA, 2018)

Em segundo lugar, o racismo também se apresenta como processo histórico por se tratar de um processo estrutural, ou seja, um processo de estruturação e formação social. Neste sentido, as especificidades da dinâmica estrutural do racismo estariam ligadas às características particulares de formação de cada sociedade, uma vez que os processos de formação dos Estados contemporâneos foram produzidos por projetos políticos. Desta maneira, Silvio Almeida (2018, p. 43) conclui que “as classificações raciais tiveram papel importante para definir as hierarquias sociais, a legitimidade na condução do poder estatal e as estratégias econômicas de desenvolvimento.”

Trilhado esse caminho de compreensão em torno das questões da *raça* e do *racismo*, nos resta tratar de um último aspecto importante nessa direção, para o qual Megg Rayara (2020) nos chama a atenção. Ela aponta que, apesar da *raça* não ser uma categoria essencialista e natural, estando sujeita à mudanças e revisões, o grupo racial branco segue ocupando um lugar de referência na sociedade brasileira e a branquitude continua sendo tratada como algo natural, sendo rara a problematização dessas questões. Neste sentido, podemos observar que *raça* é uma categoria geralmente aplicada a pessoas não-brancas, uma vez que as

peças brancas são sempre situadas ao centro, sendo tratadas como a norma humana, não havendo a necessidade, portanto, de serem nomeadas, como se as populações negras, indígenas e mestiças, por exemplo, fossem as únicas a passar por um processo de racialização. Dessa forma:

É sobre o louco e o doente mental que se debruçam os estudiosos na perspectiva de estabelecer os parâmetros de normalidade, da mesma maneira que é sobre os negros que se dedicam os estudiosos para justificar a suposta superioridade racial branca.

O louco ou o doente mental, instituído pelo saber médico no ocidente, é quem viabiliza a existência do sujeito normal, assim como o sujeito racializado, também instituído pelo saber científico ocidental, contribui para a invenção do sujeito branco. (OLIVEIRA, 2020, p. 59-60)

Podemos concluir, portanto, que racializar a branquitude, sexualizar a heterossexualidade e generificar a cisgeneridade são passos fundamentais para a nomeação dos sujeitos e discursos que criam, recriam e sustentam as normatividades e os poderes a elas atrelados.

2.4.2. A criação do dispositivo de racialidade

Sueli Carneiro (2005) encontra na *teoria do Contrato Racial* de Charles Mills, as condições necessárias para estabelecer um diálogo entre a perspectiva genealógica de Foucault e a construção da racialidade como um dispositivo de poder. Para Mills (apud CARNEIRO, 2005), os momentos de inflexão histórica configuram a historicidade do *Contrato Racial*, situada por ele como o conjunto de eventos que constituíram, a partir do final do século XV, as expedições de conquista e posteriormente o imperialismo europeu, o qual é apontado por Sueli Carneiro (2005) como o ponto de emergência do dispositivo de racialidade que tem o *Contrato Racial* como o seu elemento estruturador.

É do entendimento de Mills (apud CARNEIRO, 2005) que o mundo em que vivemos foi moldado nos últimos quinhentos anos, a partir da dominação européia e

da gradual consolidação da supremacia branca a nível mundial. Desta forma, aquilo que conhecemos como o “processo de descobrimento”, teve como resultado a produção de novos poderes, saberes e subjetividades a partir da noção de racialidade, fazendo surgir novos sujeitos-forma através da enunciação do *Outro*. Surgem assim os nativos como o *Outro* dos auto-enunciados homens, e os não-brancos como o *Outro* dos auto-enunciados brancos.

Ainda segundo a leitura de Mills (apud CARNEIRO, 2005), o discurso do contrato seria a língua franca do nosso tempo. Através do que chama de *tropo retórico*, Mills busca anunciar um sistema político não-nomeado que vem historicamente se desenvolvendo dentro de outros sistemas políticos, o que em outras palavras seria a supremacia branca, estruturada por um *Contrato Racial*. Para ele, a construção teórica do *Contrato Racial* se dá a partir de três evidências de ordem: 1) existencial, com o reconhecimento da supremacia branca no mundo; 2) conceitual, com o entendimento da supremacia branca como expressão de um sistema político; e 3) metodológica, com a consideração da supremacia branca como reveladora de um *Contrato Racial*.

Sueli Carneiro (2005) entende o *Contrato Social* como “um contrato firmado entre iguais, no qual os instituídos como desiguais se inserem como objetos de subjugação, daí ser a violência o seu elemento de sustentação” (CARNEIRO, 2005, p. 48). Além disso, ela aponta para o fato do *Contrato Social* ser historicamente datável e localizável nos eventos históricos, como nos casos do colonialismo e das expedições de conquista, trazendo luz também para os desdobramentos desse sistema político não-nomeado na constituição da hegemonia branca, em sociedades fundadas pelo colonialismo e pelo imperialismo branco ocidental.

A construção do dispositivo de racialidade em Sueli Carneiro (2005), tendo o *Contrato Social* como a sua base estruturante, depende da possibilidade de configuração do seu contraponto. Desta maneira, “O dispositivo de racialidade ao demarcar o estatuto humano como sinônimo de brancura irá por consequência redefinir todas as demais dimensões humanas e hierarquizá-las de acordo com a sua proximidade ou distanciamento desse padrão” (CARNEIRO, 2005, p. 43). Esta foi a forma através da qual a burguesia se afirmou como o ideal do *Ser* para os

Outros, instituindo o padrão estético, a sexualidade e a moral desejável para todos, tendo o corpo como a expressão da auto afirmação.

Ao introduzir o dispositivo de racialidade, a partir da articulação sobre o dispositivo de sexualidade em Foucault, Sueli Carneiro (2005) nos explica que:

Temos em Foucault um eu que é dotado de razoabilidade, porque produziu o louco; de normalidade, porque produziu o anormal; e de vitalidade, porque inscreveu o Outro no signo da morte. [...] esse eu, no seu encontro com a racialidade ou etnicidade, adquiriu superioridade pela produção do inferior, pelo agenciamento que esta superioridade produz sobre a razoabilidade, a normalidade e a vitalidade. Podemos afirmar que o dispositivo de racialidade também será uma dualidade entre positivo e negativo, tendo na cor da pele o fator de identificação do normal, e a brancura será a sua representação. Constitui-se assim uma ontologia do ser e uma ontologia da diferença, posto que o sujeito é, para Foucault, efeito das práticas discursivas. (CARNEIRO, 2005, p. 42)

A hipótese central de Sueli Carneiro (2005) em sua tese é de que o *dispositivo de racialidade/biopoder* por ela proposto, contém todos os atributos definidos por Foucault para o termo dispositivo, configurando um campo de significações que compreende as particularidades das relações raciais e das relações de poder nelas inseridas no contexto da sociedade brasileira. Tal dispositivo articula as consequências da operação do dispositivo de racialidade e do biopoder, ambos entendidos como tecnologias de poder, visando “sintetizar tanto os procedimentos disciplinares do dispositivo que sujeitam as racialidades, quanto os processos de vitalismo e morte, nos quais as racialidades se encontram inseridas” (CARNEIRO, 2005, p. 10). Ela entende que o dispositivo de racialidade vem se constituindo historicamente como elemento estruturador das relações raciais no Brasil, tendo o *epistemicídio* como o instrumento operacional que viabiliza a consolidação das hierarquias raciais por ele produzidas, contexto no qual a educação possui imensa contribuição.

Encontramos como o primeiro objetivo estratégico do dispositivo de racialidade, a justificativa para a transformação dos diferentes povos africanos em máquina econômica. É neste sentido que a escravidão teria corrompido o valor do

trabalho, sendo a abolição "o momento da emergência do negro na nova ordem disciplinar que se instaura no Brasil, na passagem de uma economia baseada no trabalho escravo para o trabalho livre" (CARNEIRO, 2005, p. 57). A partir do momento de passagem da escravidão para a "libertação" e o capital, temos também a passagem do negro da história para as ciências, representando a sua transformação enquanto objeto de trabalho para um objeto de pesquisa. Desta forma, com a enunciação do negro como objeto da ciência, um novo campo de saber e poder é estabelecido, constituindo "um espaço de disputa de saber e poder para brancos e entre brancos, o que em contrapartida descarta o negro da condição de produtor de saber e detentor de poder" (CARNEIRO, 2005, p. 59).

A partir do final do século XIX, é possível observar um crescente processo de objetivação do negro nas ciências sociais no Brasil, no qual a notoriedade sempre recai sobre intelectuais brancos especialistas em negros. Neste sentido, Sueli Carneiro (2005) aponta que o saber produzido sobre o negro se construiu a maior parte do tempo desconectado do negro e de suas reivindicações, lhe tomando como informante desse domínio, porém sem o seu acolhimento como sujeito político e de conhecimento, criando áreas especializadas em "conhecer o Outro".

Contemporaneamente, podemos observar esse mesmo fenômeno de desqualificação dos saberes produzidos pelas negritudes sob a forma de epistemicídio, a partir do qual o pensamento do ativismo negro tende a ser desqualificado como fonte de autoridade de saber sobre pessoas negras, enquanto que o discurso de pessoas brancas sobre pessoas negras é legitimado. Essa situação pode ser exemplificada pelo dualismo do discurso militante em relação ao discurso acadêmico, contexto no qual "a não produção e/ou o não reconhecimento de intelectuais negros e a objetivação de militantes negros como fonte primária de pesquisas são fatos que antecipam o tema do epistemicídio" (CARNEIRO, 2005, p. 61).

2.4.3. O mito da democracia racial

A partir da compreensão de que a construção e a manutenção dos poderes provenientes de um dispositivo se dão a partir de discursos de poder, nos resta entender, portanto, qual é o discurso que molda o dispositivo de racialidade no contexto da sociedade brasileira. Neste sentido, Sueli Carneiro (2005) aponta para o *mito da democracia racial* como o discurso que molda as relações raciais no Brasil, indicando que a sua construção e permanência até os dias atuais evidencia sua função estratégica como apaziguador das tensões étnico-raciais.

Em Abdias Nascimento (2016), encontramos o *mito da democracia racial* descrito como um tabu brasileiro, um assunto perigoso e intocável que deve permanecer oculto, dado o perigo que apresenta às estruturas normativas que sustentam a sociedade brasileira. Thales de Azevedo (apud NASCIMENTO, 2016), por sua vez, aponta que o *mito da democracia racial* representa uma ficção ideológica, podendo ser interpretada como uma linha de pensamento mentirosa, sobre a qual a sociedade brasileira se apoia até os dias atuais. Sueli Carneiro, por fim, entende que o *mito da democracia racial*:

[...] corresponde ao desejo de uma auto-representação da sociedade e de representação positiva do país frente ao “complexo de inferioridade interiorizado e legitimado cientificamente.” (Souza, 1977, p. 31). Presta-se à construção de uma identidade positiva para um país cuja realidade concreta impede a realização efetiva de uma ocidentalização, seja racial ou cultural. (CARNEIRO, 2005, p. 63)

Esse desejo de auto-representação diz respeito ao imaginário coletivo, a partir do qual se afirma que, no Brasil, vivemos em uma harmonia racial como nunca antes vista em outras sociedades também marcadas pela colonização. É através desse imaginário, criado a partir de ideais e políticas eugenistas, promovidas e apoiadas pelas ciências brasileiras a partir de meados do século XX, que passamos a observar um movimento de negação da história de origem escravocrata do nosso país, bem como um processo de branqueamento da população, ambos promovidos sob o pretexto de desenvolvimento da nação brasileira que, na realidade, visavam o apagamento e a eliminação das negritudes, dos seus saberes e culturas no longo prazo.

Outro aspecto importante que merece atenção, é o que diz respeito à construção de uma identidade nacional. Em um país majoritariamente formado por pessoas negras, ocupando os piores postos sociais, vivendo em condições miseráveis relacionadas aos mais variados tipos de acesso, habitando os quartos de despejo desse vasto país e estando ainda involuntariamente inserida no mapa da morte e da eliminação através de processos genocidas e epistemicidas, compreender os objetivos estratégicos que passam pela construção desse projeto de identidade nacional se mostra mais do que necessário. Encontramos nesse sentido, um objetivo de legitimação e de naturalização dessas desigualdades que, segundo Abdias Nascimento (2016), aponta para o *mito da democracia racial* como uma metáfora perfeita para o tipo de racismo característico da sociedade brasileira:

[...] não tão óbvio como o racismo dos Estados Unidos e nem legalizado qual o apartheid da África do Sul, mas institucionalizado de forma eficaz nos níveis oficiais de governo, assim como difuso e profundamente penetrante no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural da sociedade do país. (NASCIMENTO, 2016, p. 111)

De forma a compreender a construção e a naturalização desse mito, encontramos em Sueli Carneiro (2005) a indicação de que o dispositivo de racialidade no Brasil criou uma imagem consagrada no imaginário social, a partir da contraposição entre as figuras da casa grande e da senzala:

Para além de nomear uma obra célebre e clássica, constituiu um binômio arquitetônico, que historicamente vem se recriando em arranha-céus & favelas, mansões & cortiços, palafitas, quilombos, malocas etc... Um binômio que também já se autonomizou de sua estrutura empírica para designar, no plano do simbólico, as assimetrias raciais. (CARNEIRO, 2005, p. 70)

A metáfora arquitetônica, aqui representada pelas figuras da casa grande e da senzala, deriva de um processo muito mais amplo de intersecções entre os aspectos da negritude e da territorialidade. Nesse sentido temos, em um primeiro momento, o território brasileiro sendo recortado para fins de colonização e,

posteriormente, na independência e abolição, também sendo usado como forma de impedir que indígenas, africanos e mestiços formassem um novo mapa étnico e geográfico através do seu desenvolvimento, expansão e aperfeiçoamento. Em um segundo momento, encontramos o incentivo oficial da emigração européia para o Brasil, artifício utilizado como forma de destruição física e econômica dos ex-escravizados, antes mesmo da abolição da escravatura em 1888, o que resultou em um processo de extermínio e sufocamento social das população negra, de forma que

[...] Para os novos habitantes planejaram-se núcleos coloniais que dariam nascimento a novas cidades indo-européias [...] e receberam estradas, urbanização, crédito farto, dentre outros benefícios. Nunca os ex-escravos receberam terras, créditos, educação e assistência nesse país. (Mir apud CARNEIRO, 2005, p. 69)

A partir da República, passamos a observar o desenvolvimento de um projeto de nação no qual a coletividade negra se apresenta como não portadora dos elementos civilizatórios e raciais desejáveis para a sua construção. É neste cenário que uma ideia de *meritocracia* passa a ser concebida, como possibilidade de inclusão social do negro nesta lógica, de forma individual, a partir da ideia de que os seus esforços e trabalho poderiam lhe proporcionar o merecimento da ascensão social, de forma que não haveria barreiras para o alcance dessa mobilidade.

Como forma de merecimento de inclusão da população negra neste projeto de nação, temos ainda um outro fator importante de análise: a necessidade de afastamento e de desassociação das marcas físicas e simbólicas da negritude, ou seja, a desracialização e negação de todos os atributos que caracterizam a negritude como tal. Neste sentido, “desracializar-se, recusar ou camuflar a identidade racial no plano dos discursos e das práticas são condições imperativas” (CARNEIRO, 2005, p. 70). Trata-se, em outras palavras, da incorporação e da vivência a partir dos valores da branquitude, enxergando-se como uma pessoa branca, defendendo uma supremacia branca e se fingindo branco, através de um processo de automassacre da subjetividade que, por maior que seja o esforço, jamais trará qualquer tipo reconhecimento ou real pertencimento.

Essa desracialização foi também incentivada como parte do plano de nação, através de políticas eugenistas que enxergavam na miscigenação uma possibilidade de ordem e progresso da sociedade brasileira, a partir do branqueamento da população. Sueli Carneiro afirma que a miscigenação racial no Brasil vem se prestando a diferentes usos políticos e ideológicos, de forma que:

[...] a miscigenação tem se constituído num instrumento eficaz de embranquecimento do país, por meio da instituição de uma hierarquia cromática e de fenótipos que têm na base o negro retinto e no topo o “branco da terra” oferecendo, aos intermediários, o benefício simbólico de estarem mais próximos do ideal humano, o branco. [...] Talvez o termo pardo preste-se apenas para agregar aqueles que, por terem a sua identidade étnica e racial destroçadas pelo racismo, a discriminação e pelo ônus simbólico que a negritude contém socialmente, não sabem mais o que são ou simplesmente não desejam ser o que são. [...] essas diferenciações vêm funcionando, com eficácia, como elementos de fragmentação da identidade negra e coibindo que esta se transforme em elemento aglutinador no campo político, para reivindicações coletivas por equidade racial posto que, ao contrário do que indica o imaginário social, pretos e pardos (conforme a nomenclatura do IBGE) compõem um agrupamento que, do ponto de vista dos indicadores sociais, apresentam condições de vida semelhantes e igualmente inferiores quando comparadas ao grupo branco, razão pela qual, define-se hoje, política e sociologicamente a categoria negro, como a somatória daqueles que o Censo classifica como pretos e pardos. (CARNEIRO, 2005, p. 64-65)

Apesar de até aqui termos tratado, sobretudo, de um processo histórico, não podemos perder de vista os objetivos de eliminação e apagamento, projetados para o futuro, que essas políticas eugenistas e esse plano de nação visavam. Eis que o futuro de um passado não muito distante agora se faz presente, compondo um contexto social no qual:

Apesar de ter fracassado o processo de branqueamento físico da sociedade, seu ideal inculcado através de mecanismos psicológicos que não poderia explicar ficou intacto no inconsciente coletivo brasileiro, rodando sempre nas cabeças dos negros e mestiços. Esse ideal prejudica

qualquer busca de identidade baseada na 'negritude' e na 'mestiçagem', já que todos sonham ingressar um dia na identidade branca, por julgarem superior. (MUNANGA apud CARNEIRO, 2005, p. 65)

É de extrema importância ressaltar que, é sobre esse passado histórico que aqui discutimos, que a sociedade brasileira foi moldada e ainda se sustenta em diversos aspectos. Considerando-se uma perspectiva interseccional *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*, devemos levar em consideração que esses ideais compulsórios de branqueamento, heterossexualização e cisgeneração - os quais visam a manutenção da normatividade, bem como o controle e a eliminação de corpos e subjetividades colocados à sua margem -, não se mantêm somente presentes, mas também enraizados na historicidade do Estado brasileiro, das suas instituições e indivíduos até os dias atuais, trazendo implicações sociais, econômicas, políticas e psicológicas às subjetividades e corpos alvo desses processos.

2.4.4. A associação do biopoder ao dispositivo de racialidade

Diante da contextualização e da historicização a respeito do dispositivo de racialidade que trilhamos até aqui, é necessário ainda compreender de que forma o *biopoder* se associa a esse dispositivo. É do entendimento de Sueli Carneiro (2005) que as sociedades multirraciais concebidas a partir da colonização, absorveram o dispositivo de racialidade como instrumento disciplinar das relações raciais, disciplinando tanto as relações de raça nas sociedades pós-coloniais, como as relações de soberania entre nações racialmente inferiorizadas, em um contexto no qual o *biopoder* possui papel fundamental.

A partir de uma leitura Foucaultiana, encontramos uma distinção entre as tecnologias de poder instituídas pelos dispositivos disciplinares e as novas tecnologias de poder instituídas pelo *biopoder*. Encontramos os *dispositivos* como tecnologias de poder com objetivos de adestramento de corpos e subjetividades, os quais surgem, no contexto brasileiro, como esforço de modernização no período

pós-abolição. O *biopoder*, por sua vez, se apresenta em uma dimensão mais ampla, operando sobre a lógica de distribuição da vida e da morte. Desta maneira, somando-se o *biopoder* ao *dispositivo de racialidade*, teríamos portanto um dispositivo de poder híbrido, responsável pela hierarquização racial e pela regulação e distribuição da vida (CARNEIRO, 2005).

Para Foucault, é a função estratégica que o racismo irá cumprir que se coloca como novo elemento na transição das tecnologias de poder disciplinares para a tecnologia instaurada pelo biopoder. Nesse sentido, encontramos em Foucault duas principais funções relacionadas ao racismo, sendo a primeira delas uma censura de tipo biológico, na qual possíveis predisposições genéticas se aliam com a produção de condições de vida diferenciadas, a partir da noção de raça, enquanto que a segunda função diz respeito à eliminação daqueles tidos como inferiores, impuros e anormais, promovendo uma assepsia social. Desta forma, como elemento distribuidor de vida e de morte, o *biopoder* seria responsável por uma função de corte entre aqueles que devem viver ou morrer, promovendo uma sociedade supostamente mais pura e sadia.

É do entendimento de Sueli Carneiro (2005) que o biopoder passa a atuar como estratégia de eliminação do *Outro* indesejado, a partir do momento em que, para o dispositivo de racialidade, não existe mais interesse em disciplinar ou subordinar esse *Outro*. Esse campo de interesses estaria atrelado ao capitalismo e suas estratégias, para o qual o *biopoder* foi elemento fundamental e indispensável ao seu desenvolvimento, de forma que:

A definição dos corpos adequados para suportar esse processo de desenvolvimento capitalista num processo de industrialização nascente irá determinar no Brasil os estoques raciais adequados para essa tarefa. As predisposições raciais definidas para cada grupo humano irão suportar essas escolhas. Os ajustamentos dos fenômenos de população se darão, de um lado, pela política imigratória, como anteriormente referido, e, de outro, pelo contrato racial em que o embranquecimento é tanto um projeto estético e eugênico, como uma estratégia de promoção dos grupos raciais considerados adequados para sustentar o processo de modernização econômica. (CARNEIRO, 2005, p. 75)

Para que esse processo de modernização econômica fosse possível, foi necessária a produção de corpos dóceis, o seu adestramento e a maximização de sua rentabilidade física, contexto no qual o *dispositivo de racialidade* vem cumprindo essa função. Por outro lado, os corpos que se mostram pouco valiosos para os interesses capitalistas ou que não se permitem adestrar ou docilizar, passaram a ser enquadrados sob a lógica do *biopoder*, na qual o racismo se apresenta como “elemento legitimador do direito de matar, intrínseco ao poder soberano, sendo exercido pela ação ou omissão do Estado nas sociedades disciplinares” (CARNEIRO, 2005, p. 77).

É justamente a partir da ação ou da omissão promovida pelo Estado brasileiro que podemos observar a inscrição das negritudes, das não-hétero sexualidades e das transgeneridades sob o signo da morte e, portanto, os efeitos concretos do *biopoder*. A partir desse contexto, encontramos também a explicação para o abismo que se configura em infinitas desvantagens sociais para quem é alvo de controle e/ou eliminação por parte das normatividades, do mesmo modo que se configura em infinitas vantagens para aqueles que nelas se enquadram e as sustentam. Neste sentido, a partir da perspectiva da racialidade - a qual também diálogo diretamente com os contextos das não-hétero sexualidades, das transgeneridades e das demais não-normatividades -, Sueli Carneiro conclui que:

[...] sob a égide do biopoder no pólo subordinado da racialidade, as desvantagens se manifestam desde a infância, em que se acumulam predisposições genéticas com condições desfavoráveis de vida para inscrever a negritude sob o signo da morte. Como contraponto, na branquitude se configura o vitalismo como signo que se consubstancia na maior expectativa de vida, nos menores índices de mortalidade e morbidade como consequência de seu acesso privilegiado aos bens socialmente construídos. (CARNEIRO, 2005, p. 78)

Diante de todo o contexto apresentado até aqui, podemos concluir que o quadro de miséria crônica, de extermínios que se configuram como genocídio, de aniquilação moral, intelectual e subjetiva que se configuram como epistemícidio, de tratamento subalternizado e de ausência de políticas públicas que se mostram como

realidade concreta da população negra, não possui nada de aleatório, se agravando ainda mais quando consideramos a intersecção das racialidades com outros contextos não-normativos. O que podemos observar na realidade, é um contexto repleto de intencionalidades, estratégias e artimanhas, as quais inscrevem as populações em contexto *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*, bem como em outros contextos não-normativos, sob o plano de morte do biopoder.

2.5. Epistemicídio

A partir do trajeto de compreensão que trilhamos até aqui, podemos afirmar que a grande questão que se coloca diante das diferentes formas de opressão, preconceito e violência, não seria propriamente a ignorância, mas sim a pedagogia normativa que cria, legitima e naturaliza esse estado de violências. Esse entendimento é fundamental para compreendermos que, em vez da existência de uma suposta inconsciência ou ignorância por parte do senso comum normativo, o que existe na verdade é uma cumplicidade profunda e direta com essas práticas, o que não permite qualquer margem para isenções, tal como as normatividades pretendem.

Diante desse cenário de cumplicidade e alinhamento às práticas violentas geradas pelo sistema normativo, através das *cisnormatividades*, dos *dispositivos de poder* e do *biopoder*, passamos finalmente a discutir o *epistemicídio*, o qual se apresenta como elemento constitutivo e integrante desses dispositivos. A partir do que propõe Sueli Carneiro (2005), a noção de *epistemicídio* articulada ao *dispositivo de racialidade/biopoder* explica e dá um diagnóstico sobre a situação da população negra frente à educação, sendo tratada a partir das três dimensões articuladas pelos dispositivos: 1) os saberes, 2) os poderes e 3) a subjetivação.

O conceito de epistemicídio utilizado por Sueli Carneiro (2005) foi extraído da reflexão de Boaventura de Sousa Santos, sendo integrado ao *dispositivo de racialidade/biopoder* como um dos seus operadores, uma vez que apresenta tanto as características disciplinares do *dispositivo de racialidade* quanto as de anulação e morte do *biopoder*. É, portanto, através do *epistemicídio* enquanto operador do

dispositivo de racialidade/biopoder, que as estratégias de inferiorização intelectual das populações negras, indígenas e mestiças, bem com da sua anulação enquanto sujeitos de conhecimento se realizam, ao mesmo tempo em que a supremacia intelectual da racialidade branca se consolida como tal.

Sueli Carneiro (2005) acredita que, a partir do *epistemicídio*, podemos compreender o processo de destituição da racionalidade, da cultura e civilização do Outro. Segundo este autor, o conceito de *epistemicídio* decorre do modo de operação do empreendimento colonial, tendo alcançado a sua plena formulação no racialismo do século XIX, de forma que:

[...] o genocídio que pontuou tantas vezes a expansão europeia foi também um epistemicídio: eliminaram-se povos estranhos porque tinham formas de conhecimento estranho e eliminaram-se formas de conhecimento estranho porque eram sustentadas por práticas sociais e povos estranhos. Mas o epistemicídio foi muito mais vasto que o genocídio porque ocorreu sempre que se pretendeu subalternizar, subordinar, marginalizar, ou ilegalizar práticas e grupos sociais que podiam ameaçar a expansão capitalista [...] (SANTOS apud CARNEIRO, 2005, p. 96)

Para ele, o *epistemicídio* significou ainda um imenso e irreversível empobrecimento das possibilidades de conhecimento, o que se deu a partir do aniquilamento das diversidades epistemológicas que não encontravam compatibilidade com as práticas hegemônicas. A partir desse contexto, podemos observar o colonialismo e o racismo se constituindo como um “aparato global de destruição de corpos, mentes e espíritos” (CARNEIRO, 2005, p. 101-102).

Em sua leitura sobre o *epistemicídio*, Sueli Carneiro vai além da definição de Boaventura Santos, afirmando que:

[...] o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso a educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de

discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento "legítimo" ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a seqüestra, mutila a capacidade de aprender etc.

É uma forma de sequestro da razão em duplo sentido: pela negação da racionalidade do Outro ou pela assimilação cultural que em outros casos lhe é imposta.

Sendo, pois, um processo persistente de produção da inferioridade intelectual ou da negação da possibilidade de realizar as capacidades intelectuais, o epistemicídio nas suas vinculações com as racialidades realiza, sobre seres humanos instituídos como diferentes e inferiores [...], uma tecnologia que integra o dispositivo de racialidade/biopoder, e que tem por característica específica compartilhar características tanto do dispositivo quanto do biopoder, a saber, disciplinar/ normalizar e matar ou anular. É um elo de ligação que não mais se destina ao corpo individual e coletivo, mas ao controle de mentes e corações." (CARNEIRO, 2005, p. 97)

A construção do negro como *Não-ser*, segundo o que propõe Sueli Carneiro (2005), passa também pelo epistemicídio, encontrando explicação no *Contrato Racial* de Charles Mills. A dimensão epistemológica do *Contrato Racial* seria a responsável por prescrever as normas de cognição com as quais os signatários do contrato teriam que concordar, forjando assim uma realidade paralela que se difere da realidade concreta. Vemos neste contexto, o surgimento de uma epistemologia invertida, tratada também como uma *epistemologia da ignorância*, na qual as pessoas seriam ensinadas a ver o mundo erroneamente, porém certas de que essa visão errônea representa a realidade de fato, uma vez que haveria a validação por parte da autoridade epistêmica que se encontra no centro do poder, aqui representada pelas normatividades.

No que diz respeito à racialidade, Charles Mills (apud CARNEIRO, 2005) aponta para o fato de que fenômenos como *a interpretação errada, a representação errada, a evasão e o auto-engano* não se dão de forma acidental, caracterizando um dos mais generalizados fenômenos mentais dos últimos séculos. Esses fenômenos,

oriundos dos termos prescritos pelo *Contrato Racial*, exigem na verdade um certo grau de cegueira e insensibilidade voluntárias, de forma que a sociedade possa se estabelecer e se manter organizada a partir da lógica normativa.

Como forma de compreender o contexto contemporâneo da ação do *epistemicídio* sobre sociedade brasileira, precisaremos novamente recorrer à história. Sueli Carneiro (2005) indica que o *epistemicídio* teria sido inicialmente empreendido pela Igreja Católica, como tentativa de supressão do conhecimento a partir de processos de controle, censura e condenação pela disseminação de idéias. Foi também através da Igreja Católica que a escravidão negra encontrou legitimação e respaldo, a partir da concepção cristã de que o negro não possuía alma e que, portanto, dispensava tratamento humano, de forma que “A ausência de alma, no lugar do que posteriormente seria o lugar da razão, no contexto da laicização do Estado moderno, será o primeiro argumento para afirmar à não-educabilidade dos negros” (CARNEIRO, 2005, p. 104).

Com a abolição do regime escravocrata e a passagem para a República, passamos a observar três movimentos importantes para a compreensão do *epistemicídio* no Brasil: 1) o surgimento do racismo científico; 2) o controle da quantidade dos que teriam acesso à escola pública; e 3) o controle do acesso ao ensino de qualidade. É a partir do surgimento do racismo científico no Brasil que os procedimentos de contenção, exclusão e assimilação da população negra frente aos processos educacionais se iniciam, uma vez que a partir da sua suposta “libertação”, passavam a assumir a condição de liberto indesejado como cidadão. A partir da compreensão de que o *epistemicídio* “se realiza através de múltiplas ações que se articulam e se retroalimentam, relacionando-se tanto com o acesso e/ou a permanência no sistema educacional, como com o rebaixamento da capacidade cognitiva do alunado negro” (CARNEIRO, 2005, p. 114), Sueli Carneiro aponta para o fato de que a exclusão racial que se dá a partir do controle do acesso, do sucesso e da permanência no sistema educacional, é um fenômeno que se mantém sempre verdadeiro e atual, dada a capacidade de articulação que o *epistemicídio* apresenta. (CARNEIRO, 2005)

A questão do acesso à educação ocupa um lugar central na reflexão de Sueli Carneiro (2005) sobre o *epistemicídio*, uma vez que é a garantia a esse acesso

que possui o potencial de proporcionar as condições sociais básicas para qualquer possibilidade de equidade e justiça social. Neste sentido, ela situa o acesso à educação como "a garantia de abertura de oportunidades no espaço público e de efetivas condições da população negra para beneficiar-se das mesmas" (CARNEIRO, 2005, p. 111). Desta forma, a impossibilidade do acesso à educação será, portanto, um elemento estratégico dentro da arquitetura do *dispositivo de racialidade*, enquanto que as desigualdades raciais naturalizadas no âmbito da educação se apresentam como efeitos de poder.

Sueli Carneiro (2005) entende que o controle e a distribuição das oportunidades educacionais no Brasil vêm, ao longo do tempo, instituindo uma ordem social racialmente hierárquica, uma vez que a educação se apresenta como o instrumento mais relevante para a ascensão social, sendo negligenciada às populações mais pobres e socialmente vulneráveis. É a partir desse contexto que a administração das oportunidades educacionais possibilitou duas questões fundamentais: 1) a promoção da exclusão racial da população negra; e 2) a promoção social das pessoas brancas de classes subalternas, fatores que, ao longo do tempo, consolidaram o embranquecimento do poder e da renda, bem como a despolitização da problemática racial.

O trajeto aqui trilhado para a compreensão do *epistemicídio* e da sua historicidade pode ser resumido a partir das palavras de Sueli Carneiro (2005), para quem:

[...] a história do epistemicídio em relação aos afro-descendentes é a história do epistemicídio do Brasil, dado o obscurantismo em que o país foi lançado em sua origem. O projeto de dominação que se explicita de maneira extrema sobre os afrodescendentes é filho natural do projeto de dominação do Brasil, um sistema complexo de estruturação de diferentes níveis de poder e privilégios. Coube aos africanos e seus descendentes escravizados o ônus permanente da exclusão e punição. (CARNEIRO, 2005, p. 104)

Diante desse contexto, temos como ponto de partida o entendimento de Sueli Carneiro (2005) sobre o *epistemicídio*, a partir da perspectiva da racialidade,

como forma de compreender os saberes, os poderes e as subjetivações que se dão a partir da ação do sistema normativo, com reverberações profundas sobre as populações *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* e não-normativas. Desta forma, sendo a raça uma categoria estrutural que determina hierarquias sociais, podemos também estender essa compreensão às categorias das sexualidades e dos gêneros, uma vez que essas compartilham das mesmas características de hierarquização e controle, configurando igualmente domínios de poder.

É a partir da perspectiva de exploração e análise dos processos de *epistemicídio* sobre as populações *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*, que encontramos também a necessidade de reconhecer os saberes que surgem desse mesmo contexto interseccional, de modo a afirmar um contraponto de resistência, transgressão e revolução frente aos aniquilamentos e apagamentos históricos promovidos pela ação do sistema normativo.

PARTE 2: SABERES
BYXA-PRETA-CABOCLA-DE-QUEBRADA (O ESPELHO
DA COLETIVIDADE)

1. Ancestralidades, origens e heranças

1.1. Heranças do colonialismo

Abordar os aspectos das ancestralidades, origens e heranças que carregamos a partir das nossas experiências e histórias, é falar diretamente sobre os pontos de partida, sobre os deslocamentos históricos e sobre as raízes culturais e existenciais que marcam as nossas trajetórias, bem como sobre todos os ônus e bônus que carregamos enquanto herança no presente histórico a partir dessa historicidade.

A partir do debruçamento sobre as nossas histórias, podemos observar como as nossas experiências são fortemente marcadas pelo aspecto racial da negritude, através do qual apesar de herdarmos um grande legado ancestral de potência, criatividade, intelectualidade, espiritualidade, liberdade, coletividade e transgressão, carregamos também o histórico das incontáveis violências e deslocamentos forçados que se deram através do contexto da escravização e da diáspora dos povos africanos, a partir da colonização europeia que reverbera sobre os nossos corpos, subjetividades, trajetórias, relações, possibilidades e oportunidades até os dias atuais.

Diferente do que proclama a pedagogia normativa, a partir da história acrílica de formação e constituição do nosso país, a escravização dos povos africanos e o genocídio dos povos indígenas no Brasil não foi um mero acontecimento, fruto de um passado distante e desconectado da realidade atual, mas sim um processo violento, profundo e duradouro que persiste até os dias atuais e que se mostra como chave para a compreensão das desigualdades e dos desafios sociais que atualmente vivemos, a partir do resultado de um movimento cíclico que visa perpetuar uma suposta superioridade e dominação, autoproclamadas há pouco mais de 500 anos por uma normatividade eurocentrada que coloca a branquitude, a

masculinidade, a heterossexualidade, a cisgeneridade e a busca pela posse no centro da existência humana.

Considerando que o regime escravista no Brasil foi oficialmente abolido somente no ano de 1888, o que soma exatamente 135 anos em 2023, isso significa dizer que é muito provável que as gerações anteriores às nossas bisavós e bisavôs tenham vivido em um contexto de escravidão, impactando assim os trajetos, oportunidades e acessos das gerações seguintes - incluindo a nossa -, fato que geralmente passa despercebido por muitos de nós e por grande parte das pessoas racializadas do nosso país, em grande parte devido às dificuldades e impossibilidades colocadas pelo sistema normativo em nossos caminhos, como forma de impossibilitar o acesso a recursos e conhecimentos que nos permitam nos desenvolver e viver dignamente a partir de quem somos, bem como de compreender os processos políticos e históricos que nos antecedem e que reverberam diretamente sobre as histórias que carregamos no presente.

É importante também lembrarmos que a história do colonialismo e da escravidão no Brasil é marcada pela tentativa de dominação dos povos indígenas e originários desta terra, a partir da sua escravização, do saqueamento das suas riquezas e saberes, da invasão cultural e da catequização forçada em seus territórios o que, ao longo dos anos, culminou no extermínio de incontáveis povos indígenas e de toda a sua complexidade cosmológica, além da gigantesca degradação ambiental que hoje vivemos e presenciamos. Muitas de nós, pessoas *byxa-preta-de-quebrada*, também carregamos ancestralidades indígenas - o que nos situa no lugar de uma racialidade mestiça preta e cabocla -, porém todo o processo de genocídio e epistemocídio ao qual fomos historicamente e geracionalmente sujeitadas, nos afastou da possibilidade de conviver e minimamente reconhecer essas heranças.

Se por um lado a história do nosso país e, por consequência, as nossas próprias histórias e trajetórias enquanto pessoas *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*, são marcadas pelas ações violentas do colonialismo e do sistema normativo, por outro lado elas são também marcadas pelo movimento transgressor e revolucionário que nos permitiu chegar até aqui e nos manter vivos, rompendo ciclos de dominação e exploração de séculos.

1.2. Espiritualidades e subjetividades

Já sabemos que parte crucial do processo de colonização europeia mundo afora, foi forçar a sua sobreposição em relação às demais culturas e cosmologias, a partir de instrumentos como o mercantilismo e a cristianização, impostos violentamente como formas de dominação e proclamação de uma verdade universal sobre as maneiras corretas de ser, de existir e de se organizar socialmente.

É a partir deste contexto que encontramos outro ponto de encontro entre as nossas histórias *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*, o qual diz respeito ao aspecto das espiritualidades que também se constituem como parte da herança que carregamos e que em um primeiro momento são marcadas pela compulsoriedade do cristianismo e dos seus dogmas como caminho obrigatório a ser seguido em um país historicamente catequizado, conforme podemos observar em todas as narrativas usadas como fonte desta pesquisa:

A minha família sempre foi muito católica, muito católica...minha avó, minha mãe e eu acabei seguindo um pouco o caminho. A minha avó me levava pra missa, a minha mãe sempre me levava para a catequese e eu fui meio que entrando nesse caminho também. (QUARESMA, Rafael. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 18 jun. 2021, p. 175)

Eu sou católico não praticante, como dizem. É mais pela minha família mesmo, que é uma família católica. Eu sou devoto de Nossa Senhora Aparecida, eu tenho a minha fé e minha religião, mas eu não costumo ir mais em igrejas e missas. (RODRIGUES, Rafael. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 17 jul. 2021, p. 231)

Eu sempre falei pra minha mãe e pra minha família. Todo mundo é católico. A minha mãe adora as imagens dela, que é Nossa Senhora da Aparecida, que é uma santa negra, mas eu não tenho religião. O meu irmão - eu falo que é o gay mais novo, porque tem o gay mais novo, o gay do meio e o gay mais velho -, é do candomblé. O meu outro irmão é católico, ele é negro mas ele fala que não é negro. Então eu tenho essa distância com religião porque toda vez que eu ia pra igreja quando eu era criança, o pastor ou o

padre gritava demais e eu dormia. Eu não tenho religião e também acredito que o meu deus não é branco dos olhos azuis e dos cabelos ondulados, não faz sentido pra mim, ele não me representa. (MOURA, Ton. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 14 ago. 2021, p. 250)

Ao mesmo tempo que eu creio muito, eu descreio muito também, então eu já passei por muitos lugares. Na infância foi mais a igreja católica, depois a evangélica e aí eu percebi que esses espaços são uma merda e que eu não queria estar por ser muito violento. (DY CÓRTEZ, Luna. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 02 out. 2021, p. 167)

Para além do aspecto meramente acessório de uma religiosidade a ser seguida enquanto crença obrigatória, a compreensão sobre as espiritualidades que encontramos em nossas histórias se dá a partir de uma dimensão muito mais profunda, que dialoga com o entendimento e também com a conexão que passa pelas nossas subjetividades, pela coletividade e pela realidade das diferenças sociais que nos cerca.

Ao sermos impedidos de ser quem somos e ao não encontrarmos identificação existencial, acolhimento e possibilidades de convivência na maioria das instituições cristãs, nos deparando, ao contrário, com uma série de violências decorrentes dos lugares existenciais e interseccionais que ocupamos, podemos observar que, em certos casos, existe um movimento de total ruptura com essas crenças (como nas histórias de Luna Dy Córtes e Ton Moura, por exemplo), enquanto que em outros observamos um movimento de ruptura somente com as doutrinas e dogmas cristãos, onde a espiritualidade não é deixada de lado, mantendo-se os princípios cristãos, agora ressignificados, como fonte norteadora da fé, como podemos observar nas histórias de Rafael Quaresma e Rafael Rodrigues:

Quanto à religião, quanto à fé católica, eu vi um local que realmente era muito inóspito pra mim, pela violência, pelo que a própria fé diz sobre relações homoafetivas, por isso eu não via como um lugar pra mim. Porém, pelo fato de eu ter crescido num ambiente católico, da minha família sempre ser praticante, isso acabou deixando a minha fé lá. Hoje eu não tenho essa vivência de ir na igreja, de ir em missa, de ir em encontro, mas ainda assim eu creio na paternidade divina, na minha filiação, na minha fé. As minhas

orações não são tão frequentes mas existem, eu tenho essa relação, mas não é aquela vivência da doutrina e do dogma. (QUARESMA, Rafael. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 18 jun. 2021, p. 207)

Eu ia bastante com a minha mãe, quase todos os domingos a gente ia pra missa, mas conforme eu fui crescendo, eu fui deixando de ir presencialmente à igreja, mas sempre mantendo a minha fé, o que acredito e a minha reza. Eu sempre falo que pra você ter fé ou acreditar em um deus, você não precisa estar numa igreja 24 horas, você não precisa tá lá todo domingo, ajoelhado, orando, não precisa, pelo menos ao meu ver. Não é só porque eu não frequento mais a missa que eu deixei de acreditar ou de ter fé naquilo que eu acredito. (RODRIGUES, Rafael. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 17 jul. 2021, p. 231)

Romper com essas instituições religiosas, não significa necessariamente romper com as nossas espiritualidades, uma vez que essa se mostra como parte indissociável e fundamental de quem somos. Esse rompimento pode ser encarado na verdade como mais um dos nossos movimentos transgressores na busca pela compreensão de quem verdadeiramente somos, dos lugares que ocupamos socialmente e também dos lugares que queremos ocupar, buscando por saberes e perspectivas outras que verdadeiramente se relacionem com os nossos lugares existenciais *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*, uma vez que a crença cristã, quando convertida em fundamentalismo religioso que promove uma linha de pensamento concebida através das diferentes normatividades e em prol da disseminação e manutenção das mesmas, reverbera negativamente sobre as nossas espiritualidades, corpes, subjetividades e trajetórias de diferentes formas.

No meio deste movimento, podemos observar também que esses rompimentos muitas vezes nos levam ao encontro com as tradições de terreiro que passam pelo Candomblé, que parte de uma cosmovisão de origem africana, e também pela Umbanda, por exemplo, que se dá a partir da fusão sincretizada de cosmovisões africanas, indígenas e, por vezes, cristãs :

Ser católico hoje em dia, eu sempre falo pra minha mãe e fico batendo na mesma tecla, é negar toda a minha ancestralidade, quem eu sou, sobre ser negro, então eu não vejo essa necessidade de ter uma religião. Eu sei que

eu adoro um deus que é negro, os Orixás também e toda a força da natureza, que é isso que faz o mundo girar e a gente respirar. Não é um deus branco dos olhos azul que a galera coloca num quadro na parede. Até respeito quem é, mas eu não tenho religião e essas histórias me afastam. (MOURA, Ton. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 14 ago. 2021, p. 250)

Ir para a igreja só aconteceu na época que eu morava com a minha mãe. Quanto às outras religiões, as pessoas sempre me perguntam se eu sou do Candomblé ou da Umbanda, por eu fazer dança africana, e eu falo “Não, gente. Não precisa ser”. Eu tenho total respeito, amo também, tenho vários amigos que são do Candomblé e da Umbanda, vou em festas, já fui em festa de terreiro, amo também, se for comida me chama que eu vou e já tô lá. Eu já cheguei também a me consultar com entidades, Preto Velho, Maria Padilha, e eu acredito super, são coisas que super batem, mas mesmo assim eu não deixei de ser católico. É uma outra religião que, se eu não fosse católico, eu gostaria de ser. Eu só não fui em igreja evangélica e também não pretendo, não quero. É um outro olhar que eu tenho da igreja evangélica, por eles marginalizarem o gay, o preto etc. Eu já ouvi várias histórias de dedos apontados pros outros e me parece que são eles que fazem o que dizem que não deveria ser feito, enquanto a gente não, a gente só vive e acredita naquilo que é. Eu acredito que tendo o respeito acima de tudo, eu vou onde eu quero ir, seja no Candomblé, na Umbanda, na igreja, na missa católica eu tô lá, sempre acreditando na minha fé. (RODRIGUES, Rafael. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 17 jul. 2021, p. 231-232)

Passaram-se uns anos e eu tive outras relações com o Budismo, com o Hare Krishna, e aí depois, um pouco mais velha, eu fui ter experiências de ir em casa de Umbanda, mas muito enquanto público mesmo, conversando com a entidade, porque eu nunca fui de nenhuma casa. (DY CÓRTEZ, Luna. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 02 out. 2021, p. 167)

Em todos os casos acima, apesar de não serem adeptes dessas culturas de terreiro, no sentido de participar ativamente dessas comunidades ou de assumir os compromissos espirituais que elas acarretam, podemos observar que existe não somente uma aproximação com elas, como também uma identificação existencial e

a possibilidade de acolhimento que raramente conseguimos encontrar dentro das instituições cristãs.

Nos aproximar das nossas ancestralidades negras e indígenas, bem como das cosmovisões e saberes que elas carregam, é um custoso e longo processo de aprendizado e reapropriação, conforme nos mostram as nossas histórias e também pontua Cleydson Catarina, uma vez que vemos a pedagogia normativa agir sobre as nossas vidas na direção contrária, de forma a nos afastar de tudo aquilo que nos remete às nossas ancestralidades com objetivos de aprisionamento e aniquilação das nossas subjetividades:

Eu estava dentro de uma favela, dentro de um terreiro de Umbanda que eu não conhecia - que aconteceu uma coisa incrível nesse terreiro -, e dentro desse processo, quando eu vejo esses santos que não estão mais no altar, parece que foi uma explosão. Mas isso foi uma construção, eu fui construindo, porque teve o silenciamento da Igreja Católica, não só da igreja, mas dentro de uma sociedade. (CATARINA, Cleydson. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 23 out. 2021, p. 140-141)

Além do silenciamento imposto pela Igreja Católica, bem como por toda uma sociedade normativa, vemos na história de Cleydson Catarina outro aspecto que nos chama a atenção, pela forma como ele se define através das suas ancestralidades preta e cabocla, colocando os caboclos à sua frente:

Meu nome é Antônio Cleydson da Silva Catarina e eu venho de uma família cabocla e preta. Eu boto sempre os caboclos na frente porque eu acho que aprendi com os baianos. Em Acupe, um distrito de Santo Amaro da Purificação, eles falam que primeiro saúdam os caboclos que são os donos da terra e eu acredito também nisso. Eu venho de uma família periférica e também sertaneja, então eu aprendi isso. (CATARINA, Cleydson. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 23 out. 2021, p. 124)

Seja no contexto das comunidades de Umbanda ou de Candomblé que cultuam caboclos e caboclas, essas entidades são compreendidas como espíritos indígenas, a partir não somente do reconhecimento dessa ancestralidade que

também constitui muitos de nós, como também do reconhecimento dos povos indígenas como os primeiros habitantes e guardiões desta terra que hoje chamamos de Brasil.

O termo caboclo também é normalmente utilizado para indicar miscigenações com os diferentes povos indígenas, o que tanto no contexto da minha história como na de Cleydson Catarina diz respeito mais diretamente à miscigenação entre os nossos ancestrais negros e indígenas, indo de encontro à definição do tupinólogo Eduardo de Almeida Navarro (2013), o qual defende que esse termo inicialmente designava a miscigenação entre pessoas indígenas e africanas e que, posteriormente, passou a se referir também à miscigenação entre mulheres indígenas e homens brancos, bem como entre mestiços de caboclos e brancos. No meu contexto, por exemplo, o meu pai sempre reconheceu a nossa origem cabocla, entendendo esse termo a partir da miscigenação que ocorreu entre a minha bisavó Mãenhota, que era indígena, e o meu bisavô Painhoto que era negro.

O processo anteriormente narrado por Cleydson Catarina em um terreiro de Umbanda - vendo e tendo contato com as entidades e os Caboclos que não estavam somente em um altar em forma de imagem, mas sim em sua frente -, é carregado de profundo significado e simbolismo, sendo muito semelhante ao processo experienciado por mim na minha espiritualidade junto ao Candomblé. Nos reconhecer a partir das nossas ancestralidades indígenas e afrodiaspóricas, a partir do contato e da conexão direta com as nossas divindades, é um processo que acarreta reconhecer e enxergar a nós mesmas, a partir do reconhecimento das nossas trajetórias e das características subjetivas e intersubjetivas que carregamos. Mesmo em contextos urbanos muito distantes do que os nossos ancestrais viveram, ainda carregamos a sua genética, a sua história e os seus saberes, por mais que muitas vezes não tenhamos plena consciência disso ou das questões que isso nos acarreta.

A partir da contextualização histórica que aqui já foi trazida, se faz necessário compreender que o sistema normativo cria um movimento cíclico de ruptura e desconexão com as nossas histórias e ancestralidades, o que significa compreender também que esse movimento cria uma ruptura com uma parte

significativa e fundamental de quem somos, bem como com o todo espiritual, ecológico e social do qual fazemos parte, de forma que somos afastadas da possibilidade de reconhecer e compreender a história que passa pelas nossas experiências e ancestralidades, o que por consequência nos afasta da possibilidade de pleno desenvolvimento subjetivo, intelectual, social e político, bem como da compreensão de quem somos e das estruturas político-sociais que nos cercam.

Indo na contramão desse movimento de desconexão, encontramos em nossas histórias um fato curioso: somos todes artistes, de forma que existe um aspecto das nossas espiritualidades que passa justamente por um lugar de conexão que se dá a partir da arte que fazemos, a qual emana diretamente dos lugares existenciais que ocupamos, das nossas histórias, das nossas experiências e também da cultura *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* na qual estamos inserides, o que também nos permite compreender que a arte que fazemos é mais uma das heranças que carregamos a partir das nossas ancestralidades e que, a partir do exercício, do aprofundamento e da busca por essa arte, estamos também cultivando e exercendo as nossas ancestralidades e espiritualidades, a partir de uma perspectiva de conexão com quem somos e com as nossas raízes, bem como de interconexão com a coletividade.

Podemos ver essa questão muito presente na história de Cleydson Catarina, herdeiro da cultura do Reisado, que a situa como uma forma de espiritualidade sertaneja e popular, através da qual conheceu o teatro que é um dos pilares da sua sobrevivência e que lhe permitiu encontrar um lugar existencial e de fala:

É muito engraçado o meu nascimento, porque na minha história eu tenho uma história de devoção. Eu venho das manifestações tradicionais e através delas eu encontro com o teatro que é muito importante pra mim - acho que estou vivo por causa disso - , não como o “teatro salvação”, nada disso, mas como pessoa, como um local, porque a gente vem de um local muito de silêncio, de uma não educação da fala, então acho que o teatro me traz isso, ele me traz esse local de falar. [...] E nasce eu, com vários probleminhas de saúde e a minha mãe entrega - com essa devoção tradicional que não é dessa igreja ortodoxa, essas manifestações que são bem tradicionais, essa espiritualidade que é muito sertaneja, que é muito do povo -, a minha mãe entrega ao divino Espírito Santo com essa palavra que

é pesadíssima “Que não seja gay, que não seja ladrão e que seja um bom homem. Se ele não for isso, que fique vivo...” e esse é um peso cultural e religioso. Eu entro nas devoções do Reisado, porque quando nasce uma criança com um problema vai fazendo o trabalho de Reisado, e eu entro nesse processo do Reisado, nas cantigas, nas brincadeiras, mas sempre levando esse peso. (CATARINA, Cleydson. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 23 out. 2021, p. 124-126)

Ao mesmo tempo em que vemos a tradição popular do Reisado como algo de extrema importância na formação subjetiva, social e humana de Cleydson Catarina, ele também nos lembra que foi através de uma herança cultural popular e cristã que sua mãe herdou o preconceito da homofobia que acabou por se tornar um peso para ele. Não podemos deixar de considerar esse peso, que é também uma marca comum à maior parte das narrativas aqui presentes: a partir dessa herança cristã fundamentalista, fruto de uma pedagogia normativa, quem é que deseja ter um filho LGBTQIAPN+? É dessa forma que podemos compreender que o preconceito contra quem somos, soma mais uma parte dessa herança colonial que alimenta o sistema normativo.

Ao falar sobre o seu trabalho com as máscaras no Reisado, Cleydson Catarina evidencia que a sua espiritualidade nasce das culturas populares, mas também muito fortemente da Umbanda e do Candomblé, por mais que não se diga atuante nessas comunidades:

Quando eu comecei a fazer as caretas ano passado, na pandemia, eu não tinha pra onde rezar. Minha família estava na periferia, trabalhando com seus comércios que não podia fechar, tinham que ganhar seu pão, de todas as mulheres nenhuma pegou Corona, e eu comecei a fazer careta - máscara -, na minha casa, numa sala bem pequena, e eu preenchi as paredes todas, era o meu modo de “rezar”, porque eu lembrei que um dia, num jogo de búzios, me disseram assim “Essa Oxum é da sua família já faz muito tempo”, então eu disse “Eu vou começar a fazer caretas para pedir a ela pra proteger a minha família”, eu vou pedir aos meus porque na minha ancestralidade são só os meus que vão cuidar dos meus. Então eu comecei esse processo tentando desconstruir essa espiritualidade que você tem que

rezar assim, você tem que fazer assim, eu acho que isso pode ser uma descolonização.

Eu comecei mesmo, toda noite, eu fazia uma máscara por semana, e era reza cada papelzinho, cada formato era reza, era o meu processo, era a minha história e eu tinha que pedir à minha ancestralidade mesmo. Eu falava “Me perdoa, mãe. Eu não sei se você pode fazer isso, o meu avô ou a minha avó, mas proteja essas mulheres”. Eu falo muito sobre mulher e os meus processos são com elas, eu vejo e reproduzo esse reflexo da solidão. É um reflexo da solidão, a gente tem isso muito forte, e aí vamos tentando estar vivo, eu falo bem isso, meu processo de vida é estar vivo, meu processo de fazer arte é estar vivo, minha resistência é estar vivo. (CATARINA, Cleydson. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 23 out. 2021, p. 146-147)

No trecho narrado por Cleydson Catarina, encontramos mais três aspectos que dialogam com às demais narrativas: 1) a solidão herdada a partir das mulheres e das feminilidades e 2) o processo de se fazer vivo e resistência a partir da arte, questões que serão aprofundadas mais adiante, além 3) da questão da arte como forma de lidar e cuidar da espiritualidade, através dos seus próprios ritos e significados, a qual dialoga especialmente com a história de Luna Dy Córtes, a qual afirma que:

Eu nunca consegui ver sentido em uma religião ou uma doutrina. Eu sinto que eu acredito um pouquinho de tudo, essa é a minha relação, mas eu também tenho uma relação muito forte - eu acho que isso é a espiritualidade -, de uma coisa muito pessoal, padrões de símbolos que vão aparecendo pra mim - eu tenho um dicionário dos símbolos que vão aparecendo pra mim -, esses rituais e essas crenças que a gente vai bebendo de muitos lugares, eu acho que essa é minha relação. [...] É uma busca, é sempre uma busca. Uma hora a gente vai se encontrando em alguns lugares, em outra hora em outros lugares, isso é muito estranho. Ultimamente eu não creio em nada específico, mas isso não significa que eu não tenho espiritualidade. Eu desenvolvi isso muito pela meditação, pela arte também. [...] Ultimamente, até devido alguns rolês do trabalho e também de vida, eu ando tendo um pouco mais de contato com cosmovisões indígenas, não chegando nesse lugar de apropriação de vou fazer um ritual indígena aqui, mas de colocar a minha visão de mundo em xeque, porque pra muitas

etnias indígenas, por exemplo, arte, política e religião é coisa só, uma palavra só nomeia esses três campos. Eu ando aprendendo muito nesse sentido e eu acho que a minha espiritualidade tá nisso, nesse diálogo, é a partir daí. Quantas travestys me ensinaram tanta coisa pra lidar com a vida? Pra mim isso é espiritualidade. (DY CÓRTEZ, Luna. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 02 out. 2021, p. 167-168)

1.3. Movimentos diaspóricos e as histórias dos nossos mais velhos

Compreender determinados aspectos das nossas próprias histórias, as quais também se conectam às histórias dos nossos antepassados mais próximos, é na maioria das vezes uma tarefa árdua, em um contexto no qual a maioria de nós teve pouco ou nenhum contato com as nossas avós e avôs, enquanto alguns de nós nem ao menos os próprios pais tiveram a possibilidade de conhecer.

No meu caso, de Cleydson Catarina e de Rafael Quaresma, por exemplo, nós crescemos no convívio de nossas mães e pais, mesmo que isso tenha se dado de forma atribulada em muitos momentos, sobretudo no que diz respeito ao contexto paterno. No caso de Luna Dy Córtes, Ton Moura e Rafael Rodrigues, por outro lado, todes foram criades somente pelas suas mães, com os seus pais ocupando um lugar de total ausência, o que nos conduz à mais uma ação estrategicamente orquestrada pela normatividade, como forma de dissolução e enfraquecimentos dos nossos núcleos familiares.

Eu conheci somente a minha avó materna e pouco convivi com ela, sabendo da história do restante da família pelo que me contaram e contam a minha mãe e o meu pai. A história de meus avós é marcada pela exploração do trabalho na roça, pela fome, pela falta de oportunidades e acessos, e também pelas condições miseráveis onde a taxa de mortalidade infantil se mostrava altíssima e a expectativa de vida absurdamente baixa, de modo que todos estes atos caracterizam diferentes formas de violência contra a vida e a dignidade humana, sobretudo no contexto preto e caboclo que marca as minhas ancestralidades paternas.

Essas histórias são também marcadas por grandes transgressões, sobretudo das minhas avós que, mesmo diante de tanta pobreza, perdas e faltas, conseguiram viver e criar as suas filhas e filhos da forma mais digna que puderam. Contra todas as possibilidades dentro do contexto em que viveu, a minha avó Maria dos Anjos, por exemplo, conseguiu se tornar uma mulher independente e conquistar o mínimo de dignidade para si, suas três filhas e dois filhos do total de dezesseis que teve. Já a minha avó Preta (Joventina Rocha), conseguiu o feito de sobreviver e seguir sã até onde pôde, aprendendo e dominando as habilidades da leitura e da escrita em um lugar onde a educação formal não fazia parte das possibilidades de vida do povo daquelas bandas, quem dirá de uma mulher preta a quem tudo foi dificultado e negado. Junto com o meu avó Zé Preto, conseguiram criar uma filha e cinco filhos, do total de vinte e três que tiveram.

Tanto na história de Luna Dy Córtes como na de Rafael Rodrigues, não houve a possibilidade de contato com seus avós, em contextos onde essas conexões foram rompidas antes mesmo dos seus nascimentos, no início de suas vidas ou ainda a partir da ausência dos seus pais, fazendo com que essa parte da história também se perdesse:

Eu sou filha do Dona Marlene, Marlene Souto, ela é uma mulher nordestina, nasceu lá Bahia, eu não me lembro se foi Itabuna ou Jequié, mas se ela não nasceu em uma dessas cidades ela morou nessas regiões: Itabuna, Jequié, Salvador.

Eu venho de uma família pobre, bem pobre mesmo, que passou muita coisa nessa vida, muita fome. Ela veio pra São Paulo ainda nova com os meus irmãos. Ela trabalha desde os 09 anos de idade, já foi pra Feben por ser tida como orfã - as coisas são muito mais complicadas do que ser ou não ser, mas era muito comum os pais de certa forma abandonar as crianças. Ela é uma pessoa não-branca - eu não sei se eu coloco ela enquanto uma pessoa preta, mas com certeza ela é não-branca e depois eu retomo um pouco mais sobre ela.

Tenho o meu pai também, Francisco Ferreira da Silva, que eu não conheci, eu não tenho memórias dele. Eu sou a única filha de outro pai. Os meus quatro irmãos são filhos de uma outra pessoa com quem minha mãe foi casada por muitos anos e que mora em cima da casa da minha mãe,

porque eles tem uma amizade bem forte. (DY CÓRTEZ, Luna. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 02 out. 2021, p. 148)

Eu nasci em Itambé, interior da Bahia, próximo a Vitória da Conquista. Eu vim pra São Paulo com 3 anos de idade, logo após o falecimento dos meus avós, pais da minha mãe. Viemos pra Paraisópolis, eu moro aqui desde os 3 anos de idade. As minhas tias já moravam aqui e a minha mãe só veio para continuar a vida dela, pra gente dar continuidade nas nossas vidas. (RODRIGUES, Rafael. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 17 jul. 2021, p. 209)

Na história de Ton Moura, por outro lado, existe o contato que passa pela sua avó e pelo seu avô maternos de forma mais próxima, onde podemos observar novamente a questão de uma espiritualidade não-ortodoxa que se dá a partir das tradições populares, misturando e fundindo diferentes crenças que por vezes chegam a ser até mesmo antagônicas entre si. Podemos também observar a realidade da sua avó materna que se casou ainda criança, o que nos leva à uma questão que se mostrava bastante comum em um contexto de época e local no qual muitas mulheres, em especial as mulheres pretas e caboclas, tinham as suas infâncias e possibilidades de vida ceifadas por um casamento precoce:

Eu acho que a pessoa mais velha da minha família é a minha avó que tem 83 anos. Ela é uma mulher negra, dos cabelos super lisos e é louco porque eu nunca tinha ouvido a minha avó cantar quando eu era criança, e ela canta muito. Ela canta cantigas que não são evangélicas, que não são católicas, são cantigas ancestral, de lavadeira. Foi aí quando caiu a ficha de que eu não preciso dessas religiões, porque a minha avó é super católica, ela reza a ave maria seis horas em ponto, mas ela canta outra coisa, sabe? Ela perdeu a mãe quando tinha 12 anos, ela casou com o meu avô que é um cara branco, que é Juvêncio e é tudo o que eu sei, que ela fala “Eu perdi a minha família muito nova e já casei ainda muito nova com o seu avô e a gente construiu essa família.” O Moura é do meu avô branco e dela que é Pereira, Natália Pereira. (MOURA, Ton. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 14 ago. 2021, p. 250-251)

A espiritualidade e o modo de conceber a vida de Ton Moura são marcados pelo não-dogmatismo, o qual lhe permite viver a partir das suas pluralidades e multiplicidades, sem a necessidade de se submeter aos aprisionamentos impostos pela normatividade. É interessante perceber que esse mesmo não-dogmatismo é um fator que favorece uma relação de cuidado e respeito com as suas avós. Na relação com a sua avó paterna, por exemplo, vemos que a partir da sua tentativa de aproximação com ela, houve um movimento de acolhimento que possibilitou o estabelecimento de um laço familiar entre eles, o que não existiu na não-relação que teve com o seu pai, por exemplo, :

Eu gostei muito de ter ido, tanto que eu voltei depois de dois anos lá, foi incrível. Fui na casa da minha avó, mãe do meu pai, mas eu não fui na casa do meu pai por causa da não-relação que a gente teve. Eu não fazia questão de ir e não fazia sentido pra mim visitar ele. Ela já sabia também que eu tava em Aracaju e depois desse tempo todo ele não foi lá na casa da mãe dele me ver e eu também não fui ver ele, pra mim tá tudo bem, tá tudo ótimo e foi perfeito. [...] A minha avó da parte de pai é obreira da universal há mais de quarenta anos. Ela vendeu a casa dela e deu 60% do dinheiro pra universal, simplesmente assim. Talvez a história dela também como uma mulher negra que casou com o meu avó que é tenente/coronel aposentado, mas eu não cheguei a ter contato com ela pra falar sobre a história dela, é só disso que eu sei: que ela é obreira da universal há anos, vendeu a casa dela e deu mais da metade da grana pra universal e vive de uma aposentadoria que o meu avô deixou pra ela. (MOURA, Ton. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 14 ago. 2021, p. 238-239)

Na história de Cleydson Catarina, por sua vez, vemos uma configuração diferente de história, na qual lhe foi possível conviver diretamente com a sua avó materna e com o seu avô paterno, a partir de um contexto que lhe possibilitou a criação de laços e conexões significativas com as suas histórias e saberes. Do lado da família da sua avó materna, composta majoritariamente por pessoas brancas, podemos ver uma configuração de possibilidades de acesso e posses materiais que ele não herdou, fato que também ecoa na minha história materna:

Foi bem interessante descobrir esse corpo. Eu venho de uma família onde a família da minha avó, da parte de minha mãe, são todas brancas, são pessoas que tem cafezal. Então eu moro na periferia, mas a família da minha avó, da parte de minha mãe são farmacêuticos, são pessoas comerciantes na sua cidade, que é uma cidade serrana, fria, que o tio da minha mãe era farmacêutico, que a tia da minha mãe tinha um sítio enorme, uma fazenda de café. Aí eu fui percebendo - que engraçado - , a família do meu pai, que eram pessoas retintas, elas não tinham nada disso. (CATARINA, Cleydson. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 23 out. 2021, p. 125)

Do lado do seu avô paterno, formado majoritariamente por pessoas pretas e caboclas, vemos uma outra configuração de história, na qual existe uma herança muito significativa da cultura do Reisado e do Drama de Quintal que se mostra como parte constituinte de Cleydson Catarina:

Tinha a família do meu avô, que eu sou apaixonado, que é a família Lauriano que mora no mesmo maciço, que são formados por quatro ou cinco cidades. A família do meu avô é de pessoas bem indígenas, enormes, caboclão, cabelo liso e tudo, e eles vem do Reisado e do Drama de Quintal - que é muito importante pra mim o Drama de Quintal. Eu aprendi com a minha tia, irmã de minha avó, a mais nova. A gente passava o mês de janeiro catando café e depois de catar o café tinha as brincadeiras de drama, que são cantigas ibéricas. Isso foi bem importante porque eu fui vendo que o meu corpo se encontrava nesse local da cantiga e da brincadeira. (CATARINA, Cleydson. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 23 out. 2021, p. 125-126)

Por fim, temos a história das ancestralidades que passam por Rafael Quaresma a qual, apesar de também marcada pelos ataques e pela escassez de recursos promovida pelo sistema normativo, se difere das demais por apresentar uma forte estrutura de união, cooperação e fortalecimento familiar, o que lhe proporcionou a oportunidade de conviver com as suas bisavós e avós, lhe permitindo também criar um forte vínculo com as suas histórias e com o restante da família, fato que não se mostra comum à maioria das pessoas em contexto

byxa-preta-cabocla-de-quebrada, a exemplo das narrativas que compõem esta pesquisa:

Do lado do meu pai eu acredito que o mais velho foi o meu avô, mas o meu avô também não teve uma relação muito boa com o meu pai. Eu acho que eu vi o meu avô uma duas ou três vezes na vida, sabe? Eu conheci a minha bisavó também, ela faleceu há uns bons anos atrás, mas eu ia muito na casa dela que era num outro bairro daqui de Belém mais afastado lá pra cidade, mais próximo do centro. Eu tive muito contato com a casa da minha bisavó onde moravam as irmãs da minha avó, era uma casa grande onde morava todo mundo e a gente sempre ia visitar e almoçar lá.

Da minha família materna tinha a matriarca que a gente chamava de mãe velha, que era a minha bisavó. Eu lembro que quando eu ia pro Estandarte, no mês de agosto, ela sempre tava lá e ela tinha uma saúde muito boa. Ela sempre tava lá com os netos, com os bisnetos, com as afilhadas. Ela faleceu há alguns anos atrás também quando ele veio pra Belém. Quando a minha avó se estabeleceu melhor aqui ela construiu a casa de alvenaria. A minha tia tava construindo do lado da minha avó, então elas trouxeram a minha bisavó, a mãe velha, pra cá, e ela acabou tendo complicações por conta de uma queda que ela teve e acabou vindo a falecer, mas ela também veio nessa expedição de melhora de vida pra cá, de ter uma condição melhor de saúde, de viver melhor também, de coisas que o interior não ofertava.

[...] A família da mamãe sempre foi mais numerosa, porque era aquela questão de interior que a mãe antigamente tinha 10 ou 12 filhos e era uma família grande. Então a minha infância foi eu indo pra casa da vovó com os primos, eu tinha muitos primos e a gente brincava muito no quintal, eu cresci com eles e tenho uma relação boa até hoje também.

Da minha família paterna o único que teve filhos foi o meu pai e uma irmã de criação dele, então os primos da parte paterna não eram tão próximos, por isso meu contato era mais com a família da mamãe mesmo. Todos vieram daquela vivência de interior, de ter que ralar muito pra conseguir as coisas, de uma pobreza muito grande na época mesmo, sabe? Então quando eles vieram pra Belém foi pra essa mudança de vida, pra ter uma estabilidade, morar melhor, comer melhor, viver melhor aqui na cidade, então a vivência deles foi cercada de melhorias. A mamãe como foi a primeira, foi também a primeira a se estabilizar, mas sempre trazendo o restante pra cá, então a gente sempre teve essa vivência de ajudar a família

da vovó, de ajudar as minhas tias, por isso a gente sempre teve esse vínculo familiar muito forte. (QUARESMA, Rafael. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 18 jun. 2021)

Diante das histórias das nossas mais velhas e mais velhos, podemos observar que quando existem minimamente os recursos necessários à vida e à dignidade humana, existe também a possibilidade de se criar e manter estruturas e relações de união e fortalecimento familiar, o que permite que uma noção de ancestralidades, bem como de valores de cooperação e coletividade a partir dessas ancestralidades seja possível. Podemos observar também que tais estruturas e relações de fortalecimento tendem a continuar existindo nas gerações seguintes, da mesma forma que as rupturas causadas de forma estrutural pela ação do sistema normativo em nossas ancestralidades, tendem também a ter continuidade nas demais gerações, uma vez que estamos falando de um fenômeno cíclico que carregamos como herança de um passado colonial que ainda se faz presente em nossas vidas.

Através dessas nossas histórias ancestrais que são marcadas pela precariedade, pela escassez e pela luta por sobrevivência própria e de seus núcleos familiares, em um contexto de grande exploração das suas vidas pela via do trabalho, podemos ver que as dificuldades estruturais que seguimos tendo na atualidade, mesmo diante dos nossos maiores esforços, são também herança das dificuldades e violências impostas aos nossos ancestrais a partir do passado colonial que aqui vem sendo discutido, da mesma forma que é herança das normatividades historicamente favorecidas e privilegiadas, o acúmulo de riquezas a partir de todo esse contexto de exploração.

Compartilhando de ancestralidades africanas e muitas vezes também indígenas, um dos primeiros movimentos que podemos observar em nossas narrativas é o da diáspora africana, caracterizado pelo deslocamento forçado que se iniciou com o processo de escravização e saqueamento do continente africano e que segue em curso até os dias atuais, agindo sobre o apagamento das nossas origens, ancestralidades, saberes e histórias pela via da falta de recursos e acessos, da

exploração de nossos corpos enquanto mão de obra barata e também das violentas investidas contra as nossas existências.

Outro aspecto comum que passa pelas nossas histórias é a conexão com o território nordestino, seja ele como lugar de residência, seja ele como lugar de origem ou ainda de ambos. A diáspora que se deu a partir das diferentes localidades do continente africano para o Brasil de forma violenta e forçada pelos portugueses, é a mesma diáspora que seguiu em curso fazendo com que nós, nossos pais e nossos ancestrais migrassem de um estado para outro, de uma região do país para outra, de uma cidade pequena para os grandes centros e dos grandes centros para as periferias, em busca de condições mínimas de sobrevivência tais como moradia e alimentação, em um movimento que também visa nos expulsar dos lugares que buscamos ocupar, bem como nos expropriar de nossas histórias, corpos, subjetividades, espiritualidades e intelectualidades.

Encontramos como ponto comum em todas essas histórias, a marca desse processo migratório e também diaspórico que se deu da região Nordeste do nosso país para as demais regiões:

A família da minha mãe é toda do interior do Maranhão. Eles vieram pra Belém em busca de trabalho e de melhoria de vida. A minha mãe é a filha mais velha das irmãs, então ela foi a primeira a vir pra cá, ela veio adolescente, trabalhou em casa de família, logo depois quando ela conseguiu mais dinheiro ela trouxe a minha avó e as minhas outras tias pra cá. (QUARESMA, Rafael. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 18 jun. 2021)

Eu nasci em Itambé, interior da Bahia, próximo a Vitória da Conquista. Eu vim pra São Paulo com 3 anos de idade, logo após o falecimento dos meus avós, pais da minha mãe. Viemos pra Paraisópolis, eu moro aqui desde os 3 anos de idade. [...] Do pouco que eu conheço, antes da gente vir para cá, aqui já moravam algumas tias, a irmã da minha mãe já morava aqui. Após o falecimento dos meus avós, a minha mãe já veio pra cá porque ela falou assim: "O que eu vou fazer aqui? Os meus pais já não estão mais aqui entre a gente, então eu vou pra São Paulo pra fazer a vida lá", até porque lá, como era interior, não tinha muita coisa, trabalho era difícil, praticamente tudo era difícil, então a gente veio para cá justamente por isso, pra fazer

uma nova vida aqui. (RODRIGUES, Rafael. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 17 jul. 2021, p. 209)

Eu sempre gostei de morar em Aracaju, eu não queria vir pra São Paulo. Minha mãe já morava aqui fazia cinco anos e ela deixou a gente aos cuidados do irmão mais velho, que ainda era bem jovem e trabalhava no farol pra sustentar a gente. Ele limpava os vidros dos carros e era esse o sustento que a gente tinha com a ajuda que a minha mãe também mandava pra gente e os meus parentes. Aqui eu só tenho uma tia e uns primos. Toda a minha família tá lá em Aracaju. [...] foi uma vinda forçada, porque a gente não queria ficar longe da nossa mãe, então resolvemos vir. (MOURA, Ton. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 14 ago. 2021, p. 236)

A falta e a ausência trouxeram os meus pais para São Paulo, em 1985, com o meu irmão Aloisio ainda recém-nascido no colo de minha mãe. O meu pai diz que a vida do nordestino pobre daquela época era só trabalhar e mesmo assim nunca ter o mínimo para viver igual gente: tudo faltava e de tudo se carecia. Lembra que “[...] o povo que ia para São Paulo voltava mais bonito, com dinheiro. Porque lá onde nós morava era tudo largado e o povo andava parecendo mendigo. Quem ia pra São Paulo voltava até mais branco, na minha cabeça né, porque não pegava sol, não queimava [...]”. (ORÍDAN, Adriã. 2023, p. 88-89)

Nesse contexto de migração nordestina, sobretudo para a cidade de São Paulo e seus arredores, podemos observar uma série de questões que acompanharam as nossas trajetórias e de nossas famílias. A primeira delas está relacionada ao contexto sertanejo, marcado por uma vivência rural e de lavoura onde a exploração do trabalho na roça, a escassez de recursos e a falta de acessos encontra analogia e diálogo com o contexto de uma escravidão não superada.

Nesse processo migratório, a mesma divisão binária que se observa entre o contexto do campo e da cidade, passa também a existir na divisão que se estabelece entre os grandes centros e as periferias na configuração da cidade de São Paulo e dos seus arredores, inaugurando o contexto urbano das periferias e das quebradas tal como as conhecemos por aqui hoje, ponto que é primordial para o entendimento da nossa formação, história e cultura enquanto pessoas de quebrada.

1.4. Feminilidades normativas e o nosso legado matriarcal

Toda a escassez de recursos e oportunidades, os mecanismos de inferiorização e desumanização, bem como a negação sistemática às nossas ancestralidades e histórias, fazem parte da herança colonial trazida para cá nesse fluxo migratório. Essa herança colonial é também marcada pela forte opressão e violência sob a qual viveram as nossas mais velhas e mais velhos, o que vemos se refletir diretamente sobre as feminilidades e masculinidades por nós herdadas.

Olhando para as histórias das nossas bisavós, avós e mães, por exemplo, percebemos que, ao mesmo tempo em que as suas trajetórias e experiências de vida são marcadas por uma série de violências, silenciamentos e ataques em decorrência das mulheridades que elas carregam, elas são também marcadas por um grande movimento de resistência, luta e força dessas mulheres por melhores condições de vida, que também se estende a seus filhos e núcleos familiares.

A partir de uma sociedade forjada sobre um sistema normativo que nos segrega das possibilidades de afeto e convívio social, vemos em nossas histórias que são justamente essas mulheres que, na maioria das vezes, nos dispensam a sua atenção, cuidado e ensinamentos, mesmo diante de inúmeras dificuldades e limitações historicamente impostas, demonstrando que uma das partes mais significativas das heranças que carregamos a partir das nossas ancestralidades vem de uma estrutura matriarcal:

Sou filho de Mauricio da Silva Catarina e Maria Elenilda Cardoso, que foi uma mulher que me ensinou a viver. Eu sempre começo a falar sobre a minha mãe: eu tenho uma estrutura da minha mãe, eu tenho a beleza da minha mãe e eu acredito também nessa beleza. [...] Eu venho de uma família, principalmente da minha mãe que, do jeito dela, ela me ensinou estar vivo. Eu acho que uma coisa dessas mulheres que estão na periferia é o ato de resistência de educar um filho preto no meio da pobreza, no meio de um país altamente racista. [...] Eu venho desse local, de um local também de muitas festas, de tradições, de festa de Reis, de festa de São

João, de festa de “nasceu um pinto”, um pinto de galinha. Minha mãe tinha muita essa coisa de viver. Minha mãe morreu em 2009, pra mim foi bem difícil, acho que eu tenho esse luto até hoje, porque é uma mulher que me ensinou a estar vivo. (CATARINA, Cleydson. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 23 out. 2021, p. 124)

[...] eu não preciso de ninguém, eu nunca precisei de ninguém, a única pessoa que eu precisei na vida que me ajudou e me ajuda é a minha mãe, o restante é tudo figurante. Eu não preciso dessa galera, eu sempre corri atrás. [...] A minha mãe, a dona Magna Alves de Moura, que é o meu pilar - é uma pena que vocês não vão conhecer ela, porque ela é uma das pessoas mais incríveis que existe no mundo, a favela toda conhece ela. É a tia Má -, criou cinco filhos sozinha, sem ajuda de macho nenhum, sem ajuda de homem nenhum. [...] Eu lembro de uma época que a gente tava passando muita necessidade porque a minha mãe não tava trabalhando. Ela ia na feira com os meus irmãos mais velhos e pedia sobras de carnes e verduras pra fazer sopa pra gente comer a semana toda. A única coisa que ela recebeu do governo foi leite em pó. Eram toneladas de leite em pó e eu falava “O que é que a gente vai fazer com leite em pó?”, porque ninguém tinha dinheiro pra comprar e a gente não ia viver só de leite. Por causa da minha irmã que era recém nascida, o governo dava pra ela.

A gente também já foi em lixão catar coisas. A gente já catou comida e brinquedos no lixão da Terra Dura e a gente criança fazia isso sorrindo. A gente fazia amigos lá, fazia amigos na praia quando ia pedir, então a gente brincava como se tudo fosse uma missão, mas pra minha mãe já era uma coisa muito séria. Pra ela não tinha emprego, não tinha comida, tinha cinco filhos pra criar, o meu irmão mais velho ainda era adolescente, então ele ainda não tava no farol trabalhando pra ajudar ela, mas com quinze anos ele já tava indo pro farol pra ajudar a minha mãe. (MOURA, Ton. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 14 ago. 2021, p. 243)

Eu venho de uma família pobre, bem pobre mesmo, que passou muita coisa nessa vida, muita fome. Ela veio pra São Paulo ainda nova com os meus irmãos. Ela trabalha desde os 09 anos de idade, já foi pra Feben por ser tida como orfã - as coisas são muito mais complicadas do que ser ou não ser, mas era muito comum os pais de certa forma abandonar as crianças. Ela é uma pessoa não-branca - eu não sei se eu coloco ela enquanto uma pessoa preta, mas com certeza ela é não-branca. [...]

Com a minha mãe sempre foi uma relação meio difícil. Hoje eu consigo elaborar assim, mas por muitos anos não, mas olhar pra ela e ver essa história de vida tão sofrida, ver a marca do tempo ali, a marca social e histórica que ela sofreu e sofre, de alguma maneira sempre me angustiou muito e essa angústia muitas vezes saía um pouco como raiva, como não saber lidar. Ao mesmo tempo parece que eu sempre fui meio alienígena nos lugares, inclusive na minha família, então era difícil de se conectar com a minha mãe, até mesmo pela faixa etária, mas a minha mãe sempre foi uma ótima mãe...mesmo assim. (DY CÓRTEZ, Luna. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 02 out. 2021, p. 148)

Como a minha mãe veio do interior e tinha um déficit muito grande de educação lá no Maranhão, ela veio muito crua pra cá. Mas a mamãe sempre foi muito obstinada em conseguir as coisas dela, por isso com uns 12 ou 13 anos ela veio pra cá trabalhar em casa de família como doméstica. Ela quis se matricular em uma escola de noite pra estudar, pra conseguir se formar, e sempre naquela coisa de ajeitar a casa onde ela tava, da família desconhecida que foi por indicação, de batalhar pelo estudo. Ela passava o dia trabalhando, lavando, passando roupa, ajeitando a casa, saía de noite e chegava tarde pra conseguir estudar e se formar.

Ela sempre foi muito atrás das coisas dela, então depois que ela conseguiu se formar no ensino fundamental e no médio, ela foi pra um técnico, conseguiu um emprego bom e foi se estabilizando a partir daí. A partir disso ela foi conseguindo as coisas não só pra gente, mas também pra minha avó, pras minhas tias e ela sempre teve esse senso de partilhar as coisas. Ele sempre fala que no Maranhão eles matavam uma galinha e nunca ficava só pra eles. Às vezes elas ficavam muito felizes que matavam a galinha e iam comer bem, só que daí dava uma parte pra vizinha, dava uma parte pra madrinha, dava uma parte pra tia e ficava só com o pé da galinha pra comer. (QUARESMA, Rafael. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 18 jun. 2021)

Muito faltou à minha avó e, como consequência, muito faltou à minha mãe. A falta faz padecer, é ausência que faz sofrer. Foi convivendo com a minha mãe e presenciando a sua história que pude entender as enormes violências às quais as mulheres estão sujeitas em nossa sociedade. Foi ela quem sempre acreditou em mim e, dentro de suas humildes possibilidades, criou um espaço onde eu pudesse me sentir amada e protegida, permitindo

que eu me expressasse e desenvolvesse a minha verdadeira essência. Foi no seu cuidado que, mesmo sem saber, comecei a refletir sobre as questões de gênero, sobre quem eu sou e sobre o meu lugar no mundo. (ORÍDAN, Adriã. 2023, p. 86-87)

Diferente do típico pai normativo brasileiro, marcado pela ausência e pelo abandono, vemos nas histórias das nossas mães um movimento transgressor e transformador frente ao abandono, às dificuldades e às negações às quais foram sujeitadas, aspecto que não merece nenhuma forma de romantização, uma vez que vemos que as opções dadas a elas foi transgredir essa realidade ou por ela ser engolida.

Ao mesmo passo em que a *cisnormatividade* produz as masculinidades negras, a partir da ruptura com as suas humanidades, intelectualidades, sentimentos e afetos, de forma a reduzir os homens negros a mera força de trabalho e a uma animalidade grotesca a partir da sua hipersexualização, ela também produz uma desconexão com as suas subjetividades, ou seja, com o seu *eu* que não pode livremente ser pela obrigatoriedade de se encaixar em um padrão de masculinidade que rompe com aspectos fundamentais da sua humanidade, o que acaba por afastá-los de si mesmos e de todo o seu entorno, o que nos parece resultar nesse fenômeno caracterizado por um movimento cíclico de ausências e abandonos.

Essa mesma *cisnormatividade* também produz, igualmente, as feminilidades, sobretudo as negras, a partir da sua desumanização e rebaixamento intelectual/cognitivo, produzindo ainda um processo de inferiorização e silenciamento aos quais são sujeitadas nos diferentes âmbitos de suas vidas, o que nós, pessoas *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*, também acabamos por herdar a partir dessa herança colonial:

Eu tive uma infância até protegida por duas mulheres, que são muito importantes pra mim. Uma delas é Joana D'arc Cardoso da Silva, minha tia, que é chamada de Dadá, e minha mãe, que é chamada de Lena. Teve uma proteção muito grande dessa mulher e é bem interessante a história dessa mulher, ela nem sabe como é interessante. É uma mulher calada, uma mulher que foi silenciada a vida inteira, como mil mulheres no Brasil - acho que não só no Brasil, mas na América Latina -, e uma mulher que me amou

e me ama até hoje e me espera todo dia. Eu me emociono muito com ela, porque como tinha a minha mãe que me amava mas tinha o moral, a minha tia tinha o amor, só o amor. Eu acho que foi a única pessoa que me amou, que me ama como eu sou. Aquela mulher que as pessoas acham que é frágil, aquela mulher que o povo acha que tem problema porque é calada, que não fala com ninguém e que falava só comigo, que eu acho que passou por várias violências e nunca teve um momento de falar, eu acho que ela acha que nem pode falar, entende? (CATARINA, Cleydson. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 23 out. 2021, p. 137)

É também ponto comum entre nós e as nossas mães, o fato de nada ter sido ou ainda ser garantido para nós, o que faz com que o caminho de luta e transgressão frente à essa realidade normativa de desumanização, inferiorização e silenciamento seja também o caminho necessário para a nossa sobrevivência diária. O ato de criar e educar uma criança sozinha já é por si só transgressor e revolucionário, mas é ainda mais no contexto das mulheres e suas crianças negras e periféricas em meio a pouco ou nenhum suporte dos seus pais, em um país tão racista e desigual como o Brasil, como bem pontua Cleydson Catarina. Não é à toa que em todas as nossas histórias podemos observar um grande esforço de reconhecimento e empatia para com as nossas mães, onde mesmo diante de um cenário de dificuldades no relacionamento com elas, vemos um grande movimento de valorização das suas lutas e transgressões, bem como de gratidão, devolução e partilha a partir de todo o conhecimento e luta que delas herdamos como legado.

É preciso olhar para as histórias das nossas mães e pais, de forma a compreender os trajetos que lhes trouxeram até aqui, bem como de que forma as suas heranças e experiências reverberam sobre as nossas vidas. É preciso olhar, compreender e aprender a partir do conhecimento que carregamos através das nossas histórias e de nossos mais velhos, valorizando nossas memórias, resistências e transgressões, mas também reconhecendo as mazelas e os tensionamentos que as constituem e reverberam, por exemplo, sobre as repetidas histórias do homens ao nosso redor que, assim como nós, também foram criados e educados a partir de uma pedagogia normativa.

1.5. Masculinidades normativas e a questão do abandono paterno

Anteriormente situamos o típico pai normativo brasileiro como o pai da ausência e do abandono, o qual é moldado a partir de uma pedagogia normativa que define os modelos hegemônicos de masculinidade e feminilidade a serem compulsoriamente seguidos por todas as pessoas a partir do órgãos genitais que possuem. Em primeiro lugar, é importante lembrarmos que, dentro das dinâmicas binárias do sistema normativo, as diferenças são produzidas a partir de uma cisão entre um *eu hegemônico* e um *outro subjugado e inferiorizado*, conforme nos ensina Sueli Carneiro (2005), o que nos permite compreender não somente o rebaixamento das mulheres e do gênero feminino diante dos homens e da masculinidade normativa, mas também o fato da masculinidade normativa negra ser igualmente construída de forma subjugada e inferiorizada a partir de uma masculinidade normativa branca, tal como também acontece na dinâmica entre as feminilidades normativas branca e negra.

Compreender essa dimensão do subjugamento e da inferiorização à qual as pessoas negras estão submetidas, sobretudo no caso dos homens e da masculinidade normativa negra que aqui estamos discutindo, é ponto crucial para também compreendermos as razões pelas quais as nossas histórias são tão fortemente marcadas pela ausência e pelo abandono paterno:

Eu tenho um pai biologicamente, mas não tenho né! Eu sem quem é, sei onde mora, tá lá em Aracaju, mas eu não tenho contato, ele não quis ter contato, eu precisei dele uma vez na minha vida e ele não conseguiu me ajudar, que foi quando eu precisei da minha certidão de nascimento. [...] Fui na casa da minha avó, mãe do meu pai, mas eu não fui na casa do meu pai por causa da não relação que a gente teve. Eu não fazia questão de ir e não fazia sentido pra mim visitar ele. Ela já sabia também que eu tava em Aracaju e depois desse tempo todo ele não foi lá na casa da mãe dele me ver e eu também não fui ver ele, pra mim tá tudo bem, tá tudo ótimo e foi

perfeito. (MOURA, Ton. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 14 ago. 2021, p. 236)

Tenho o meu pai também, Francisco Ferreira da Silva, que eu não conheci, eu não tenho memórias dele. [...] Eu sei que a minha mãe se relacionou com o meu pai por um tempo, ficou grávida, me teve nos primeiros meses em que eles estavam juntos, mas a minha mãe soube que ele mantinha uma outra família no Piauí e isso a magoou muito. Eles se separaram, ela disse que eles tinham até um contato por telefone, mas ele nunca veio visitar. Esse telefone se perdeu, ela perdeu o contato ou ele perdeu, mas ele sabe exatamente onde ela mora, então se ele quisesse ver ele poderia voltar. Ninguém sabe muito sobre o paradeiro dele, se ele morreu ou não, então o meu pai é essa figura meio ausente. Por um lado isso foi bom, porque pai é trauma de qualquer jeito, presente, ausente, presente-ausente, ausente-presente. (DY CÓRTEZ, Luna. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 02 out. 2021, p. 148)

Eu morei com a minha mãe até os meus 28 anos e o que falar da minha mãe? Minha mãe é uma mãe solo. Quando viemos aqui pra Paraisópolis ela já era separada, já tinha terminado com o meu pai lá na Bahia mesmo. [...] Falando do meu pai, mesmo depois que a gente veio pra cá, eu sempre quis encontrá-lo, conversar, ter uma aproximação maior. Eu lembro que quando ele vinha pra São Paulo, pra casa de uma irmã dele, eu sempre procurava e ia atrás dele, ficava igual um besta e a minha mãe falava “Rafael, ele não tá nem aí pra você. O que você quer?”. Eu sempre tentava e nada, a gente sempre se desencontrava. Dessa última vez que eu fui, eu acabei indo lá na casa dele, que ele soube que eu tava lá, me procurou e falou “Você pode vir aqui? Eu soube que você tá aqui”. Eu fui, conversei super de boa, fui super bem recebido. Lá tem um irmão por parte de pai, que tá com quase 18 anos e uma outra irmã que tem uns 8 ou 9 anos. Lá o pessoal é assim, eles te abraçam, isso que é gostoso, sempre quando você vai pra interior e encontra as pessoas, elas falam “Nossa, eu te conheci quando você era desse tamanhinho, agora tá um homem, tá lindo”. Esse foi o único contato que a gente teve. Depois que eu vim para cá, depois essa viagem, a gente ainda se comunicou algumas vezes por telefone, mas bem vago, só para saber como o outro tava, mas nada se compara à relação que eu tenho com a minha mãe. É a única lembrança mesmo de lá que eu tenho, desse pouco

contato. (RODRIGUES, Rafael. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 17 jul. 2021, p. 212)

Por anos, a vida de meu pai foi só trabalho, o que dentro de casa e da gente se traduzia em ausência. Fez de tudo para que não nos faltasse nada, dando como moeda de troca o seu precioso tempo-vida. Mas às quartas tinha folga e gostava de fazer churrasco na laje com a gente, enchendo de alegria as nossas barrigas e de afeto os nossos corações. Não nos deixar faltar era o seu maior afeto, pois sempre soube o tamanho da dor causada pela impossibilidade de ter algo. Se havia algum tempo livre para o lazer ou diversão, as opções disponíveis na quebrada também se traduziam em falta e ausência, pois só havia bar e igreja. Homem de fé sempre foi, mas imagino que em tais condições o álcool lhe trazia maior conforto. (ORÍDAN, Adriã. 2023, p. 99)

A minha relação com o meu pai não foi muito boa ao longo dos anos, acredito que pela ausência dele na minha infância, por conta da questão de trabalho, mas também por questões familiares como ele não ser tão fiel à minha mãe, depois da separação também, por isso eu não fui tão íntimo dele ao longo dos anos e nem tão próximo hoje. (QUARESMA, Rafael. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 18 jun. 2021)

Meu pai me amava quando eu era criança. Quando eu fui adolescente e cheguei nos 15 anos, por aí, meu pai já se distanciou de mim, porque ele percebeu que eu não era como os outros dois - eu tenho mais dois irmãos e eu sou o mais novo de todos. Ele percebe e então tem um distanciamento, tem uma coisa assim “Não é pra mim, não é meu filho”, mas ali tem também o peso do moral porque ele já não pode abandonar. Eu venho desse local e aí eu comecei a ter medo, porque eu sempre ouvia isso, eu ouvia da minha mãe “Meu filho tem que ser homem”, então tem essa coisa da palavra homem que é muito forte. O que é homem? O que é essa estrutura do homem? (CATARINA, Cleydson. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 23 out. 2021, p. 126)

Em algumas de nossas trajetórias vemos a total ausência desses pais, já em outras, vemos a sua ausência mesmo diante da sua presença, configurando uma espécie de ausência-presença, como nos diz Luna Dy Córtes. Para quem teve a total ausência e abandono desses pais, como é o caso de Luna Dy Córtes, Ton

Moura e Rafael Rodrigues, por exemplo, podemos ver que o reflexo dessa ausência se mostrou muito presente na escassez e nas dificuldades agudas que tiveram que enfrentar junto de suas mães, fazendo todo o corre de suas vidas praticamente sozinhas.

Já no caso de quem teve a possibilidade de ter a presença dos seus pais, mesmo que em um contexto marcado pela ausência afetiva em muitos momentos, como é o meu caso, de Cleydson Catarina e Rafael Quaresma, por exemplo, vemos que, por um lado, mesmo em meio às inúmeras dificuldades e um contexto também marcado pela pobreza, tivemos melhores possibilidades de subsistência a partir de um contexto mínimo de estruturação e cooperação familiar. Por outro lado, as nossas trajetórias são marcadas por uma forma diferente de abandono que, em partes, se deu pela ausência acarretada pelas longas jornadas de trabalho que nossos pais tiveram que enfrentar e, em outras, pelo contexto da pedagogia normativa neles enraizada, a qual resultou tanto em rupturas afetivas conosco, bem como em rejeições devido à *byxaria* que nos constitui.

Luna Dy Córtes tem grande razão ao apontar que “pai é trauma de qualquer jeito”, pois se de forma geral a questão da paternidade no Brasil se mostra extremamente problemática, no contexto das pessoas *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* ela se mostra ainda mais, tal como podemos observar em todas as nossas histórias. É nesse ponto que a fala de Cleydson Catarina ecoa em nossas mentes questionando: “O que é homem? O que é essa estrutura do homem?”

Podemos dizer, a partir do trajeto teórico que percorremos anteriormente, que essa estrutura de homem é a mesma que foi instituída a partir das normatividades impostas pelo colonialismo, sendo a partir de então forçadamente passada de geração em geração como a única forma verdadeira de se constituir enquanto sujeito. Ser plenamente homem significa assumir todos os signos impostos pelo modelo normativo de masculinidade, rompendo com a própria complexidade existencial e com a humanidade que é comum a todo ser humano. Ao mesmo tempo em que se elege ao topo da hierarquia existencial e humana, como forma de inferiorizar e aprisionar aqueles que subjuga, o homem normativo acaba por aprisionar a si mesmo em um ciclo de destruição que a tudo destrói.

No contexto de uma sociedade forjada sobre normatividades coloniais, é preciso compreender que os nossos pais muitas vezes são homens que foram criados em um contexto marcado por violências, pela rigidez, por traumas e também pela ausência afetiva, sobretudo dos seus próprios pais, replicando e repetindo ciclicamente conosco uma pedagogia normativa que lhes foi ensinada e subjetivamente programada em níveis muito profundos. Essa ruptura entre pais e filhos é um fenômeno social que se mostra, portanto, geracional e cíclico, demonstrando que as questões da ausência e do abandono paterno no Brasil precisam ser encaradas com a devida atenção e complexidade que exigem.

De tão corriqueira que essas questões se tornaram no Brasil, elas parecem ter adquirido caráter de banalidade, representando uma mera realidade dada onde o abandono, tal como todas as demais desigualdades e violências que acontecem em plena luz do dia sobre os olhares de todos, também adquiriram caráter de normalidade. É a partir da emergência em torno de uma questão como essa, que podemos compreender não somente a importância, mas também a urgência de se discutir a categoria dos gêneros de forma mais ampla, uma vez que tal discussão afeta diretamente todas as dinâmicas sociais.

Para quem viveu ou conhece de perto essa dimensão da ausência e do abandono paterno, não há justificativa que repare qualquer dano vindo desse lugar, porém acredito que a compreensão sobre esses fenômenos se configura como uma valiosa ferramenta, tanto na direção da necessária emancipação diante das crenças promovidas pela pedagogia normativa, como do resgate e da compreensão acerca das nossas histórias e ancestralidades, uma vez que o ciclo normativo e tudo o que ele acarreta também se replicam e tem continuidade em nossas trajetórias, sendo preciso romper com ele como forma de se romper também com o ciclo de inferiorização e aprisionamento ao qual estamos historicamente sujeitos.

1.6. Fraturas intergeracionais, saberes ancestrais e a dimensão do aquilombamento pela via da coletivização

Sabendo que o contraponto do lugar do conhecimento - que se faz necessário tanto para as emancipações individuais como coletivas, diante das normatividades historicamente impostas -, é o lugar da ignorância, podemos observar, a partir das histórias dos nossos pais e das nossas mães, pessoas majoritariamente negras, nordestinas e de quebrada, a existência de um movimento normativo de rebaixamento e desvalorização dos conhecimentos voltados à compreensão das diversidades e das ancestralidades negras e indígenas, bem como um movimento de impedimento para que se alcance esse lugar de compreensão, sendo esta uma questão diretamente atravessada pelo fenômeno do *epistemicídio* discutido anteriormente, o qual contribui em diferentes níveis para a manutenção desse ciclo normativo:

Infelizmente o meu pai não pôde ser tão presente em nossas vidas, pelo menos não fisicamente, pois a sua vida sempre foi trabalhar: trabalhar até o corpo não aguentar mais, trabalhar até não conseguir mais pensar. Começou a trabalhar na roça com oito anos, no cabo da enxada. Trabalhava do nascer ao pôr-do-sol e só no domingo era que podia descansar as mãos calejadas e o corpo exausto. Ele lembra que o trabalho na roça sempre foi muito sofrido e que ainda hoje uma pessoa trabalhando nessas condições por aquelas bandas não recebe mais do que R\$ 25,00 por dia, “e isso quando tem trabalho!”.

Não pôde frequentar a escola, não porque não quisesse, mas porque sua realidade não o permitiu. Ele lembra que tentou comprar uma bicicleta para estudar em outra cidade, mas deu tudo errado. O meu pai conta que naquela época havia uma escola na casa do tio do meu avô Zé Preto e uma outra em um povoado chamado Alegre, mas que naquela época quase ninguém tinha condições de ir para a escola.

Das poucas vezes que conseguiu ir, lembra que a escola era em um barracão, em frente a um curral de boi, para onde só se podia ir e voltar a pé: “Não tinha incentivo, não tinha merenda, não tinha nada!”. Aquela ainda

era a época da palmatória: se não seguisse as regras, apanhava! E apanhava forte. Isso quando não tinha que ficar num canto ajoelhado no milho até segunda ordem. Fico me perguntando se isso era uma escola ou uma senzala. (ORÍDAN, Adriã. 2023, p. 87)

O que mais teve acesso à educação foi o meu pai, o que era uma coisa que a minha mãe sempre jogava na cara dele, porque ele tava aqui na cidade e a oferta de escola e de formação sempre foi muito mais fácil pra ele, e ele não aproveitou. É uma coisa que ele tem consciência e durante toda a minha educação eles sempre prezaram por eu estudar bem, de eu ter um bom aproveitamento, porque ele queria que eu tivesse as oportunidades e aproveitasse as oportunidades que ele não teve ou não aproveitou. (QUARESMA, Rafael. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 18 jun. 2021)

Ao nos destituir, bem como às nossas famílias do direito à dignidade humana, do acesso aos recursos básicos à vida e aos conhecimentos sobre as nossas histórias, ancestralidades e diversidades, o sistema normativo busca gerar um fratura intergeracional em nossas estruturas subjetivas e familiares, objetivando a destruição das nossas relações interpessoais, bem como de qualquer possibilidade de cooperação e fortalecimento, de forma a nos direcionar para o caminho do isolamento e da solidão, que pretende resultar em nossas mortes pela via do *biopoder*, tal como vimos em Sueli Carneiro (2005).

A partir da história de Rafael Quaresma, podemos perceber o quanto essa questão do fortalecimento, através de um contexto de partilha e cooperação coletiva, foi algo precioso para a prosperidade de todo o seu núcleo familiar, bem como para a constituição da pessoa que se tornou a partir disso:

Às vezes a minha mãe vinha pra cá, conseguia uma roupa e mandava lá pras minhas tias, conseguia um dinheiro e mandava pra minha avó comprar algo melhor, ela dividia móveis que a gente tinha, coisas que comprava, sempre partilhava e sempre teve esse senso de dividir, não só aqui, mas também com a família do papai que ela sempre foi muito próxima, papai também sempre foi muito próximo da família da mamãe, então sempre teve esse senso de família e de dividir, que a gente é um só e que a gente

precisa partilhar isso. [...] A família da mamãe sempre foi mais numerosa, porque era aquela questão de interior que a mãe antigamente tinha 10 ou 12 filhos e era uma família grande. Então a minha infância foi eu indo pra casa da vovó com os primos, eu tinha muitos primos e a gente brincava muito no quintal, eu cresci com eles e tenho uma relação boa até hoje também. [...] Eu sempre tive uma boa relação com ambas famílias, elas não se veem tanto, não vivem próximas, mas a minha infância foi rodeada por esse dois núcleos de família, da família da mamãe e da família do papai. Alguns finais de semana eu visitava a família da mamãe e ficava lá com eles, outros eu ia pra casa da minha avó paterna e sempre foi uma relação muito boa. (QUARESMA, Rafael. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 18 jun. 2021)

Tudo se modifica a partir de um contexto de estruturação e cooperação familiar, porém é importante considerar que essa possibilidade não passa pela realidade de muitos de nós, de forma que diante dessa impossibilidade, precisamos buscar apoio na coletivização com outras pessoas que também encontraram amparo na coletividade. Essa coletividade que se mostra tão necessária ao nosso bem-viver, é também parte das nossas heranças nordestinas, sertanejas e periféricas, as quais nos ensinam que festejar é uma potente forma de transgressão diante das violentas investidas das normatividades contras as nossas vidas.

Tendo vivido e convivido em solo nordestino, tal como Ton Moura e Rafael Quaresma, Cleydson Catarina fala com carinho e reconhecimento desse local “[...] de muitas festas, de tradições, de festa de Reis, de festa de São João, de festa de “nasceu um pinto”, um pinto de galinha”. A partir de nossas histórias vemos que a cultura nordestina, bem como a cultura periférica que dela herdamos, nos mostra que festejar é algo corriqueiro, pois é através da festa que podemos celebrar a vida, a memória e todo o trajeto trilhado até aqui para que possamos ser quem somos no tempo presente. Sem passado não existe memória e sem memória não existe identidade, cultura e tradição, o que caracteriza um terreno fértil para as ações e objetivos destrutivos do sistema normativo contra as nossas vidas. Sem qualquer perspectiva e compreensão do nosso passado, como podemos então vislumbrar qualquer perspectiva de futuro?

Vemos também que é através do ato coletivo e cotidiano de festejar e celebrar a memória, bem como o presente que se dá a partir das nossas ancestralidades, que podemos nos conectar às nossas divindades no contexto das tradições de terreiro, o que nos demonstra que essas cosmologias que partem de contextos afro-brasileiros e indígenas, se encontram em um outro lugar quando comparadas ao uso acessório que o fundamentalismo faz de determinadas religiões como ferramenta de poder e controle social, como acontece no caso do cristianismo aqui no Brasil, caracterizando o ato cotidiano do viver e forma de se conceber toda a complexidade existencial:

Quando eu assumo o Catarina eu fui atrás desse nome na Umbanda, que foi uma religião que eu me identifiquei e onde eu vi umas coisas muito legais. Eu não frequentei muito porque eu não sou de terreiro. Aqui os terreiros de Umbanda são bem mais tranquilos, coisa de uma hora, mas no nordeste não, lá são cinco horas e por aí vai. O que eu aprendi da Umbanda, que foi uma das coisas que eu me identifiquei pra caramba, foi que eu tenho muito essa coisa da comida - a minha mãe ficava feliz quando uma pessoa comia muito. A pessoa comia e ela ia lá e fazia mais comida pra pessoa -, e a Umbanda me trouxe isso. Quando eu vi o que tava vindo ali, eram pessoas iguais a mim, os Caboclos. Eu acho que foi um lugar que foi a minha primeira escola, a primeira que eu digo pra falar, pra falar dentro da minha arte e pra falar de mim. (CATARINA, Cleydson. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 23 out. 2021, p. 140)

Primeiramente, podemos notar na fala de Cleydson Catarina, a importância do senso coletivo e da fartura que passa pela comida, mas que a ela não se resume, no contexto das comunidades de terreiro. É a partir do alimento que se estabelece a conexão com o sagrado, da mesma forma que é através da alimentação que conseguimos estabelecer relações de cuidado, troca e afetividade, algo que se mostra muito característico nas comunidades de terreiro, bem como nas culturas nordestinas e nortistas de forma geral.

Outro aspecto importante da fala de Cleydson Catarina é a questão de se enxergar nos Caboclos, de ver que os nossos seres divinizados passam diretamente pela constituição de quem somos, de forma que essa identificação também nos

permite conexão com as nossas realidades, histórias e ancestralidades, nos possibilitando viver e nos expressar tal como somos a partir desses lugares existenciais. Podemos ver que o conhecimento que parte tanto de Cleydson Catarina, como do restante de nós, também se caracteriza com um conhecimento ancestral por se dar a partir das nossas raízes e experiências, dialogando diretamente com as cosmologias afro-brasileiras e indígenas que nos foram e seguem sendo negadas e impedidas em um contexto muito mais amplo.

Para além da discussão de quem é quem racialmente no Brasil, a qual também se mostra urgente para o enfrentamento das violências e das desigualdades, bem como para o necessário processo de reparação histórica e de emancipação diante do contexto normativo aqui imposto pela colonização europeia, é preciso compreender, sobretudo, a dimensão da desumanização e da desconexão provocada pela ação do sistema normativo em nossas vidas, dimensão essa com consequências profundas sobre as nossas subjetividades, sobre toda a sociedade brasileira e também sobre o meio ambiente do qual fazemos parte, de forma que enxergar e conceber a vida e o mundo a partir de uma perspectiva de interconexão e interdependência, é algo que se faz urgente para tirar o nosso país da crise humanitária, política e social na qual vivemos em diferentes níveis.

A partir das nossas histórias *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*, é possível observar que as nossas espiritualidades, as nossas raízes ancestrais e os nossos fazeres artísticos e políticos caminham de forma conjunta e indissociável. Seja no contexto do resgate das nossas ancestralidades a partir das nossas artes, seja a partir da exploração das nossas artes a partir das nossas ancestralidades, através dessa busca estamos sempre trabalhando no resgate de todo o potencial criativo, transgressor e revolucionário que já existe dentro de nós e que foi suprimido pela ação sistemática da normatividade, de forma a descolonizar os nossos corpos e mentes:

Eu venho das manifestações tradicionais e através delas eu encontro com o teatro que é muito importante pra mim - acho que estou vivo por causa disso - , não como o "teatro salvação", nada disso, mas como pessoa, como um local, porque a gente vem de um local muito de silêncio, de uma não educação da fala, então acho que o teatro me traz isso, ele me traz esse

local de falar. [...] Quando eu monto a Casa das Mulheres da Lua, que é um espetáculo que fala sobre Reisado, que fala sobre a minha família, que fala de três mulheres - duas tão dentro de casa esperando o marido que saiu e nunca mais voltou -, eu vou na Umbanda e descubro que a minha espiritualidade é popular, ela não é aqui, ela é aqui, ela é a sabedoria do povo. Pra mim foi a Umbanda, mesmo sendo religiosa, ela me deu esse caminho. Quando eu vejo um caboclo Tereza da Légua, que foi uma das pessoas que me falou que eu tinha asas nos pés e disse “Não é pra você ser filho de santo de ninguém, você é pra ter asa nos pés”, ele pega a cana que tá bebendo e te dá, eu digo “É isso, a minha vida é essa”. (CATARINA, Cleydson. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 23 out. 2021, p. 124)

Eu acho que eu só fui. Quando eu falei que não me encaixava fazendo dança de salão é porque você tem que fazer o papel do homem, de conduzir a dama na dança, seja no bolero, no tango, no forró universitário. Já nessas outras danças como, por exemplo, o balé e o contemporâneo, que você não precisa conduzir ninguém, você já se encaixa mais porque você pode dançar do seu jeito, você faz o que você pode fazer, seja homem, seja mulher, enfim.

Na dança africana foi a mesma coisa, eu me vi ali pela ancestralidade que a dança africana trás, pela possibilidade de você se reconectar com os seus antepassados, então isso me trouxe toda uma vontade de estar ali e fazer parte. Quando eu vi aqueles tambores vibrando e tocando ali, aquilo me tocou lá no fundo e eu falei “É isso que eu quero pra minha vida!”. Foi a partir disso, desse ouvir, do rufar dos tambores, de você sentir aquele vibrar em você, que isso tudo me puxou e me resgatou pra esse lugar que eu vivo até hoje. (RODRIGUES, Rafael. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 17 jul. 2021)

Se por um lado, as ancestralidades, as origens e as heranças que carregamos enquanto pessoas *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* passam pelo histórico da colonização, pelo movimento diaspórico que formou o Brasil e também pelo histórico de desumanização, violências e dificuldades imposto aos nossos antepassados, por outro lado elas são também e, sobretudo, formadas pelo legado de força, luta, celebração, conexão, fartura, troca, coletividade, transgressão e

transformação que nos foi deixado a partir das nossas ancestralidades e das cosmovisões de origem africana e indígena que ainda sobrevivem e se fazem presentes em nós.

Para encerrar este capítulo e iniciar uma discussão mais aprofundada sobre os nossos territórios periféricos e possibilidades de trânsito social, deixo aqui uma fala muito significativa, sensível e sábia de Cleydson Catarina, que resume muito bem toda essa discussão sobre as nossas ancestralidades:

Eu venho de uma casa cheia, onde as pessoas saiam do sertão ou da serra e iam pra minha casa. Lembra do armador, dos ganchos? Eu nunca tive quarto, o que foi a melhor coisa da vida, eu nunca botei assim “Ninguém pode entrar”, olha que felicidade isso. Eu falo isso porque eu fui trabalhar em escolas, eu trabalhei na Escola da Vila, em Fortaleza, em escolas grandes, bem intelectuais e eu via essas conversas dessas crianças, essas histórias e eu dizia “Que alívio, que alívio”. Eu sou de uma casa cheia, de briga, de alegria, de muito forró, de muita festa, de muita comida farta, mesmo com problemas financeiros, mas sempre farta e de mesa cheia, de muita gente. Minha mãe falava uma coisa tão bonita: “No dia que eu me sentir só é no dia que eu vou morrer”, porque ela nunca comeu só, as pessoas adoravam ela. (CATARINA, Cleydson. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 23 out. 2021)

2. Territórios periféricos e trânsito social

2.1. O contexto diaspórico de formação das periferias e a cultura de quebrada

Compreender o movimento diaspórico que atravessa o nosso contexto *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* é essencial para compreendermos também o contexto de formação das periferias brasileiras, marcado pelo grande e intenso fluxo migratório que se deu do campo para as grandes cidades, do centro das grandes cidades para as suas margens e, na configuração da cidade de São Paulo e dos seus arredores, do gigantesco fluxo migratório nordestino que aqui se deu.

Tais periferias foram decididamente marcadas por uma grande herança cultural nordestina, negra e cabocla, surgindo em meio a um contexto de busca por melhores condições de vida que foi fortemente atravessado pela exploração, pela precariedade e pela escassez de recursos. Este contexto é também marcado pelo abismo das desigualdades raciais, sociais e econômicas, bem como pelas relações abusivas de trabalho que empurram cada vez mais intensamente as populações em situação de vulnerabilidade social rumo às margens, tanto do ponto de vista territorial, como do ponto de vista das hierarquias sociais.

Esse cenário de exploração pode ser também observado na própria constituição desses territórios periféricos, onde sem o devido planejamento urbano e a proteção das áreas naturais por parte do Estado, instala-se um movimento de exploração dessas terras, por pessoas ou grupos que buscam lucrar e tirar vantagem daqueles que precisam viver em áreas de risco por não ter condições de morar em outro lugar, inaugurando assim territórios marcados pela falta de infraestrutura e de recursos, bem como pela precariedade e vulnerabilidade das construções que muitas vezes se constituem, em um primeiro momento, a partir de barracos improvisados de madeira que futuramente poderão se tornar construções também precárias de alvenaria.

É importante lembrar e reafirmar que todo esse contexto de formação e constituição dos territórios periféricos, onde a pobreza, a falta de oportunidades e de condições dignas de sobrevivência se mostram presentes, é fruto de uma profunda estratificação social que se dá a partir de um fenômeno intergeracional de longa data, caracterizado pelo contexto colonial de inauguração do Estado brasileiro, conforme nos ensina Silvio Almeida (2018).

Essa configuração territorial das periferias, que aqui chamaremos de *quebradas*, traz também consigo todo um complexo cultural que se desenvolve a partir de uma multiplicidade de territórios e racialidades, fruto de um movimento migratório e diaspórico que é experienciado de diferentes formas por quem teve alguma vivência em solo nordestino, em relação a quem nasceu ou viveu a maior parte de suas vidas nas quebradas de São Paulo e região. Tanto Cleudson Catarina que é filho de cearenses, nascido e criado em Fortaleza; Rafael Quaresma, que é filho de mãe maranhense e de pai paraense, nascido, criado e residente em Belém/PA, e Ton Moura, filho de sergipanos, nascido e criado até o período da sua juventude em Aracaju/SE, nos trazem contribuições importantes sobre essa cultura de quebrada em seus locais de origem.

Podemos observar na história de Rafael Quaresma, por exemplo, um grande senso identitário e de pertencimento em relação ao seu lugar de nascimento, bem como um contraste nesse sentido em relação às demais pessoas que compõem esta pesquisa e que vivem nas quebradas da Grande São Paulo, vindo anteriormente de um contexto migratório no qual muitos de nós não tivemos a oportunidade de ter contato de forma mais direta com as nossas culturas e ancestralidades mais próximas:

[...] a região de Belém, que tá nesse contexto amazônico e que se espalha pros bairros e pros lugares onde a gente vive, tem uma cultura muito forte em qualquer lugar onde você vai, em qualquer evento, então tem muita aquela vivência ribeirinha também, sabe? De rio, de igarapé, de tudo ser próximo, então se tu quiser tomar um banho de rio no final de semana tu pode pegar um barco, tu pode ir numa ilha aqui perto que é Cotijuba, tu pode atravessar pro rio do Combú que tem vários restaurantes de palafita,

então é uma vivência muito boa. Por isso eu acho que quem se cria aqui tem esse pertencimento muito forte, até mesmo com a cultura. [...]

Eu passei por vários bairros que foram mais frequentes. Um é o bairro onde a minha família mora, que é Águas Lindas, um bairro que é muito periférico mas que tinha muito mais serviço do que aqui, por exemplo. Antigamente quando eu estudava no ensino fundamental ou médio, dava férias eu ia pra lá, passava o mês todo, a minha mãe fazia umas compras pra ajudar lá e eu ficava na casa da vovó. Era uma vivência muito boa, porque era um ambiente mais rural, era muita coisa de quintal, os vizinhos todos se conheciam, as crianças brincavam na rua, então durante toda a minha infância eu pertencia muito pra lá, eu sempre queria mudar pra lá com a mamãe, mas ela não queria. Era um bairro onde eu vivia muito por lá, então a feira, os locais onde a gente lanchava, onde a gente brincava, as músicas que eram diferentes - por exemplo, uma música que é muito periférica e que nasceu nas periferias aqui de Belém, que é o tecnobrega -, então isso fez muito parte desse meu cenário infantil, da infância, da minha pré-adolescência.

Outro bairro onde eu passei o meu ensino fundamental e médio, que era um bairro um pouco mais próximo de Belém, mas ainda assim também é periférico, que era o Curió Utinga. Por ser uma das partes mais baixas de Belém, quando chove é um bairro que fica submerso, as casas são altas porque quando chove alaga muito. Como essas escolas eram próximas de lá, todos os meus amigos eram de lá, então acabava a aula e eu descia lá pra lancha com eles, pra brincar na praça que era lá perto, no ensino médio eu ia pra casa da minha amiga fazer trabalho pra lá, então eu tive esse contato muito forte lá. Todo bairro de Belém tem essa questão cultural e de identidade muito forte, por isso todo mundo valoriza essa questão de identidade, de cultura e de música, que é muito forte em qualquer lugar aqui de Belém. (QUARESMA, Rafael. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 18 jun. 2021, p. 204)

Vemos que esse mesmo senso de pertencimento passa também pela história de Ton Moura, o qual afirma sempre ter gostado de Aracaju, tendo vindo morar nas quebradas de São Paulo forçadamente devido às dificuldades que enfrentava junto de sua mãe e de seus irmãos:

Era 50%, porque era legal mudar, a gente era criança e sempre queria conhecer outras pessoas, mas tinha esse lugar negativo porque era chato,

todo mundo sabia o porquê a gente tava mudando, daí também tem esse rolê de um pouco de vergonha e também a escola. Sempre a gente chegava na escola em setembro, num rolê que já tava acontecendo, daí tinha que se enturmar e correr atrás. Era chato por isso, mas era bom porque a gente sempre conhecia outras pessoas e eu sempre gostei de ficar com os meninos da quebrada, eu era uma byxa maloqueira que vivia com os moleques pra cima e pra baixo. [...]

Eu sempre gostei de morar em Aracaju, eu não queria vir pra São Paulo. Minha mãe já morava aqui fazia cinco anos e ela deixou a gente aos cuidados do irmão mais velho, que ainda era bem jovem e trabalhava no farol pra sustentar a gente. Ele limpava os vidros dos carros e era esse o sustento que a gente tinha com a ajuda que a minha mãe também mandava pra gente e os meus parentes. Aqui eu só tenho uma tia e uns primos. Toda a minha família tá lá em Aracaju. [...] em resumo foi isso: foi uma vinda forçada, porque a gente não queria ficar longe da nossa mãe, então resolvemos vir. O meu irmão mais velho ficou, ele nunca veio, ele casou, continuou morando na casinha e eu e os meus três irmãos viemos de ônibus. Meu avô faleceu em novembro de 2008 e quando foi numa sexta no final de janeiro, porque a gente chegou em 02 de fevereiro aqui, viemos num ônibus sozinhos, foram três dias de pura emoção. A minha mãe falava “Não tomem banho, não saiam do ônibus”. Várias marmitas e dinheiro pra chegar aqui e morar com a minha mãe, mas eu acho que foi algo muito forçado. (MOURA, Ton. Entrevista concedida a Adriã Oridan Ferreira da Silva, 14 ago. 2021, p. 236-237)

Tendo deixado Aracaju para viver em São Paulo e posteriormente lá retornado para visitar a sua terra natal, Ton Moura aponta para um questão muito significativa sobre a forma como o tempo é encarado no contexto da urbanidade e do produtivismo de São Paulo, em contraste com o tempo orgânico do viver que ainda é característico para muitas em Aracaju, nos convidando para uma reflexão sobre como vivemos nas grandes cidades e também fora delas, bem como sobre o que conduz as nossas vidas e o nosso tempo nas grandes cidades, senão o tempo e a infundável lógica produtivista:

[...] lá é um outro tempo. Aqui eu tenho que sair duas ou três horas antes pra ir pro trabalho ou ver alguém lá na cidade de São Paulo, e em Aracaju em 20 minutos você chega, porque não tem trânsito, é outro tempo, as

peessoas estão em outro tempo e aqui as pessoas estão sempre na correria. (MOURA, Ton. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 14 ago. 2021, p. 238)

Para Cleydson Catarina, a periferia é a morada tradicional onde a coletividade e todas as narrativas periféricas se encontram de alguma forma, características que encontrou em todas as quebradas por onde passou e que fazem parte dessa cultura de quebrada que está para além dos aspectos físicos e geográficos desses territórios:

Eu venho de uma casa cheia, onde as pessoas saiam do sertão ou da serra e iam pra minha casa. Lembra do armador, dos ganchos? Eu nunca tive quarto, o que foi a melhor coisa da vida, eu nunca botei assim “Ninguém pode entrar”, olha que felicidade isso. Eu falo isso porque eu fui trabalhar em escolas, eu trabalhei na Escola da Vila, em Fortaleza, em escolas grandes, bem intelectuais e eu via essas conversas dessas crianças, essas histórias e eu dizia “Que alívio, que alívio”. Eu sou de uma casa cheia, de briga, de alegria, de muito forró, de muita festa, de muita comida farta, mesmo com problemas financeiros, mas sempre farta e de mesa cheia, de muita gente. [...]

É esse local de muita gente na periferia, depois disso eu comecei a andar, passei pelo Rio Grande do Norte, por Pernambuco, nas periferias também, na favela - a comunidade que eu morava era bem forte nisso -, mas sempre encontrando quem eu queria encontrar. Quando eu chego em São Paulo, as pessoas falam que paulista é antipático, mas eu digo “Qual é o paulista que você tá atrás?”. Eu fui acolhido por uma família linda, mineira, sertaneja, em Aricanduva. Essas pessoas não me conheciam, me acolheram e até hoje somos amigos, e eu vi a minha casa de novo.

A periferia é a periferia. Periferia é a morada tradicional. Eu não quero romantizar, pelo amor de Deus, porque tem suas violências e suas misérias também, mas a gente não fala só sobre miséria e sobre dor, veja também o meu cantar, veja o meu dançar, veja o que eu tenho pra contar, eu acredito nisso. (CATARINA, Cleydson. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 23 out. 2021)

Outro aspecto característico e importante dessa cultura de quebrada, também situado por Cleydson Catarina, passa pelo recurso da *fofoca*, não a partir de

uma perspectiva de ataque às vivências alheias, mas sim como meio de comunicação das quebradas, a partir do qual corpos violentados se comunicam e denunciam as violências sofridas:

Quando a gente começa a andar, a gente não tem estrutura, nem clima, porque o clima me prejudica muito aqui em São Paulo, o frio me deixa muito mal, porque a gente é da rua, a gente é do sol. Sabe o que um cearense faz? Cearense come na rua, pega o café, chama o vizinho, tá todo na calçada falando mal alheio e fofoca é a melhor coisa. As pessoas falam de fofoca com preconceito, fofoca não é preconceito, é o meio de comunicação dentro de uma comunidade, porque você vai saber que a fulana apanhou de não sei de quem, que fulaninho tá passando fome e isso vai criando e ajudando, porque que periferia é isso. Tudo que vem da periferia as pessoas querem diminuir e não! Esse local é o nosso meio de comunicação, nosso meio de tá vivo, então eu acredito nisso: esse corpo preto, tão violentado, ele se encontra com outro e festeja estar vivo, esse é o momento do encontro. (CATARINA, Cleydson. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 23 out. 2021)

Seja no contexto das experiências nas quebradas nordestinas, seja no contexto da migração para as quebradas de São Paulo ou seja ainda no contexto do nascimento e das experiências diretamente nessas quebradas, as nossas histórias são igualmente marcadas por movimentos de deslocamento, saída, retorno e troca com as nossas quebradas, os quais influenciam diretamente o processo de construção desses territórios, das nossas subjetividades e também da cultura de quebrada.

2.2. Nossas quebradas

Eu, Adriã Orídan, morei por um curto período em uma quebrada do Campo Limpo (zona sul da cidade de São Paulo), mas até o início da minha vida adulta eu morei na quebrada do Jardim do Colégio, no município de Embu das Artes/SP, onde

apesar de ter vivido uma série de desafios, também adquiri grandes aprendizados que me formaram e que fazem parte de quem eu sou hoje:

Foi em 1997 que nos instalamos no Jardim do Colégio, bairro periférico da cidade de Embu das Artes, na região metropolitana de São Paulo. O meu pai e a minha mãe sonhavam em sair do aluguel e encontraram um lugar, muito afastado de tudo, onde foi possível “comprar” um terreno: era na verdade uma área ilegal, ainda com grandes matas na época, predominantemente rural e sem nenhuma infraestrutura. Costumávamos brincar dizendo que o Colégio era uma grande buraco que havia sido formado pela queda de um meteoro no local, o que, para a nossa mentalidade infantil, explicava muito bem a sua disposição geográfica irregular, como se houvesse afundado no meio dos outros bairros (Jardim Isis Cristina, Jardim São Marcos, Jardim dos Moraes e Parque Pirajussara). O buraco do Colégio: foi lá que os meus pais conseguiram construir, a muitas penas, a nossa casa na beira de um morro, através de uma engenharia e arquitetura tão criativas que deixariam qualquer doutor de cidade grande intrigado. Quem já morou ou mora em uma quebrada sabe exatamente do que eu estou falando. Naquela época não existia água encanada, esgoto, energia elétrica, asfalto, transporte, escola, saúde, lazer, comércios ou infraestrutura de qualquer tipo. No Colégio faltava tudo e tudo se fazia ausência, mas pelo menos tínhamos uns aos outros e também um lugar para chamar de nosso. Ali, no meio de toda aquela precariedade, uma nova fase de nossas vidas se iniciava.

Por algum tempo, a realidade da nossa casa foi parede sem reboco, chão de cimento e luz à base de velas, o que ainda era luxo quando comparado aos barracos de madeira que ficavam às margens do córrego ali perto: pelo menos no morro a água não entrava, a não ser pelas inúmeras infiltrações que apareciam por todos os lados, diferente da casa de alguns amigos que viviam em situação muito mais complicada do que a nossa, sendo invadidas quando a água se fazia chuva e subia além da conta. (ORÍDAN, Adriã. 2023, p. 94)

Cleydson Catarina veio para São Paulo para trabalhar, para contar e também para ouvir histórias, morrendo nas periferias do Campo Limpo e de Taboão da Serra e ressuscitando com a sabedoria popular que sempre foi o seu grande elixir de vida. É a partir dessa sabedoria popular e da conexão que possui com a

coletividade que podemos sempre ver o seu anseio pelos bons encontros e pela troca, algo que vem se perdendo na configuração das sociedades produtivistas ocidentais e ocidentalizadas modernas, principalmente diante do contexto da pandemia de COVID-19, do isolamento social e dos tensionamentos sociais e políticos dos últimos tempos:

Quando eu chego aqui pra trabalhar - eu sempre trabalhei a minha vida inteira -, eu chego pra contar histórias e pra ouvir histórias. Uma vez a dona Maria, mineira, ela fala uma coisa tão bonita pra mim, ela dizia que a casa dela era farta, de panelas grandes, ela tava morando num barraco e aí veio o povo mineiro, que é bem festivo também - porque eu acho que povo é povo, povo é em qualquer canto -, e ela com as panelinhas pequenas e com vergonha fala “Até as panelas me decepcionam em São Paulo”. Eu achei tão engraçado essa palavra, tão poético, porque ser esse corpo é ser fraterno, ser esse corpo que eu carrego é não estar só, não desejar estar só.

Quando eu chego aqui eu encontro as pessoas mais bonitas nessa periferia, eu encontro os meus, eu encontro histórias, me fortaleço, choro, morro - porque eu morri aqui. Eu não quero contar muito isso aqui, mas eu morri -. Eu fui um boi. Sabe o boi da brincadeira que morre e ressuscita? Eu fui isso, eu me vejo isso, bonito, que dança, que canta, que traz a sua beleza, seu brilho, seu bordado, a sua toada, a sua história e depois morreu. Eu morri aqui, nessa periferia chamada Campo Limpo. Eu morri aqui nesse espaço do Taboão da Serra e me ressuscitei aqui. Me ressuscitei com as cantigas das meninas que tão na periferia, do Tião Carvalho que vem do Maranhão, então eu me ressuscito com a sabedoria do povo e fico vivo com a sabedoria, é isso que eu acredito e é isso que deixa eu me fortalecer, sabe? (CATARINA, Cleydson. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 23 out. 2021)

Ton Moura passou pelas quebradas do Capão Redondo e do Valo Velho antes de chegar na quebrada do Pinheirinho, no município de Embu das Artes/SP, tendo se mudado para lá como a maioria de nós chega em suas quebradas: fugindo do aluguel e buscando uma moradia própria. Ele diz que muitas pessoas da sua família também migraram de Aracaju para o bairro do Pinheirinho e que existe um

movimento contínuo de primos se mudando para lá, onde existe uma rede de cooperação familiar entre eles que os permite se fortalecer.

Segundo Ton Moura, o bairro do Pinheirinho é uma quebrada relativamente nova, com pouco mais de 10 anos, onde inicialmente a maioria das construções eram barracos de madeira que mais tarde se tornaram casas de alvenaria, ainda existindo muitas construções precarizadas à época de sua entrevista, conforme eu pude presenciar:

Quando eu cheguei em São Paulo, a minha mãe tava me esperando com o patrão dela - na época ela trabalhava em uma padaria. O patrão dela foi buscar a gente de carro, tudo muito novo, em Aracaju não tem metrô, cidade grande, o tempo tava assim nublado também, tava bem fechado, mas tava quente. Pra mim era muito novo também os sobrados - que aqui fala sobrado, mas lá em Aracaju fala casa de andar - lá são pouquíssimas pessoas que têm casa de andar, o sobrado, e aqui era tudo muito novo. Fomos pro Capão, pra quebrada mesmo.

O primeiro lugar que eu morei foi o Capão Redondo. Já morei no Valo Velho também e depois de três anos morando lá no Capão, a gente veio aqui pro Embu das Artes. A minha mãe comprou esse terreno e a minha família toda também tá aqui. Primeiro veio a minha tia, depois vieram os meus primos, eu tenho dois primos aqui, e a minha mãe veio por último. Ela se negou a pagar aluguel, tinha esse terreno vazio aqui, tavam vendendo e ela comprou e aí foi isso.[...]

Eu moro aqui há sete anos e todas essas casas que estão ao redor, inclusive a minha, eram de madeira e eu acho que hoje só tem três casas de madeira aqui na favela. É uma favela pequena, porque era um terreno que o dono foi vendendo ao pedaços pra conseguir uma grana. É um bairro novo, acho que tem dez anos no máximo. A maioria das casas estão sendo construídas agora porque a galera conseguiu quitar o terreno agora. Aqui em casa e todos os vizinhos estão construindo ainda, então aqui ainda é tudo muito novo, energia também, água a gente começou a pagar mesmo esse ano, então é tudo muito novo, porque tem só dois meses que a gente tá pagando energia e ainda nem chegou o talão do segundo mês.

Dizem que aqui é a favela dos Moura, que é a minha família, e quando os Moura não brigam com a galera da favela, eles brigam entre si (risos). A minha família é muito grande aqui e olha que eu só tenho uma tia, mas os primos são muitos. Os meus primos de Aracaju tão vindo pra cá, acabou de

chegar um, tem dois meses que o Mário chegou e ele já quer comprar um terreno aqui. Tem muito primo aqui. Mas o bairro é novinho, ainda tem muita história pra contar. (MOURA, Ton. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 14 ago. 2021, p. 239-240)

Luna Dy Córtes passou a maior parte da sua vida nas quebradas de Taboão da Serra, antes de se instalar na cidade de São Paulo, morando inicialmente na quebrada do Jardim Leme e em seguida no Jardim Roberto:

Eu nasci em São Paulo, no Hospital das Clínicas, mas só nasci mesmo, porque depois já fui pra Taboão da Serra e desde então eu me encontro aqui. Antes eu morava no Jardim Leme, onde você conheceu, e agora eu vim aqui pro Jardim Roberto, mas sempre nesse lugar da quebrada também. (DY CÓRTEZ, Luna. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 02 out. 2021, p. 148)

Rafael Rodrigues cresceu e, até a publicação desta pesquisa, vivia na quebrada de Paraisópolis, na zona sul da cidade de São Paulo, lugar de muitos contrastes, onde a população pobre dali vê a população rica no alto do seu luxo, enquanto que a população rica vê a população pobre do topo do seu privilégio. Em Paraisópolis, podemos observar uma configuração geográfica e um território diferente daqueles encontrados nas periferias mais afastadas do centro, em um contexto onde a quebrada e as áreas nobres muitas vezes acabam por se misturar, criando um abismo social que se mostra profundamente visível a cada esquina:

Quando eu vim para cá - eu tenho poucas memórias de pequeno -, não era tão urbanizado como é hoje. Na rua onde a gente morava era tudo de barro, tinha bastante áreas verdes. Paraisópolis é a segunda maior comunidade de São Paulo, com mais de 80 mil habitantes, aqui é uma outra cidade parando pra pensar. Eu realmente vi as coisas mudarem da água pro vinho. Nós já moramos em área de risco, onde passava córrego embaixo e hoje não. A famosa Avenida Hebe Camargo, pegando ela toda você já sai na João Dias, é um fácil acesso pra quem vem de fora e vive de lá pra cá. Melhorou bastante em questão de urbanização. [...] A gente tá em Paraisópolis e ao redor a gente tá rodeado de casa rica e de luxo, porque saiu aqui na esquina você já tá no Morumbi, na Giovanni Gronchi. Tem pessoas que

moram aqui na Giovanni e que às vezes tem medo de entrar aqui dentro, que marginalizam também e falam que aqui dentro só vai ter gente que não presta, como em vários casos que a gente já ouviu falar. Mas não, a maioria das pessoas que moram aqui na comunidade, por exemplo, domésticas, trabalham nessas casas daqui do Morumbi e eu acho que a partir daí já vai criando outro vínculo, um outro olhar. (RODRIGUES, Rafael. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 17 jul. 2021, p. 218)

A narrativa de Rafael Rodrigues nos mostra que, apesar das violências vividas em sua quebrada, ele possui uma grande conexão com o seu território e com a sua comunidade, devido à rede de pessoas que ali conheceu e sempre o respeitaram tal como ele é, em um contexto muito diferente daquele que muitos de nós vivemos em nossas quebradas e que acabou por criar um movimento contrário de desconexão e afastamento com esses nossos territórios e comunidades de origem:

Eu não tenho do que reclamar também, porque como eu falei, sou muito bem respeitado aqui, senão eu não estaria aqui até hoje, mas se eu pudesse eu moraria em outro lugar que tivesse menos barulho, porque eu acho que a partir de uma certa idade a gente quer um pouco mais de aconchego e paz. Às vezes chega final de semana, você quer descansar porque trabalhou a semana toda, mas seu vizinho tá com o som ligado até sei lá que horas - não aqui porque até depois das 10 horas não pode, mas aqui do lado a gente geralmente escuta o som às alturas que a gente não consegue dormir -, mas só por isso que talvez eu iria pra um lugar que tivesse mais conforto em questão de barulho. (RODRIGUES, Rafael. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 17 jul. 2021, p. 220)

Rafael Rodrigues nos traz também uma reflexão importante sobre a visão estereotipada que existe sobre as quebradas, as quais são geralmente retratadas de forma deturpada e estereotipada. Além disso, ele também nos convida a refletir sobre o potencial transformador e criativo que se dá a partir das próprias comunidades de quebrada, demonstrando a necessidade e também a importância, sobretudo para nós, crias da quebrada, de se atuar ativamente na luta pela transformação dos nossos territórios e comunidades:

Geralmente quem é de fora, quem não é de Paraisópolis, marginaliza quem é daqui da comunidade ou tem até medo de entrar na comunidade, porque sempre quando a gente ouve o noticiário na televisão, eles não falam das coisas boas que tem na comunidade. Eles sempre falam do roubo que tem, das polícias que entram aqui dentro caçando usuário de drogas, mas não é só isso, todo lugar tem, mas também tem as partes boas. [...]

É muito triste isso, mas é uma luta diária pra gente que é preto e periférico, ainda mais quando você fala que mora em Paraisópolis, porque os olhares crescem. Hoje nem tanto, mas quando eu trabalhava em telemarketing, as pessoas me perguntavam onde eu morava, eu falava que era em Paraisópolis e vinha a reação “Nossa, mas lá não é perigoso? Se eu for lá será que eu saio vivo?”. Eu falava “Gente, mas todo lugar é perigoso”, eu me sinto mais seguro aqui em Paraisópolis do que se eu for na avenida Giovanni Gronchi, porque aqui as pessoas já me conhecem, eu já sei quem são as pessoas e aqui ninguém vai fazer mal com você, a não ser que você faça. [...]

A maioria dos meus alunos jovens estão numa transição pra trans, são meninas trans, e por um lado eu sou um espelho para eles, sabe? Sou preta, sou byxa, sou respeitada, então eles se espelham. Chegaram até a me perguntar “Rafa, dá pra gente viver só de dança?”, e eu falei “Dá! Olha eu aqui, a prova viva é essa”, porque eu vejo também que eles querem seguir o mesmo caminho, que gostam de dançar, inclusive dois deles vão fazer uma apresentação hoje, uma gravação de dança, então sempre me procuram pra isso. Eles estão nessa transição e eu tô ali pra orientá-los também, porque muitos deles, antes de entrar pra área da dança e fazer as aulas comigo, não conhecia mesmo, até passava na rua, entrava em briga, sabe? (RODRIGUES, Rafael. Entrevista concedida a Adriã Oridan Ferreira da Silva, 17 jul. 2021, p. 218-219)

Rafael Quaresma, que mora em Belém/PA, presenciou um grande processo de transformação do território onde mora e também dos seus arredores em relação à sua configuração atual, discutindo o movimento de apropriação dos territórios periféricos por parte do capitalismo, que é também um movimento de expulsão dos mais vulneráveis desses territórios, questão bastante comum ao contexto das

quebradas localizadas em regiões centrais, como acontece no caso das grandes capitais:

Aqui mudou muito, tinha muito lamaçal aqui na rua, não era asfaltada, não tinha infraestrutura de nada. Com os anos foi chegando a cidade, e como Belém não tem a possibilidade de crescer pro outro lado, ela foi crescendo pra cá. Então foi crescendo essa parte de serviços de Belém, juntou com Ananindeua que também é um bairro grande que foi crescendo, com isso foi juntando e colocando um pouco mais de serviço.

Tinha famílias aqui que tinham menos poder aquisitivo e que foram saindo daqui porque foi ficando mais caro, foram chegando empresas que foram ocupando os terrenos, tinham assentamentos precários onde foram expulsando as famílias, por conta de galpões que queriam instalar. Aqui na rua tinha uma vila onde moravam muitas famílias, muita gente morava em casa de alvenaria e tudo e desapropriaram todo aquele pessoal de lá no ano passado ou retrasado, então isso é uma coisa que continua acontecendo ainda.

Belém tinha só uma via principal que era a BR. Agora abriram uma outra que é a João Paulo que passa aqui por trás e expulsou mais famílias ainda. Tinha muita família na estrada, tiveram que desapropriar e tá chegando muita especulação pra cá também. Então é uma realidade que tá mudando e mudando até mesmo a dinâmica do bairro pra cá. [...]

Belém é quase que uma ilha porque ela é cercada por vários rios. As extremidades da cidade, onde tem os bairros e também alguns serviços, são cercadas por rios. Então tem muita vista, tem muita orla e a cidade vai crescendo de frente pra trás, por isso os maiores serviços, as áreas mais nobres e os lotes mais caros estão no centro.

Lá pro centro também tem outros bairros que são mais periféricos, como é o caso do Guamá. O Guamá, por exemplo, fica numa parte da cidade que é próxima de áreas ribeirinhas, por isso há muitos anos atrás os ribeirinhos começaram a vir pra cidade e começaram a se instalar no Guamá. Não tinha infraestrutura, eram casas de madeira, eram palafitas, e ali foi adensando muita gente e o Estado não criou assistência pra lá, não criou infraestrutura. A infraestrutura foi deixada só no centro, que é uma parte alta da cidade, então quando chove, - e é uma cidade onde chove muito - alaga pros bairros mais periféricos, os bairros mais baixos. (QUARESMA, Rafael. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 18 jun. 2021, p. 201-202)

2.3. Os desafios de ser uma pessoa byxa-preta-cabocla na quebrada

Vivendo em um contexto de quebrada, vemos que as nossas estruturas familiares são muitas vezes massacradas pela falta de acessos e recursos, criada pela ação do sistema normativo que mira diretamente na destruição dessas estruturas como forma de minar também as nossas forças: se o ato de caminhar nesta sociedade normativa, marcada por injustiças e desigualdades, já é algo extremamente desafiador, caminhar sozinho e sem recursos se mostra imensamente mais.

Viver em situação de pobreza e precariedade, é algo que pode resultar em um contexto de vulnerabilidades sociais que podem nos levar a desarranjos mentais e também à morte, seja da subjetividade, do corpo físico ou de ambos. No contexto desta pesquisa, somos todos transgressores e sobreviventes desse cenário de vulnerabilidades ao qual seguimos recorrentemente sendo submetidos, mas também sobrevivendo e transgredindo, de modo que esse cenário se evidencia tanto pela precariedade dos lares e dos lugares onde vivemos, como também pelas precariedades financeiras, afetivas, familiares, de estudo, de trabalho, de saúde física e mental, de oportunidades e de possibilidades às quais somos sujeitades:

Essa também foi, porém, a fase onde o dinheiro muito faltou e com isso alguns problemas começaram a se agravar. O meu pai há muito tempo já bebia e a falta só fazia aumentar ainda mais a sua agonia. [...]

Trabalho braçal e operacional sempre foi a realidade das pessoas da quebrada e, supostamente, a única via legal de subversão dessa realidade era através de uma possível ascensão social pela via dos estudos e do trabalho duro. Eu observava a minha realidade e também das pessoas ao meu redor, vendo o quanto a falta de dinheiro e recursos limitava a vida, o trânsito e as possibilidades de liberdade e independência. Os meus pais contam que por muito tempo a realidade deles foi comer somente feijão com farinha, não tendo ao menos o direito a uma alimentação digna. Também é

desde pequena que eu ouço as histórias de meu pai sobre as inúmeras dificuldades e desafios de ser pobre e analfabeto no Brasil, padecendo-se de toda a sorte de recursos. [...]

Os meus 18 anos estavam próximos e com isso as responsabilidades da vida adulta já me tomavam de assalto. Em casa as coisas não iam nada bem. Tendo passado a vida inteira trabalhando de sol a sol, parecia que o meu pai havia se perdido após sua demissão do trabalho, bebendo cada vez mais de forma a aliviar a falta, a ausência, o cansaço, a revolta e a raiva que o assombravam cada vez mais. Eu tinha a lembrança de um pai bondoso que há muito tempo não via, pois o seu lugar havia sido tomado por um homem autoritário e agressivo que, sem perceber, destruía a si, os seus afetos e tudo o que havia construído à sua volta.

Foi assim que algum tempo mais tarde eu vim a entender o que era uma relação abusiva, as suas complexidades e as dificuldades de se quebrar com esse ciclo, vivendo e observando esse fenômeno dentro de casa e também nas relações à minha volta. Quantas pessoas ao meu redor naquela época estariam passando pela mesma ou por uma pior situação? A julgar pela boca do povo e pelas condições que qualquer um com olhos podia ver, eu diria que muitos, senão a maioria. Contava-se nos dedos de uma mão as famílias que não se encontravam em um processo destrutivo, tendo as suas estruturas gravemente fragilizadas ou destruídas por completo. (ORÍDAN, Adriã. 2023, p. 114)

O mecanismo de assujeitamento operado pelo sistema normativo, através da disseminação de sua pedagogia normativa, é exercido sob a forma de violência, opressão, repressão e medo, de forma que, até que se consiga romper com essas estruturas de dominação e aprisionamento, muitas vezes o medo parece nos acompanhar em todos os lugares. Em nosso contexto *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* junto de nossas famílias, podemos observar que esse medo muitas vezes se mostra ainda maior no que diz respeito à externalização dos nossos aspectos de gênero e também dos nossos afetos, uma vez que sabemos que o que está em risco é muito mais do que perder o pouco afeto já negado a nós pela maioria das pessoas, correndo-se também o risco de não mais ter onde habitar, uma vez que os demais espaços são normalmente os primeiros a nos expulsar. Sem as nossas famílias, que deveriam ser o nosso primeiro núcleo afetivo e de apoio nesse mundo, com quem mais podemos contar?

Esse ato de verbalizar “Eu sou gay!” sempre tem aquela coisa de “Como será que a pessoa vai reagir? Será que ela vai me tratar diferente? Será que ela vai me excluir?”. Eu lembro que aquela foi a noite que eu mais tive angústia pela pessoa que eu mais tive preocupação de falar “Eu sou gay!”, porque parece que a gente que é gay sempre tem esse medo de se mostrar em casa, porque a gente acaba tendo medo das pessoas que mais deveriam acolher gente. A gente tem medo de se mostrar e dessas pessoas serem ruins com a gente. Então eu sempre me preocupei se ela iria ter uma reação ruim, se ela iria me expulsar de casa, se ela ia me bater, se ela ia me excluir, se ela ia me tratar diferente, então foi uma questão que me apavorou por isso. Os outros nem tanto, mas aqui em casa eu tinha medo de como ela iria reagir. (QUARESMA, Rafael. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 18 jun. 2021, p. 187)

Ser uma pessoa *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* é algo desafiador em qualquer espaço e território, porém dentro da configuração das quebradas precisamos compreender que existem razões que nos tornam alvo até mesmo dentro dos nossos lares, de forma que se faz necessário compreender o peso que as experiências não-normativas muitas vezes carregam, em um contexto social marcado pelo conservadorismo e pelo fundamentalismo religioso, que são base para a formação do senso comum onde uma educação voltada à emancipação insiste em não chegar pela omissão do Estado.

É de extrema importância considerarmos que, a partir do contexto diaspórico de formação das quebradas, uma pedagogia normativa nos foi inicialmente imposta a partir do processo de colonização, bem como estrategicamente incentivada e utilizada como ferramenta de controle social no período pós-abolição, visando a domesticação e o controle de corpos e mentes pela via do trauma. Em tempos de avanço do conservadorismo e do fundamentalismo religioso, bem como dos discursos e atos de ódio que passaram a se tornar cada vez mais corriqueiros, compreender essa dimensão é algo de extremo valor para o enfrentamento desses desafios.

Faz parte do nosso dia a dia enquanto pessoas *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*, sermos apontadas e julgadas pelas nossas

aparências, bem como pelas nossas formas de ser, existir e viver, o que não é diferente em nossas quebradas e juntos das pessoas mais próximas do nosso convívio. É neste sentido que Rafael Rodrigues aponta para a falta, bem como para a necessidade de uma empatia, que passe primeiro por um olhar das pessoas para dentro de si, a partir das suas próprias crenças e valores que as formam como seres-julgadores, como forma de assim conseguir enxergar a si mesmas e as suas contradições e preconceitos:

Eu vejo que ainda tem muito a melhorar, principalmente vindo das pessoas. Eu não sei se eu sonho demais, mas eu ainda vejo um lugar que tenha mais empatia, que se coloque no lugar do outro, o mundo precisa de mais empatia, então aqui eu não descarto isso. Às vezes você vai passar na rua e vai escutar um burburinho falando de você ou de como você se veste. Não é só porque eu sou de comunidade, de Paraisópolis, que eu tenho que seguir aquele padrão que todo mundo acha que tem que ser: ser aquele homem padrão, hétero, que veste só tênis de mola, bermuda até abaixo do joelho, camisa de time.

Quando as pessoas te vêem com um estilo diferente, com uma trança, com uma roupa mais legalzinha assim, a gente vai escutar, a gente vai ouvir, tanto bom como ruim, por isso quando eu falo de empatia, eu falo de olhar pra si também e parar de apontar pros outros, e ver que em todo lugar a gente pode ou deve vestir e andar com a gente bem quiser, por isso eu acho que é isso o que falta. Tem pessoas que vão passar por você e te dar um bom dia, um boa tarde, um boa noite e tem pessoas também que não tão nem aí, mas eu acho que todo lugar tem. (RODRIGUES, Rafael. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 17 jul. 2021, p. 219)

Compreender e encarar a realidade do estado naturalizado de violências, promovido pelo sistema normativo a partir das práticas e ações diárias das pessoas a ele associadas é preciso, afinal a realidade das pessoas em contextos *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* e não-normativos, em um mundo normativo pautado na irrealidade, é a realidade da violência constante, o que não pode mais de forma alguma ser relativizado a pretexto de uma suposta liberdade de expressão, tal como podemos ver no contexto dos tantos tensionamentos políticos e sociais vividos nos últimos tempos.

Viver e transitar em segurança, tendo a possibilidade de se sentir segure, sobretudo no lugar onde se mora, é direito de qualquer pessoa e fator fundamental para o bem-viver. Podemos compreender a importância e a dimensão dessa questão, a partir da narrativa de Ton Moura, o qual teve a possibilidade de se sentir seguro em sua quebrada e lá conviver de forma amigável e pacífica, sendo conhecido e respeitado pelas pessoas de sua comunidade.

Aqui é chamado Jardim Pinheirinho, Embu das Artes. Eu me sinto bem seguro aqui, eu gosto dessa quebrada, a galera me conhece por quem eu sou, por eu ser talvez um pouco diferente, por eu ser artista, a galera me conhece e eu gosto da galera daqui. Eu gosto dos meninos da boca, a minha mãe conhece todos, a minha mãe é amiga de todos. Eu sempre me senti seguro de chegar a noite aqui. Eu faço aula de dança africana na Vila Madalena, que é um lugar totalmente diferente daqui da minha quebrada. A aula acaba às dez, até a gente sair é dez e meia, eu pego o ônibus 032 que é sentido Itapecerica e eu sempre chego aqui meia noite, meia noite e quinze e eu nunca tive medo de subir, de vir pra cá, porque eu conheço a galera e o maior medo mesmo é da polícia, porque uma byxa preta, periférica, subindo aqui meia-noite tem que ficar bem atenta, mas eu nunca tive medo. Eu gosto daqui. (MOURA, Ton. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 14 ago. 2021, p. 239)

Encontramos em sua fala os elementos básicos para um possível pertencimento em qualquer lugar, seja ele físico, geográfico ou subjetivo, pertencimento esse que, apesar de necessário para o bem-viver de qualquer pessoa, muitas vezes não passa pela realidade de muitos de nós.

2.4. O contexto escolar das quebradas

Outro aspecto importante das nossas quebradas diz respeito ao contexto escolar ali presente. Do ponto de vista de uma educação voltada à prática da liberdade, como nos diria Paulo Freire (2014), sabemos que a escola deve ser, além do lugar de aprendizado das diferentes ciências necessárias para a compreensão da realidade e dos desafios sociais postos, também o lugar do acolhimento, da

socialização, da construção coletiva, do desenvolvimento intelectual e cognitivo, do aprendizado sobre quem somos e também sobre a complexidade social que nos cerca, porém sabemos também que uma escola pautada sob os ideais de uma pedagogia normativa caminha no sentido contrário a tudo isso.

Para nós, pessoas *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*, na maioria das vezes a escola não se mostra como um lugar de acolhimento, situação que se repete pela maioria dos lugares por onde passamos. Longe disso, o que podemos notar de forma comum na maioria das histórias aqui presentes, é que as nossas trajetórias escolares foram marcadas pela precariedade e pelo sucateamento da escola pública, bem como por uma série de conflitos internos e embates externos:

Sempre foi assim: estudar e não medir esforços para ser a melhor, para provar que sou capaz, para ser alguém na vida, para ser vista como gente, como sujeito legítimo, como corpo que também importa. É desde que entrei na escola que a necessidade de provar a minha capacidade, valor e importância se intensificou enormemente, a ponto de se tornar, inconscientemente, um objetivo de vida, uma espécie de lugar hipotético a ser alcançado no qual um dia eu poderia finalmente ser e estar de forma segura, protegida pelo mérito. [...] Aqui se coloca a grande contradição da escola na minha vida: ao mesmo tempo em que me forneceu recursos e possibilidades únicas, me permitindo criar um lugar abstrato de pertencimento no qual eu podia escapar momentaneamente das violências e exclusões vividas, a instituição escolar foi também mais um dos espaços responsáveis pela tentativa de aniquilamento da minha subjetividade, a todo momento me conduzindo para o caminho da norma e da disciplina.

Somente muitos anos depois é que fui entender que a escola não seria a única a contribuir com esse quadro: em casa, na igreja, nos lares, na rua, na mídia, no trabalho, nas instituições e na sociedade de forma geral, o mesmo padrão se repetiria de diferentes formas e intensidades, alimentando um engenhoso processo de desumanização, instaurado de forma invisível e sorrateira aos olhos dos desatentos. [...]

Nas poucas escolas existentes a falta também não dava sossego: quando não faltavam vagas, faltavam professores; quando não faltavam professores, faltavam livros e materiais; quando não eram os materiais, faltava água ou luz; quando não era a água ou a luz, faltava a merenda; e,

por vezes, tudo faltava ao mesmo tempo. Curiosamente, os bares e as igrejas nunca faltaram. (ORÍDAN, Adriã. 2023, p. 99)

Apesar de atualmente sermos todas pessoas adultas, podemos notar no convívio com as gerações mais jovens que, apesar dos avanços na educação, a escola pública ainda segue sendo marcada pela escassez de recursos, bem como por grandes desafios de socialização em muitos territórios periféricos, dentro de um contexto onde muitas vezes faltam até mesmo educadores, o que demonstra haver um abismo de diferenças entre a educação pública, acessível às populações mais pobres e socialmente vulneráveis, em relação à educação privada, acessível aos mais ricos e socialmente privilegiados.

Diante deste abismo de possibilidades, do cenário da pandemia de COVID-19, e também dos ataques à democracia e aos direitos humanos mais básicos das diversidades, promovidos pela política de extermínio de Jair Bolsonaro e seus aliados, vimos essas diferenças se intensificarem em níveis ainda mais drásticos, causando um profundo fenômeno de distanciamento, tensões e conflitos sociais, com grandes reverberações sobre os territórios periféricos, sobre as possibilidades de ocupação dos diferentes territórios e também sobre a educação, a qual passou por um contexto de profundas mudanças, a partir da necessidade de adoção em massa do modelo de ensino à distância (EAD).

No contexto das pessoas *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*, os desafios ligados à ocupação dos diferentes territórios e espaços, às (im)possibilidades de trânsito social e também de socialização, sempre se fizeram presentes em nossas vidas, sobretudo no contexto escolar aqui discutido, onde a partir de nossas histórias podemos observar um nítido movimento de exclusão e expulsão, que visa a nossa eliminação desses espaços como forma de minar as nossas já escassas possibilidades de sobrevivência, em uma sociedade normativa e capitalista que somente nos contempla falsamente como seres humanos a partir da sua necessidade de exploração dos nossos corpos, subjetividades e intelectualidades.

Nesse sentido, encontramos na narrativa de Luna Dy Córtes, uma *mulher-byxa-travesty* que ocupa um lugar ainda mais sensível diante desse contexto normativo, um depoimento que ilustra esse cenário de forma muito relevante:

Eu estudei no Fagundes até a 8ª série e não tenho muitas boas lembranças não. Pra você ter ideia, todos os meus pesadelos tão ligados ao espaço escolar, todos, todos, todos os meus pesadelos se passam no espaço escolar. Isso é muito louco, porque eu sou educadora hoje. Da primeira à oitava série então não foi tão bacana, lá na sétima e oitava que foi um pouco melhor. [...]

Eu comecei o ensino médio no Hugo Lacorte (Escola Estadual Deputado Hugo Lacorte Vitale), uma escola aqui perto, aqui na perifa, mas foi muito traumático pra mim. Eu sofria muito bullying e entrei num processo de depressão muito fudido, por isso eu mudei de escola e fui pro Andronico (Escola Estadual Professor Andronico de Mello). Eu comecei a ter essa relação - não que eu já não tivesse antes, devido a cursos que eu fazia, como estudar música no Céu Campo Limpo -, de começar a pegar muito ônibus, me deslocar muito, conhecer pessoas de outros lugares e nisso eu acho que eu fui me descobrindo mais. Eu ocupei a minha escola e o lugar de ocupação foi determinante pra minha formação enquanto pessoa. (DY CÓRTEZ, Luna. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 02 out. 2021, p. 159)

É muito impactante e também relevante, considerar que a maioria dos pesadelos de Luna Dy Córtes estejam relacionados ao espaço escolar, lugar que na verdade deveria proporcionar possibilidades de aprendizado, desenvolvimento e socialização, sobretudo para as crianças e jovens que estão se desenvolvendo para encarar os futuros desafios da vida adulta. É preciso, portanto, considerar a dimensão do quanto a possibilidade de socialização nos é negada em um contexto *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*, bem como todas as violências e problemáticas que se desenrolam a partir desse cenário.

Encontramos também nesse trecho da história de Luna Dy Córtes, dois aspectos transgressores que merecem destaque e que dizem respeito ao 1) movimento de ocupação da escola onde ela estudou, e também 2) da tentativa bem sucedida que ela teve de deslocamento para outros espaços com maiores possibilidades de acesso, onde pôde encontrar melhores oportunidades de desenvolvimento e fazer importantes descobertas sobre si. Vemos aqui a questão da ocupação como um ato político de apropriação de espaço público que pertence à

nós e à coletividade, de forma que podemos também pensar sobre a ocupação de nós mesmos, tendo o corpo e a subjetividade como territórios aos quais nos é negada a possibilidade de ocupação.

2.5. Fundamentalismo, violência e repressão como estratégias de aprisionamento e controle X transgressão como estratégia de liberdade e emancipação

Da mesma forma que a escola muitas vezes se mostra um ambiente hostil no contexto das quebradas, o território coletivo e público caracterizado pelas suas ruas também traz consigo, por um lado, um contexto de hostilidades e de desafios de socialização e convivência, trazendo também, por outro lado, um grande movimento transgressor que se dá pela sua ocupação, diante da escassez de espaços e recursos destinados a esses propósitos:

No quarto de despejo daquela época nada chegava e tudo se fazia distante: sem recursos, sem lazer e sem opções, a criatividade no viver era o que nos afastava simbolicamente do encurralamento que nos era imposto. Era nas ruas que a molecada brincava, a juventude confraternizava e a vizinhança colocava a conversa em dia. Era também nas ruas que os nossos pais temiam que a gente ficasse quando não estavam por perto, pois sabiam que, apesar da falta, havia uma abundância enorme de péssimas possibilidades que poderiam nos levar para o caminho sem volta das estatísticas. (ORÍDAN, Adriã. 2023, p. 99)

Eu nunca parava em casa, eu só ia em casa pra comer, eu almoçava e ia pra rua, voltava, tomava banho e ia pra rua. De manhã eu ia pra escola e da escola eu já tinha que correr do meu irmão mais velho pra poder brincar na rua, porque ele não deixava, tinha que fazer lição e eu não queria saber de lição ou de escola, eu queria saber do mundo, eu gostava de ficar na rua e de conhecer as pessoas. (MOURA, Ton. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 14 ago. 2021, p. 242)

Apesar das ruas das quebradas muitas vezes se mostrarem como uns dos poucos lugares possíveis de socialização e convivência dentro das periferias, a escassez de espaços voltados à promoção de conhecimentos, culturas e lazer é ainda uma realidade latente nesses territórios, o que muitas vezes faz com que os espaços das igrejas cristãs, sejam elas católicas ou protestantes, figurem como uma alternativa à esses espaços de socialização, que muitas vezes se mostram ausentes no contexto das quebradas.

Apesar da ação social muitas vezes empreendida por essas instituições religiosas, a principal questão na qual esbarramos é o fundamentalismo religioso que, diante do cenário de ausência de uma educação crítica e emancipadora, que muitas vezes encontramos nas escolas públicas das quebradas, oferta uma possibilidade de socialização, de convivência e coletividade, exigindo em troca a aceitação dos seus dogmas normativos, bem como a vivência e convivência a partir deles, sem questionamentos.

Em outras palavras, essas instituições barganham a fé e a espiritualidade em território periférico, como forma de angariar fiéis para a realização da sua obra política de dominação de territórios e subjetividades, em um contexto onde uma noção emancipatória de espiritualidade é nitidamente deixada de lado para dar espaço a uma espiritualidade adestradora e modeladora que replica uma lógica normativa e colonial de catequização e evangelização forçadas.

No contexto das pessoas *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*, esbarramos em uma outra questão ainda mais profunda, uma vez que dentro de uma lógica cristã conservadora e fundamentalista, as nossas existências somente se mostram possíveis a partir de um lugar de *pecado*, através de uma abordagem dicotômica que se replica e se desenvolve em níveis muito profundos, fazendo com que sejamos rejeitades e violentades, ao mesmo tempo em que essas rejeições e violências são legitimadas, incentivadas e naturalizadas, o que acaba por deixar marcas profundas em nossas trajetórias:

Lembro de sempre ter tido muita fé, de acreditar que algo me guiava e me dava força, mesmo sem conseguir chegar a uma definição do que era isso.

Essa fé sempre me acompanhou, independentemente de qualquer lugar físico, mas curiosamente nas igrejas por onde eu passei, ela nunca encontrou espaço. A minha crença sempre partiu da minha subjetividade, do meu lugar existencial, da minha visão e interpretação do mundo ao meu redor, se baseando na busca pela evolução, liberdade e emancipação. Acredito que sempre estive na busca por liberdade, pois desde muito pequena sentia o peso dos grilhões tentando aprisionar o meu corpo e a minha mente, de forma a afetar a minha percepção e anular a minha existência. [...] Foi na igreja que novamente me foi imposta a obrigatoriedade de ser um homem macho, como único caminho de salvação. Foi lá que me foi ensinado que o que sou é um pecado, uma abominação e uma obra do demônio, razões pelas quais mereceria o desprezo e o fogo eterno do inferno. Foi através dos dogmas da igreja, retrofundados e retroalimentados pelos alicerces da matriz heterossexual, herança de uma cultura ocidental-europeia-colonial-normativa, reprodutora e mantenedora das estruturas de poder enraizadas em nossa sociedade, que internalizei um ódio profundo por quem eu sou, por como sou e pelo corpo que tenho.

Ali eu fui ensinada a reprimir os meus desejos - incluindo a minha sexualidade, os meus afetos e as minhas motivações a partir de quem eu sou - e a me culpar por ser quem eu sou, buscando eternamente o perdão divino pelo meu ser-pecado. Era isso ou o outro único caminho possível seria o castigo eterno com passagem somente de ida para o inferno. A única coisa sobre a qual esqueceram de me avisar, é que esse mesmo inferno estaria presente nesta vida, se manifestando estrutural, institucional e individualmente na sociedade e nos seus indivíduos, através de uma lógica de hierarquização de corpos que se dá pelo uso do poder, da força e do medo em suas mais variadas formas. (ORÍDAN, Adriã. 2023, p. 105)

A igreja católica tem lá os ensinamentos bonitinhos pra quem é gay, pra quem é LGBT, mas na prática é outra coisa. Eu lembro que eu encontrei no catecismo da igreja católica um trecho que fala sobre pessoas LGBT, que a igreja deveria acolher, que deveria partilhar da vida comunitária, mas que saberia também dos seus papéis, ou seja, deveriam viver em continência, não praticar o que eles fazem. Foi um ambiente muito violento pra mim em várias ocasiões. Eu lembro que sempre tinha uma brincadeirinha de mau gosto envolvendo gay, envolvendo viado, sempre tinha uma tiração. [...] Hoje eu já não faço mais parte da Igreja, eu saí, mas ainda assim eu tenho

a minha fé em certas coisas, eu não deixei de acreditar, mas eu sei os limites do que é a fé pra pessoas como eu. (QUARESMA, Rafael. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 18 jun. 2021, p. 178)

Diante das nossas histórias, é possível perceber que as impossibilidades de acesso, ocupação e permanência que enfrentamos nos diferentes espaços, esbarram até mesmo nos aspectos que passam pelas nossas crenças e espiritualidades, o que não se dá de forma aleatória e não-objetivada, uma vez que é a partir do controle sobre o que as pessoas acreditam e conseguem efetivamente compreender, bem como do controle sobre os desejos e sobre a espiritualidade, enquanto dimensão fundamental das subjetividades, que se faz possível também controlar corpos e subjetividades, de forma a moldá-las conforme os objetivos estratégicos do sistema normativo.

Em nosso contexto *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*, é justamente no momento em que nos confrontamos com quem somos diante das dinâmicas sociais, bem como percebemos esse empreendimento recorrente de anulação, modelagem e violências promovido contras as nossas subjetividades e corpos, que passamos a questionar as normatividades e buscar compreendê-las, buscando assim formas de transgressão diante dessa realidade, de forma a romper com esse ciclo de dominação que pretende nos imobilizar por todos os lados e de todas as formas possíveis.

Na maioria de nossas trajetórias, romper com as instituições e/ou dogmas cristãos, deixando esses espaços de forma voluntária ou involuntária, se mostra como algo extremamente necessário, uma vez que permanecer é nitidamente impossível na maioria dos casos. É possível perceber que deixamos esses espaços não somente pelo movimento de expulsão ali empreendido, mas sobretudo pelo movimento crítico e transgressor que empreendemos, em contraposição à estagnação e ao aprisionamento objetivados por essas normatividades fundamentalistas.

Compreendemos, muitas vezes precocemente, o que muitas pessoas dentro desses espaços religiosos não irão compreender ao longo de toda uma vida: que muitos desses espaços autoproclamados como lugares de fé e espiritualidade, são

na verdade espaços voltados aos aprisionamentos normativos e fundamentalista, de forma que a fé de alguns passa a ser usada como ferramenta estratégica de poder para aprisionar outros, a partir de um mecanismo que busca impedir aquele que aprisiona de olhar para si próprio como carcereiro, bem como para o seu próprio aprisionamento que não deixa de acontecer mesmo do topo do seu privilégio autoproclamado, conforme já discutimos anteriormente.

Podemos compreender também que a noção espiritual de alguns, limitada a um maniqueísmo binário entre deus e satanás / bem e mal, em muitos casos se mostra como uma projeção egóica de um *eu* reprimido, traumatizado, domesticado e aprisionado, refletida sobre *outros* bem específicos, como forma de dar vazão ao ódio estrategicamente fomentado por esse mecanismo normativo, como forma de também reprimí-los, traumatizá-los, domesticá-los e aprisioná-los, reproduzindo assim o ciclo normativo que se pretende infundável.

Somado a todo esse cenário de violências e suas legitimações, temos também o cenário da truculência policial nas quebradas, aqui denunciado por Ton Moura:

Existe esse privilégio de “você não pode invadir a minha casa sem autorização, sem o papel, sem o mandato”, mas aqui eles fazem o que eles querem, eles levam quem eles querem e se eles quiserem me levar, eles me levam como já levaram os meus primos. Os meus primos trabalhavam na boca pra se sustentar, inclusive um dos meus primos foi preso porque a polícia levou ele. A feira daqui é na terça, eu tava indo na feira e um policial me parou na viela, me pediu pra eu abrir a minha pochete, eu falei “Eu tô indo na feira” e ele mandou eu calar a boca, abrir a minha pochete, falar o que tinha ali dentro. Ele abriu a minha pochete, eu mostrei o meu dinheiro e eles são super sem escrúpulos. Eles entraram na casa da minha tia na semana passada com um cachorro, que ela chegou aqui falando. Eles fazem e eles levam quem eles quiserem. (MOURA, Ton. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 14 ago. 2021, p. 240)

A política de incentivo ao medo e ao ódio, fortemente empreendida a nível global nos últimos tempos por grupos e políticos conservadores, extremistas e fundamentalistas, dialoga diretamente com essa violência policial que sempre se fez

presente nas quebradas Brasil afora, fazendo com que a população periférica, sobretudo a juventude, seja alvo da repressão e do extermínio em massa pelas mãos do Estado.

Alguma semelhança com o contexto do colonização, da escravidão, do pós-abolição ou da ditadura militar em terras brasileiras? Questiono somente de forma retórica, pois já sabemos que as forças e os objetivos que motivaram esses episódios lamentáveis da nossa história, emanam exatamente do mesmo lugar normativo e da mesma necessidade incessante pelo poder e privilégio de poucos, em um contexto onde sempre vemos a atualização das tecnologias de poder aqui discutidas, em relação às configurações político-sociais do tempo presente.

2.6. Trabalho precoce

Diante do cenário de escassez e impossibilidades que aqui viemos discutindo, podemos notar que a busca precoce pelo trabalho - seja como forma de sobrevivência, seja como forma de apoio no contexto familiar ou seja ainda como tentativa de ocupação de outros espaços e territórios -, é também um aspecto comum à maioria das narrativas aqui presentes:

O meu primeiro trabalho aqui em São Paulo foi num lava rápido, onde eu trabalhava de domingo a domingo, quando eu tinha 15 anos. Eu ganhava R\$ 300,00 por mês nesse lava rápido. Eu entrava às oito da manhã e saía às cinco, porque eu tinha que ir pra escola, eu estudava à noite. Eu sempre estudei à noite porque eu fazia EJA, por conta dos anos que eu perdi na quinta série. [...] depois surgiu uma oportunidade pra trabalhar em um outro lava rápido onde eu ganhava um pouco mais, ganhava R\$ 600,00. Depois eu passei a trabalhar numa padaria como atendente durante um ano, também estudando, trabalhando e ajudando a minha mãe, e depois surgiu uma vaga de atendente numa loja de um nove nove no Largo da Batata, onde a minha mãe era caixa. [...] Eu também trabalhei numa ótica, eu era agente de ótica. Nesse trabalho eu tinha que ir pra rua procurar pessoas pra fazer exames. (MOURA, Ton. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 14 ago. 2021, p. 246)

Eu comecei o meu primeiro emprego com 16 anos, trabalhando como atendente num comércio aqui em Paraisópolis. Eu fui começando a crescer, a ter o meu próprio dinheirinho ali e a minha mãe sempre falava “Rafa, esse dinheiro que você tem é pra te ajudar, porque você já vai estar me ajudando comprando suas coisinhas e começando a perceber o seu próprio valor”. Eu terminei, fui passando de um emprego pro outro, entrei pro telemarketing também e nisso eu já entrava na questão das aulas de dança, só que ainda não como professor.

A partir do momento que eu soube que eu não estava mais feliz trabalhando pros outros, trabalhando em empresa onde você não se sente feliz como você deveria ser e vendo que dava pra viver de arte, eu acabei me desligando da empresa e falei “Isso daqui não é pra mim!”. Aí foi onde eu comecei a jogar tudo pro alto, apertar o botão do...e falar “Não é isso o que eu quero. Eu quero dar aula, eu quero fazer dança, eu quero viajar dançando e apresentando”. Meu último emprego antes de viver da arte foi no Telecentro, onde eu dava aulas de informática e anotava quem entrava para acessar a internet, e foi onde eu comecei a ver que não tava me fazendo bem, tanto mentalmente, até financeiramente, às vezes você se pega e pensa “Seria mais fácil eu já ter vivido de dança antes de começar a me envolver no trabalho de carteira assinada e CLT”. Não foi fácil e não é fácil viver de arte, eu passei por alguns perrengues ainda morando com a minha mãe, mas ela sempre tava ali do meu lado me acompanhando. Eu falava “Mãe, hoje não dá pra ajudar” e ela falava “Tranquilo!”, mas mesmo com as coisas apertando dentro de casa a gente conseguia dar aquela remanejada. (RODRIGUES, Rafael. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 17 jul. 2021, p. 212-213)

Observar a realidade vivida pelos meus pais e as inúmeras dificuldades também presentes na minha vida como consequência disso, me faziam sonhar em ser o primeiro da minha família a entrar na faculdade e ter um trabalho onde eu pudesse ser valorizada pelas minhas habilidades intelectuais em vez de ser reduzida à mera mão de obra e objeto de trabalho, podendo viver uma realidade diferente daquela à qual eu estava há muito tempo acostumada e, supostamente, predestinada.

Neste sentido, trabalhar e estudar se mostravam como necessidades urgentes e vitais, oportunidades únicas de uma mudança sem garantias, sem as quais qualquer possibilidade de liberdade se mostrava impossível.

Vivendo-se em uma sociedade capitalista na qual as oportunidades, as possibilidades e os direitos são negados, escassos ou ainda inexistentes para muitas pessoas localizadas à margem da normatividade, falhar não é uma opção. Falhar é ser marcado para eliminação! [...]

Passava a acordar às 05 horas da manhã e ir dormir após a meia-noite, de forma a conseguir trabalhar pela manhã, fazer o cursinho à tarde e ir para a escola à noite. Tive que mudar de escola de repente, me despedindo de bons amigos, mas também levando comigo a esperança de uma vida melhor. Até essa época, Taboão da Serra e Campo Limpo eram os lugares mais distantes para onde eu ia com certa frequência, com exceção de algumas poucas vezes em que fui ao centro de São Paulo. Até completar os meus 18 anos, meu limitado trânsito se resumia à periferia onde eu havia crescido. Se transportava quem podia pagar ou disso dependia o seu sustento, quem não podia andava em círculos, dava de cara com a imobilidade ou ia na sola do pé até onde dava. (ORÍDAN, Adriã. 2023, p. 113)

Para quem não é filhete de herdeiros, um dos poucos caminhos que se mostra possível na busca por uma dignidade no viver é o da responsabilidade compulsória pelo sustento básico, o que muitas vezes faz com que tenhamos que deixar sonhos e anseios de lado como forma de não cair em estado de miséria, porém sempre buscando colocá-los em primeiro plano da forma que nos é possível.

As nossas histórias nos fazem refletir sobre quais oportunidades e caminhos geralmente se mostram disponíveis às populações *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*, bem como sob quais condições podemos acessá-las, afinal ter que trabalhar por longas jornadas desde a juventude, em troca de salários e condições miseráveis, não encontrar espaço no mercado de trabalho ou ainda ter que esbarrar na prostituição ou no crime por caminhos que se mostram fechados e impossibilitados em outras direções, são formas de inferiorização, imobilização e exploração que visam limitar as nossas possibilidades de desenvolvimento e, em consequência, o nosso trânsito social.

Em uma sociedade capitalista, que tem como centralidade da vida a produção e o consumo, sendo o trabalho, portanto, a única via possível de validação e legitimação dos sujeitos, que também nós é dificultada e precarizada de todas as

formas, as questões que passam pelas nossas oportunidades de acesso, bem como pela nossas possibilidades de bem-estar físico e mental são jogadas à lama, da mesma forma que somos empurradas para as margens de qualquer tipo de possibilidade, o que amplia ainda mais o contexto dos deslocamentos diaspóricos aos quais estamos sujeitos.

Além das dificuldades que encontramos para conseguir adentrar o mercado formal de trabalho, dadas as exigências cada vez mais restritivas e condições cada vez mais exploratórias, quando conseguimos esse feito, após termos corrido uma maratona para adentrar esse espaços, temos ainda o desafio de conseguir permanecer de forma saudável dentro deles, o que acaba por ser mais um caminho muitas vezes conflituoso e desconfigurador das nossas subjetividades e corpos, dada a exigência de padronização estética e comportamental imposta por grande parte das empresas e instituições que seguem alinhadas a ideais normativos e tradicionalistas.

Não é a toa que muitos de nós acabamos por encontrar possibilidades de trabalho no mercado autônomo e informal, como forma de conseguir conduzir as nossas próprias carreiras e trabalhos, fazendo aquilo que acreditamos e sendo plenamente quem somos, sem restrições ou modelagens normativas que nos anulem:

Quando a gente trabalha pra uma empresa a gente sempre vai se adequar aqueles costumes, aquele fluxo de trabalho, então quando eu comecei a ter os meus projetos e comecei a fazer a minha divulgação, eu sempre fui muito feliz porque eu consigo fazer do meu jeito. Então eu sempre prezo por ter uma coisa mais confortável comigo, da pessoa realmente saber que eu sou gay, que o meu trabalho é assim, que eu faço desse jeito, porque eu não quero encarar a forma de trabalho como eu encarei no meu último estágio, onde eu me escondia porque as pessoas não poderiam saber da minha sexualidade e tudo mais. A coisa que eu mais prezo hoje em dia é estar confortável no meu próprio trabalho, nas coisas que eu faço e é bom eu estar colocando a minha identidade, colocar as coisas como eu gosto, de fazer como eu quero. [...]

Isso é uma coisa que eu gosto de trabalhar, porque quando a gente trabalha pros outros a gente tem que se adequar às ordens da empresa, tem que se

adequar ao fluxo que já existe, aos costumes que já tem, e eu trabalhando comigo mesmo eu tenho consciência de todos os fluxos, tenho consciência de como eu devo me portar, de como eu devo me comportar, de como eu devo agir sobre isso, de como eu devo fazer as minhas coisas. É uma parte que eu tenho uma certa liberdade e um gosto muito grande de trabalhar como autônomo nessa área que eu me formei. (QUARESMA, Rafael. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 18 jun. 2021, p. 198)

Apesar do trabalho autônomo se mostrar como uma via alternativa em relação ao mercado formal de trabalho, o qual ainda insiste em excluir as diversidades dos seus quadros de funcionários, precisamos encarar a realidade da precarização e da fragilização das relações de trabalho que passam por esse contexto, a qual acaba por precarizar as nossas possibilidades de trânsito social em diversos níveis.

Em uma sociedade capitalista, levando em consideração que o processo de desenvolvimento social, político e intelectual das pessoas passa também por uma necessidade de desenvolvimento econômico, sem o qual as possibilidades de movimento e trânsito social se mostram engessadas, vemos que no contexto *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*, a busca pelo trabalho representa também mais uma tentativa de transgressão frente às normatividades engessantes, uma vez que, mesmo diante das dificuldades e precariedades colocadas em nossos caminhos, assumimos uma postura de enfrentamento e subversão, de forma a buscar a movimentação necessária para que possamos chegar onde queremos, bem como para conquistar o sustento necessário para nós e para os nossos lares.

Se por um lado transgredimos, por outro lado estamos sujeitos a esse movimento incessante de obstáculos colocados em nossos caminhos pela ação da normatividade, movimento sem o qual poderíamos poupar preciosas energias de vida para usá-las em nosso bem-viver e construir.

2.7. Contextos da educação brasileira e o conhecimento como chave transgressora para a emancipação

A partir das nossas histórias, podemos ver que a busca pela emancipação diante do contexto normativo no qual vivemos, é algo que está diretamente atrelado às possibilidades de acesso a conhecimentos e ações voltadas à uma prática de liberdade, tal como concebida por Paulo Freire (2014), de modo a se fomentar o saudável desenvolvimento subjetivo, social, intelectual e político das pessoas, como forma de promover a compreensão sobre as variadas dimensões que nos constituem subjetivamente, socialmente e politicamente.

Neste contexto, conhecimento é sinônimo de poder em todos os sentidos, podendo ser encarado tanto como uma chave para a busca pela liberdade e emancipação diante das lógicas normativas, bem como uma forma de controle da qual o sistema normativo se apropria, como forma de articular os seus objetivos estratégicos de supremacia, dominação e inferiorização perante às não-normatividades. Compreender essa dimensão do conhecimento enquanto uma ferramenta de poder, é fundamental para compreendermos também os mecanismos de segregação, inferiorização e exclusão que se dão a partir das instituições tradicionalmente responsáveis pela construção do conhecimento como, por exemplo, as escolas e universidades.

Para que tal compreensão seja possível, precisamos novamente situar o abismo das desigualdades sociais, bem como a discrepância de objetivos que constituem os contextos da educação pública e da educação privada, situando também as oportunidades e lugares destinados a cada tipo de pessoa, a partir dos lugares sociais que ocupam e que dialogam profundamente com as suas heranças históricas. Primeiramente encontramos uma educação pública fortemente marcada por um contexto de precariedades, que se destina majoritariamente às populações mais pobres e periféricas, a partir de uma proposta pedagógica que visa principalmente a formação de mão de obra para o mercado de trabalho, em

contraste com uma educação privada que, voltada às populações mais abastadas, visa a formação profissional para as posições de melhor remuneração do mercado de trabalho.

Quando consideramos o contexto do ensino superior, por outro lado encontramos uma verdadeira inversão dessa lógica, onde vemos que as universidades públicas, que deveriam servir aos interesses sociais da coletividade e ser acessíveis, sobretudo, às pessoas com menor poder aquisitivo, são na verdade majoritariamente ocupadas por pessoas de grande poder aquisitivo e que sempre tiveram acesso às melhores possibilidades de formação, o que acaba por empurrar as populações mais pobres, quando ao menos existe essa possibilidade, para as instituições privadas de ensino superior, que em muitos casos, trabalham exclusivamente alinhadas aos interesses produtivistas do capitalismo, deixando de fora dos seus currículos, por exemplo, conteúdos que abordam com profundidade as dimensões políticas, sociais e humanas do conhecimento, que são fundamentais para a compreensão das desigualdades sociais, bem como para o enfrentamento das mesmas.

Não é a toa que vemos que, em um contexto *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*, o sistema normativo além buscar limitar o nosso acesso a conhecimentos e saberes de potencial emancipatório, busca limitar também a nossa visão acerca dessas possibilidades, de forma que não tenhamos ao menos perspectiva daquilo que poderíamos vislumbrar ou alcançar caso tivéssemos acesso a elas:

Quando eu queria ser padre, o meu padre sempre me falava que não era pra eu fechar as minhas possibilidades, que não era pra eu me fechar pra outras coisas. Foi na época que eu tentei ENEM, eu não consegui passar de primeira, mas eu lembro que em 2015 no meio do ano teve um processo de bolsa pro ProUni, eu me inscrevi e acabei passando pra arquitetura na época. Eu lembro que quando eu passei eu nem comemorei, sabe? Eu só vi o e-mail e fiquei assim “Caramba! Eu passei. Legal.” E a mamãe toda feliz querendo comemorar, porque aqui em Belém é uma grande festa quando alguém passa no vestibular, ainda mais quem nunca tem essa possibilidade de fazer uma faculdade, que vem de família pobre e pequena, é uma felicidade muito grande quando alguém passa. A gente faz festa, a gente

quebra ovo na cabeça, joga trigo, raspa o cabelo, pega o carro da família e sai na rua com ele, é uma festa muito grande.

Eu lembro que quando eu passei eu não fiz nada disso, sabe? Eu fui muito apático porque eu não queria fazer isso, eu não queria prestar vestibular, nem queria fazer faculdade, eu queria ser padre, porque eu tava naquela mentalidade ainda. Quando eu passei eu também falei pro padre que eu me aconselhava e ele fez meio que um acordo: que eu continuaria me aconselhando, mas eu teria que fazer a faculdade. Então eu comecei a fazer a faculdade porque eu tinha feito esse acordo com ele. Eu não queria fazer, mas eu fui fazendo. E é na faculdade na verdade que eu saio daquela bolha que eu vivi por muito tempo dentro da Igreja. A minha vida toda, a minha infância e a minha adolescência foi só naquela bolha. (QUARESMA, Rafael. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 18 jun. 2021, p. 181)

Pelas experiências e convivências, majoritariamente limitadas ao contexto da igreja em sua juventude, Rafael Quaresma vislumbrava ser padre, o que por si só não seria nenhum tipo de problema, caso essa fosse uma decisão que tivesse partido de uma escolha genuína e crítica em relação às suas oportunidades e possibilidades de escolha, em vez de uma vontade orientada por uma visão limitada e limitante, que se dava a partir de uma pedagogia normativa que o impedia de enxergar todas as suas reais possibilidades.

Esse contexto de limitações evidencia o contraste e a disparidade de possibilidades que existem quando o nosso trânsito social é estrategicamente limitado a determinados espaços pela ação do sistema normativo, de modo que as pessoas pobres e periféricas vivam sempre em um ciclo de impossibilidades, enquanto que as pessoas privilegiadas vivam sempre em ciclo de privilégios:

Eu lembro disso porque era uma disparidade muito grande da minha realidade e das minhas opiniões em relação às pessoas que estavam ali. Isso foi mudando com o tempo a partir do momento que eu saí da minha bolha, mas era uma realidade muito diferente quando eu cheguei na faculdade.

Na época que eu cheguei na faculdade eu não tinha tanto essa consciência de classe, mas eu tinha medo porque eu consegui a bolsa numa das maiores faculdades particulares daqui da região, e o curso de arquitetura na

época custava dois mil e pouco a mensalidade. Graças a deus que a minha bolsa foi 100%, mas na época era um dos cursos mais caros que tinha daqui. Eu sabia que a realidade das pessoas que iriam lá seria totalmente diferente da minha. Eu sempre me incomodei um pouco com isso porque hoje eu tenho consciência, mas na época eu já percebia essa diferença de realidade, de tratamento, de experiências de vida, então eu lembro que eu já cheguei com esse receio por lá. Eu tinha medo de chegar lá e só ter filhinho de papai levado no carro e eu aqui pegando o meu busão, então eu sempre tive esse receio porque eu já sabia de onde eu vinha, de onde os outros vinham. (QUARESMA, Rafael. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 18 jun. 2021, p. 196)

A visão limitada que Rafael Quaresma tinha naquela época em relação às suas possibilidades de desenvolvimento e trânsito social, passa diretamente pela ação da pedagogia normativa, pedagogia essa que em sua história foi em grande parte absorvida dentro do contexto da igreja, onde ele também afirma ter adquirido uma série de medos com os quais iniciou a sua trajetória universitária.

Da mesma forma que a articulação dos poderes normativos se dá pelo uso da violência, é também a partir da administração do medo que essa articulação se mostra possível. A narrativa de Rafael Quaresma nos demonstra a dificuldade em se romper com tudo isso, o que em sua trajetória somente foi possível a partir do momento em que ele pôde acessar o lugar historicamente privilegiado do ensino superior, que ainda segue inacessível à maior parte da população brasileira⁸:

Eu fui com vários medos pra faculdade porque na igreja eles criam essa mentalidade que a faculdade vai te desviar, de que você tem que se relacionar somente com as suas amigas da igreja. No fim eu vejo que esse desvio que eles falam é muito sair da bolha e foi isso o que aconteceu comigo naquela época, porque eu passei a minha pré-adolescência e a minha adolescência na igreja, só com amigas daquele ambiente, então eu realmente não tive amigas que eles falariam que é do mundo secular. Eu comecei a ter contato com pessoas que não viviam as mesmas coisas que eu, que tinham outras visões e que eram LGBT abertamente. Aquilo foi

⁸ Segundo os dados do Censo da Educação Superior de 2021 promovido pelo INEP, da população entre 18 e 24 anos, somente 19,7% frequentava o ensino superior.

na verdade um grande impacto pra mim, um impacto no fato de eu me sentir seguro para ser quem eu era. [...]

Eu lembro que tinha um grupo de oração da universidade que eu ia, às vezes eu tocava, então nesse ano eu ainda tinha esse contato da igreja dentro da faculdade, mas com o tempo que eu fui convivendo com outras realidades, eu fui vivendo outras vivências, eu fui tendo contato com pautas que na igreja eram meio que proibidas. Meio que a minha mente foi se abrindo pra outras coisas: eu fui realmente me abrindo pra outras possibilidades, pra eu ser quem eu era na verdade, fui me sentindo cada vez mais seguro pra isso. (QUARESMA, Rafael. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 18 jun. 2021, p. 182)

Além de narrar um ponto de transgressão de um líder religioso que soube agir de forma honesta e humana, a partir de uma perspectiva emancipadora contrária aos aprisionamentos, Rafael Quaresma narra também as possibilidades de acesso ao ensino superior que passaram a ser uma realidade através do PROUNI⁹, as quais representaram também importantes possibilidades de ascensão, trânsito social e emancipação não somente em sua trajetória, mas também na minha e de tantas outras pessoas *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* Brasil afora.

É curioso observar que a possibilidade de acesso ao ensino superior que, em seu entendimento da época, não apresentava uma oportunidade de grande valor, a ponto de até mesmo lhe causar uma certa apatia diante de uma conquista tão grande para alguém em seu contexto, foi justamente esse acesso que lhe possibilitou avançar em seus caminhos e ampliar o seu campo de visão, ampliando também o seu entendimento sobre si e sobre a realidade do mundo ao seu redor.

Foi no contexto do ensino superior que Rafael Quaresma começou ter acesso à debates sobre as diversidades, racialidades e desigualdades sociais, acessando assim conhecimentos que foram fundamentais no seu processo de desenvolvimento e emancipação frente às amarras normativas. A partir do contato com esses conhecimentos, ele teve a oportunidade de reconhecer a si mesmo, a sua história e também todas as violências vividas dentro do contexto de uma

⁹ Programa Universidade para Todos (ProUni), criado em 2004 pelo Ministério da Educação, sob a gestão de Fernando Haddad, durante o governo de Luiz Inácio Lula da Silva, a partir da lei nº 11.096/2005, tendo como finalidade a concessão de bolsas de estudos integrais e parciais a estudantes de cursos de graduação e de cursos sequenciais de formação específica em instituições privadas de educação superior, as quais recebem isenção de tributos a partir da sua aderência ao programa.

sociedade normativa, podendo romper com diversos ciclos de dominação que o sistema normativo pretende colocar sobre nossos corpos e subjetividades:

As coisas que passavam batido por mim antigamente eu comecei a ver como eram ruins, como me afetavam e como faziam eu me sujeitar a situações que eu não devia estar. Aquele ambiente cristão, aquele ambiente católico não me fazia bem. Eu comecei a perceber isso também com essa troca de vivência. Eu vivendo com outras pessoas, me enxergando como um homem gay, eu comecei a enxergar essas coisas. Então eu já não me sentia mais muito bem vindo lá. Foi o tempo que eu fui saindo. 2018 eu já não ia mais, eu saí de tudo. (QUARESMA, Rafael. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 18 jun. 2021, p. 185)

Se compreender a complexidade das dinâmicas sociais que nos cercam, bem como reconhecer as nossas potencialidades, é algo que depende de conhecimentos e ações voltadas à uma prática de liberdade e emancipação, podemos pensar que romper com os ciclos de dominação impostos historicamente pelo sistema normativo, é algo que depende da adoção de uma contra-pedagogia, orientada pelo objetivo estratégico da emancipação em contraposição à dominação objetivada pelas normatividades, sendo essa contra-pedagogia crítica e emancipatória fundamental para as transgressões diante do quadro dos abismos sociais que vivemos.

Na minha busca incessante por desenvolvimento, liberdade e emancipação, eu persegui o caminho do ensino superior em busca desses conhecimentos, tendo que correr em um nível absurdo não somente para adentrar esses espaços, mas principalmente para me manter firme, sã e focada, de forma a conseguir sair deles com os meus objetivos alcançados, em um ritmo que se intensificou e complexificou ainda mais no contexto do mestrado no qual desenvolvi esta pesquisa:

É principalmente a partir deste ponto que a minha narrativa começa a se cruzar ainda mais fortemente com a história de meu pai. É a partir daqui que a vida acelera tanto, que acaba por romper com a percepção de tempo que eu costumava conhecer. É também a partir daqui que eu perco, em um nível ainda mais profundo, a minha conexão com o espelho, com a minha

ancestralidade e com a minha história, o que fez com que eu me perdesse de mim mesma, intensificando ainda mais o processo de desumanização, a partir do qual eu passava a ser encarada apenas como um corpo-máquina-produtivo.

As exigências da vida acadêmica e profissional se mostravam muito maiores do que aquelas presentes na vida escolar, porém mesmo em tais circunstâncias eu continuava a buscar o inalcançável objetivo de ser a melhor, pois acreditava que a qualquer passo em falso eu também poderia acabar caindo no fosso da incompetência, tendo a minguada chance de reconhecimento da minha humanidade e competência eliminada. Crescer quebrada na quebrada nos ensina que, aparentemente, não existem segundas chances, por isso se manter de pé a qualquer custo se mostra como mais uma possível estratégia de sobrevivência. Quantos ao meu redor teriam de alguma forma caído ou se perdido ao longo do caminho?

Conseguir manter boas notas na universidade e ter um bom rendimento no trabalho exigiam de mim um alto nível de foco e concentração. Sendo/tendo eu um corpo, conseguir me manter nesse lugar de foco e concentração somente se mostrava possível através da satisfação das necessidades fisiológicas básicas, como comer e dormir, as quais já passavam a ser cada vez mais irregulares e raras na minha rotina.

Uma vez que se manter em um emprego minimamente decente em uma sociedade capitalista requer especialização e dedicação cada vez maiores, ocupar todas as horas do dia com trabalho e estudo se colocava como pré-requisito de permanência no meu caso. Durante a semana eu acordava de madrugada, trabalhava o dia todo, estudava no período noturno e quando ia dormir já passava da meia-noite. No final de semana, eu focava nas leituras e trabalhos da universidade e também estudava inglês, tendo que mais uma vez cruzar a ponte e seguir o longo e já conhecido trajeto rumo à promessa de uma vida melhor. [...]

Como eu poderia me alimentar e dormir decentemente em tais condições, quando mesmo sem qualquer tempo para o lazer, para os relacionamentos e afetos, o cenário no qual eu vivia se mostrava como o mais promissor e com as melhores chances de ascensão? Como eu conseguiria manter o foco e a concentração em algo, quando tudo ao seu redor trabalhava de forma a impedir que esse objetivo fosse alcançado? (ORÍDAN, Adriã. 2023, p. 118)

Ter tido acesso ao ensino superior foi algo que definitivamente mudou positivamente todas as minhas perspectivas de vida, porém isso não quer dizer que ter convivido dentro de espaços acadêmicos foi um processo tranquilo e saudável, muito pelo contrário. Esse clima de maratona contra a vida, pelo qual tive que passar para conseguir ter o meu conhecimento validado a partir de muitos embates, fez com que a minha saúde mental fosse imensuravelmente afetada e, não fosse por esse caminho, como eu poderia ter chegado aonde cheguei? Seja da forma que for, com o conhecimento, título ou posse que tivermos, isso nunca é o suficiente para nos garantir a possibilidade de sermos plenamente vistos com dignidade e humanidade pela maioria das pessoas, afinal, antes de sermos qualquer coisa, a pedagogia normativa já pressupõe que somos menos ou não somos nada, a partir da adoção e da disseminação de uma série de estereótipos.

Diferente de Rafael Quaresma e de mim, Luna Dy Córtes cursou a sua graduação na USP, conseguindo acessar a universidade pública através do SiSU¹⁰:

Eu entro na USP assim que eu saio do ensino médio e tem um pouco desse lugar de choque. A primeira coisa que a gente pensa é “Estou atrasada!” e ter que lidar com pessoas muito ricas, de outra realidade, então a violência se dá por aí também. [...]

São muitas dores e delícias a universidade. Eu vivi coisas incríveis, conheci pessoas incríveis, tive experiências incríveis, a universidade foi o que me abriu portas pra fazer estágio e me encontrar na arte-educação, por exemplo, mas também foi o lugar onde eu fui agredida dentro do bandeirão, então é sempre essa dubiedade. Tem um lugar que me irrita muito, que é quando as pessoas falam “Eu sou acadêmico, tenho mil doutorados, fui pra lua e voltei...”, daí eu falo “Tá! Mas você não sabe respeitar o meu pronome, e aí?” (DY CÓRTEZ, Luna. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 02 out. 2021, p. 160-161)

O choque inicial e o sentimento de atraso narrados por Luna Dy Córtes dialogam diretamente com o abismo de oportunidades que se coloca entre os contextos das escolas e das universidades públicas que discutimos anteriormente.

¹⁰ Sistema de Seleção Unificada (Sisu), criado em 2010 pelo então pelo Ministério da Educação, sob gestão de Fernando Haddad durante o governo de Luiz Inácio Lula da Silva, como alternativa aos vestibulares realizados até então, de forma descentralizada, pelas instituições públicas de Ensino Superior.

Novamente se faz necessário refletir, dentro do contexto *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* que aqui investigamos, à qual tipo de educação temos acesso, quais oportunidades nos são dispensadas e quais conhecimentos nos são propositalmente negados, bem como sob quais intenções e objetivos.

A narrativa de Luna Dy Córtes novamente nos aponta o potencial transformador e emancipador possibilitado pelo acesso ao ensino superior, bem como as possibilidades únicas que esse acesso pode nos trazer, apontando também, em contraponto, para as violências constantemente vividas nesses espaços acadêmicos. Do alto do seu privilégio acadêmico, muitos docentes não conseguem minimamente compreender de forma prática as diferentes realidades vividas por alunes vindes de contextos sociais marcados pela vulnerabilidade, mesmo a partir de todos os acessos e conhecimentos aos quais tiveram acesso, o que faz com que o papel da transformação social, que passa pelas atribuições de responsabilidade do ensino superior, muitas vezes fique somente no âmbito das ideias e das reflexões.

Neste sentido, Luna Dy Córtes aponta para uma questão epistemológica que atravessa toda a instituição acadêmica. Apesar de vivermos um período de intensas disputas narrativas dentro desses espaços, eles ainda seguem sendo majoritariamente ocupados pelas normatividades em inúmeros aspectos. Em nosso contexto *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*, normalmente somos as primeiras pessoas das nossas famílias a conquistar uma vaga em qualquer tipo de universidade, seja ela pública ou privada, o que nem de longe se coloca como a realidade da maioria de nós, que viemos de um contexto onde nossos pais e mães não foram herdeiros:

Tem também uma questão pedagógica e epistemológica, um modo de olhar. Por exemplo, eu sou das Letras, e existe um modo de olhar pra literatura que é totalmente hétero-cis, então como você vai falar de algumas questões? Esse lugar também de pressupor que todo mundo tá ali porque ama muito, pode se dedicar muito praquilo e não! [...]

A universidade é muito violenta, é tema da minha terapia todas as sessões, sabe? Eu odeio estar na universidade, essa é a verdade. Eu estou lá porque eu quero esse diploma, porque eu não aceito ser uma travesty sem ensino

superior, mas eu odeio esse espaço, não faz sentido a forma como o conhecimento é produzido nesse lugar, já não condiz mais comigo. Eu não vou dizer tudo, óbvio que coisas maravilhosas vem da universidade, tipo a vacina, não tem como deslegitimar esse espaço por total, mas também não tem como a gente esquecer que esse espaço é baseado no colonial. Você entra na USP e tem um pé de café e um Bandeirante lá. O que é você entrar nesse lugar? Não é só um muro físico, é um muro simbólico muito forte. (DY CÓRTEZ, Luna. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 02 out. 2021, p. 161)

É necessário considerarmos os desafios colocados em nossos caminhos para que consigamos acessar o ensino superior, mas sobretudo para nos manter nele e conquistar o que lá fomos buscar - o que está para muito além de um mero diploma -, diante de um contexto historicamente concebido de forma a não nos contemplar e, diante de qualquer possibilidade de acesso, de lá no expulsar.

É também importante lembrarmos que, até o momento de uma dita abolição no Brasil, o que aconteceu somente no ano de 1888, a sociedade brasileira era majoritariamente composta pelos diferentes povos indígenas que seguiam em resistência, bem como por uma multiplicidade de pessoas negras ainda vivendo em um contexto de escravização, promovido por uma burguesia branca que detinha o poder sobre as riquezas e os meios de produção, de forma que, olhando para o contexto histórico de formação e desenvolvimento da sociedade brasileira, bem como de suas universidades, podemos questionar o perfil de quem atualmente ocupa os lugares de privilégio social, bem como as escassas vagas disponíveis no ensino superior, a partir de suas ascendências, o que novamente nos demonstra que a compreensão sobre os diferentes aspectos que passam pelas nossas ancestralidades e heranças, se mostra como uma chave de compreensão necessária para o enfrentamento das desigualdades sociais que atualmente vivemos.

É indiscutível o fato de que as ciências e os fazeres científicos possuem um valor imensurável para a construção da nossa sociedade e democracia, especialmente diante do momento histórico marcado pelo negacionismo, pelo conservadorismo e pelo fundamentalismo que vivemos não somente aqui, mas

também mundo afora, contudo não podemos também deixar de considerar os aspectos históricos que passam pela fundação das universidades brasileiras, bem como a sua configuração atual a partir deste contexto.

Tal como afirma Luna Dy Córtes, existe um muro simbólico muito forte que separa a universidade e a sociedade, portanto se pretendemos construir uma educação verdadeiramente comprometida com os direitos humanos, com o respeito às diversidades, com a equidade e com a transformação social diante do cenário das tantas desigualdades que vivemos, precisamos pensar em formas de como derrubar e destruir por completo esses muros. É nesse sentido que proponho que compreender a fundo as nossas histórias, a história de formação do nosso país e também as configurações político-sociais em que vivemos, se mostram como caminhos fundamentais para que isso possa se tornar realidade um dia.

Diante de tudo o que viemos discutindo até aqui, podemos observar que, dentro e fora das nossas quebradas, existe um movimento normativo constante de impedimento ao desenvolvimento e ao trânsito social das pessoas *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*, o qual visa a nossa estagnação e desequilíbrio como estratégia de morte. Nesse sentido, a nossa ação transgressora se mostra como a via de sobrevivência que encontramos para nos manter de pé e em movimento, diante dos deslocamentos diaspóricos que visam nos colocar em uma busca incessante por pertencimento nos diferentes espaços. Compreender a dimensão desses deslocamentos diaspóricos em nosso contexto *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*, se faz necessário e fundamental para que possamos transgredi-los, uma vez que esses mesmos deslocamentos diaspóricos são os que visam nos deslocar de nós mesmas, bem como nos impedir de ocupar a maioria dos espaços.

Em minha trajetória, os sentimentos de inadequação e não-pertencimento sempre foram comuns à maioria dos espaços por onde passei, a ponto de causar um um sentimento de deslocamento do meu próprio corpo a partir da vigilância e da coerção alheia. Por muito tempo, durante a minha infância e juventude na quebrada, um dos únicos territórios possíveis de existência foi a internalidade dos meus pensamentos, da minha intelectualidade, da minha criatividade e da minha espiritualidade, também duramente atacadas e disputadas para que não me

pertencessem e para que eu não me desenvolvesse em nenhuma dessas direções. Compreender os movimentos da diáspora e da rejeição na minha vida, fez com que eu percebesse que o maior deslocamento a ser enfrentado e resolvido se encontrava dentro de mim mesma, de forma que somente a partir dessa resolução eu teria fôlego para lidar com os deslocamentos e com as questões externas à mim.

Na trajetória de Rafael Quaresma, podemos também observar um sentimento de inconformidade e um movimento de deslocamento constantes, anteriores ao momento em que decidiu externalizar a sua sexualidade, o que passa direta ou indiretamente pelas demais narrativas. É como se nada se encaixasse, uma vez que tudo ao nosso redor é uma forma onde não se cabe, de modo que sejamos constantemente deslocados da possibilidade do pleno desenvolvimento e compreensão de quem somos a partir das nossas subjetividades, bem como da emancipação que se mostra possível a partir disso, o que constantemente nos impede de simplesmente sermos quem somos.

A partir desse movimento, somos também impedidos de vislumbrar as nossas mais variadas possibilidades de vida, uma vez que o nosso *eu* é a todo momento negado e deslocado de si para dar espaço à projeção de um *outro normativo* onde jamais poderemos caber. O sentimento de solidão que se dá a partir desse deslocamento diaspórico, é outro ponto comum às nossas experiências, o qual se mostra presente tanto na tentativa de imobilização causada a partir disso, como no movimento transgressor que fazemos ao ocupar os lugares que também nos pertencem por direito.

Ao sermos segregados do convívio social, nós estamos sujeitos à essa solidão, tal como também acontece ao avançarmos em nossos caminhos e conseguir alguma ascensão social, de modo que na maioria das vezes somos as únicas ou uma das pouquíssimas pessoas em contexto *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* a ocupar esses espaços:

Eu cheguei ainda em muitos lugares com receio da minha sexualidade, mas a gente acaba vendo que não é uma questão tão grande, pelo menos na minha área. Ainda assim é uma área muito elitista e eu tive contato com esse fato no meu último estágio. Eu trabalhava num escritório grande e tinham realidades que eram realmente muito absurdas. Absurdas no sentido

de uma pessoa dar vinte mil numa mesinha de cabeceira, sabe? E com isso eu fui percebendo a área que eu tava e fui tendo também uma consciência racial. Em eventos grandes de arquitetura, com grandes arquitetos, eu olhava ao redor e pensava “Não tem nenhum negro aqui. Eu sou a pessoa mais escura desse ambiente”. Tu via essa questão da diferença de classe, da diferença de realidade, da diferença de costumes e foi ali que eu fui percebendo essa disparidade tão grande, fui tendo consciência daquilo que eu tava me formando. (QUARESMA, Rafael. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 18 jun. 2021, p. 197)

Ter a possibilidade de encontrar acolhimento, pertencimento e oportunidades dentro dos nossos territórios periféricos não foi a realidade de todes, porém isso aconteceu nas trajetórias de Cleydson Catarina, Rafael Rodrigues e Ton Moura de forma mais direta, de modo que isso veio a impactar positivamente não somente as suas experiências, mas também os seus territórios. Para outres de nós, por outro lado, os nossos caminhos foram marcados pelo desconfigurador processo de busca de oportunidades em outros lugares e territórios, onde nitidamente não éramos bem-vindes ou não existia espaço para nós, o que nos exigiu grande capacidade de concentração e insistência para criar esses espaços e neles se manter.

Ton Moura teve a possibilidade de participar de projetos artísticos e pedagógicos que o abraçaram em sua singularidade, não o forçando a se deslocar de si mesmo e da sua realidade em direção à uma normatividade compulsória e subjetivamente desconfiguradora, o que teve grande importância no sucesso da sua caminhada na arte:

Esse foi o meu último emprego antes de falar “Chega! Eu vou viver de arte. Vou mandar um projeto com os meus amigos.” Foi quando eu falei pra minha mãe “Eu vou viver de arte. Segura as pontas, querida, porque o seu filho vai viver de arte!” Nessa época eu ainda tava trabalhando, mas eu mandei um projeto, o VAI, que é pra iniciantes, junto com cinco amigos que tavam fazendo o vocacional. A gente mandou Sertão amado: a arte de um povo, que era o nome do projeto, e fomos contemplados logo de primeira. [...] Depois desse projeto nós circulamos em 10 CEUs, a galera foi assistir e a Trupe Benkady, o Bando Trapos e o espaço CITA foram todos convites, eu nunca fui lá fazer um teste. Eu fui apresentar, a galera me viu e disse “Esse menino é bom, vamos pegar ele, vamos chamar ele pra trabalhar com a

gente.” Pra Trupe Benkady eu fiz uma oficina de dança com a Flávia no Fábricas do Capão, ela me chamou e falou “Olha, eu vou te dar uma bolsa de dança africana, se você quiser você vai lá.” Eu fui, ganhei essa bolsa, depois eu fui convidado pra entrar na Trupe. No Bando Trapos também, disseram “A gente tá precisando de um ator. Você não quer fazer um espetáculo itinerante, o Mephisto.” Na peça eu faço uma travesti, que é a Mary Star, que junto com outras são todas moradoras de rua, estão ocupando o espaço e querem fama, a gente vende a nossa alma pra fama. Tudo foi se encaixando, tudo foi se direcionando perfeitamente.

A Naloana e Naruna sempre falam “Você tem essa oportunidade de chegar na arte já ganhando uma grana” e disse eu não posso reclamar, porque eu sempre tive grana, mesmo que seja trezentos reais ou duzentos reais num mês, eu sempre tive. Não foi uma batalha onde eu sofri anos pra conseguir um projeto. Hoje eu tô no Fomento à Periferia com o Bando Trapos, a gente tá com uma série sobre moradores do Campo Limpo, então eu larguei tudo o que eu tava fazendo pra viver de arte e deu super certo até hoje. Desde 2013 eu sempre tive um projeto, eu sempre tava fazendo alguma oficina, fazendo job, sempre dançando com a Trupe, sempre atuando com o Bando Trapos, então deu super certo até hoje. (MOURA, Ton. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 14 ago. 2021, p. 247)

Rafael Rodrigues também teve a possibilidade de acessar oportunidades artísticas e culturais dentro da sua quebrada, de forma que isso também transformou a sua caminhada e lhe trouxe outras possibilidades de caminhos:

Eu nunca imaginei que iria dar aula na minha vida. Já tem 13 anos que eu sou dançarino, 7 anos que eu dou aula de dança como professor, eu não sou formado na área da dança, mas eu estou na área da Educação Física, no 3º semestre de Educação Física. [...] Eu sempre gostei de dançar, desde pequeno. Eu acompanhava o É o Tchan, nas festas de aniversário eu me jogava e um dia eu fiquei sabendo de um curso vocacional de dança aqui no Céu Paraisópolis e eu comecei a fazer aulas de dança contemporânea com a orientadora Adriana Maku. A partir daí montamos um grupo, chamado Grupo MOVE de Dança e através desse grupo nos inscrevemos no VAI. Ganhamos o VAI 1, ganhamos o VAI 2 e através desse projeto nós montamos um espetáculo que falava do corpo e suas barreiras, onde a gente queria mostrar pra quem estivesse assistindo que não precisava ter um corpo padrão pra poder dançar. Na dança contemporânea e no balé o

que mais a gente encontra são pessoas brancas por ser uma dança européia, mas pra mim que sou negro, periférico, byxa, as coisas ficam um pouco mais difíceis, ainda mais nessa área artística. No Brasil é muito difícil viver de arte, é como se a gente tivesse que matar um leão por dia pra poder chegar onde a gente quer e ser valorizado.

Com isso eu fui vendo que, pra gente viver de arte, é possível sim, só que não é tão fácil como é lá fora. Como eu falei, a gente tem que matar um leão por dia pra tentar chegar onde a gente quer. Depois que eu vi que era possível a gente sobreviver de arte, ganhar dinheiro dando aula, que é uma coisa que a gente gosta, eu falei “Por que não, né?”. Até hoje eu ministro aulas em Paraisópolis, fora também, eu dou aulas particulares, e é uma profissão que entrou pra minha vida, sabe? Antes de eu entrar pro mundo da dança, eu trabalhava. Eu já fui atendente e até entregar jornal no farol eu já entreguei, por exemplo, poucas pessoas sabem que até por isso eu já passei. (RODRIGUES, Rafael. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 17 jul. 2021, p. 209)

Em suas experiências, a dança aparece nitidamente como um lugar de chegada, pertencimento e expansão, norteando a sua vida e a sua resistência diante dos desafios do viver. Mesmo diante dos desafios que se mostravam presentes no seu contexto *byxa-preta-de-quebrada*, o caminho artístico pelo qual o seu corpo pulsava, se fazia mais viável do que a precariedade dos trabalhos que estavam ao seu alcance. Como Rafael Rodrigues afirma, é possível sim viver de arte sendo uma pessoa *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*, porém na maioria das vezes partindo do lugar das vias alternativas, o que demonstra nitidamente haver uma disparidade imensa na comparação com o lugar normativo do privilégio.

Se por um lado, dentro das nossas quebradas começamos minimamente ter acesso a possibilidades e oportunidades culturais e artísticas, por outro lado, quando falamos do contexto da realidade do mercado de trabalho cultural e artístico, em grande parte também dominado pelas normatividades, ainda seguimos sendo impedidos de ocupar a maioria dos espaços, havendo uma falsa percepção de superação dessa realidade, a partir de uma lógica de apropriação das pautas e demandas sociais por parte do capitalismo. Existe um certo modismo em colocar uma ou outra pessoa em contexto *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* ou outras

possibilidades não-normativas nas grandes mídias, o que se dá pelos tensionamentos, pautas e demandas sociais da atualidade, porém existe um falso senso de representatividade, articulado pela apropriação que se dá pelo capitalismo em associação às normatividades, onde o objetivo e a lógica são sempre lucrar sobre tudo e todos.

Estruturalmente a realidade apresentada é outra, de forma que quem vemos chegar nesses lugares de poder são na realidade pouquíssimos de nós, em contextos onde talvez sejamos a primeira geração a romper com os ciclos de aprisionamento que nos impedem de prosperar em todas as frentes da vida, recusando a imobilidade e a exclusão, bem como ocupando diferentes espaços:

Tem um pouco de que estamos chegando, de que estamos tomando os lugares, porque a maioria se uniu pra que isso acontecesse, mas também ainda tem o restante que é moda: a gente precisa colocar a byxa preta em série X, porque a galera tá falando disso, isso é super legal, então vamos colocar a byxa preta na rede globo. Isso é representatividade pras trans e byxas pretas também, mas tem esse por cento de moda, da modinha.

Quando a mão branca chega nesse lugar onde tem uma byxa preta, onde tem uma trans preta, fica caricato e daí não sou eu, eu não me sinto representado nesse trampo. A galera preta, mulher trans, homen trans, as byxa preta de quebrada que eu vejo tá na quebrada, tá fazendo um trabalho na quebrada, tá fazendo um trabalho vendendo o seu corre ou vendendo o produto que ela mesma faz. Não é esse rolê todo de “A gente chegou”. Tá, a gente chegou, mas a gente tem que se fuder pra pagar um aluguel, a gente que se fuder pra fazer esse rolê: é um ou outro que eles colocam lá em cima pra dizer assim “Olha, a gente tá dando lugar pra essa byxa preta!”. Não é assim.

A gente tá chegando obviamente porque a gente tem arte, a gente é foda, a gente é foda no que faz, mas às vezes eu acho que ainda falta muito pra gente chegar aonde a gente no mínimo quer. A gente tem que se fuder 3 vezes, 4 vezes mais do que uma pessoa branca que às vezes não faz nem teste, é só convidada pra tá onde tá. Quando colocam a gente nesse lugar, não é a gente, é só pra dizer que mais uma byxa preta tá ali, e as byxas pretas que estão aí, com os trabalhos que elas tem, é porque elas fizeram o corre sozinhas, não precisaram de ninguém. (MOURA, Ton. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 14 ago. 2021, p. 256)

Refletir sobre os territórios periféricos, bem como sobre as possibilidades ou impossibilidades de trânsito social que se dão a partir deles, é também refletir sobre quais possibilidades e oportunidades de lazer, cultura, conhecimento e formação político-social estão disponíveis nas quebradas, as quais já sabemos ser escassas e indisponíveis à maior parte das populações periféricas. Para além de bares e igrejas, precisamos de espaços e oportunidades reais que promovam a socialização, a coletivização, as culturas, as artes e os conhecimentos voltados ao desenvolvimento das populações e dos territórios historicamente inferiorizados e desfavorecidos, tal como acontece no contexto das periferias.

Acredito que a revolução transgressora tão necessária ao nosso país, diante do contexto de um colonialismo escravocrata que se coloca como um sistema normativo em nosso presente, se dará através da emancipação das periferias e das populações periféricas e diversas, a partir das reparações históricas orientadas pelo contexto das desigualdades sociais, bem como da retomada de posse das cosmologias, culturas e conhecimentos que nos foram e seguem sendo estruturalmente negados, de modo que a pedagogia normativa, que se caracteriza como uma pedagogia da ignorância, seja combatida através de uma contra-pedagogia voltada à liberdade e à emancipação subjetiva, social e política dessas dessas populações.

Enquanto isso ainda não é uma realidade para muitos de nós, seguimos fazendo a nossa revolução transgressora, seja a partir dos nossos deslocamentos para outros territórios, seja a partir da permanência em nossas quebradas ou ainda do retorno a elas, como forma de reaproximação e fortalecimento com os nossos territórios de origem e também com as nossas identidades.

O desejo de sair da quebrada e conquistar melhores condições de vida e moradia é comum à maioria de nós, o que muitas vezes se dá a partir da premissa de não nos esquecermos de fortalecer esses territórios de alguma forma. Essa é uma importante consciência contra o movimento rotineiro de traumas que podemos acabar desenvolvendo em nossas quebradas devido a tudo o que ali vivemos, e que tem o potencial de causar uma séria ruptura identitária, com grandes consequências e reverberações sobre as nossas subjetividades e saúde mental:

Eu sou byxa preta, favelada, pobre, artista, nordestina, mas a primeira oportunidade que eu tiver de sair da favela, eu vou sair, porque não é só porque eu nasci na favela que eu devo morrer na favela, sabe? Eu almejo coisas melhores pra mim, pra minha mãe, pros meus irmãos. Eu sei da onde eu vim, eu nasci na favela, minha família toda mora na favela, meus amigos todos são de quebrada, de favela, mas a primeira oportunidade que eu tiver de ter grana, de fama, eu vou agarrar todas essas oportunidades - porque preto não tem privilégio, preto tem oportunidades -, eu vou sair da favela, sempre olhando pra trás, sempre olhando pra quem tava comigo, sabe? (MOURA, Ton. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 14 ago. 2021, p. 239-240)

O processo de saída das quebradas rumo ao centro e o posterior retorno como forma de reaproximação com as nossas identidades e com quem somos, é um aspecto que passa pela história de Cleydson Catarina e também pelas demais. Através do seu processo fraternal articulado junto à igreja, diante de um contexto de carência alimentar de um grupo de crianças com o qual convivia, Cleydson Catarina afirma que começou a se enxergar, a perceber o seu corpo e a entender que já havia passado por aquele lugar de alguma forma:

Eu venho da periferia, estudo num bairro elitizado e aí eu volto pra trabalhar numa capelinha do Ceasa. Essa capelinha era bem pequenininha, onde passavam várias pessoas na rua pra pegar frutas podres e foi proibido entrar criança, porque elas pegavam frutas junto com a família. De frente tinha uma parte só de frigoríficos, isso era na rua da minha casa, mas numa parte mais comercial - tinha a parte do conjunto e essa parte mais comercial que era na avenida. Aí eu tenho uma loucura e digo “Eu não gosto de caridade, eu gosto de fraternidade”, eu sempre tive esse problema com caridade, sempre fica alguém em cima para dar alguma coisa e esperar a salvação, e fraternidade eu aprendi isso com São Francisco de Assis, bem colonizado mesmo (risos). Era uma época que eu pensava nessas imagens brancas.

Eu comecei a pedir e disse “Todo sábado eu vou fazer sopa, porque as crianças não podem entrar e é o dia que as mães vão...”, então eu chamei uma turma que já tava trabalhando nessa Capelinha e eu pegava carne de todos os frigoríficos, eles davam ossada e com isso eu comecei a fazer

sopa. Por que eu tô falando isso? Porque eu comecei a me ver, esse é o meu corpo, sabe? Não tô falando dessa coisa de caridade, dessa coisa de igreja, acho que é algo que vai construindo, porque eu nunca passei por fome, eu passei por necessidades. Teve uma época que meu pai ficou desempregado e a minha mãe fazia quentinha, a vizinha dava um pó de café, então a gente passou por isso. A minha identidade foi feita de construções mesmo, eu fui me vendo e eu precisava voltar e conviver com os meus.

A mesma coisa acontece com a linguagem teatral: eu vou pra uma escola de teatro e escuto tudo que é de branco. Teve um curso que eu fiz de teatro físico, que era com o Morquis do Teatro Solé. Eu tava nessa fase da máscara - eu sempre fui apaixonado pela máscara por causa dos Caretas do Reisado, isso é muito importante pra mim -, do negrume do maracatu, que é onde eu me vejo como um menino preto, porque eu ainda não me via, tem esse processo do embranquecimento. Quando eu vejo aquele maracatu que é um pavão - tem aquela música Pavão Misterioso do Ednardo -, aquele ritmo é do maracatu.

*“Pavão misterioso, pássaro formoso,
Tudo é mistério, nesse teu voar...”*

Virou um hino gay, porque as rainhas do maracatu cearense - tem até um livro, Eternas Rainhas - eram todas travestis. Essas travestis que estavam na noite viravam rainhas, olha que coisa linda. Toda essa marginalidade, dessa tradição marginal, que é feita no centro de Fortaleza me bateu. São várias coisas, não é nada, a gente vai se construindo de pouquinho em pouquinho. Não é assim “Acordei hoje e sou”, não. Você tem que apanhar, você tem que comer, você tem que viver, você tem que chorar, você vai ter que pescar tudo. (CATARINA, Cleydson. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 23 out. 2021, p. 141-142)

Pela necessidade que passou na infância, pôde se reconhecer em outres e com isso reconhecer a si mesmo, de forma que, a partir da compreensão e da emancipação do seu *eu*, passou a ter o seu olhar voltado para algo muito maior e além de si, se voltando assim para a coletividade. É essa compreensão sobre a realidade vivida que nos permite olhar para quem somos, para os nossos e também para as nossas quebradas, nos permitindo compreender que, tal como Ton Moura

nos ensina, apesar das nossas diferenças e singularidades, muitas vezes encaradas com estranhamento em nossas próprias quebradas, ali todes compartilham de uma realidade de dificuldades comum aquele território:

Eu comecei a me descobrir e é muito louco isso, porque quando jovem eu achava que era uma pessoa normal, que tava no meio da galera, porque eu sempre vivi no meio dos meninos e eu não sou uma pessoa normal. Eu sou diferente e eu gosto de ser diferente, porque eu tenho um cabelo diferente da galera que mora aqui, eu tenho as roupas diferentes, eu sou diferente, mas mesmo sendo diferente a gente tem a mesma história, a gente mora na mesma quebrada, a gente pega o mesmo ônibus, quando a polícia invade aqui todo mundo sofre igual. (MOURA, Ton. Entrevista concedida a Adriã Orídan Ferreira da Silva, 14 ago. 2021, p. 257)

CONCLUSÃO (O ESPELHO DA LUTA)

Essas são as reflexões de um despertar. Eu abri esta investigação falando sobre as minhas dificuldades e desafios em desenvolvê-la, pois no início de todo esse percurso eu estava enfrentando uma série de desafios que me levaram a um profundo processo de adoecimento mental. Conforme foi evidenciado ao longo de toda esta pesquisa, tais desafios não surgiram na minha e nas demais histórias de forma aleatória, da mesma forma que não existe nenhuma aleatoriedade no fato do Brasil ainda ser apontado como um dos países mais socialmente desiguais do mundo¹¹, bem como o país com as maiores taxas de homicídio da população LGBTQIAPN+¹²: tudo isso é na verdade herança de um processo histórico e político que muito nos antecede e que envolve todo o tecido social brasileiro, ocupando lugar central nesta investigação.

Desde o início desta pesquisa até a sua finalização, mais de cinco anos se passaram, em meio a um contexto histórico e político que precisa ser não somente citado, mas também destacado, de forma a reforçar a relevância e a urgência de toda a investigação que aqui foi proposta, bem como os pontos de tensionamento das inúmeras questões e entraves que acabam por conduzir as não-normatividades para o caminho das estatísticas. O ano de 2018 foi marcado pelas eleições presidenciais que elegeram Jair Messias Bolsonaro ao poder, em meio à uma campanha política pautada na promoção da desinformação, de mentiras e de discursos de ódio contra as mulheres, as populações negras, indígenas, mestiças, LGBTQIAPN+, diversas e não-normativas de forma geral.

Desde então o que vimos, além do ataque aos direitos mais básicos da dignidade humana dessas populações, foi também a tentativa de um desmonte público, a escalada desenfreada do ódio, da violência, do desemprego, da fome, da miséria e das desigualdades sociais, além dos inúmeros ataques contra a nossa

¹¹ Conforme estudo realizado pela World Inequality Lab (Laboratório das Desigualdades Mundiais).

¹² Segundo o dossiê de 2021, intitulado *Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil* e publicado pela Acontece, ANTRA e ABGLT.

biodiversidade e os povos indígenas, os quais arderam em meio às chamas e a violência autorizadas por uma política de extermínio. Vimos um país, que já se encontrava em estado crítico, mergulhar em uma crise política, econômica e social ainda mais profunda em meio à pandemia do vírus COVID-19 onde, pelo estratégico negacionismo do então presidente da república, milhares de vidas foram perdidas e tantas outras foram negligenciadas.

Foi em meio a esse clima de abandono, ódio, violência e tensionamentos sociopolíticos que muitas de nós, pessoas *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* e não-normativas, passamos a sofrer ainda mais intensamente diversos ataques de ordem homofóbica, transfóbica, racial e de intolerância religiosa, revivendo medos e violências de um passado que nunca passou de fato, uma vez que nunca foi superado diante de uma configuração estrutural que ainda promove a disseminação da violência e das desigualdades como forma de controle social, em vez de promover a sua erradicação.

A soma de todos esses fatores mais o acúmulo de uma vida de recalcamientos, violências e impedimentos, acabaram por me tirar do meu eixo de concentração, fazendo com que eu perdesse a conexão que tinha comigo mesma e com a coletividade, o que me conduziu a um profundo processo de adoecimento mental. Fora dos trilhos, foi me voltando para dentro de mim, da minha espiritualidade, das minhas ancestralidades e também da coletividade, que eu pude finalmente compreender, elaborar e contar a minha história, encontrando com isso um caminho de cura que me permitiu romper com os silenciamentos e os deslocamentos impostos pela ação do sistema normativo na minha vida. Olhar para dentro de mim me exigiu também olhar para trás e ao meu redor, o que me permitiu uma profunda reconexão com as minhas raízes, com as minhas motivações, com os meus objetivos e, finalmente, com a coletividade que me cerca, o que me possibilitou voltar a construir e transgredir no presente como forma de vislumbrar uma melhor possibilidade de futuro.

Os conhecimentos e as compreensões que eu busquei a partir desta investigação, são os mesmos que me foram negados e impedidos ao longo de toda uma vida pela ação do sistema normativo, os quais foram de vital importância para o meu processo transgressor e emancipatório. Foi através da vivência e da prática

desses conhecimentos que eu pude me deparar com a simbologia dos espelhos *abebés*, encontrando preciosas reflexões e chaves de compreensão para lidar com todas essas questões e também para compor este trabalho. Diferente da simbologia encontrada no Narciso da mitologia grega, o qual acaba por se afogar em sua própria imagem, vaidade e obsessão refletidas nas águas - imagem essa que, vale destacar, é a mais perfeita representação das normatividades que se colocam acima de tudo e de todos, enxergando somente a si mesmas como a centralidade da existência humana -, a perspectiva metodológica e simbólica dos *abebés* aqui utilizada, parte de uma cosmologia afro-brasileira que reflete uma perspectiva coletiva de interconexão e interdependência.

A água, fonte primária e essencial da vida, se mostra como o ponto de força de Oxum e Iemanjá. Segundo a mitologia iorubá, é Iemanjá, dona dos oceanos e das águas salgadas que concebe e dá a vida à sua filha Oxum, bem como aos demais Orixás, ajudando Olodumare, o criador supremo, na criação do mundo. Oxum, dona dos rios e das águas doces, detém também o poder sobre a fertilidade em suas mais variadas formas, desaguando nos oceanos e também nutrindo a terra, a partir de um movimento cíclico que deveria ser infundável, não fosse pela ação exploratória e dizimadora, orquestrada sobretudo por uma aristocracia europeia sobre a natureza e os demais povos dessa terra, a partir do advento da colonização que se replica até os dias atuais através das suas heranças, dos seus herdeiros e da sua epistemologia normativa que se pretende dominante e soberana.

Para além dos domínios que Iemanjá e Oxum detém sobre a natureza, as suas águas e poderes passam também por lugares simbólicos ainda mais profundos, nos conduzindo a preciosas compreensões sobre as relações entre as subjetividades e as coletividades, que se mostram fundamentais para o vislumbamento de qualquer possibilidade de bem viver em sociedade, bem como de harmonia com a natureza. A partir das relações de coletividade, interconexão e interdependência, as quais são base das cosmologias afro-brasileiras e indígenas, podemos observar que as possibilidades de desenvolvimento, evolução e movimento não se dão de forma isolada ou individual: são necessárias outras compreensões, compreensões essas que passam pela coletividade, pela relação

com os outros seres, com o mundo, com o universo e com a realidade que nos cerca e da qual fazemos parte.

A partir de uma perspectiva afro-brasileira de origem iorubá, Iemanjá é quem nos permite tal compreensão coletiva, sendo também a dona de todas as cabeças que rege o equilíbrio psicológico, a psique e a intelectualidade humana. Oxum, por sua vez, rege as feminilidades e também a complexidade dos sentimentos e emoções humanas, elementos a partir dos quais o autoconhecimento e o pleno desenvolvimento subjetivo se mostram possíveis.

Em resumo, o que podemos compreender a partir dessa perspectiva, é que o autoconhecimento, a plena formação das subjetividades e a emancipação subjetiva se mostram possíveis a partir da compreensão sobre a coletividade, as estruturas sociais, a realidade fatídica e observável que nos cerca, os saberes que desenvolvemos a partir dessas compreensões e, finalmente, do equilíbrio psicológico necessário para a assimilação, ação e transformação diante dessa realidade. Da mesma forma, vemos que tal equilíbrio psicológico e a compreensão sobre a coletividade, passam também pela via do autoconhecimento, da plena formação das subjetividades e da emancipação intelectual, em um movimento cíclico de retroalimentação onde um fenômeno não se dá sem a presença do outro.

O nosso primeiro ponto de encontro com a simbologia presente nos *abebés* se dá pela história do espelho roubado por Oxum da casa dos *Egunguns*, espelho esse que “só mostra a morte, a imagem horrível de tudo o que é feio” (PRANDI, 2001), com a finalidade de usá-lo para enlouquecer Oiá a partir da visão deturpada de si mesma nele refletida, fazendo com que ela enxergasse o pior de si. Em minha trajetória, esse mesmo espelho é o que aqui foi nomeado como o *espelho da distorção*, através do qual por muito tempo eu me enxerguei de forma distorcida, a partir das lentes coloniais e da ação do sistema normativo que por muito tempo agiram sobre mim, com o intuito de desqualificar a minha humanidade e anular tudo o que eu verdadeiramente sou, a partir do sequestro da minha subjetividade, história, ancestralidades e espiritualidade. Tal espelho nos determina uma imagem que deve ser perseguida como ideal estético e subjetivo, a partir dos ideais da branquitude, da heterossexualidade e da cisgeneridade compulsórias, pretendendo com isso nos forçar a ser algo diferente do que verdadeiramente somos e também

nos impossibilita de enxergar os mecanismos de violência direcionados ao adestramento e ao extermínio das não-normatividades nas quais estamos inseridas.

A compreensão sobre uma vida de sufocamentos e silenciamentos pelos quais tive que passar para chegar até aqui, me trouxeram a urgência de falar em um momento no qual, pela dificuldade em verbalizar, comecei a escrever, narrando pela primeira vez a minha história a partir de um lugar de compreensão de tudo aquilo que o sistema normativo pretendeu me fazer recalcar. Como forma de elaborar todas essas questões, precisei mergulhar nos lugares mais profundos e remotos da minha história, me conectando neste momento com outra simbologia que encontramos no espelho *abebé* de Oxum, onde ela se volta para a contemplação das profundezas de si mesma em busca de autoconhecimento.

A partir das histórias aqui trazidas, podemos concluir que muitas das compreensões sobre quem somos, sobre os lugares que ocupamos nas dinâmicas sociais e sobre a politicidade da vida em sociedade, é algo que muitos de nós só pudemos concretizar plenamente há pouquíssimo tempo, uma vez que tais conhecimentos e compreensões sempre nos foram sistematicamente negados a partir da ação do sistema normativo que se mostra enraizado e impregnado nas bases fundantes do Estado brasileiro, das suas instituições e de todo o seu tecido social, sendo fruto de um longo processo de opressões e explorações que é regido por uma lógica colonial que há séculos inferioriza e explora terras, recursos naturais e, sobretudo, vidas humanas.

O desenvolvimento e a conquista desse lugar de autoconhecimento, bem como da ampliação da compreensão sobre a realidade, as estruturas e também os fenômenos sociais que nos cercam, é algo que na minha experiência, por exemplo, somente pôde se dar a partir da investigação de vida que empreendi com esta pesquisa, bem como das profundas e honestas trocas que tive com outras pessoas *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*. Eu sou mais uma pessoa trans* não-binária, negra-cabocla-mestiça, de herança nordestina e de uma cultura de quebrada, que como tantas outras pessoas Brasil afora, tiveram a sua dignidade humana, as suas histórias e ancestralidades, estruturalmente e sistematicamente estraçalhadas pela ação do sistema normativo, como forma de impedir a nossa emancipação subjetiva, intelectual e política, e com isso limitar as nossas possibilidades de trânsito social.

Nenhuma das compreensões que trazemos com esta pesquisa, bem como dos conhecimentos que conquistamos ao longo das nossas trajetórias, nos foram dados ou assegurados, muito pelo contrário: tudo isso nos foi e segue sendo estruturalmente negado às pessoas *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* e não-normativas como forma de manutenção dos poderes normativos, a partir do uso do *epistemicídio* como estratégia de rebaixamento intelectual.

Podemos ver que as nossas histórias trazem os gritos de vozes silenciadas e as denúncias de vidas marcadas por violências, exclusões e impedimentos, o que nos faz atender ao chamado das urgências e da necessidade de movimento rumo à ação. Partindo-se de um contexto onde a vida se dá a partir de precariedades, de violências e da negação dos direitos mais básicos à dignidade humana, a vida está sempre por um fio e não existe garantia do amanhã, por isso compreender esses fenômenos e lutar pela modificação dessa realidade é algo que se mostra tão urgente em nosso contexto *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*.

Nos colocarmos no movimento de narrar as nossas histórias é passo fundamental para a recuperação das nossas humanidades, uma vez que podemos compreender que essas duas possibilidades nos foram tomadas: 1) ter e constituir uma história, uma vez que aquela que nos antecede se deu a partir de uma série deslocamentos, rupturas, desconexões e faltas, bem como de 2) falar, uma vez que a fala se constitui a partir de objetivos de escuta e esta é impedida a partir de mecanismos normativos que pretendem anular as nossas humanidades, anulando também as nossas possibilidades de sermos vistas, ouvidas e encaradas como pessoas dignamente humanas.

A partir do meu movimento interno de mergulho e resgate da minha história, eu pude então me conectar a outras histórias *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* que também demonstraram a existência de um *cistema normativo*, formado a partir de uma rede complexa e sofisticada de poderes interseccionalizados que opera a partir de mecanismos de opressão, força e violência, se replicando ciclicamente a partir de uma pedagogia normativa e objetivando a inferiorização de corpos e subjetividades não-normativas, a partir da autoenunciação de uma suposta superioridade normativa, como forma de manutenção do seu próprio poder que se pretende soberano.

Apesar de inicialmente ter me visto no espelho da distorção, o mergulho que fiz no abebé de Oxum me trouxe uma profunda compreensão sobre a minha história e sobre as ancestralidades que carrego, me conduzindo à uma outra perspectiva da simbologia dos *abebés*, quando estes são usados por Oxum e Iemanjá como uma espécie de espelho retrovisor, permitindo enxergar quem está atrás delas, bem como contemplar a jornada de tudo o que veio antes de suas próprias histórias.

Tratar todas as questões que aqui foram levantadas, foi um movimento que se deu por uma questão de urgência, em um momento de vários ataques que acabaram por desestabilizar o que tenho de mais precioso: o meu Orí, a minha cabeça, a qual me permite conexão com o meu sagrado, com a minha ancestralidade, com a minha história e, sobretudo, comigo mesma, a partir de um eixo de concentração e de equilíbrio que se faz necessário para o bem-viver de qualquer pessoa.

Falar sobre Orí, a partir dos saberes afro-diaspóricos que herdamos enquanto povos de terreiro, é algo que está para além de um mero aspecto religioso, tratando-se na verdade de uma cosmologia que parte de fundamentos de conexão e interdependência nas relações consigo, com a natureza e com a coletividade, bem como do diálogo com as nossas ancestralidades, espiritualidades, humanidades, historicidades e saúde mental, a partir de saberes que seguem sendo historicamente perseguidos e atacados pela ação das normatividades e do fundamentalismo religioso.

Contemplar o espelho abebé, a partir das ancestralidades negra e cabocla por nós herdadas, bem como compreender as nossas existências, experiências e cultura enquanto *byxas de quebrada*, é um ato que nos permite enxergar os nossos reais traços e características, tanto físicos como subjetivos, de modo a também conseguir olhar para os nossos ancestrais e enxergar as histórias de negritude e caboclagem que também lhes foi tomada. É nesse sentido que as *faltas* e *ausências* que carregamos, se colocam como fatores determinantes para a compreensão das nossas histórias, as quais se ligam à uma outra história ainda mais antiga, de quando os nossos ancestrais indígenas foram cruelmente caçados e perseguidos, da mesma forma que os nossos ancestrais africanos foram brutalmente violentados em suas terras, trazidos forçadamente para o Brasil e reduzidos a meros objetos de

uso, desprovidos de alma e humanidade, reproduzindo assim um ciclo interminável de *faltas* e *ausências* que até hoje se faz presente e nos persegue enquanto povos negros, indígenas e mestiços.

Olhando para o espelho retrovisor e resgatando as nossas histórias, passamos também a inverter a lógica normativa e meritocrática que pode nos levar a um lugar constante de culpa pelas violências e impossibilidades vividas, o que nos permite adotar um olhar mais generoso e empático sobre as nossas próprias experiências e daqueles que vieram antes de nós, bem como recriar pontes para conexões que se perderam em outros momentos.

O resgate e reencontro com as nossas histórias nos mostram que, quando não conhecemos ou reconhecemos o lugar de morada das nossas raízes, podemos nos perder de nós mesmas e começar a definhando, tal como uma árvore cortada do chão que não tem de onde tirar as suas energias para sobreviver. O olhar sobre as nossas histórias também nos permite concluir que a rejeição de toda uma sociedade por quem somos, pode nos levar a conviver com constantes sentimentos de inadequação e não-pertencimento, responsáveis por criar um movimento forçado de deslocamentos diaspóricos que podem nos levar à uma incessante necessidade de migração para outros lugares em busca de oportunidades de inserção, acolhimento e pertencimento. O que podemos concluir a partir disso, é que essas possibilidades não se darão a partir da lógica normativa na qual vivemos, mas sim a partir da criação de espaços físicos e subjetivos que precisam ser criados a partir do afrontamento e da transgressão à essa lógica.

Foi em busca de uma abordagem intelectual e socialmente transgressora que me conectei com os saberes transfeministas e decoloniais, encontrando neles as bases necessárias para refletir sobre essas resistências e transgressões, a partir de uma abordagem interseccionalizada que busca a transformação política de toda a sociedade, sem as exclusões e rebaixamentos típicos das normatividades. Transgredir a lógica normativa, a partir das compreensões aqui trazidas, é algo que passa necessariamente pela compreensão da existência dessa lógica que rege as dinâmicas de poder, as relações e os trânsitos sociais, bem pelo posicionamento e efetiva ação combativa diante do estado naturalizado de violências por ela criado, de forma a não aceitar, sob qualquer pretexto, a marginalização, a violência e a

desumanização que são impostas às pessoas não-normativas diante dessas dinâmicas de poder.

Em seu artigo intitulado *Colorindo egos*, Sueli CARNEIRO afirma que:

Temos hoje, portanto, razoável radiografia socioeconômica das desigualdades raciais produzidas pelo racismo e pela discriminação. No entanto, esses diagnósticos se ressentem da ausência de estudos sobre um dos aspectos mais perversos do racismo e da discriminação: os danos psíquicos e, sobretudo, o golpe na autoestima que os mecanismos discriminatórios produzem nas vítimas do racismo. (CARNEIRO, 2011, p. 79)

Foi neste sentido que, a partir do mergulho nos espelhos *abebé*, em busca de autoconhecimento, do resgate das nossas ancestralidades e também da conexão com a coletividade, passei não somente a investigar os danos psíquicos e os golpes causados em nossas autoestimas, mas também a buscar compreensão sobre quais mecanismos de poder operam esses fenômenos e como eles se configuram na história do nosso país e das pessoas localizadas nas interseccionalidades *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*, de forma a refletir sobre possíveis estratégias e ações necessárias para a transgressão dessa realidade, o que nos leva à mais uma simbologia desses espelhos *abebés*, que também refletem a coletividade e a realidade concreta à nossa volta.

O sistema normativo objetiva empreender uma ação dizimadora sobre corpos e subjetividades *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* e *não-normativas*, de forma a nos levar ao caminho da segregação, da exclusão, do isolamento e da morte, a partir da criação e da manutenção de um estado naturalizado de violências, que se dá pelo uso da violência orientada por ideais normativos, fundamentalistas e conservadores, bem como pela negação de direitos e pelo apagamento de nossas histórias e lutas, o que longe de caracterizar um caso isolado, representa na verdade um quadro social crônico que precisa ser urgentemente discutido e combatido.

Enquanto podemos ver que, dentro do contexto das não-normatividades, as nossas histórias e humanidades seguem sendo sistematicamente e geracionalmente negadas e invisibilizadas, quando olhamos para o contexto das normatividades não vemos nem de longe esse mesmo movimento acontecer, uma vez que essas mesmas normatividades foram e seguem sendo construídas de forma a ser

hegemônicas e centralizadas, marginalizando e ignorando qualquer coisa além de si mesmas, mas disso dependendo para sobreviver e se manter nos seus lugares de poder. É desta forma que resgatar e reconhecer as nossas histórias, é também resgatar as nossas ancestralidades, ancestralidades essas que se mostram como a nossa mais valiosa herança para compreender quem somos, bem como a complexidade da realidade que nos cerca e que configura o tempo presente, diante de um contexto histórico onde absolutamente tudo nos foi tomado.

Reconhecer as nossas histórias e heranças ancestrais enquanto pessoas *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*, também nos permite compreender que, apesar das nossas subjetividades, corpes e intelectualidades passarem por um processo de inferiorização e deslegitimação diante do olhar e da chancela normativa, nunca fomos seres inferiores, tampouco destituídos de sabedoria e humanidade, muito pelo contrário: as nossas histórias demonstram que partimos de lugares de inteligência, sabedoria e tecnologia ancestrais que, mesmo diante de pouquíssimos recursos e muitos obstáculos, nos permitem chegar a lugares incrivelmente potentes, transgressores e transformadores, o que nos faz refletir sobre a potência ainda maior do que poderíamos ser e fazer com tudo aquilo que nos foi e ainda é diariamente tomado.

As reflexões sobre todas essas questões nos trouxeram aos pontos máximos desta investigação, que são, em primeiro lugar, a denúncia do sistema normativo e das normatividades, através do mapeamento e da análise de suas ações sobre os trajetos, corpes e subjetividades de pessoas *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* e, em segundo lugar, a valorização das transgressões e transformações feitas por nós diante dessa configuração social normativa.

Busquei demonstrar a existência e o funcionamento do sistema normativo e da pedagogia normativa que o sustenta, através do debruçamento e do diálogo com todas as histórias *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* aqui citadas, bem como dos referenciais teóricos que também serviram de base para esta investigação. Tal como um sistema lógico, composto por entradas, processamentos e saídas, que se dão a partir das ações performadas por diferentes atores, alinhados aos objetivos estratégicos desse mesmo sistema, o sistema normativo também apresenta uma

estrutura lógica e mapeável, a partir da qual podemos compreender as suas formas de organização e operação, bem como quais são os seus agentes e objetivos estratégicos. Foi possível concluir que tal sistema normativo opera a partir de uma lógica binária e normativa, bem como de mecanismos de opressão e violência, de forma a colocar e manter a masculinidade normativa, a branquitude, a heterossexualidade e a cisgeneridade no centro da existência humana, bem como e nos lugares de poder e privilégio, enquanto conduz as pessoas e as experiências não-normativas às margens e às periferias em suas mais variadas possibilidades de configuração.

Foi também possível concluir que, diante de um contexto no qual o direito à liberdade e à emancipação subjetiva, intelectual e política de determinados tipos de pessoa, bem como a compreensão sobre a realidade sociopolítica e o direito à sua plena humanidade são estrategicamente negados, não podemos falar de liberdade tal como se pretende desde o período de uma tida abolição no Brasil. Uma vida que se dá a partir de trânsitos sociais impedidos por todos os lados, tendo como centralidade o trabalho que não dá espaço para mais nada e é disso dependente para subexistir, soa nitidamente como uma vida de escravidão, o que nos leva a compreender que o sistema normativo busca promover um regime de escravidão a nível intelectual, psíquico e espiritual, que se dá pela via da precarização dos trabalhos e da subalternização.

O sistema normativo, fruto e continuidade do empreendimento colonial que aqui se deu pela ação dos europeus, desde os seus primórdios visa a escravização e o aprisionamento das diversidades que se opõem aos binarismos normativos em diferentes níveis, de forma que os seus objetivos estratégicos de superioridade, poder e dominação possam ser alcançados. Essa mesma normatividade se colocou acima de tudo, inclusive da natureza, o que também explica a desconexão e toda a crise ambiental, humanitária e social que vivemos na atualidade brasileira e mundial, a partir do movimento da ocidentalização mundo afora. Se recusar a enxergar essa realidade, não se revoltar contra ela e não tentar transgredí-la de qualquer forma, significa ser conivente com esse sistema normativo e tudo o que se dá a partir dele, sendo a normatividade em si.

O sistema normativo nos esmaga e objetiva nos destituir de humanidade, valor e importância, para que assim nos enxergando, a vida se tome de vazio. Foi nesse contexto que as condições de vida às quais fui sujeitada me adoeceram. Ansiedade, depressão, crises de toda a sorte são resultados da ação desse sistema normativo. Ao longo de grande parte da história e ainda hoje as não-normatividades são colocadas no lugar do patológico, quando na realidade hoje podemos concluir que as normatividades são a verdadeira patologia causadora de muitas outras doenças e do grande mal-estar social em que vivemos.

Iniciando o nosso trajeto de investigação no espelho da distorção, passando pelo espelho retrovisor e também pelo espelho da coletividade, chegamos finalmente à última simbologia dos espelhos *abebés*, agora os encarando como ferramenta de luta, de forma a refletir as normatividades a si mesmas, expondo a sua realidade a todes. O que conquistei, a partir de todos os trajetos aqui narrados, foi efetivamente a minha emancipação subjetiva, intelectual, espiritual e política, rompendo com as amarras do sistema normativo que pretendem imobilizar os meus movimentos e bloquear os meus caminhos. Foi a partir da minha e de outras histórias *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*, bem como dos conhecimentos ancestrais que me permitiram contemplar os espelhos *abebés* de Oxum e Iemanjá, tirando deles valiosos aprendizados, que pude resgatar a minha humanidade e encontrar um caminho de cura, finalmente interrompendo o processo diaspórico que me deslocava de tudo, de todes e de mim mesma. Foi também a partir de tudo isso que pude enxergar a minha força, relevância e potência para a coletividade, compreendendo o meu poder de transformação a partir da ação e do movimento transgressor.

A partir de todas as histórias *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* que nos trouxeram até aqui, podemos concluir que a espiritualidade para nós que ocupamos esse lugar interseccional não é mera opção, mas sim um fator imprescindível de sanidade, de bem-viver e de sobrevivência, pois uma vez que somos sujeitadas a abandonos e açoitamentos de todos os lados, somente esta espiritualidade é o que muitas vezes nos resta e pode nos permitir a retomada do equilíbrio necessário para nos mantermos vivas e sãs, em meio a um mundo de violências naturalizadas contra nossas subjetividades e corpos, que dele nos pretende eliminar a todo instante.

Trazer toda essa discussão à tona e nos movimentarmos rumo à transformação social é algo urgente e necessário, uma vez que sabemos que existem tantas outras pessoas *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* e não-normativas, em especial crianças e jovens Brasil afora, a quem esses conhecimentos voltados à prática da liberdade, da transgressão e da emancipação seguem sendo impedidos e negados, de forma que neste exato momento elas podem estar vivendo uma realidade de violências e aprisionamentos normativos dentro de si, dos seus lares, das suas famílias e dos seus círculos sociais, sendo também impedidas de se locomover diante das estruturas engessantes criadas pelo sistema normativo, tal muitas de nós já estivemos. Toda essa discussão também se faz relevante, sabendo que a transgressão da realidade normativa na qual ainda vivemos enquanto sociedade, é algo que depende de uma profunda transformação social, o que somente pode se dar a partir da transgressão, da movimentação e da adoção de ações concretas nesse sentido.

Por fim, sabendo que os espelhos *abebés* de Oxum e Iemanjá refletem também a imagem de quem verdadeiramente somos, espero honestamente que cada pessoa que venha a ler este trabalho, tenha a possibilidade de se enxergar, olhando profundamente para dentro de si, para tudo o que veio antes e também para a configuração do tempo presente, se questionando sobre a sua localização no meio de todas essas dinâmicas de poder. Para algumas pessoas, esse movimento poderá levá-las ao caminho da necessária transformação social, enquanto que para outras, associadas aos ideais normativos, esse movimento provavelmente as levará ao surto no qual já vivem. No meu caso, esse entendimento me levou à compreensão de toda essa problemática e também ao movimento transgressor e revolucionário que eu e outras pessoas *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* fazemos diariamente no exercício do viver, o que sem sombra de dúvidas foi uma das maiores transgressões de toda a minha existência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Acontece Arte e Política LGBTI+; ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais); ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos). Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil: Dossiê 2021. Florianópolis, Acontece, ANTRA, ABGLT, 2022.

ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 14. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARNEIRO, Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. 340 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 38. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 58. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel . História da sexualidade 1: A vontade de saber. São Paulo: Paz e Terra, 2014. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque.

GOMES DE OLIVEIRA, Megg Rayara. O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. Salvador - BA: Editora Devires, 2020.

GOMES DE OLIVEIRA, Megg Rayara. Por que você não me abraça?: Reflexões a respeito da invisibilização de travestis e mulheres transexuais no movimento social de negras e negros. Vozes, p. 167-179, 2018.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. 2. ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2017.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo da educação superior 2021. Brasília: INEP, 2021.

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: Diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

LOURO, Guacira Lopes et al (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de História Oral. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

NASCIMENTO, Abdias. O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. 3. ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.

VEIGA, Lucas. As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil. Tabuleiro de Letras, [s.l.], v. 12, n. 1, p.77-88, 19 jul. 2018. Revista Tabuleiro de Letras.

VERGUEIRO, Viviane. Pensando a cisgeneridade como crítica decolonial. In: MESSEDER, S., CASTRO, M.G., and MOUTINHO, L., orgs. Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 249-270

JESUS, Jaqueline Gomes de. Gênero sem essencialismo: feminismo transgênero como crítica do sexo. *Universitas Humanísticas*, p. 241-257, julho-dezembro, 2014.

JESUS, Jaqueline Gomes de. *Transfeminismo: teorias e práticas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Metanoia, 2015.

NAVARRO, E. A. *Dicionário de tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil*. São Paulo. Global. 2013.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BASTIDE, Roger. O Candomblé da Bahia. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

Chancel, L., Piketty, T., Saez, E., Zucman, G. et al. World Inequality Report 2022, World Inequality Lab wir2022.wid.world

COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto e FIGUEIREDO, Luís Claudio Mendonça. Figuras da intersubjetividade na constituição subjetiva: dimensões da alteridade. Interações: Estudos e Pesquisas em Psicologia, v. 9, n. 17, p. 9-28, 2004

Daniel Cerqueira et al. Atlas da Violência 2021. São Paulo: FBSP, 2021.

ECO, Umberto . Como Se Faz Uma Tese. São Paulo: Perspectiva, 2017.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada [Et. AL.]. Retrato das desigualdades de gênero e raça. 4. ed. Brasília: Ipea, 2011.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada [Et. AL.]. Desenvolvimento Humano para Além das Médias. Brasília: PNUD : IPEA : FJP, 2017.

PIMENTA, Tânia Salgado; MOTA, André. Artes de curar e práticas de saúde: circularidades, institucionalidades e repressão. São Paulo: Hucitec, 2022.

RADVANSKEI, Iziquel Antônio; SILVA, Maria dos Remédios Lima. ECOLOGIA DE SABERES E PERSPECTIVISMO: epistemologias decoloniais / ecology of knowledge and perspectivism. Brazilian Journal Of Development, [S.L.], v. 6, n. 10, p. 80801-80817, 2020. Brazilian Journal of Development. <http://dx.doi.org/10.34117/bjdv6n10-486>.

RIBEIRO, Djamila . O que é: lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Djamila . Quem tem medo do feminismo negro? São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTOS, C.J. /des/aparecer: histórias de imagens, fantasmas e espelhos. MODOS. Revista de História da Arte. Campinas, v. 3, n.1, p.145-161, jan. 2019.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval. Pesquisa participante: alteridade e comunidades interpretativas. Psicologia USP, [S.L.], v. 17, n. 2, p. 11-41, jun. 2006. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-65642006000200002>.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ANEXO I: O MERGULHO NO ESPELHO

1. Adriã Orídan

O início do processo investigativo que trilhei para desenvolver esta pesquisa foi marcado por uma série de dificuldades de ordem relacional, psicológica e financeira, causadas principalmente pelo clima de ódio, violência, medo, insegurança e instabilidade acumulados ao longo de uma vida e que cresceram exponencialmente com o cenário de crise política, econômica, social, sanitária e humanitária causado pelos tensionamentos do governo Bolsonaro e da pandemia de COVID-19.

Sendo eu uma pessoa *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* no meio de tudo isso, passei a sofrer diversos ataques de ordem transfóbica, homofóbica, racial e de intolerância religiosa, revivendo medos e violências de um passado que novamente se fazia presente, o que acabou me tirando do meu eixo de conexão e me fazendo adoecer, impactando diretamente a minha capacidade de concentração, atenção e foco. O termo *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* que aqui trago, está para além de uma questão meramente identitária, representando um contexto de interseccionalidades que se dá pelo encontro dos marcadores sociais de sexualidade, gênero, raça e classe.

Nesse redemoinho de inseguranças e corres da vida, me deparei com as sólidas palavras de Abdias Nascimento, com as quais tomei fôlego para iniciar a minha narrativa e me colocar tal como sou, tal como me defino ser:

O ensaio que desenvolverei nas páginas a seguir não se molda nas fórmulas convencionalmente prescritas para trabalhos acadêmicos e/ou contribuições científicas. Nem está o autor deste interessado no exercício de qualquer tipo de ginástica teórica, imparcial e descomprometida. Não posso e não me interessa transcender a mim mesmo, como habitualmente os cientistas sociais declaram supostamente fazer em relação às suas investigações. Quanto a mim, considero-me parte da matéria investigada.

Somente da minha própria experiência e situação no grupo étnico-cultural a que pertenço, interagindo no contexto global da sociedade brasileira, é que posso surpreender a realidade que condiciona o meu ser e o define. Situação que me envolve qual um cinturão histórico de onde não posso escapar conscientemente sem praticar a mentira, a traição, ou a distorção da minha personalidade. (NASCIMENTO, 2016)

Cito as palavras de Abdias Nascimento pela identificação que causam em mim e pela ajuda que me dão para romper com as amarras de uma vida marcada pela ação da normatividade, aprendendo muito com a forma como ele defende a sua autonomia, a sua história, a sua existência e a sua humanidade.

Abdias Nascimento me ensina a me enxergar como um ser humano, como uma pessoa que também é detentora de sua própria história, dona de sua própria existência, o que me fez perceber que eu não precisava mais tentar me igualar a quem quer que fosse ou buscar obsessivamente um padrão de existência que nada tem a ver comigo, bastando eu simplesmente ser quem eu realmente sou. Foi aqui que descobri a minha real potência e singularidade, descobrindo também que o *exercício de ser* não tem nada de simples, representando um dos maiores desafios da minha existência.

A minha história me ensina que por muito tempo acreditei na imparcialidade do meu ser, o que me permitiu compreender que era justamente essa imparcialidade que me impedia de ser. Não sendo, poderia eu existir plenamente? Não existindo plenamente, poderia eu ter uma história? Todas as evidências me dizem que não, por isso acredito que não exista a possibilidade de isenção em qualquer tipo de história, da mesma forma que não existe história que possa se dar a partir da isenção, pelo menos não uma história que possa ser declarada autenticamente verdadeira e, portanto, baseada em fatos. Sabendo que isenções aqui não são possíveis e muito menos desejadas, tomo aqui as rédeas da minha própria narrativa, escrevendo a partir da única voz que pode proclamar qualquer verdade sobre a minha experiência de ser e existir nesse mundo. Com ouvidos atentos e boa vontade, será possível escutar o que tenho a dizer. Escutar! Não apenas ouvir, como alertaria o meu pai.

De todas as preocupações que tenho ao escrever, demonstrar eloquência definitivamente não é uma delas, uma vez que outras prioridades se mostram muito mais urgentes. Em vez disso, facilitar o entendimento do que quero comunicar é fundamental, por isso iniciar essa investigação buscando compreender e me apropriar da minha história se mostrou como o melhor caminho. Acredito que histórias nos aproximem e comuniquem muito mais do que teorias e palavras difíceis jogadas ao vento, pois trazem consigo a essência única da existência de cada pessoa, revelando a realidade e as experiências contidas em cada ser, sendo capaz de causar um processo honesto e profundo de reconhecimento e identificação entre aqueles que se narram e escutam, dialogando com a devida atenção.

Histórias aqui também representam uma perspectiva democrática na disseminação do conhecimento e dos saberes, uma vez que, apesar de negadas a muitas pessoas, ainda é um elemento comum a todas. Recorro à história oral de vida, portanto, pois cada pessoa possui a sua própria história, existindo a partir da mesma e nessa existência a criando, em uma simbiose sem fim. Nesse sentido, acredito que o que proponho aqui também não se encaixe nos moldes acadêmicos e científicos clássicos, pois recorro à minha e outras histórias de pessoas em contexto *byxa-preta-de-quebrada* como método de investigação, forma de reconexão e caminho de explicação para muitos fenômenos que há tempos observo em mim e toda a minha volta.

Recorro também às falas e pensamentos daqueles que lutam pela decolonização de nossos corpos e mentes, humanizando a nossa existência não-normativa e nos elevando à categoria de sujeitos humanos e seres pensantes, donas dos nossos próprios saberes, aqui representadas principalmente por vozes do feminismo negro, da luta antirracista, do transfeminismo e da luta queer.

Tal como Abdias Nascimento colocou, a mim também não interessa exercitar pensamentos imparciais e descomprometidos pois, assim como ele, também sou parte do assunto investigado, a todo tempo o atravessando e por ele sendo atravessada. Uma vez que tomo posse da minha história e com a minha voz a narro, não existe mais espaço para imparcialidades e abstrações, não existe espaço para isenções. Falo da isenção que se dá pela não-tomada de responsabilidade, pela não-participação, pelo esquivamento ao problema que se coloca, pois se existe algo

que na minha história e de tantas outras pessoas não-normativas nunca foi possível, foi me esquivar das consequências do exercício de ser e existir tal como sou, existência essa que é socialmente encarada como algo além das fronteiras da normatividade e da moral, reservando a mim e a outras pessoas à margem dessa norma, os lugares da anormalidade e da imoralidade.

Ao mesmo tempo em que me apoia na restituição da minha humanidade, através do resgate da minha história, ancestralidade e origens, Abdias Nascimento também me ensina que as minhas experiências, apesar de únicas, também se relacionam diretamente com o lugar étnico-cultural ao qual pertenço, trazendo questões que vão muito além dos meus desejos ou escolhas. É justamente sobre essas questões, experiências e lugares que aqui falarei, de forma a explicar o que é esta investigação, quem sou eu nesta investigação e o que esta investigação é em mim.

O que objetivo ao trazer a minha narrativa para dentro desta pesquisa é falar sobre algumas questões que atravessam a minha existência *byxa-preta-cabocla-de-quebrada*, buscando evidenciar que questões de natureza à primeira vista muito íntimas, representam na realidade um fenômeno social latente e complexo, ainda encarado como assunto marginal e de irrelevante importância pelo Estado e pela sociedade brasileira. Tudo isso posto, é hora de você me conhecer: muito prazer, eu sou Adriã Orídan!

Para narrar a minha história de forma apropriada, precisei seguir um trajeto no qual foi necessário parar diversas vezes para me olhar no espelho, buscando me reconectar com o meu corpo, com o meu ser e com tudo o que veio antes disso. Faço aqui então a minha primeira parada: olho nos meus olhos, olho para o corpo que habito, vejo as minhas formas, vejo os meus traços. Lembro que tenho um corpo, lembro que ainda sou gente, começo a lembrar de tanta coisa...a minha família é quem me vem à mente. A minha história é ramificação da história dos meus pais, é a continuação da história daqueles que vieram antes de mim, é herança de outros tempos, de outros lugares e de outras realidades.

Sou filha de Maria e Erivaldo, pernambucanos do agreste do estado. Minha mãe nasceu no município de Jupi e meu pai em Capoeiras. Caso você nunca tenha ouvido falar sobre essas bandas, eles sempre dizem que fica perto de Garanhuns

para facilitar a localização. Garanhuns é a terra do grande instrumentista, cantor e compositor Dominginhos, fato que meu pai sempre tratou com grande orgulho. Falando em orgulho, hoje percebo que o meu pai e a minha mãe sempre buscaram se orgulhar de suas origens, do lugar de onde vieram e dos seus costumes. Apesar disso, não posso também deixar de observar o quanto as suas lembranças são atravessadas por diversas faltas e ausências, aspectos também centrais da minha história e de toda a discussão aqui trazida.

A minha mãe é uma mulher branca, nascida na década de 60 e criada em um contexto de muita pobreza, sendo uma das pessoas mais bondosas, cuidadosas e fortes que já conheci. Ela é filha da minha avó Maria dos Anjos, que nasceu na década de 20, teve um total de 16 filhos - dos quais apenas 05 se criaram e os demais acabaram por não vingar - e passou por toda a sorte de dificuldades que uma mulher pobre e solteira em seu contexto poderia passar naquela época.

A minha avó Maria dos Anjos foi a única que conheci e, infelizmente, pela distância e impossibilidades da vida, pouco convivi com ela. Lembro que era uma mulher muito bonita, generosa, engraçada e de muita fé. Lembro também de um episódio quando ela veio para São Paulo, em 2014, e algumas pessoas comentaram que ela tinha cara de senhora rica e europeia, por conta da sua branquitude. Ouvei muitas histórias do passado e também daquela época, de uma outra realidade e de um lugar que para mim era distante. Depois disso, só lembro da dor de minha mãe ao me contar que a minha avó havia partido.

O meu suposto avô, pai de minha mãe, morreu quando ela ainda era muito pequena e nunca os reconheceu como família, uma ausência que não vale a pena ser explorada, mas que é importante ser citada. A minha mãe não conheceu nenhum de seus avós: essa parte da história também se perdeu. Ela sempre narrou uma infância muito simples e dura, onde sabugo de milho era boneca, feijão com farinha era comida e o trabalho na roça não dava espaço para escola. Com doze anos começou a trabalhar na roça, descascando milho e colhendo feijão, recebendo uma miséria que não dava conta do sustento. Estudou pouco, somente os primeiros anos daquilo que hoje é considerado o ensino fundamental, em condições que eu, mesmo criada em periferia de cidade grande, mal consigo imaginar.

Muito faltou à minha avó e, como consequência, muito faltou à minha mãe. A falta faz padecer, é ausência que faz sofrer. Foi convivendo com a minha mãe e presenciando a sua história que pude entender as enormes violências às quais as mulheres estão sujeitas em nossa sociedade. Foi ela quem sempre acreditou em mim e, dentro de suas humildes possibilidades, criou um espaço onde eu pudesse me sentir amada e protegida, permitindo que eu me expressasse e desenvolvesse a minha verdadeira essência. Foi no seu cuidado que, mesmo sem saber, comecei a refletir sobre as questões de gênero, sobre quem eu sou e sobre o meu lugar no mundo.

O meu pai é um homem negro-caboclo (de ascendência negra e indígena) que também nasceu na década de 60 e foi criado em um contexto marcado pela pobreza. É um dos melhores contadores de histórias que já cruzou o meu caminho e dono de uma grande sabedoria. Agradeço aos Orixás por termos vivido até aqui e eu ter a felicidade de poder falar isso, pois nem sempre os meus sentimentos por ele foram assim tão nobres. Ele sempre se orgulhou de sua história, de sua luta e dos que vieram antes dele. Hoje percebo isso. Percebo que, à sua forma, o meu pai sempre tentou me contar de onde vinha, pelo que tinha passado e o que já tinha visto. Hoje vejo o quanto a vida foi imensuravelmente dura com ele, compreendendo também a casca igualmente dura na qual por muito tempo ele teve que viver na busca por proteção e sobrevivência.

Infelizmente o meu pai não pôde ser tão presente em nossas vidas, pelo menos não fisicamente, pois a sua vida sempre foi trabalhar: trabalhar até o corpo não aguentar mais, trabalhar até não conseguir mais pensar. Começou a trabalhar na roça com oito anos, no cabo da enxada. Trabalhava do nascer ao pôr-do-sol e só no domingo era que podia descansar as mãos calejadas e o corpo exausto. Ele lembra que o trabalho na roça sempre foi muito sofrido e que ainda hoje uma pessoa trabalhando nessas condições por aquelas bandas não recebe mais do que R\$ 25,00 por dia, “e isso quando tem trabalho!”.

Não pôde frequentar a escola, não porque não quisesse, mas porque sua realidade não o permitiu. Ele lembra que tentou comprar uma bicicleta para estudar em outra cidade, mas deu tudo errado. O meu pai conta que naquela época havia uma escola na casa do tio do meu avô Zé Preto e uma outra em um povoado

chamado Alegre, mas que naquela época quase ninguém tinha condições de ir para a escola. Das poucas vezes que conseguiu ir, lembra que a escola era em um barracão, em frente a um curral de boi, para onde só se podia ir e voltar a pé: “Não tinha incentivo, não tinha merenda, não tinha nada!”. Aquela ainda era a época da palmatória: se não seguisse as regras, apanhava! E apanhava forte. Isso quando não tinha que ficar num canto ajoelhado no milho até segunda ordem. Fico me perguntando se isso era uma escola ou uma senzala.

O meu pai é filho de minha avó Preta (Joventina Rocha) e de meu avô Zé Preto (José Florentino), como eram conhecidos. Conviveu pouco com os seus avós, mas teve a chance de conhecê-los: Painhoto e Mãenhota por parte de vó Preta, e Pai Mané (Manoel) e Mãe Regina do lado de vô Zé Preto. Gostaria muito de estar entre os que os conheceram, porém não tive essa oportunidade. Vó Preta nasceu na década de 30, falecendo por volta dos 65 anos, concebendo 23 filhos, dos quais somente cinco vingaram. Vô Zé Preto nasceu do final da década de 30, falecendo por volta dos 55 anos. O pouco que sei foi o meu pai quem me contou e espero que ainda tenhamos muito tempo pela frente para que eu conheça mais sobre essa história que, apesar de também ser minha, por tanto tempo me foi negada.

O meu pai conta, muito orgulhoso, que vó Preta e alguns familiares do seu lado eram alfabetizados: quando alguém precisava escrever ou ler uma carta, era vó Preta que procuravam. Pelas palavras de meu pai, vó Preta foi uma mulher muito inteligente e amável. Acabou passando muitos anos de sua vida isolada em um quarto, sofrendo de algo que, hoje em dia, muito provavelmente seria entendido como um quadro de esquizofrenia combinada com uma profunda depressão. Vó Preta acabou por adoecer da cabeça. Penso o quanto esse mundo lhe foi cruel e a vida lhe foi difícil e injusta, em uma época e região tão duras para alguém em seu contexto, chegando à conclusão de que é impossível mensurar a dor de uma mulher preta que teve a tristeza de enterrar tantos filhos e experimentar o amargo de tantas dores.

Vô Zé Preto nunca soube o que era caderno e, ao que tudo indica, pouca gente do seu lado soube. Foi mais um homem preto que passou a sua vida na labuta, vivendo como podia e como a vida permitia. Aparentemente nunca foi muito bom com as palavras e com o trato de suas emoções e sentimentos, o que também

se repetiria com o meu pai e os seus irmãos e, mais adiante, comigo e com o meu irmão. Com os homens ao meu redor, de forma geral, o mesmo padrão também se repetiria. Fico pensando quais seriam as razões de tantas impossibilidades de diálogo, de tantas interrupções e encurtamentos nas histórias dessas figuras masculinas. Seria possível encontrar um ponto de conexão comum entre todas elas? A minha investigação evidencia que sim.

A falta e a ausência trouxeram os meus pais para São Paulo, em 1985, com o meu irmão Aloisio ainda recém-nascido no colo de minha mãe. O meu pai diz que a vida do nordestino pobre daquela época era só trabalhar e mesmo assim nunca ter o mínimo para viver igual gente: tudo faltava e de tudo se carecia. Lembra que “[...] o povo que ia para São Paulo voltava mais bonito, com dinheiro. Porque lá onde nós morava era tudo largado e o povo andava parecendo mendigo. Quem ia pra São Paulo voltava até mais branco, na minha cabeça né, porque não pegava sol, não queimava [...]”.

Pra São Paulo vieram
Pra que não faltasse
A falta é ligeira
Aqui os encontrou!

Quando a fome apertou
O rádio vendeu...
O meu irmão ali-mentou.

São Paulo é a terra do dinheiro
Explora a dor
Trabalha-a-dô!
Nordestino é bicho chucro não
Nem saco de pancada de sinhô

Trabalhou de segunda a segunda
E quem sem folga foi que descansou?

Cabo de enxada ficou de lado
Mas a faca açougueiro o tornou

Em São Paulo ficou difícil
À Vargem Grande do Sul a vida os levou.
Essa vida não dá sossego
Dá rasteira, meu pai derrubou.

Com a perna quebrada é o tempo que fecha
Aparece a angústia, se instala o terror
Pra quem não é herdeiro, o caminho é a labuta,
Ralar e ralar, que se foda a sua dor!

Sem esperança fica difícil
E a vida fica sem cor...
Fé aqui não é opção,
Levanta a cabeça
E pega a minha mão!

E foi assim que eu nasci,
No olho do furacão,
Se por vezes duvidei de mim,
De esperança enchi meu pai-coração.

Nasci em 1990, em Vargem Grande do Sul, no interior de São Paulo, em condições que, apesar de difíceis, em nada se comparavam à realidade que os meus pais viveram no nordeste. Tive o privilégio de nascer em um hospital, por exemplo, fato que não aconteceu com o meu irmão que nasceu em casa com a ajuda de uma parteira. Neste último caso não foi por opção, mas obviamente pela falta dela, uma vez que médicos também se faziam ausência pelas bandas de onde os meus vieram.

Não me lembro de muita coisa até os meus 05 anos de idade, mas consigo me recordar vagamente de uma infância feliz, num lugar onde havia terra, mato e bicho. Era nesse lugar que eu brincava de bonequinhos e carrinhos de fazenda com o meu irmão e também tomava picolé redondo. Lembro que foi lá que minha mãe me apresentou um mundo de cores e formas, com as quais logo me identifiquei e passei a me expressar. Lembro com carinho do delicioso misto quente e do suco de laranja que meu pai comprava para mim antes da creche quando podia e também do afeto contido em todos esses momentos.

Não me lembro de nenhuma amizade dessa época, com exceção da Vanessa que era a nossa vizinha e era bem mais velha do que eu. Brinquei muito na casa dela e adorava ficar por lá. Não me recordo de ninguém da creche, mas uma lembrança da hora da soneca ainda é muito viva em mim: enquanto a maioria das crianças chorava e resistia para dormir, eu fechava os meus olhos e fingia estar dormindo. Hoje eu percebo que, já naquela época, eu tentava ao máximo desviar a atenção dos outros de mim, me escondendo atrás da disciplina por medo de punições e constrangimentos, evitando assim chamar a atenção para algo que, com 03 ou 04 anos de idade, eu jamais poderia compreender o que era.

Eu era um menino diferente da maioria e era nítido que as pessoas ao meu redor percebiam isso: sensível demais e, com o tempo, também muito medroso. Mas eu também era uma criança proporcionalmente corajosa, muito curiosa, inteligente e responsável, características que por muitos anos usei como camuflagem e escudo de proteção. Era esperado que os meninos gostassem das “brincadeiras de menino”, o que de forma geral significava demonstrar virilidade, força e agilidade em brincadeiras como futebol e luta, por exemplo, atividades com as quais eu não me identificava e não conseguia me sentir confortável, não me interessando por elas.

De alguma forma, a minha sensibilidade parecia sempre ser confundida com uma possível fragilidade, o que fazia com que a maioria dos meninos jamais me escolhesse em qualquer tipo de brincadeira, me chamando somente caso não houvesse outra possibilidade. Mas quem ligava? Eu gostava mesmo era de desenhar, pintar, escrever, movimentar o meu corpo e mostrar a minha força de outras formas. Apesar de não demonstrar a força que era esperada de mim, eu

sempre tive uma força gigantesca e desde muito cedo passei a acreditar nela, focando em outras possibilidades que foram colocadas no meu caminho.

Devido ao contexto regional da época, a minha família foi criada em meio a uma cultura extremamente conservadora e normativa, na qual as possibilidades de existência se resumiam ao homem que nascia para ser soberano e a mulher que nascia para ser submissa, em papéis muito bem definidos. Ao homem cabia o papel de ser o macho forte, ser aparentemente isento de emoções e sentimentos, provedor e mantenedor do lar e da sua ordem, mesmo que para isso tivesse que se utilizar da força e da violência. À mulher, cabia o papel da passividade, da obediência e da subserviência, principalmente ao marido, mas também aos homens no geral, além das responsabilidades com o cuidado do lar e com a criação dos filhos. Fim de papo! Afinal, onde existe uma relação de poder pautada em uma superioridade exercida pela força, não existem brechas para questionamentos: quem tem algum poder manda e quem não tem, obedece.

No meio disso eu era uma criança e, tendo nascido com um pênis, só me restava uma única opção: ser um homem macho. É Guacira Louro que, a partir de Judith Butler, nos diz que ser menino ou menina instala um processo que determina rumo e direção, tidos como norma:

A afirmação “é um menino” ou “é uma menina” inaugura um processo de masculinização ou de feminização com o qual o sujeito se compromete. Para se qualificar como um sujeito legítimo, como um “corpo que importa”, no dizer de Butler, o sujeito se verá obrigado a obedecer às normas que regulam sua cultura. (LOURO, 2018, p. 15-16)

É justamente neste ponto que mais uma vez me volto ao espelho, de forma a refletir sobre esse primeiro momento da minha infância, sendo entendida pelo olhar do outro como o *menino diferente*, aquele que foge à regra e que por isso deve ser corrigido como forma de voltar ao caminho da normalidade. Assim eu passava a internalizar profundamente o *exercício da disciplina* em mim, iniciando uma busca incessante pelo pertencimento e aceitação em diferentes espaços.

Uma vez que a normatividade se vale de mecanismos de exclusão, o trânsito em diferentes espaços somente se mostra possível a partir do pertencimento ou obediência à norma, o que significa dizer que as tentativas de modelagem e

aproximação à norma se mostram como requisitos obrigatórios para um possível pertencimento e fuga desses mecanismos de exclusão. E foi assim que eu passei a buscar a minha legitimação como sujeito, buscando alcançar um “corpo que importa”, sendo então vista como uma igual, como gente. Percebe como o processo de desumanização de uma pessoa *byxa-preta-cabocla-de-quebrada* começa cedo?

A todo momento o meu comportamento era alvo de observação, questionamento e correção, quando não através de uma ameaça física, através de uma violência psicológica, talvez micro para quem cometia, mas com certeza macro para quem sofria. Lembra o quão gigantescos e assustadores eram os monstros da infância? A diferença é que aqui falo de monstros que se faziam reais e presentes através dos exercícios *do constrangimento e da normatização* praticados pela maioria das pessoas ao meu redor.

Através de um comportamento violento, tóxico e nocivo, tido como norma e modelo de moral a ser seguido, tentavam me constranger pelo o que eu era, declarando as minhas formas de expressão e relação com o mundo como incorretas e imorais, introjetando em mim as marcas do medo e da vergonha. Objetivavam, por fim, me empurrar de volta à fôrma do macho que, já com aquela idade, eu deveria ser. Neste contexto, a desobediência e a subversão à normatividade se mostram como caminhos viáveis rumo à libertação e emancipação, porém como muito bem nos lembra LOURO (2018), aqueles que desobedecem e subvertem a norma são alvo das pedagogias corretivas, as quais podem ser traduzidas como constrangimentos, punições e violências de toda sorte.

Com o olhar da criança que eu era,
Não entendia ao certo o que acontecia
Mas lá no fundo eu já sentia
Que ser diferente eu não poderia

Eu enquanto criança somente era
Mas logo percebi que ser era a grande questão
Não queriam que eu fosse daquele jeito
Mas simplesmente sendo

Mal sabiam eles que eu já era a subversão!

Em 1996, a vida deu mais um de seus chacoalhões e com isso viemos para São Paulo, nos instalando provisoriamente no bairro do Campo Limpo, periferia da zona sul da cidade. Dessa fase da vida, tenho memórias e sentimentos variados: foi nesse ano que iniciei na pré-escola, comecei a conviver com outras crianças e fazer amizades, novidades que me trouxeram grande alegria.

Essa também foi, porém, a fase onde o dinheiro muito faltou e com isso alguns problemas começaram a se agravar. O meu pai há muito tempo já bebia e a falta só fazia aumentar ainda mais a sua agonia. Para ajudar na renda, a minha mãe voltou a trabalhar fora, nos deixando aos cuidados de uma conhecida. O meu irmão, sempre muito ativo e afrontoso, passava a se rebelar ainda mais na ausência dos nossos pais, sendo punido pelo seu comportamento. Eu, sempre muito quieta, observava tudo com atenção e temia as iminentes punições que pareciam me cercar por todos os lados, o que alimentava ainda mais o medo que já habitava em mim, me fazendo andar sempre na linha, aceitando todas as ordens sem questionamentos. Nessa época a morada eram dois cômodos, nos fundos de uma outra casa, onde o sol não chegava, a umidade tomava conta e as lesmas também faziam dali a sua morada. Acredito que essa tenha sido uma fase passageira, um momento de transição.

Foi em 1997 que nos instalamos no Jardim do Colégio, bairro periférico da cidade de Embu das Artes, na região metropolitana de São Paulo. O meu pai e a minha mãe sonhavam em sair do aluguel e encontraram um lugar, muito afastado de tudo, onde foi possível “comprar” um terreno: era na verdade uma área ilegal, ainda com grandes matas na época, predominantemente rural e sem nenhuma infraestrutura. Costumávamos brincar dizendo que o Colégio era uma grande buraco que havia sido formado pela queda de um meteoro no local, o que, para a nossa mentalidade infantil, explicava muito bem a sua disposição geográfica irregular, como se houvesse afundado no meio dos outros bairros (Jardim Isis Cristina, Jardim São Marcos, Jardim dos Moraes e Parque Pirajussara).

O buraco do Colégio: foi lá que os meus pais conseguiram construir, a muitas penas, a nossa casa na beira de um morro, através de uma engenharia e

arquitetura tão criativas que deixariam qualquer doutor de cidade grande intrigado. Quem já morou ou mora em uma quebrada sabe exatamente do que eu estou falando. Naquela época não existia água encanada, esgoto, energia elétrica, asfalto, transporte, escola, saúde, lazer, comércios ou infraestrutura de qualquer tipo. No Colégio faltava tudo e tudo se fazia ausência, mas pelo menos tínhamos uns aos outros e também um lugar para chamar de nosso. Ali, no meio de toda aquela precariedade, uma nova fase de nossas vidas se iniciava.

Por algum tempo, a realidade da nossa casa foi parede sem reboco, chão de cimento e luz à base de velas, o que ainda era luxo quando comparado aos barracos de madeira que ficavam às margens do córrego ali perto: pelo menos no morro a água não entrava, a não ser pelas inúmeras infiltrações que apareciam por todos os lados, diferente da casa de alguns amigos que viviam em situação muito mais complicada do que a nossa, sendo invadidas quando a água se fazia chuva e subia além da conta.

Lembro que a minha mãe e eu ficávamos sonhando com o dia em que, finalmente, teríamos um banheiro com acabamento de azulejo, o que nos permitiria passar pano no chão e com isso ter uma vida mais digna. Nosso sonho era passar pano no banheiro, veja só você! É com parâmetros como esse que hoje reflito sobre as possibilidades que nos eram limitadas até mesmo no sonhar. Isso me faz lembrar das palavras de Carolina Maria de Jesus (1958), escritora de grande sensibilidade e senso de realidade, mulher preta, moradora da favela do Canindé (SP) que, à época, disse:

Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de setim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (JESUS, 2014, p. 37)

Não vivi na mesma época de Carolina, tampouco posso comparar a sua realidade no Canindé com a minha no Jardim do Colégio, mas consigo encontrar em suas percepções e palavras um grande ponto em comum: mesmo 60 anos depois do relato de Carolina, a cidade que é linda, abastada, digna de ser considerada uma sala de visitas, continua pertencendo à uma pequena parcela privilegiada da

população. À grande maioria resta a periferia, o quarto de despejo que ainda se apresenta como realidade. Felizmente houveram avanços nesse período, ainda que tímidos, e ao menos muitas de nós, pessoas de quebrada, passamos a nos enxergar como algo além de um objeto fora de uso, vislumbrando uma vida mais digna.

Mas não se engane: essa não é e muito menos será uma tarefa de fácil resolução. Se enxergar além de um objeto fora de uso é um esforço constante, uma luta diária que só quem está ou já esteve quebrado na quebrada saberá entender o verdadeiro sentido. Hoje, como sempre, nos levantamos, mas garanto que a dificuldade ainda é imensa diante de um sistema opressor, que tem em sua base engrenagens trabalhando incansavelmente, com a finalidade de aprisionar corpos e mentes de pessoas localizadas no contexto *byxa-preta-de-quebrada* e também em outros contextos não-normativos, nos esmagando a ponto de acreditarmos que de fato somos tal objeto, sem valor ou qualquer tipo de importância.

Estaríamos vivendo em um contexto social e político no qual a escravidão seria somente uma vergonhosa marca da nossa recente história ou essa mesma escravidão teria sido reinventada pelas elites contemporâneas e adaptada às tecnologias de poder atuais, configurando-se de forma a aprisionar certas subjetividades e corpos a nível físico e principalmente psicológico?

Tão inteligente e sensível sempre foi a minha mãe que, apesar do pouco e precário estudo que recebeu, começou a me ensinar a ler e escrever antes mesmo da pré-escola, o que me permitiu chegar ao ensino fundamental já alfabetizada. O meu pai sempre foi muito bom na matemática e no raciocínio lógico da vida, além de levar grande jeito com as palavras. Sabedoria e inteligência sempre foram características muito fortes e presentes nos meus pais, o que me faz pensar sobre as diferentes possibilidades de vida e caminhos que poderiam ter tido caso não lhes tivesse faltado tanto, caso as suas trajetórias não tivessem sido marcadas por tantas faltas e ausências.

Pela falta não deu pra chegar

Pra chegar em vários lugar

Mas falta aqui não é desculpa não

Cê tem que ir longe e quebrar a dimensão

É né que chegaram tão longe
Tão longe puderam, seguiu direção
Mas não tem é jeito, o CISTema limita
O sonho fraqueja, segura cai não!

Forte é que sempre seguiram
Òrisà que é forte, é quem traz proteção
Sabidos são os sábios
E os sábios são velhos
Daí aprendi, encontrei direção!

Educação e escola: apesar de sempre precárias e também marcadas por muitas faltas e ausências, na minha trajetória se fizeram presentes e foram de extrema importância para o desenvolvimento da pessoa que sou hoje. Um dos meus sonhos era ir para a escola e eu como gostava muito de estudar, eu achava que lá encontraria um lugar de pertencimento onde pudesse ser vista e reconhecida, saindo do lugar de invisibilidade no qual insistiam em me colocar.

Pela falta em suas vidas, os meus pais sempre souberam o real valor e importância dos estudos em uma sociedade tão desigual como a nossa, sempre nos orientando a se concentrar na escola de forma a “se tornar alguém na vida”, ou melhor, alguém de respeito. Acho que a inocência me deixou acreditar que a escola seria um lugar maravilhoso, onde eu finalmente poderia fazer as coisas que eu gostava, ter amigos e brincar, como se espera de qualquer criança. Foi assim que eu iniciei a primeira série do ensino fundamental: cheia de sonhos, expectativas e uma alegria que não cabia em mim.

Apesar de morar no Jardim do Colégio, naquela época não havia nenhuma escola por lá. Até onde sei, anos antes da nossa mudança, o atual Jardim dos Moraes fazia parte do território do Jardim do Colégio, abrigando uma das poucas escolas por aquelas bandas na qual estudei: a Escola Municipal Professora Elza Marreiro Medina, também conhecida como “o Elza”. Por lá eu fiquei até o 4º ano do

ensino fundamental, vivendo um período de muito desenvolvimento, porém sempre acompanhada por muitos conflitos internos e embates externos.

A minha aptidão para os estudos era nítida e eu encarava tudo com grande entusiasmo e energia: adorava explorar os mais variados assuntos e me dedicava o quanto fosse necessário para superar algum novo desafio que me fosse colocado. Eu continuava tendo dificuldades no relacionamento com as outras crianças, porém encontrei amizades com quem me sentia bem, podia brincar e conversar. Sempre foram poucas e em sua grande maioria meninas, pois entre os meninos eu não encontrava espaço, muito menos identificação com o seu comportamento e, sobretudo, com a forma como era esperada que eles se comportassem.

Ao mesmo tempo em que eu me sentia realizada e motivada em explorar o mundo através dos novos conhecimentos que eu adquiria e do contato que eu tinha com as outras crianças, um sentimento de *inadequação*, uma espécie de *não-pertencimento* me acompanhava para qualquer lugar que eu fosse, em muito me lembrando as palavras de Djamila Ribeiro ao falar sobre uma “força” que a impedia de existir em alguns espaços:

“Por mais que eu tirasse boas notas, fosse saudável e inteligente, uma sensação de inadequação sempre me perseguia. [...]”

Ainda tenho a foto da minha mãe me entregando um livro de presente pelo meu desempenho. Apesar do orgulho visível em meus olhos, sentia uma força agindo sobre mim que muitas vezes me impedia de falar ou existir plenamente em alguns espaços. (RIBEIRO, 2018, p. 9, 11)

Desde o momento em que eu entrei na escola, as minhas habilidades intelectuais me colocaram nos lugares do crânio de ferro (popularmente conhecido como CDF) e da melhor aluna, títulos dos quais eu me orgulhava e trabalhava incansavelmente para manter. Eu sempre tirei as melhores notas e, com exceção das competições esportivas, aquelas que exigiam habilidades intelectuais ou artísticas, eu sempre me esforçava ao máximo para conquistar.

Sempre foi assim: estudar e não medir esforços para ser a melhor, para provar que sou capaz, para ser alguém na vida, para ser vista como gente, como sujeito legítimo, como corpo que também importa. É desde que entrei na escola que a necessidade de provar a minha capacidade, valor e importância se intensificou enormemente, a ponto de se tornar, inconscientemente, um objetivo de vida, uma

espécie de lugar hipotético a ser alcançado no qual um dia eu poderia finalmente ser e estar de forma segura, protegida pelo mérito.

Foi também nessa época que os sentimentos de *inadequação* e *não-pertencimento* citados anteriormente passaram a ser cada vez mais fortes e presentes na minha vida, pois com exceção dos estudos que faziam uso do meu intelecto e a ele me limitavam, não havia outro lugar onde eu conseguisse me sentir pertencente e acolhida sendo quem sou.

Aqui se coloca a grande contradição da escola na minha vida: ao mesmo tempo em que me forneceu recursos e possibilidades únicas, me permitindo criar um lugar abstrato de pertencimento no qual eu podia escapar momentaneamente das violências e exclusões vividas, a instituição escolar foi também mais um dos espaços responsáveis pela tentativa de aniquilamento da minha subjetividade, a todo momento me conduzindo para o caminho da norma e da disciplina.

Somente muitos anos depois é que fui entender que a escola não seria a única a contribuir com esse quadro: em casa, na igreja, nos lares, na rua, na mídia, no trabalho, nas instituições e na sociedade de forma geral, o mesmo padrão se repetiria de diferentes formas e intensidades, alimentando um engenhoso processo de desumanização, instaurado de forma invisível e sorrateira aos olhos dos desatentos.

O meu pai, felizmente, tinha emprego. Era açougueiro, dos melhores que você possa imaginar. Descarregava carne pesada, sabia fazer todos os cortes com precisão, servia bem a clientela e tinha uma visão única daquele tipo de negócio. Apesar de na época ainda não ter sido alfabetizado, ele sempre conta que não era besta como a maioria das pessoas o julgavam ser pela sua condição. Ele se orgulha de, mesmo sem estudo, ter conseguido chegar ao cargo de gerência, apesar de concluir sempre ter sido “peão” nos lugares onde trabalhou. Trabalhava longe, de segunda a segunda, saindo de casa antes do amanhecer e voltando tão tarde que por vezes nem o via. Ele queria que a minha mãe ficasse em casa para cuidar de mim e do meu irmão, pois juntos queriam que a gente tivesse condições de ter o que eles não tiveram.

Por anos, a vida de meu pai foi só trabalho, o que dentro de casa e da gente se traduzia em ausência. Fez de tudo para que não nos faltasse nada, dando como

moeda de troca o seu precioso tempo-vida. Mas às quartas tinha folga e gostava de fazer churrasco na laje com a gente, enchendo de alegria as nossas barriga e de afeto os nossos corações. Não nos deixar faltar era o seu maior afeto, pois sempre soube o tamanho da dor causada pela impossibilidade de ter algo. Se havia algum tempo livre para o lazer ou diversão, as opções disponíveis na quebrada também se traduziam em falta e ausência, pois só havia bar e igreja. Homem de fé sempre foi, mas imagino que em tais condições o álcool lhe trazia maior conforto.

No quarto de despejo daquela época nada chegava e tudo se fazia distante: sem recursos, sem lazer e sem opções, a criatividade no viver era o que nos afastava simbolicamente do encurralamento que nos era imposto. Era nas ruas que a molecada brincava, a juventude confraternizava e a vizinhança colocava a conversa em dia. Era também nas ruas que os nossos pais temiam que a gente ficasse quando não estavam por perto, pois sabiam que, apesar da falta, havia uma abundância enorme de péssimas possibilidades que poderiam nos levar para o caminho sem volta das estatísticas.

Nas poucas escolas existentes a falta também não dava sossego: quando não faltavam vagas, faltavam professores; quando não faltavam professores, faltavam livros e materiais; quando não eram os materiais, faltava água ou luz; quando não era a água ou a luz, faltava a merenda; e, por vezes, tudo faltava ao mesmo tempo. Curiosamente, os bares e as igrejas nunca faltaram.

Apesar de me desenvolver como uma criança saudável e inteligente, fosse na escola, em casa, na rua, na igreja ou em qualquer outro lugar por onde eu passava, eu sentia que uma espécie de força era exercida sob o meu corpo, ditando as regras de como eu deveria ser e me comportar de forma a ser aceita e legitimada como um corpo-pessoa que importa.

Por anos, essa força esteve presente na minha vida em um lugar de incompreensão, sem nome ou forma definidas. Porém, intelectuais como Guacira Louro conseguiram me ajudar no entendimento dessa questão, ao discutir pontos como a *matriz heterossexual*, fundamentada em um trabalho pedagógico contínuo, repetitivo e interminável, posto em ação para inscrever nos corpos o gênero e a sexualidade “legítimos” (LOURO, 2018, p. 16). Invisível aos olhos, desconhecida por

muitos, porém impregnada em tudo e todos, tal matriz é mais um dos elementos presentes na minha história de forma contínua e involuntária.

Em tempos assombrados por grandes retrocessos, fundamentalismos e conservadorismo¹³ no Brasil, foi possível observar um curioso movimento de pavor em relação às questões das sexualidades e dos gêneros, através do que passou a ser popularmente conhecido como “ideologia de gênero”. Grupos conservadores e fundamentalistas abominam e temem a possibilidade de que tais questões sejam abertamente discutidas e integradas à vida social, o que possivelmente resultaria na violação da infância e na promoção de crianças sexualmente depravadas e degeneradas, a partir do rompimento com as definições binárias de gênero que definem o que é tido essencialmente como “masculino” e “feminino”. Não é de hoje que tais grupos fazem de tudo para silenciar o fato de que existe, historicamente, uma lógica de determinação da sexualidade e do gênero dos indivíduos, a qual se dá a partir de uma *matriz heterossexual*, pautada na *sequência sexo-gênero-sexualidade*, sobre a qual Guacira Louro nos diz que:

O ato de nomear o corpo acontece no interior da lógica que supõe o sexo como um “dado” anterior à cultura e lhe atribui um caráter imutável, a-histórico e binário. Tal lógica implica que esse “dado” sexo vai determinar o gênero e induzir a uma única forma de desejo. Supostamente, não há outra possibilidade senão seguir a ordem prevista. (LOURO, 2018, p. 15)

Isso nos conduz à compreensão de que há muito tempo existe sim uma “ideologia” em curso, porém totalmente contrária ao que se prega como uma possível ideologia de gênero. A real ideologia em curso, passível de observação e pautada em fatos históricos, se dá a partir de uma pedagogia normativa impregnada nas estruturas políticas e sociais do Estado brasileiro, em suas instituições, indivíduos e discursos, que a todo momento nos ensina e nos força a ser homens e mulheres cisgêneras, heterossexuais e a buscar a branquitude e os seus valores como ideal de vida, definindo e ditando as regras de quais corpos e subjetividades ocuparão o centro, sendo elevados à categoria de normais e legítimos, e quais serão relegados à margem, sendo reduzidos à anormalidade e ilegitimidade.

¹³ Falo aqui do período no qual esta pesquisa foi desenvolvida, entre os anos de 2019-2022, no qual o Brasil se encontrava sob a presidência de Jair Bolsonaro.

Neste sentido, é importante pensarmos também sobre as possíveis finalidades dessa lógica normativa, sobre o que Guacira Louro nos diz que, tanto a *matriz heterossexual* como a *sequência sexo-gênero-sexualidade* sustentam a normatização da vida das pessoas e das sociedades:

A forma “normal” de viver os gêneros aponta para a constituição da forma “normal” de família, a qual, por sua vez, se sustenta sobre a reprodução sexual e, conseqüentemente, sobre a heterossexualidade. (LOURO, 2018, p. 81)

É, portanto, desde que nascemos que esse processo de normatização se instaura em nossas vidas. É desde muito pequena que percebo as mais variadas formas de modelagem do meu desejo e do meu corpo, bem como a pressão de tudo e todos ao meu redor para demonstrar a minha masculinidade através do uso da força e da imposição. Mesmo enquanto crianças, já somos ensinadas a enxergar o sexo oposto como objeto do nosso desejo: é esperado que os meninos tenham “namoradinhas” e as meninas “namoradinhos”, o que ocorre à luz da maior normalidade e sem nenhum questionamento sobre uma possível hipersexualização, depravação ou violação da infância.

Lembro que por volta dos 09 anos de idade eu tive um amigo que era muito popular na escola e nos dávamos muito bem. Para manter o seu status de garoto popular, ele teve a grande ideia de conseguir uma namorada e, sendo eu o seu melhor amigo, eu deveria acompanhá-lo nessa missão. Pedimos duas amigas em namoro, o que na prática significava dar um beijo no rosto e por vezes andar de mãos dadas na frente de todos. Funcionou e claramente os outros meninos passaram a nos admirar por essa atitude.

Apesar disso, eu sentia que alguma coisa estava fora do lugar e que de alguma forma aquilo não fazia sentido para mim: eu me identificava muito com as meninas e adorava brincar com elas, mas eu queria mesmo era estar com ele, por quem eu sentia algo diferente. Hoje percebo que a minha vontade, na realidade, era segurar a mão e beijar o rosto dele, mas um pensamento como esse jamais poderia ser colocado para fora, vivendo por muito tempo em segredo dentro de mim.

Com 11 anos eu mudava de escola e iniciava a 5ª série do ensino fundamental. A maioria das minhas amizades também estavam por lá, pois a escola

anterior atendia somente até o 4º ano e com isso todos precisaram migrar para outra escola. Enquanto eu continuava focada nos estudos e empolgada com as novas matérias, a maioria aproveitava a nova fase, que já anunciava uma adolescência cada vez mais próxima, para se agarrar nos corredores e muros afora.

Aquele meu amigo tido como bonito e popular encontrou o seu caminho entre as garotas. Não só ele, mas a maioria dos garotos e garotas se encontraram das mais variadas formas possíveis. Como não poderiam, quando um mundo inteiro de possibilidades afetivas e sexuais se abria à sua frente? Havia aqueles que tinham outros interesses como prioridade, mas mesmo assim o mundo de possibilidades ainda lhes pertencia, uma vez que caminhavam sob a norma e com ela se identificavam.

Eu tinha a mesma idade da maioria, eu tinha um corpo, eu era gente e também tinha necessidades afetivas e outras inúmeras como qualquer outra pessoa, mas a mim eu entendi que tudo isso seria proibido e negado, pois eu não era como a maioria, eu não me atraía, eu não me comportava e eu não sentia me sentia como a maioria. Acredito que foi nesse ponto que a minha autoestima começou a ser destruída de forma ainda mais intensa, pois comecei a enxergar o meu corpo como algo indesejado, como algo estranho, inferior e sem valor: enquanto garotos e garotas tinham passe livre para exercer seus “naturais” impulsos e papéis como homens e mulheres que um dia deveriam se tornar, a mim era negado o desejo, o afeto, a atenção, a amizade e, sobretudo, a minha humanidade. Nesse ponto, lembro que uma grande vergonha do meu corpo e da minha forma de ser já se faziam presentes em mim há bastante tempo.

Até os meus 07 anos de idade eu tive problemas com o meu apetite, adquirindo uma anemia que fez de mim uma criança muito magra e de aparência frágil. Assim que eu entrei na escola essa situação felizmente mudou, fazendo com que eu passasse a ter grande apreço pela comida. Comer passou a ser um ato prazeroso, porém a rotina dentro da escola começou a me trazer uma grande ansiedade, fazendo com que eu buscasse conforto na comida. De uma criança magra, passei a ser uma criança acima do peso, o que passou a afetar ainda mais a forma como os outros me viam e, conseqüentemente, como eu acabava me vendo a partir do olhar do outro.

A relação com o meu próprio corpo passou a ser um grande desafio, pois me sentia sob constante vigilância e risco de punição, o que resultou, no longo prazo, em uma grande dificuldade em entender que eu efetivamente possuía e habitava o meu corpo. Lembro de uma grande amiga que me contou que, enquanto criança, ela adorava se olhar no espelho, se tocar e sentir o próprio corpo, em uma relação de grande intimidade consigo mesma. Eu, ao contrário, evitava ao máximo me olhar no espelho e me tocar, pois já havia internalizado o sentimento de não gostar do que via e de que o contato com o meu próprio corpo era proibido. Passava a ter vergonha da minha própria aparência, evitando contato com o meu corpo e me afastando cada vez mais de mim mesma.

O fato era que eu tinha um corpo e por mais que fosse difícil entendê-lo, existia dentro de mim uma vontade muito grande de me expressar através dele. Foi na casa de um grande amigo de infância que eu descobri um enorme amor pela dança, requebrando loucamente ao som do grupo de axé *É o Tchan* durante tardes inesquecíveis após a escola. Lembro que nessa época eu achava muito bonito os colares, anéis, pulseiras e diferentes acessórios que as meninas usavam e, muitas vezes, eu juntava pacientemente os trocados que os meus pais me davam para comprar aqueles que o brilho e as cores mais me chamavam a atenção. Os acessórios, as maquiagens da mãe, as agendas cor-de-rosa, a dança: tudo isso era terminantemente proibido para mim, me restando explorar tudo escondida, longe do olhar alheio.

Eu ficava linda, mas já sabia o quanto aquilo era errado aos olhos de todos e as consequências que isso poderia me trazer. Mesmo assim eu me olhava no espelho e gostava do que via, eu me sentia feliz com aquilo. Com o tempo, eu entendi que não poderia mais continuar sendo daquela forma, pois corria um grande risco de ser descoberta por alguém. Entendi que tudo aquilo era errado e que eu também estava errada por fazê-lo, me envergonhando por isso. Assim aumentava a minha dificuldade em me encarar, tornando o contato com o meu corpo, com os meus sentimentos e a minha subjetividade cada vez menos frequente, o que afetou direta e drasticamente o meu desenvolvimento.

Repito e reforço o fato de que na quebrada nada chegava, com exceção de bar e igreja. Para os interessados, o bar se mostraria como opção de lazer mais

tarde. No meu caso, foi por conta do lazer, das brincadeiras e da possibilidade de novas amizades que com 09 anos eu fui pela primeira vez em uma igreja evangélica, sendo forçada a “aceitar” Jesus logo no primeiro dia, tamanha era a pressão à minha volta. Não fiquei muito, pois sempre desconfiei de pessoas e lugares que queriam me impor verdades absolutas e anular os meus questionamentos. Brinquei bastante e comi muito doce pelo menos.

Com 11 anos, eu procurei a igreja católica do bairro e lá encontrei acolhimento, amizade e afeto de algumas pessoas. Foi lá que eu conheci grandes amigas, comecei a conversar mais, fiz teatro pela primeira vez e fui um coroinha exemplar durante os primeiros anos da minha adolescência.

Lembro de sempre ter tido muita fé, de acreditar que algo me guiava e me dava força, mesmo sem conseguir chegar a uma definição do que era isso. Essa fé sempre me acompanhou, independentemente de qualquer lugar físico, mas curiosamente nas igrejas por onde eu passei, ela nunca encontrou espaço. A minha crença sempre partiu da minha subjetividade, do meu lugar existencial, da minha visão e interpretação do mundo ao meu redor, se baseando na busca pela evolução, liberdade e emancipação. Acredito que sempre estive na busca por liberdade, pois desde muito pequena sentia o peso dos grilhões tentando aprisionar o meu corpo e a minha mente, de forma a afetar a minha percepção e anular a minha existência.

Estudei atentamente a bíblia e acompanhei muitos sermões, aprendendo que a lição central do cristianismo é amar o próximo como a si mesmo. Eu seguia o que me foi ensinado, mas aparentemente a maioria dos que estavam ao meu redor, ou haviam aprendido a lição errada ou haviam aprendido a amar a si mesmos através do ódio, pois sentia que era isso o que chegava até mim ao menor sinal de expressão de quem eu verdadeiramente era.

Foi na igreja que novamente me foi imposta a obrigatoriedade de ser um homem macho, como único caminho de salvação. Foi lá que me foi ensinado que o que sou é um pecado, uma abominação e uma obra do demônio, razões pelas quais mereceria o desprezo e o fogo eterno do inferno. Foi através dos dogmas da igreja, retrofundados e retroalimentados pelos alicerces da matriz heterossexual, herança de uma cultura ocidental-europeia-colonial-normativa, reprodutora e mantenedora

das estruturas de poder enraizadas em nossa sociedade, que internalizei um ódio profundo por quem eu sou, por como sou e pelo corpo que tenho.

Ali eu fui ensinada a reprimir os meus desejos - incluindo a minha sexualidade, os meus afetos e as minhas motivações a partir de quem eu sou - e a me culpar por ser quem eu sou, buscando eternamente o perdão divino pelo meu *ser-pecado*. Era isso ou o outro único caminho possível seria o castigo eterno com passagem somente de ida para o inferno. A única coisa sobre a qual esqueceram de me avisar, é que esse mesmo inferno estaria presente nesta vida, se manifestando estrutural, institucional e individualmente na sociedade e nos seus indivíduos, através de uma lógica de hierarquização de corpos que se dá pelo uso do poder, da força e do medo em suas mais variadas formas.

Foi também por volta dos meus 11 anos que algo realmente maravilhoso aconteceu na minha vida: eu descobri o teatro. Através de um projeto social, na época conhecido como Parceiros do Futuro, descobri que amava a possibilidade de viver outras vidas e de ser outras pessoas através do exercício da interpretação. Ao esquecer pelo menos por algumas horas as normas que ditavam como eu deveria ser e agir, o meu corpo e a minha mente podiam dançar livres pelo espaço, assumindo diferentes formas e possibilidades. Eu podia andar, falar e me movimentar da forma como quisesse, não existindo limites para a imaginação. Mais tarde o teatro também se mostraria limitador e limitado, afinal a normatividade de tudo se apossa.

Sentia que as personagens me protegiam tal como escudo, pois através delas eu tinha a chance de me expressar sem ser diretamente ridicularizada ou reprimida. Eu coube no teatro e o teatro coube em mim. O teatro me acolheu e disse que ali eu era bem-vinda. Ali, o que eu era tinha grande valor e importância. Eu me senti em paz, viva e em casa, e pensei que um dia poderia ser muito feliz fazendo teatro. Isso me faz novamente lembrar de Carolina Maria de Jesus, ao dizer que “As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginários.” (JESUS, 2014, p. 60).

Eu descobria a possibilidade de ser feliz e existir de forma livre, mesmo que momentaneamente, vivendo outras vidas dentro dos meus castelos imaginários. À essa altura eu ainda não entendia que a única pessoa que eu verdadeiramente

queria e necessitava ser eu mesma, dando continuidade a uma longa jornada na busca por me tornar alguém diferente, um alguém que fosse aceito e não mais desprezado por ser como era.

Ao completar os meus 13 anos, pedi à minha mãe que me transferisse para uma nova escola que tinha acabado de ser inaugurada próximo à nossa casa, juntamente com um dos primeiros conjuntos habitacionais dali. Apesar de estar entre alguns amigos de longa data na escola anterior, o início do conturbado período da adolescência fazia crescer em mim os sentimentos de *inadequação* e *não-pertencimento*, me levando ao caminho do isolamento.

Eu acreditava que mudando de escola, conhecendo novas pessoas e respirando novos ares, as coisas poderiam ser diferentes e melhores oportunidades poderiam surgir. Grande engano: tal como as suas alunas e alunos, a escola carecia de diferentes recursos, nos impossibilitando por inúmeras vezes de fazer o essencial que o espaço se propunha: ter aulas. A partir da 5ª série eu começava a pedir dispensa das aulas de educação física, pois tinha vergonha de participar da prática esportiva e estava cansada de ser a última opção de escolha dos times. Na nova escola não foi diferente e até a minha saída do ensino médio também não o seria.

À essa altura eu já tinha a certeza de que gostaria de ir para a faculdade, pois tinha a esperança de conseguir melhores oportunidades e condições do que aquelas que os meus pais e a maioria do pessoal da quebrada tiveram, começando a compreender a partir daqui que seriam inúmeras as dificuldades que eu encontraria pelo caminho na busca por esse objetivo, razão pela qual passava a maior parte do meu tempo estudando. Eu estudava tanto que passei a não dormir direito à noite: o meu corpo aparentemente desligava, mas a minha mente continuava em constante atividade, a milhão!

Eu continuei sendo a melhor aluna que poderia ser, atingindo sempre as melhores notas e novamente sendo reconhecida como uma das melhores alunas da escola, mas agora a novidade era que passava a sofrer bullying e receber ameaças por isso. Quantas foram as vezes que prometeram me bater na hora da saída? Tanto faz! Preferi deixar isso de lado e focar no que realmente importava. Novamente eu me fechava no meu mundo e me concentrava em chegar a algum

lugar onde a vida pudesse ser melhor, onde haveria a possibilidade de ser e existir em paz e segurança. Existiria realmente esse lugar?

Decidi buscar a ajuda do diretor da escola e, devido ao meu alto desempenho, consegui uma vaga para cursar o ensino médio em uma outra escola pública que era tida como uma das melhores da cidade. Não ter a sua existência respeitada cansa. Viver com medo e em alerta constante cansa, e à essa altura eu já estava exausta. Com a fé e o discernimento que eu tinha, entendi que não poderia mais permitir tais violências e foi assim que novamente eu fui embora, aos meus 14 anos, deixando tudo para trás.

A partir dos meus 15 anos o tempo começa a acelerar e a minha vida passa por profundas transformações. Na nova escola eu fiz bons amigos e tive ótimos professores. Eu adorava todas as matérias, com exceção de educação física, e continuava tirando as melhores notas. Comecei a ler e a mergulhar mais profundamente em algumas investigações, começando a me libertar de crenças e culpas que há muito tempo me aprisionavam.

Após o meu rompimento com a igreja, eu comecei a estudar sobre a sua história e as suas origens, começando a me posicionar criticamente através da escrita. Nesse ponto, a filosofia muito me ajudou e eu tive a alegria de ter o Guilherme Boulos como professor, o qual me incentivou e me instigou a buscar a verdade dos fatos a partir do exercício do pensamento crítico. Nessa fase da minha vida, eu encontrei muitas pessoas que acreditaram no meu potencial e hoje eu vejo que isso foi fundamental para eu ter chegado até aqui.

Conforme avançava a adolescência, as questões relacionadas ao meu corpo, à minha autopercepção e autoestima se agravavam: eu havia passado pela fase do estirão da puberdade, crescendo bastante e perdendo muito peso, o que fazia com que toda vez que eu olhasse no espelho, eu me visse feia, desengonçada e fora de forma. Eram tempos de um comportamento muito tóxico e problemático, onde ofensas eram vistas como meras brincadeiras e piadas, sendo permitidas e legitimadas das mais variadas formas, principalmente entre os mais íntimos e próximos. Alguma coisa teria efetivamente mudado até aqui?

Para quem agride ou compactua com esse tipo de agressão, a situação adquire caráter banal ou inofensivo. Contudo, para aquelas pessoas que, assim

como eu, por muito tempo se viram obrigadas a anular o seu próprio sofrimento, sendo condicionadas a enxergar normalidade onde na verdade reside violência, ofensas e ataques contra a nossa existência podem ser o disparador de inúmeros gatilhos que afetam direta e profundamente a nossa saúde e bem-estar mental.

Eu sempre reagi às violências da forma que me era possível dentro de cada contexto, porém as possibilidades de aceitação e pertencimento passam sempre pela via da *autoanulação*, o que no meu contexto se deu a partir das frustradas e frustrantes tentativas de me tornar aquilo que era esperado de mim. Como resultado, até muito recentemente eu me culpava pelas diferentes violências que havia sofrido e por vezes esse sentimento volta a me assombrar de forma involuntária, com a diferença de que hoje entendo as suas origens e com isso consigo buscar estratégias para lidar com ele. Hoje, sendo uma pessoa adulta e emancipada, felizmente eu consigo enxergar outras saídas, mas como eu poderia ter feito o mesmo ainda criança ou adolescente, com todo esse entendimento sendo negado à mim?

O não cumprimento da norma relega ao sujeito-pessoa o status de *ser inferior*, o que efetivamente significa ser alguém de menor importância, valor e prioridade. Estando do lado desfavorecido dessa relação unilateral, ou se agrada o ego e os interesses do autoproclamado *ser-superior* ou nada se tem. É sobre entregar tudo de si e receber somente migalhas como recompensa. Trata-se no final, de uma relação de subserviência, vantagem e exploração, na qual somente uma das partes ganha. Não se aceita essa condição? O lado favorecido faz a sua birra infantil, utilizando-se do seu privilégio e micropoder como forma de forçar essa submissão. Neste sentido, tanto o *abandono* quanto o *desprezo*, em suas mais variadas possibilidades, se mostram como formas de violência advindas desses privilégios e de suas relações de poder, conduzindo a pessoa desfavorecida pela lógica normativa ao caminho da solidão e do isolamento.

Através do uso da força e da submissão, se barganham as possibilidades de existência. Explico: uma vez que somos um corpo e existimos através dele, em uma sociedade que é regida pela normatividade, são dignos de legitimação somente aqueles corpos nela inserida. Sendo a normatividade marcada pela branquitude, pela cisgeneridade e pela heterossexualidade, não fazer parte desse padrão

hegemônico pode nos levar a dois caminhos possíveis: 1) passamos a negar quem somos, buscando nos encaixar nos padrões normativos em busca de segurança, pertencimento e sobrevivência; ou 2) nos levantamos contra a normatividade, como forma de existência e resistência política, sendo conduzidas à marginalização e pagando o alto preço da estigmatização social:

Gradativamente, vai se tornando visível e perceptível a afirmação das identidades historicamente subjugadas em nossa sociedade. Mas essa visibilidade não se exerce sem dificuldades. Para aqueles e aquelas que se reconhecem nesse lugar, “assumir” a condição de homossexual, bissexual, trans é um ato político e, nas atuais condições, um ato que ainda pode cobrar o alto preço da estigmatização.” (LOURO, 2018, p. 38)

Hoje compreendo que muitas vezes, pelo medo da solidão, acabei por me submeter à normatividade e com isso me anular, sendo conduzida ao lugar de negação de número 01 (passamos a negar quem somos, buscando nos encaixar nos padrões normativos em busca de segurança, pertencimento e sobrevivência). Já há algum tempo eu tentava me esconder debaixo de roupas muito maiores do que o meu real tamanho, cobrindo grande parte do meu corpo e evitando o contato com o sol. Até então eu só tinha ido à praia uma única vez, ficando o tempo todo coberto pela vergonha de me expor. Com o tempo, passei a ter vergonha da minha forma física e de cada parte do meu corpo.

Se formava dentro de mim um grande sentimento de repulsa por mim mesma, iniciando um caminho de autodestruição que somente muito anos depois eu entenderia. Neste sentido, Butler (2018, p. 197) diz que “[...] o sujeito é constituído através da força da exclusão e da abjeção, uma força que produz um exterior constitutivo relativamente ao sujeito, como seu próprio e fundante repúdio”, e era assim que essa normatividade seguia me impedindo de ser e de me constituir enquanto pessoa: introjetando o ódio e a repulsa por mim mesma no mais profundo nível dos meus pensamentos e sentimentos.

Eu não me achava bonita ou atraente e começava a entender que qualquer possibilidade de afeto me seria negada: no geral as garotas me viam como um possível amigo, enquanto que os garotos evitavam maiores aproximações. Das

garotas de fato só me interessava a amizade e, apesar de me sentir sexualmente atraída pelos garotos, não suportava a forma machista, violenta e desrespeitosa como se comportavam. Por fim, mesmo que eu encontrasse alguém de alguma forma parecido comigo, qualquer relação além da amizade se mostrava proibida e, portanto, impensável.

A partir de uma lógica cis-heteronormativa binária, a relação afetiva-sexual aceitável se dá somente entre homens e mulheres, machos e fêmeas, seres ativos e passivos, respectivamente, objetivando a reprodução e a constituição familiar. Eu era o rapaz que deveria ser um homem, mas que quebrava com as regras estabelecidas ao desejar outros homens e não me comportar como o macho que supostamente eu deveria ser, ocupando o meio de tudo isso, pairando no limbo, sem espaço.

Na maior parte do tempo eu era vista como um ser assexuado, desprovido de qualquer tipo de desejo. Com exceção das poucas aproximações sinceras que aconteceram ao longo da minha vida, a maioria se mostrava ser por algum tipo de interesse ou tentativa de me importunar. Eu sempre busquei tratar as pessoas com o maior respeito possível, evitando qualquer tipo de problema com elas, porém mesmo quieta e tentando seguir a minha vida em meio à um turbilhão de questões, algo impresso no meu corpo e na minha forma de ser fazia com que muitos entendessem que eu deveria ou merecia ser importunada e violentada de alguma forma.

As ameaças e agressões, tanto físicas quanto psicológicas, o dedo apontado, o olhar raivoso, o xingamento em forma de suposta piada, os comentários maldosos e ofensivos, a risada sarcástica que parte de um só lado, a exposição ao ridículo, a inferiorização, a subestimação, o desprezo e a exclusão em suas mais variadas formas, dentre uma infindável lista de possíveis violências, se mostram como mecanismos de humilhação pública, objetivando tirar da pessoa não-normativa a sua qualidade de sujeito, ou seja, a sua possibilidade de se compreender e ser compreendida a partir da sua humanidade.

Aqueles que cometem tais violências jamais aceitariam sofrer os mesmos atos ou receber tratamento semelhante, pois foram ensinados e são suportados por toda uma sociedade a se enxergar como seres superiores e legítimos, colocando-se no centro da existência humana. Se convenceram e são convencidos pela

pedagogia normativa de que o mundo lhes pertence e que as pessoas diferentes de si são inferiores, lhes pertencendo ou devendo submissão. É assim que o *privilégio* se mostra, constituindo o *sujeito-privilegiado*.

Esse *sujeito normativo* legitima e comete a violência contra o *outro-inferiorizado*, não admitindo qualquer aproximação ou possibilidade de ameaça à sua integridade, pois se encara como *sujeito legítimo* e assim é enxergado e legitimado pela maioria através da visão e da pedagogia normativa impregnada em nossa sociedade, herança de uma história colonial e escravocrata que se mostra ao mesmo tempo recente e presente. Através desta lógica, *coisifica-se* a pessoa não-normativa, a reduzindo à qualidade de coisa, de objeto, de bicho, de qualquer coisa, menos gente. Na minha trajetória, esse padrão se mostraria presente desde a infância, continuando a me perseguir incessantemente nos anos por vir.

Enquanto isso eu era percebida pelos outros, mesmo sem a enunciação de qualquer palavra, tentando a todo custo esconder ser o que todos já percebiam em mim. O meu desejo não era somente proibido, ele era também dificultado e com isso negado. O único lugar possível de depósito desse desejo era em um esconderijo onde ele jamais pudesse ser descoberto, protegido e alimentado pela culpa e pelo medo. A descoberta da minha sexualidade trazia consigo a sentença da solidão, por muito tempo me fazendo acreditar que eu estava sozinha nesse lugar existencial e que, portanto, o amor jamais me seria possível.

Além da clara e insistente proibição do meu desejo, também existia à minha volta uma enorme pressão para que eu provasse a minha masculinidade, em um contexto onde se relacionar sexualmente com mulheres é uma imposição e obrigação da qual nenhum homem deve fugir. Entre a obrigação e a confusão com os meus sentimentos, acabei por namorar duas grandes amigas, buscando desesperadamente ocultar o meu real desejo e provar a minha legitimidade como homem.

Eu continuava me dedicando fortemente aos estudos, buscando abrir caminhos para boas oportunidades, porém agora o peso do esforço começava a se mostrar presente em formas mais agudas de cansaço e ansiedade. Aos 16 anos, eu comecei a estagiar no fórum da cidade, recebendo uma bolsa miserável sem direito a qualquer tipo de benefício. Para quem não tinha um tostão no bolso, pelo menos a

experiência valia a pena, fazendo o pouco que recebia ser motivo de felicidade e orgulho.

Estudar e trabalhar longe de casa, mesmo que dentro da mesma cidade, se mostrava custoso: o meu pai me apoiava na passagem e o que dava para comer de almoço era salgado-de-cinquenta-centavos ou marmitta trazida de casa. Na época definitivamente não tinha do que reclamar, pois sempre quis trabalhar e ter o meu próprio dinheiro, além de adorar um salgado!

Trabalho braçal e operacional sempre foi a realidade das pessoas da quebrada e, supostamente, a única via legal de subversão dessa realidade era através de uma possível ascensão social pela via dos estudos e do trabalho duro. Eu observava a minha realidade e também das pessoas ao meu redor, vendo o quanto a falta de dinheiro e recursos limitava a vida, o trânsito e as possibilidades de liberdade e independência. Os meus pais contam que por muito tempo a realidade deles foi comer somente feijão com farinha, não tendo ao menos o direito a uma alimentação digna. Também é desde pequena que eu ouço as histórias de meu pai sobre as inúmeras dificuldades e desafios de ser pobre e analfabeto no Brasil, padecendo-se de toda a sorte de recursos.

Observar a realidade vivida pelos meus pais e as inúmeras dificuldades também presentes na minha vida como consequência disso, me faziam sonhar em ser o primeiro da minha família a entrar na faculdade e ter um trabalho onde eu pudesse ser valorizada pelas minhas habilidades intelectuais em vez de ser reduzida à mera mão de obra e objeto de trabalho, podendo viver uma realidade diferente daquela à qual eu estava há muito tempo acostumada e, supostamente, predestinada.

Neste sentido, trabalhar e estudar se mostravam como *necessidades urgentes e vitais*, oportunidades únicas de uma mudança sem garantias, sem as quais qualquer possibilidade de liberdade se mostrava impossível. Vivendo-se em uma sociedade capitalista na qual as oportunidades, as possibilidades e os direitos são negados, escassos ou ainda inexistentes para muitas pessoas localizadas à margem da normatividade, falhar não é uma opção. Falhar é ser marcado para eliminação!

No terceiro ano do ensino médio, a diretoria de ensino da minha região custeou algumas bolsas de estudo para os alunos mais promissores de algumas escolas, em um cursinho pré-vestibular na cidade vizinha, Taboão da Serra. Eu estava determinada a entrar na universidade, porém precisaria fazer um cursinho como tentativa de contornar as tantas faltas presentes na minha trajetória escolar. Eu precisava dessa bolsa, pois depois de anos de dedicação, o meu pai era despedido do trabalho, entrando em um profundo mergulho depressivo, o que afastava de mim qualquer possibilidade de conseguir arcar com todos esses gastos sozinha. Foi assim que eu me agarrei à essa oportunidade como à uma âncora de salvação, conseguindo a tão necessária e estimada bolsa de estudos.

Passava a acordar às 05 horas da manhã e ir dormir após a meia-noite, de forma a conseguir trabalhar pela manhã, fazer o cursinho à tarde e ir para a escola à noite. Tive que mudar de escola de repente, me despedindo de bons amigos, mas também levando comigo a esperança de uma vida melhor. Até essa época, Taboão da Serra e Campo Limpo eram os lugares mais distantes para onde eu ia com certa frequência, com exceção de algumas poucas vezes em que fui ao centro de São Paulo. Até completar os meus 18 anos, meu limitado trânsito se resumia à periferia onde eu havia crescido. Se transportava quem podia pagar ou disso dependia o seu sustento, quem não podia andava em círculos, dava de cara com a imobilidade ou ia na sola do pé até onde dava.

Das primeiras vezes que cruzei a ponte foi para prestar os vestibulares das grandes universidades e tinha a esperança de que, em breve, voltaria a cruzar todos os dias. Eu estudava até a cabeça doer, os olhos ficarem embaçados e o corpo falhar, mas graças a alta pontuação que eu consegui no ENEM e às políticas afirmativas que começavam a ser implementadas, tais como o Prouni e a bonificação para alunos de baixa renda e oriundos da rede pública em algumas universidades públicas, eu consegui ser aprovada na FATEC, na USP e na Universidade São Judas Tadeu com bolsa integral do Prouni.

Como bem nos lembra Djamilia Ribeiro (2018, p. 16), “numa época anterior a políticas afirmativas importantes - como as cotas raciais e o Prouni, por exemplo -, trabalhar para pagar a mensalidade era a única opção.” Eu felizmente não precisaria pagar pelos meus estudos, o que seria impossível diante daquela realidade, porém

ainda assim precisaria trabalhar para o meu sustento e também da casa, pois sem isso estudar seria improvável e impossível.

O sonho era ser artista e estudar Artes Cênicas, porém a minha realidade e as circunstâncias não me permitiriam optar pelo o que me pedia o coração. A responsabilidade, minha companheira de infância, me faria optar pelo que poderia me trazer o sustento, pois para quem muito já faltou, brincar com uma coisa dessas não é opção. Seja como for, os meus caminhos estavam sendo abertos e os meus sonhos pareciam começar a se tornar realidade, por isso só tinha a agradecer e continuo tendo.

Os meus 18 anos estavam próximos e com isso as responsabilidades da vida adulta já me tomavam de assalto. Em casa as coisas não iam nada bem. Tendo passado a vida inteira trabalhando de sol a sol, parecia que o meu pai havia se perdido após sua demissão do trabalho, bebendo cada vez mais de forma a aliviar a falta, a ausência, o cansaço, a revolta e a raiva que o assombravam cada vez mais. Eu tinha a lembrança de um pai bondoso que há muito tempo não via, pois o seu lugar havia sido tomado por um homem autoritário e agressivo que, sem perceber, destruía a si, os seus afetos e tudo o que havia construído à sua volta.

Foi assim que algum tempo mais tarde eu vim a entender o que era uma relação abusiva, as suas complexidades e as dificuldades de se quebrar com esse ciclo, vivendo e observando esse fenômeno dentro de casa e também nas relações à minha volta. Quantas pessoas ao meu redor naquela época estariam passando pela mesma ou por uma pior situação? A julgar pela boca do povo e pelas condições que qualquer um com olhos podia ver, eu diria que muitos, senão a maioria. Contava-se nos dedos de uma mão as famílias que não se encontravam em um processo destrutivo, tendo as suas estruturas gravemente fragilizadas ou destruídas por completo.

A minha mãe, uma das pessoas mais calmas e centradas que já conheci, também perdia o seu chão e pedia socorro. A separação era inevitável. O meu irmão, o qual sempre teve um relacionamento complicado com o nosso pai, buscava o seu caminho fora de casa, se tornando pai e casando muito antes do que poderia imaginar. Pouco tempo depois, a raiva tomou conta do meu pai e fez com que ele também fosse embora. Lembro que até a sua partida, apesar da raiva que também

já não cabia em mim, eu sempre lhe dava um beijo e um abraço antes de sair para a minha jornada. Recentemente ele me contou que esse foi um dos gestos do qual lembrou quando a sua vida se mostrou esvaziada e sem sentido.

No meio de tudo isso eu me esforçava para ignorar como eu me sentia, tentando concentrar a raiva e os demais sentimentos que me consumiam nas oportunidades pelas quais eu tanto havia me dedicado. A partir dali seria somente a minha mãe e eu: sem escolha, eu passava a ser o 'homem da casa'.

Além do trabalho na roça, o meu pai foi açougueiro a maior parte de sua vida, enquanto que a minha mãe foi dona de casa e é manicure. Nenhum dos dois foi herdeiro e, como consequência disso, o meu irmão e eu também não somos. Dizem que tem pobre que acaba por ficar rico, mas estamos falando aqui da regra ou de uma rara exceção? Neste sentido, é Abdias Nascimento quem nos explica essa lógica ao descrever um *círculo vicioso* que impede que os negros nas favelas melhorem as suas condições de vida:

Se os negros vivem nas favelas porque não possuem meios para alugar ou comprar residência nas áreas habitáveis, por sua vez a falta de dinheiro resulta da discriminação no emprego. Se a falta de emprego é por causa da carência de preparo técnico e de instrução adequada, a falta desta aptidão se deve à ausência de recurso financeiro. Nesta teia, o afro-brasileiro se vê tolhido de todos os lados, prisioneiro de um círculo vicioso de discriminação - no emprego, na escola - e trancadas as oportunidades que lhe permitiriam melhorar suas condições de vida, sua moradia, inclusive. (NASCIMENTO, 2016, p. 101)

Silvio Almeida afirma que, tanto a *discriminação direta* como a *discriminação indireta* levam à estratificação social, definida por ele como “um fenômeno intergeracional, em que o percurso de vida de todos os membros de um grupo social - o que inclui as chances de ascensão social, de reconhecimento e de sustento material - é afetado.” (ALMEIDA, 2018, p. 26).

Dado o meu contexto socioeconômico e as minhas origens, quais seriam as minhas reais chances de ascensão, em uma sociedade programada para imobilizar pessoas em contextos não-normativos assim como eu, impedindo o nosso trânsito social? Estaria eu decidida a mudar de vida ou desesperada com a ideia de passar por toda sorte de necessidades, não tendo a quem recorrer? Acredito que as duas

coisas, mas seja como for, tomei fôlego e corri. Corri desesperadamente sem olhar para trás, pois sabia que o monstro da falta e da ausência estava à espreita, esperando qualquer passo em falso para me alcançar. Esse monstro é implacável e para enfrentá-lo é preciso se manter são e forte, na esperança por uma vida mais digna e justa.

É principalmente a partir deste ponto que a minha narrativa começa a se cruzar ainda mais fortemente com a história de meu pai. É a partir daqui que a vida acelera tanto, que acaba por romper com a percepção de tempo que eu costumava conhecer. É também a partir daqui que eu perco, em um nível ainda mais profundo, a minha conexão com o espelho, com a minha ancestralidade e com a minha história, o que fez com que eu me perdesse de mim mesma, intensificando ainda mais o processo de desumanização, a partir do qual eu passava a ser encarada apenas como um *corpo-máquina-produtivo*.

Aos 18 anos, eu iniciava o meu trajeto acadêmico através da bolsa integral do Prouni que eu havia conquistado para cursar Sistemas de Informação na Universidade São Judas Tadeu. Na FATEC, o meu percurso se estenderia por pelo menos mais uma hora e eu teria uma formação tecnológica, focada somente no campo de processos de produção mecânica, o que me fazia rezear pela oferta de oportunidades e chances de colocação no mercado de trabalho. Na USP, lugar onde eu sonhava estudar por conhecer a sua reputação de ser uma das melhores universidades do país e da América Latina, eu fui aprovada somente na terceira lista de espera para o curso de Biblioteconomia, formação que apresentava poucas chances de colocação e baixas perspectivas de ascensão. Era preciso considerar todos os fatores que constituíam a minha realidade com cautela, pois eu não poderia me dar ao luxo do risco em um contexto onde precisava de um retorno rápido, de forma a conseguir me manter estudando e ajudando em casa.

Inicialmente consegui um emprego na área de telemarketing, trabalhando durante o dia e estudando à noite. Morando no Jardim do Colégio, onde a oferta de ônibus era extremamente precária e o asfalto ainda não havia chegado para todos, eu precisava subir e descer algumas ladeiras até o bairro vizinho, enchendo os sapatos de terra nos dias de sol e de lama nos dias de chuva, nunca levando menos de duas horas para chegar a qualquer um dos meus destinos.

A rotina que já se fazia presente há algum tempo se intensificava, se resumindo à acordar cedo, andar longas distâncias, pegar ônibus lotado, trem mais lotado ainda, ralar o dia todo, ir para as aulas, tentar se manter concentrada e acordada, pegar ônibus lotado novamente, andar mais um bocadinho, chegar em casa tarde e dormir para começar tudo novamente no dia seguinte.

Ao final do primeiro ano da universidade, eu consegui um ótimo estágio na área de Tecnologia da Informação, passando a trabalhar em Alphaville, bairro nobre localizado nos municípios de Barueri e Santana de Parnaíba. Lá o meu salário seria maior, eu não precisaria mais trabalhar aos finais de semana e teria acesso a benefícios como plano de saúde, vale-refeição e vale-transporte. Pela primeira vez eu acreditava estar sendo paga de forma justa pelas minhas habilidades, sendo finalmente reconhecida e valorizada, o que me deixava feliz e fazia com que eu me sentisse pertencente de alguma forma.

Nessa época, eu conheci pessoas incríveis que acreditaram no meu potencial criativo e intelectual, me ajudando muito no meu desenvolvimento profissional. Apesar de todas as novas conquistas, com essas mudanças eu passava a gastar o total de seis horas por dia para me transportar, tentando me manter focada nos meus objetivos e grata pelos lugares que estava ocupando, o que aliviava as tantas faltas e ausências afetivas que há tempos vinham criando profundas raízes dentro de mim.

As exigências da vida acadêmica e profissional se mostravam muito maiores do que aquelas presentes na vida escolar, porém mesmo em tais circunstâncias eu continuava a buscar o inalcançável objetivo de ser a melhor, pois acreditava que a qualquer passo em falso eu também poderia acabar caindo no fosso da incompetência, tendo a míngua chance de reconhecimento da minha humanidade e competência eliminada. Crescer quebrada na quebrada nos ensina que, aparentemente, não existem segundas chances, por isso se manter de pé a qualquer custo se mostra como mais uma possível estratégia de sobrevivência. Quantos ao meu redor teriam de alguma forma caído ou se perdido ao longo do caminho?

Conseguir manter boas notas na universidade e ter um bom rendimento no trabalho exigiam de mim um alto nível de foco e concentração. Sendo/tendo eu um

corpo, conseguir me manter nesse lugar de foco e concentração somente se mostrava possível através da satisfação das necessidades fisiológicas básicas, como comer e dormir, as quais já passavam a ser cada vez mais irregulares e raras na minha rotina.

Uma vez que se manter em um emprego minimamente decente em uma sociedade capitalista requer especialização e dedicação cada vez maiores, ocupar todas as horas do dia com trabalho e estudo se colocava como pré-requisito de permanência no meu caso. Durante a semana eu acordava de madrugada, trabalhava o dia todo, estudava no período noturno e quando ia dormir já passava da meia-noite. No final de semana, eu focava nas leituras e trabalhos da universidade e também estudava inglês, tendo que mais uma vez cruzar a ponte e seguir o longo e já conhecido trajeto rumo à promessa de uma vida melhor.

Com o tempo eu fui promovida, passando a ter maiores responsabilidades e com isso tendo que assumir horas extra no trabalho, passando a ser acionada a qualquer dia e horário. Em pouco tempo, o toque do celular do trabalho e o recebimento constante de requisições fariam o meu coração disparar e os meus pensamentos serem habitados por uma série de preocupações, o que mais adiante culminaria em constantes crises de ansiedade.

Como eu poderia me alimentar e dormir decentemente em tais condições, quando mesmo sem qualquer tempo para o lazer, para os relacionamentos e afetos, o cenário no qual eu vivia se mostrava como o mais promissor e com as melhores chances de ascensão? Como eu conseguiria manter o foco e a concentração em algo, quando tudo ao seu redor trabalhava de forma a impedir que esse objetivo fosse alcançado?

Dentro e fora de mim, tanto a dificuldade de autopercepção como a baixa autoestima se agravavam, o que me afastava cada vez mais das minhas origens e me levava a perseguir ainda mais fortemente os ideais normativos, agora não somente como forma de pertencimento, mas como critério obrigatório para uma possível ascensão e reconhecimento social.

Eu passei a me reconhecer como um homem gay, uma vez que não era mais possível manter o desejo de toda uma vida preso dentro de mim, porém tudo acontecia bem longe dos olhares dos outros e também da minha quebrada, pois

pela observação e experiência de toda uma vida, eu sabia que ali não haveria qualquer espaço para uma possível “*aceitação*”.

Na universidade e no trabalho eu finalmente conhecia outras pessoas LGBTQIAPN+, sigla que na época era reduzida ao termo GLS (gays, lésbicas e simpatizantes), conseguindo verbalizar pela primeira vez com uma amiga sobre a minha orientação sexual e com isso percebendo que havia passado 18 anos da minha vida totalmente calada e isolada, sem nunca ter tido a possibilidade de conversar com ninguém sobre essas e tantas outras questões críticas da minha vida, que se colocavam socialmente como “proibidas”.

Como qualquer outra pessoa jovem, eu já havia sido sexualmente “educada” através da pornografia - uma vez que a escola enquanto extensão da sociedade se negava a debater tal assunto -, entendendo que um homem gay só poderia se constituir de uma única forma na busca por uma possível aceitação social: assumindo a aparência e o comportamento esperado de um homem macho, bem como os ideais falocêntricos e da braquitude, em um contexto onde quanto mais próximo se está desse ideal, maiores são as chances de sucesso; afasta-se desse ideal e se encontra a rejeição e a solidão como possíveis caminhos alternativos.

A partir da lógica cisheteronormativa, baseada em uma concepção binária de gênero (homem/mulher, masculino/feminino), eu via essa mesma dinâmica das relações de poder sendo transportada para as relações homoafetivas masculinas onde, através de estereótipos socialmente construídos, se supõe a existência única e exclusiva de um elemento ativo e de outro passivo, sendo o elemento ativo representado por um *macho-alfa-dominador* e o passivo por um *macho-fêmea-dominado*, replicando-se com isso a lógica de dominação e submissão proveniente da cisheteronormatividade.

Nesse caminho pela busca de um ideal que eu jamais poderia alcançar, eu começava a esbarrar em novos *elementos de autodestruição* que impactariam diretamente a minha saúde física e mental, a exemplo dos transtornos alimentares. À época, apesar de estar muito abaixo do peso considerado ideal para alguém com o meu porte físico, eu me olhava no espelho e me enxergava absurdamente gorda, feia e fora da forma tida como “ideal”, odiando tudo o que eu via e desejando ser o oposto de tudo aquilo. O ritmo acelerado serviria como justificativa para que eu não

me alimentasse adequadamente, fazendo com que eu perdesse cada vez mais peso. Ao meu redor, as pessoas me elogiavam por isso, me encorajando a seguir nesse caminho e me parabenizando por essas “conquistas” estéticas.

Eu dava continuidade, de forma cada vez mais acentuada e agressiva, ao processo de masculinização e embranquecimento do meu corpo, tentando moldar os meus movimentos, a minha forma de andar, de falar, de me comportar, de me vestir e de me apresentar ao mundo. Através da maquiagem branca no rosto, dos tratamentos dermatológicos, do cabelo alisado, dos procedimentos estéticos e das incontáveis dietas e exercícios, eu acreditava poder me aproximar de um possível ideal de beleza que me traria alguma legitimação, quando na verdade eu estava alimentando um processo de autodestruição que visava o meu próprio fim.

Por mais que a vida estivesse prosperando, mesmo em meio a tantas questões que guardava só para mim, ainda me sentia naquele lugar de *inadequação* e *não-pertencimento* que aqui já citei diversas vezes. Ao mesmo tempo em que eu era reconhecida pelos meus esforços e contribuições no trabalho, eu percebia que a ocupação daquele espaço somente se mostrava possível a partir de uma completa submissão às ordens estabelecidas, o que envolvia todo um conjunto de regras e normas comportamentais, estéticas e visuais nas quais eu não cabia, me levando a reforçar ainda mais a casca que desde muito pequena eu vinha construindo, como mais uma estratégia de sobrevivência e forma de proteção. Eu mal me olhava no espelho, mas o que eu raramente via não condizia com a pessoa que eu sabia habitar o meu corpo. O que teria acontecido comigo? Quem estaria refletido naquela imagem no espelho que eu já não conseguia mais reconhecer?

Quando no trabalho as chances de crescimento já se esgotavam, não fosse pela via da anulação e do pagamento com o próprio tempo-vida, eu mais uma vez me despedia, agora do lugar onde eu pude pertencer somente enquanto *corpo-máquina-produtivo*. Aos 23 anos, já dominando a língua inglesa, eu passava a ser professora e fazer disso o meu ganha pão, trabalhando de forma autônoma e deixando de lado todos os benefícios de um trabalho com carteira assinada, de forma a ter tempo para me concentrar no meu antigo sonho de estudar teatro e ser artista.

No teatro eu acreditava poder encontrar a possibilidade de existência e pertencimento que, em um tempo distante, eu havia experimentado. Foi nesse caminho que eu então segui e, depois de três anos estudando para o ofício da atuação, eu me formei e recebi o meu registro profissional. O teatro se confirmou verdadeiramente com um possível lugar de morada onde, até certo ponto, eu podia habitar da forma como sou, tendo feito desses anos de estudo e formação uns dos mais felizes da minha existência. Digo até certo ponto, pois uma vez que a normatividade se mostra enraizada em tudo, no campo das artes isso não seria diferente.

Até essa altura da minha vida, o mito da meritocracia ainda se fazia presente entre as minhas crenças, o que também se aplicava ao campo das artes, me levando a acreditar que eu poderia ocupar diferentes lugares simplesmente por dedicar o tempo e os esforços necessários para tanto.

Eu começava a entender a realidade do mercado artístico para profissionais da cena, o qual concentrava a maior parte de suas oportunidades profissionais no teatro, na televisão, no cinema e no mercado publicitário. Seja em qual fosse o meio de atuação, as vias de acesso a qualquer um deles eles se mostravam altamente restritas: ou se possuía algum tipo de influência e indicações no meio, obtendo-se acesso às melhores oportunidades, ou se buscava um lugar ao sol através do árduo caminho das agências de casting e testes de elenco, sendo que em ambos os casos a exigência de pertencimento à lógica normativa se colocava como pré-requisito obrigatório.

Uma vez que estamos falando de um mercado diretamente responsável pela criação e manutenção do imaginário popular, acerca dos corpos que importam e também daqueles que não importam, era de se esperar que a imensa maioria dos papéis fosse dedicada a pessoas dentro do padrão normativo branco-heterossexual-cisgênero, reservando às pessoas não-normativas, especialmente aquelas em um contexto byxa-preta-de-quebrada, os lugares do escárnio e da espetacularização.

Tal como eu sempre fiz, eu continuava não medindo esforços para estudar e buscar especialização nas técnicas exigidas pelo mercado, dedicando tempo e recursos valiosos que só podiam ser obtidos através da minha força de trabalho

como professor. Eu corria incansavelmente atrás de oportunidades na área, porém em todas as ocasiões, as exigências e critérios estéticos se mostravam nitidamente mais importantes do que o conhecimento ou a experiência que eu tinha.

A equação era simples de entender: ou se estava dentro dos padrões estéticos exigidos ou se dava de cara com a falta de oportunidades. Focada na busca pelo meu sonho de longa data, eu buscava desesperadamente me encaixar no padrão normativo, intensificando ainda mais as minhas transformações físicas e me escondendo atrás de uma máscara que passava a me sufocar.

Como recompensa pelos meus anos de esforço, estudo e dedicação, eu ouvia das poucas agências que ao menos aceitavam conversar comigo, coisas como “Você possui um *perfil muito exótico*, o que dificulta a sua colocação” ou ainda “Você possui um *tipo muito comum*, por isso não temos interesse no seu perfil neste momento”, enquanto inúmeras outras simplesmente ignoravam por completo o meu material. Durante toda a minha formação artística, eu claramente me destaquei pela via do esforço, da dedicação e da qualidade técnica do meu trabalho, porém para o mercado isso nada significava, fazendo sempre com que alguém dentro ou mais próximo do padrão normativo ocupasse um lugar onde, através de uma lógica meritocrática, eu supostamente deveria estar.

Eu estava com 27 anos quando o cansaço e a falta de esperança começaram a pesar de tal forma, que o meu corpo e a minha mente não conseguiam mais suportar tanto peso. Pouco a pouco, a soma de toda uma vida de silenciamentos, privações, exclusões e violências começavam a causar em mim uma grande apatia à vida, me levando a um caminho onde a culpa e a vergonha me conduziam à estrada do isolamento e da solidão. A rejeição, que sempre me acompanhou das mais diversas formas, começava a me fazer acreditar que a causa de todos os problemas morava em mim, sendo eu o problema. De uma pessoa aparentemente saudável, alegre, cheia de fé e esperança, eu passava a não acreditar mais em mim mesma, sendo tomada pela tristeza e pela depressão.

Ao falar sobre as diferentes formas de protesto dos africanos no contexto da escravidão, Abdias Nascimento cita um tipo de rejeição que os levava à uma paralisação da vontade de viver, onde encontro grande semelhança com o que trago em minha narrativa. Tal rejeição era conhecida como *banzo*, sendo praticada

pelo afrodescendente escravizado como uma forma de manifestação não violenta ou pacifista de sua inconformidade com o sistema:

O africano era afetado por uma patética paralisação da vontade de viver, uma perda definitiva de toda e qualquer esperança. Faltavam-lhe as energias, e assim ele, silencioso no seu desespero crescente, ia morrendo aos poucos, se acabando lentamente. (NASCIMENTO, 2016, p. 71)

Neste ponto, qualquer possibilidade de conexão com o espelho se perdia, pois eu já não conseguia mais me reconhecer como pessoa, a partir de uma humanidade que se encontrava esmagada e reduzida à migalhas. Perdendo a conexão com o espelho, eu me perdia também de mim mesma, da minha história e das minhas origens, em um movimento diaspórico onde nem ao menos o meu corpo e a minha mente se apresentavam como possíveis lugares de morada.

Eu não tinha vontade de tirar a minha própria vida, mas a vontade e o sentido de viver se esvaziaram em mim tal como um rio em tempos de seca. Com o tempo, eu descobria que as lembranças de cada violência sofrida ao longo da minha vida ainda se faziam feridas abertas, impedidas de cicatrizar por uma sociedade que tinha como propósito me dilacerar até a morte. A revolta de todas essas descobertas acendiam em mim a chama da raiva, alimentando um ódio que começava a me destruir de dentro para fora.

Aquilo que havia destroçado a humanidade do meu pai, o levando ao caminho da autodestruição através do vício, passava também a destruir a minha humanidade. Eu não viria a externalizar essa raiva que alimentava o ódio que em mim crescia, mas a usaria inconscientemente como forma de autodestruição. Eu não havia escolhido o caminho da solidão, mas a ele eu era a todo tempo conduzida por uma sociedade que, desde muito antes do meu nascimento, já introjetava sentimentos como o *medo* e a *rejeição* em pessoas como eu a partir da violência, como forma de dominação, exploração e eliminação de nossos corpos, subjetividades e saberes.

Eu passava a entender, por fim, que o amor estaria para a (re)construção, da mesma forma que o ódio estaria para a destruição, chegando à conclusão de que a sociedade da qual eu fazia parte havia sido estruturada sob as bases do ódio e da

violência, de forma a manter os interesses e os privilégios do seletivo grupo normativo, através da submissão, da exploração e do extermínio das tantas pessoas localizadas à margem dessa mesma normatividade.

A sociedade que me cerca e da qual faço parte teria adoecido a minha avó, da mesma forma que teria adoecido o meu pai e por fim também teria adoecido a mim, possuindo uma série de mecanismos sofisticados de defesa que a isentam de qualquer participação nesse processo, atribuindo a si o status de inocente e a pessoas em um contexto *byxa-preta-de-quebrada* como eu, o status de loucas e culpadas. Sim, para alguns o inferno seria realmente aqui!

2. Cleydson Catarina

Meu nome é Antônio Cleydson da Silva Catarina e eu venho de uma família cabocla e preta. Eu boto sempre os caboclos na frente porque eu acho que aprendi com os baianos. Em Acupe, um distrito de Santo Amaro da Purificação, eles falam que primeiro saúdam os caboclos que são os donos da terra e eu acredito também nisso. Eu venho de uma família periférica e também sertaneja, então eu aprendi isso.

Sou filho de Mauricio da Silva Catarina e Maria Elenilda Cardoso, que foi uma mulher que me ensinou a viver. Eu sempre começo a falar sobre a minha mãe: eu tenho uma estrutura da minha mãe, eu tenho a beleza da minha mãe e eu acredito também nessa beleza. É muito engraçado o meu nascimento, porque na minha história eu tenho uma história de devoção. Eu venho das manifestações tradicionais e através delas eu encontro com o teatro que é muito importante pra mim - acho que estou vivo por causa disso - , não como o “teatro salvação”, nada disso, mas como pessoa, como um local, porque a gente vem de um local muito de silêncio, de uma não educação da fala, então acho que o teatro me traz isso, ele me traz esse local de falar.

Uma vez eu vi a Elza Soares falando que ela vinha do planeta fome e eu acredito que eu venho do planeta do não. Primeiro pelo o corpo negro, de uma criança preta que veio com vários nomes e vários apelidos - acho que todos nós passamos por isso de buiú, de café maratá, então começa esse processo. Eu venho de uma família, principalmente da minha mãe que, do jeito dela, ela me ensinou estar vivo. Eu acho que uma coisa dessas mulheres que estão na periferia é o ato de resistência de educar um filho preto no meio da pobreza, no meio de um país altamente racista.

Eu venho desse local, de um local também de muitas festas, de tradições, de festa de Reis, de festa de São João, de festa de “nasceu um pinto”, um pinto de galinha. Minha mãe tinha muita essa coisa de viver. Minha mãe morreu em 2009, pra

mim foi bem difícil, acho que eu tenho esse luto até hoje, porque é uma mulher que me ensinou a estar vivo.

Eu venho de Fortaleza, Ceará, e a gente morava num distrito de Maracanaú, divisa com Fortaleza e Maracanaú, que era o Conjunto Industrial. Em 1992 eu comecei a trabalhar com teatro. Com 12 anos de idade, através das manifestações da PJMP, que é um pensamento mais político da Igreja Católica. Nesse meio veio o Jairo Camilo que participava da mesma paróquia. Essa paróquia era grande e tinha um movimento de base, de uma visão política. Em 1992 eu entro e a gente começa a falar sobre genocídio da juventude periférica, ainda não tinha essa coisa racial, mas tinha essa coisa da ideia periférica e foi ali que eu me encontrei.

Com o passar do tempo eu fui me encontrar num movimento, que pra mim hoje é bem difícil, que é o movimento da renovação carismática da Igreja Católica. Foi importante pra mim porque eu participei de uma comunidade da renovação que se chama comunidade “Recado”, que é uma comunidade riquíssima onde eles trabalham com arte. Nesse local foi onde eu estudei, estudei teatro e estudei com vários artistas de nome muito bom, mas depois eu fui ver que aquele local não era meu local, eu percebi que aquele local não era pra minha cor. É muito interessante a gente falar sobre cor que hoje tá tão na moda, pessoas de cores claras se afirmando como negro, o que eu não critico. Primeiro porque a gente tem que entrar no assunto também de que não existe branco, mas isso é mais pra frente e isso também não é a minha história, eles que se resolvam porque eu tenho mais problemas.

Foi bem interessante descobrir esse corpo. Eu venho de uma família onde a família da minha avó, da parte de minha mãe, são todas brancas, são pessoas que tem cafezal. Então eu moro na periferia, mas a família da minha avó, da parte de minha mãe são farmacêuticos, são pessoas comerciantes na sua cidade, que é uma cidade serrana, fria, que o tio da minha mãe era farmacêutico, que a tia da minha mãe tinha um sítio enorme, uma fazenda de café. Aí eu fui percebendo - que engraçado - , a família do meu pai, que eram pessoas retintas, elas não tinham nada disso.

Tinha a família do meu avô, que eu sou apaixonado, que é a família Lauriano que mora no mesmo maciço, que são formados por quatro ou cinco

idades. A família do meu avô é de pessoas bem indígenas, enormes, caboclão, cabelo liso e tudo, e eles vem do *Reisado* e do *Drama de Quintal* - que é muito importante pra mim o *Drama de Quintal*. Eu aprendi com a minha tia, irmã de minha avó, a mais nova. A gente passava o mês de janeiro catando café e depois de catar o café tinha as brincadeiras de drama, que são cantigas ibéricas. Isso foi bem importante porque eu fui vendo que o meu corpo se encontrava nesse local da cantiga e da brincadeira.

Como eu disse pra você desde o início, eu venho do *local do não*. Eu nasci dia 12 de julho de 1979, minha mãe foi no hospital e falaram que não nascia criança de sete meses, então ela voltou pra casa. Meu pai foi atrás da parteira e no meio do caminho tava passando uma novela chamada *Feijão Maravilha* e era o último dia dessa novela. Meu pai chega na casa da comadre atrás da parteira e não fala nada, assiste a novela toda. A comadre dele, eu não lembro o nome, fala assim "Maurício, o que você veio fazer aqui?". e ele diz "Ah, eu vim atrás da parteira porque a Lena tá dando luz!".

E nasce eu, com vários probleminhas de saúde e a minha mãe entrega - com essa devoção tradicional que não é dessa igreja ortodoxa, essas manifestações que são bem tradicionais, essa espiritualidade que é muito sertaneja, que é muito do povo -, a minha mãe entrega ao divino Espírito Santo com essa palavra que é pesadíssima "Que não seja gay, que não seja ladrão e que seja um bom homem. Se ele não for isso, que fique vivo..." e esse é um peso cultural e religioso. Eu entro nas devoções do Reisado, porque quando nasce uma criança com um problema vai fazendo o trabalho de Reisado, e eu entro nesse processo do Reisado, nas cantigas, nas brincadeiras, mas sempre levando esse peso.

Eu acho que eu começo como criança preta, é a primeira coisa como a gente é visto. Meu pai me amava quando eu era criança. Quando eu fui adolescente e cheguei nos 15 anos, por aí, meu pai já se distanciou de mim, porque ele percebeu que eu não era como os outros dois - eu tenho mais dois irmãos e eu sou o mais novo de todos. Ele percebe e então tem um distanciamento, tem uma coisa assim "Não é pra mim, não é meu filho", mas ali tem também o peso do moral porque ele já não pode abandonar. Eu venho desse local e aí eu comecei a ter medo, porque eu sempre ouvia isso, eu ouvia da minha mãe "Meu filho tem que ser homem", então

tem essa coisa da palavra *homem* que é muito forte. O que é homem? O que é essa estrutura do homem?

Tem dois personagens que eu acho muito importantes pra mim e que falam um pouco da minha história. Sobre Carolina de Jesus, que ela usa a arte pra se comunicar, e aí eu falo “É muito fácil falar sobre Carolina de Jesus hoje porque ela está formalizada”. Conviver com Carolina de Jesus com cheiro de fome não é legal né? As pessoas compram hoje o livro e sentem o cheiro do livro novo. Sempre colocaram Carolina como a “favelada” e se você vê a história da Carolina ela escreveu dramaturgia, ela lançou LP, tudo isso, mas as pessoas sempre vão falar sobre Carolina como favelada. Tem outro, Gabriel dos Santos que eu acho maravilhoso, não sei o nome da cidade, é uma cidade do Rio de Janeiro, ele cria a *Casa da Flor*, que é uma casa do templo, ele vai pegando as pecinhas e vai criando essa casa. A casa existe e é um homem também preto com o seu mundo imaginário, e eu venho desse local.

Como disse pra você, em 2009 eu completo 30 anos, a minha mãe faz a minha festa de 30 anos e em poucos dias ela morre. É aí é onde tudo é revelado. Eu não tenho medo de dizer isso, tudo é revelado, onde aquele homem lindo, que sempre me violentou quando estava bêbado, que era o meu pai, na bebida sempre foi essa violência. Ele era um homem calado, como um bom sertanejo, mas quando bebia ele se revelava. Em 2009 eu passei por um processo de depressão, até 2011 eu tive esse caos desse processo e de me sentir só.

Você morar numa casa sertaneja, principalmente do Ceará - não sei se vocês sabem dessa estrutura -, são casas que tem “gancho” - eu vou chamar de gancho porque vocês falam assim aqui em São Paulo -, que é pra botar rede e nós chamamos de “armador”, então não tem cama, são vários armadores. Eu venho de uma casa onde todas as minhas tias do lado de minha mãe moraram com a gente. Depois que minha mãe faleceu, meu pai segue o rumo dele e tem essa estrutura toda, todo mundo vai embora e eu fico com o peso do luto da casa. Eu acho que sempre percebi que existia a solidão, mas ali foi um diploma mesmo pra dizer assim “Você é só. Esse corpo é só”.

Eu tinha 30 anos e foi uma reflexão que eu nunca namorei, nunca ninguém teve interesse por mim e aí é onde eu percebo isso. É muito interessante porque as

peessoas falam assim “Ah, você não namora porque você não quer”, eu tenho raiva disso, eu digo “O que é que você sabe? Você sabe do meu corpo? Olha a minha estrutura”. As pessoas geralmente me chamam de exótico, de esquisito. Eu tenho uma estrutura que não é essa beleza padrão e nem é essa beleza padrão que agora foi descoberta, que é essa beleza negra. Eu tenho uma coisa indígena ainda, minha estrutura é toda indígena, meu pescoço raizado. Então tem um pagamento histórico aí seríssimo e pra mim é isso.

Pela solidão que eu acho que a gente carrega, não só nós, mas as mulheres também, eu acredito muito nisso, as mulheres sertanejas, as mulheres pretas, as mulheres indígenas, tem essa coisa periférica, de que tão na margem. Eu fui sempre tentando me consolar através da arte, mas eu fico pensando, se não fosse a arte - é por isso que eu ponho Carolina de Jesus -, não como salvação, mas como comunicação, dá pra entender isso? Ela precisou daquela escrita não formal para se comunicar e até pra ver quem era Carolina de Jesus, a sensibilidade do olhar, do ambiente, do seu território.

Eu fico pensando nisso, porque na segunda vez que eu venho pra São Paulo, eu venho pra fazer uma produção do espetáculo o *Azar do Valdemar*, que era inspirado no *Amarildo* - que sumiram com o corpo dele -, eu tava nesse processo e eu vim como figurinista. Quando eu chego aqui, num certo momento - eu tava morando em Recife e vim pra cá pra passar três meses. Em Recife eu já tava sem casa, tava num processo bem difícil, mas tava na casa de um amigo -, e um dia na Praça da Sé, aquele cheiro, cheiro de rua, sabe? Eu tava sentado no metrô, que é uma parte bem central, sentindo aquele cheiro de rua - aí eu volto até pra imagem da Carolina, porque eu mexo com isso -, eu percebi que eu era um Amarildo.

Eu tinha só as minhas mãos pra trabalhar e eu tava ali ganhando um dinheiro justo, um dinheiro bom pela primeira vez no teatro, um dinheiro bom, sem ser explorado por corpos brancos, por corpos de mestres brancos, porque a minha vida toda eu trabalhei com diretores, homens brancos, e sendo visto como mão-de-obra, não como um corpo que podia pensar, um corpo que tem um pensamento teatral, que tem uma visão intelectual do teatro. Sempre tentaram me colocar nesse lugar - o Estado ou a sociedade tem isso -, se você nasceu aqui você tem que ficar aqui. Aí foi um momento que eu paralisei e vi as pessoas andando, as

pessoas da rua, esse processo todo. Eu não me via diferente, eu me via igual. Primeiro que eu tava numa cidade fria: para o meu corpo solar era muita solidão. A sede ficava no espaço da Sé, que era horrível aquilo ali, aqueles casarões antigos, então tem um processo ali de solidão.

As pessoas acham que eu sou simpático, rindo sempre como um bom cearense, mas tem esse processo, do caminhar, da dor, de não tá nos padrões, não era desejo da família ser o que eu sou hoje, é muito forte. Quando a minha mãe faleceu, eu me assumi totalmente, mesmo que eu amava minha mãe e minha a mãe me amava, eu tinha esse peso com a minha mãe do moral. A minha mãe era a pessoa que eu amava, foi uma pessoa que me ensinou a cozinhar, foi uma pessoa que me ensinou a costurar, a acreditar, mas tem essa coisa do peso do moral.

Quando a minha mãe faleceu, eu me assumo pra família toda, pros meus irmão - não assumir, mas acho que é confirmar, porque assumir todo mundo sabe, mas confirmar. Daí teve uma fala de um irmão meu que eu achei tão engraçada “A gente sempre soube, mas você nunca fez vergonha”. O que é vergonha? Quando ele falou isso, eu ficava pensando nisso “O que é vergonha?”, porque o meu corpo - eu venho de uma família que sempre teve essa coisa da sexualidade muito forte e eu sempre ouvia isso de todo mundo, mas as pessoas nunca ouviram de mim -, mesmo sabendo que o meu corpo não era um corpo, como eu posso dizer...eu passei por várias violências e violências que a gente aceita.

Eu fui abusado. Todos nós temos essa história, a maioria mulheres, todos nós, e depois a gente reproduz. Isso é um peso que eu tenho. Eu quero falar por isso, porque pra eu aceitar que isso foi a reprodução de uma violência eu me sinto culpado. Eu fui violentado acho que muito novo e depois eu faço isso com outra pessoa, porque eu acho que isso é natural, dá pra entender? Claro que a gente precisa reconhecer, se rever e tudo, mas eu era criança também, eu era adolescente também. Hoje no meu corpo eu tenho essa questão muito forte dentro de mim, eu tenho medo de reproduzir isso, essa naturalidade porque é natural, as pessoas acham que é natural essa violência, então eu tenho esse cuidado, principalmente com o meu corpo. Esse corpo é marginal - e eu vou ser bem desbocado -, ele é do cinemão, ele é da sauna gay, ele é desses locais, dessa busca do prazer. Isso é tão forte, porque a gente entra nesse local, esse local que não é pra você ser amado,

não é. É uma das coisas que eu luto muito.

Eu falo muito das questões raciais dentro da minha arte, mas essa situação gay, da byxa, eu ainda não consigo falar, não sei. Acho que é isso, o silenciamento. Nós estamos num exercício de falar ainda, principalmente os corpos pretos, falar é um exercício. Logo eu, que como eu disse pra você, eu venho do *local do não*.

Uma pessoa que nasceu com dislexia, é uma pessoa que é vista como analfabeta. Quando eu fiz o meu teste pra escola de teatro, eu fiz ela toda oral, eu tava terminando o terceiro ano. Eu fiz a prova toda oral porque eu mesmo fui descobrindo que eu tinha dislexia. Eu fui lendo e disse “Olha, tem um processo aí”, então essa descoberta foi minha mesmo. Muita coisa eu aprendi porque eu venho dessa sensibilidade da audição e dos olhos, eu sempre tive essa sensibilidade, por isso que essa coisa do teatro também é muito forte pra mim. A primeira coisa que as pessoas me veem é como figurinista, como aderecista, e eu digo “Não! A primeira coisa que eu sou é ator”.

Eu venho de um teatro pobre, de um teatro onde eu acho muito importante a gente voltar pra essas escolas informais, que são as escolas de terreiro, que são essas escolas onde a gente faz tudo. Quando eu começo a fazer o meu teatro, eu e minha mãe começa a construir os figurinos e os bonecos. É tão escroto, porque as pessoas falavam dos espetáculos, mas as pessoas me contratavam para ser figurinista, nunca me contrataram pra ser ator, sempre tentaram me colocar naquele local e diziam “Eu não quero você aqui, eu quero você aqui”. Tinha sempre esse processo da gente ser colocado num canto. Eu bati muito, eu briguei muito porque eu não queria ser a byxa que fizesse cabelo, que eu nem sei fazer. Eu não queria ser a byxa engraçada, boca grande, mas eu sou bocão, eu falo besteira também e eu adoro falar também besteira, mas eu não queria ser só isso. Eu não queria ser SÓ isso.

Tem um processo do medo do corpo eu acho. Uma vez uma amiga minha me deu uma saia pra usar e eu disse “Não, eu não uso saia, eu não vou usar saia”, mas será que isso foi colocado pra mim, pra esse corpo? Eu usava muita coisa indiana, eu tentei usar e isso me incomodava, porque eu tenho esse corpo também da defesa, da proteção.

O ano de 2018 foi bem violento pra mim, acho que pra todos os nossos

corpos e tá sendo até hoje. Eu acredito que, corrigindo, essa violência sempre existiu, isso não é novo pra gente o que está acontecendo com o nosso Estado. Tá acontecendo pros brancos, mas pra gente sempre aconteceu essa violência. E porquê eu tô dizendo isso? Porque em 2018, com essa situação política, eu tava com o espetáculo o Auto do Negrinho no Itaú Cultural, a gente tava indo pra esse espetáculo, um espetáculo que fala de genocídio da juventude preta e tava numa campanha política muito forte, um cara parou e falou o nome do candidato dele - que eu nem gosto de falar esses nomes, não gosto de nem de ver imagem, não tô aqui pra isso, não quero - , e ele falou o nome da pessoa, do macho, do macho alpha, saindo do seu culto religioso, da sua missa, acho que essa criatura até comungou o corpo do Cristo - eu adoro fazer essas coisas -, saiu e jogou uma ira em cima de mim, falando assim “Olha, o meu candidato vai ganhar e vai limpar essa cidade, e você vai ser uma das que vai sair da rua”.

Eu tava com uma calça um pouco larga, pantalona, eu fiquei na rua e parecia que eu não tinha mais chão. Eu comecei a me formalizar com a roupa, pra uma ideia mais masculina, que as pessoas não percebessem quem eu era e como eu era. Aí eu acho que eu volto de novo lá no processo da minha casa, na minha família e cria um pânico: eu tenho pânico e criei mais pânico ainda, quando dá seis horas eu tô dentro de casa, eu faço as coisas com o sol, sem o sol eu não faço. O que aconteceu depois de 2018 é que foi tudo revelado, pra alguns, porque pra mim eu sempre soube.

Como eu disse pra você, eu venho de um processo religioso de uma comunidade que era rica, que as pessoas nunca andaram de ônibus, dá pra entender isso? Eu era visto como, sei lá como eu era visto por essas pessoas, a caridade de Deus, sei lá. Tem esse processo, dessa coisa do corpo sempre tentando se esconder, sempre, sempre esse corpo que se esconde, mas tem também essa coisa de eu acreditar em mim, sabe? Mesmo com toda essa loucura, com todas essas violências, eu tenho uma sensibilidade de acreditar, eu sou eu. Isso é bem cristão né? Eu sou o que sou. Com isso eu volto, mas sempre com essas crises de altos e baixos.

Essa coisa do silenciamento do corpo é muito forte. Uma vez eu vi no Museu da Diversidade, que tem na República, eles falando sobre ideias - e eu não tô

falando que é certo ou errado, nada disso, é só uma reflexão mesmo do meu corpo -, que alguns meninos, meninas, principalmente meninos, tem essa coisa da montagem, quando tá nessa transição, guardava as coisinhas, as roupas e depois ia num banheiro público e se transformava. Eu fiquei “Que legal, porque eu não posso tirar a minha cor. Que bom que eles podem fazer isso”. Como eu te digo, a primeira coisa da minha identidade é o corpo negro. Depois do corpo negro é o corpo pobre. Depois do corpo pobre, é a byxa, e depois da byxa, a beleza que não é padrão, que não serve, então eu não sirvo pra nada diante do pensamento desse povo. Eu podia ser a empregada doméstica da novela das oito, sabe? Que ninguém conta a história delas, dessas mulheres que saem cedo.

Um dia desses eu tava refletindo assistindo uma novela com as meninas do grupo, na casa da mãe de uma das meninas, a gente rindo que uma mulher branca sai e diz assim “Ai, a vida está difícil, porque eu sou uma mulher independente”. A novela global coloca aquela mulher como alguém que tá sendo independente, que ela tem uma vida difícil porque ela é mãe e tem que trabalhar fora. Como assim? Como assim? E porque não conta a história dessas mulheres que estão ali sendo babá? Aí eu fico assustado com isso. Como a gente dá audiência a isso? E o povo se cansa quando a gente fala isso “Ah, vocês tão falando demais sobre isso!”. A gente passou a vida inteira ouvindo só sobre vocês, de um gênero X, de uma cor X, de uma beleza X, é difícil, sabe?

Tem um texto da Naruna, no *Hospital da gente*, um espetáculo das meninas que é mais forte, que é o texto da paz, que a paz é branca e dá vontade de ir pra rua e matar todo mundo, dá vontade. Dá vontade de matar todo mundo, porque a gente nasceu pra morrer, os nossos corpos nasceram pra morrer. A vida inteira eu ouvi homens falando “Se eu tenho um filho gay eu expulso de casa!”. E aí?

Esse meu nome mesmo, teve uma época que eu fiquei muito assustado, muito. O meu irmão mais velho é desenhista, um grande artista também, conhecido como Crimauro Catarina e eu assino como Cleydson Catarina. É bem forte isso, porque ninguém me chamou de Cleydson quando eu assinei isso. Quando o meu irmão assinou assim ninguém chamou ele de Catarina, olha isso aí. Eu escolhi ser chamado de Catarina? Eu não escolhi. Eu não escolhi, eu aceitei, mas escolher eu não escolhi, começaram a me chamar de Catarina. Isso foi bem pesado pra minha

mãe ouvir e o que passava no meu corpo também, porque eu me reconheço como homem, eu gosto do meu corpo, eu gosto do meu gênero, mas aí de novo me colocando no lugar que eles querem e eu fui aceitando.

É tão forte esse “aceitando”, porque isso também é resistência pra se proteger, você tem que silenciar, dá pra entender isso? É como você entrar no carro do *Uber* e o cara tá ouvindo uma rádio que fala sobre um governo genocida, um governo machista e você não pode pedir pra abaixar, você aguentando a viagem toda aquilo tudo, o seu corpo vai reagindo a tudo aquilo, mas você tem que silenciar pra se defender também, eu acredito nisso.

Eu tava num processo onde as pessoas diziam assim “O povo tem que ir no protesto, não sei o quê, não sei o quê, não sei o quê...”, isso foi conversando numa mesa sobre corpos indígenas. Eu me empolguei e disse “Pô, menos! Eu não vou pro protesto, porque o meu protesto é estar vivo”. Eu! Não tô dizendo todo mundo não, quem quiser ir e tiver coragem... Para o meu corpo o protesto é estar vivo, é defesa, porque se eu for num protesto desse, a bala que vai vir não vai ser pra você ou pro intelectual da USP. Não! É o meu corpo, é o primeiro, e você viu nas manifestações que aconteceram quem morreu, não foi um marxista branquinho que chega em casa, tem sua comida feita por uma mulher preta, e ele pode pensar sobre a revolta social, cultural, não sei o quê, a descolonização, o diabo a quatro. Não! Eu tenho que tá na rua e eu tenho que acreditar que eu vou chegar vivo. Eu não tô dizendo que as pessoas não podem ir para os protestos, não é isso, mas é a visão do meu corpo. Eu tenho esse cuidado. O que eu tô falando não é verdade pra ninguém, mas é pra mim, sabe? E quem quiser se identificar com essas verdades, com essa identidade de pensamento, que nem é verdade - corrigindo de novo -, nem é verdade. Eu tenho medo da verdade.

Eu tenho medo da verdade mesmo, porque a verdade vem da instituição de educação, da instituição religiosa, e aí eu volto de novo pra esse *local do não*, da negação, porque eu venho de um local onde a escola, a instituição escolar, diz “Esse menino tem um problema seríssimo!”. É até lindo e tem uma história tão bonita sobre educação: eu tava terminando o que hoje chamam de ensino médio e um professor novíssimo, safado, lindo - queria lembrar o nome dele... acho que é Napoleão -, ele um dia disse “Cleydson, eu não sei mais o que eu faço com você!”,

eu disse “Por que?”, e ele “Porque você não é bom em física, não chega em nenhum canto, tal, tal” e isso foi muito legal. Thomas Edson, não tenho certeza se era esse o nome, o físico, ele pega a teoria da gravidade que cai na cabeça, não lembro o nome. O professor diz assim “Por favor, faça isso pra mim, faz um espetáculo pra mim?”, que desde criança eu fazia espetáculo, “Conta essa história para mim?”. Aí eu montei, que era a minha prova pra terminar o terceiro ano, e eu fiz. Depois de cinco anos, eu tava ensinando numa escola, uma escola particular de Fortaleza, e eu andando na escola vejo Napoleão passando. Aí Napoleão “Oxi, o que tu tá fazendo aqui?” e eu digo “Eu sou professor aqui”. Aquele cara ficou com os olhos cheios de lágrimas e eu fiquei assustado, aí ele foi contar história, ele foi me relembrar a história. Eu disse “Isso mesmo, Napoleão. Foi você!”, porque eu ia ser reprovado e seria sempre reprovado no terceiro ano. É legal quando uma pessoa tem a sensibilidade de olhar, quando a pessoa sai da sua caixinha, abre e vê tudo assim, vê as pessoas e vê assim “Olha, existe um preto ali, existe um sei lá, um amarelo” que é outra coisa que a gente não comenta, não conversa.

Eu tenho esse problema do nome, eu sou ruim de memorizar nome e eu tô nesse processo. Principalmente aqui em São Paulo - eu volto já, porque eu faço essas viagens -, quando eu chego aqui as pessoas sempre perguntam se eu sou o baiano, uma grosseria tão grande eu acho isso. As pessoas perguntam “Você é baiano?” e eu pergunto “Você já foi na Bahia? Qual parte da Bahia?”, porque cada estado é um país e tem mil sotaques. Quando eu vou pra feira, quando eu vejo a pessoa chamando um asiático de *japa* eu ficou revoltado, a gente não tem essa coisa de abrir, como Napoleão saiu da sua caixinha, e olhar. Não é essa educação, não é só esse meio de educação, “Faz um teatro pra mim?” e abrir isso.

Através de Napoleão, eu hoje dou aula no aparelho do Estado, que é a *Fábrica de Cultura*, e eu sempre falo que quando eu fui entrevistada eu disse que eu não sou educador, daí o povo toma um susto. Eu não sou educador, eu não vou ensinar nada, as pessoas vão trazer as suas histórias e elas vão criar suas histórias. Eu acredito nisso, eu creio nessa escola, essa escola da sensibilidade, do olhar, de não chamar a pessoa de aprendiz, “eu sou o professor”, não! Eu acredito no círculo, no olhar, no tocar, no aprender. Eu não sou uma uma byxa velha, mas eu sou de um tempo e quando eu vejo a evolução dessas “corpas” eu tenho que aprender, eu

tenho que ter essa sensibilidade mesmo da escuta, do olhar, que isso também é uma escola.

Eu acho incrível quando esse Estado ganha a eleição 2018, eu caio em lágrimas, eu vou para *Fábrica de Cultura* e quando eu vejo os meninos cantando, quando vejo aqueles corpos cantando e que não tiraram a roupa, porque que eu tirei a minha roupa que não era nada demais, eu digo “Eu tenho que aprender. Eu tenho que voltar e aprender com essa juventudezinha que ocupou escola, que não tirou a roupa, que começou a pintar as unhas”. E eu tô falando de um canto que não é agradável, é na periferia, é na Brasilândia, é no Capão, é quem enfrenta tudo.

Uma das minhas amigas, que estavam aprendendo junto comigo numa trilha de figurino, ela linda, menina trans, bonita, ela chegou um dia toda manchada, ela é grande e eu pergunto “Meu amor, o que aconteceu?” e ela “Um rapaz veio me sacanear e eu fui em cima dele”. Eu respirei, porque eu não falo, eu acolho, aceito e rezo, porque é isso. Esses corpos tão aí e esses corpos agora não são como o meu corpo que silencia, que cala, que tem medo de falar. São corpos que tiram a gilete da boca, sabe? E que não é mais aquela gilete da esquina, da madrugada não, é a gilete que tá nos seus espaços. Não vou falar de instituição não, porque falam assim “Eu tô na academia”, mas a academia não é salvação. Eu tô falando do espaço onde ela quer, eu acredito nisso. Eu respeito quem quer ir pra academia e respeito quem não quer ir, mas é o espaço que eu quero. Isso eu acho feliz e acho que é uma outra conversa, é outra estrutura de corpo. Onde eu quero ir, sabe? O meu direito, que é tão difícil esse direito do espaço.

Nós artistas pretas, pobres e gays, onde a gente mora? Onde é o meu ateliê? É no meu quarto, é na minha cozinha, é na minha sala. Tem dia que eu me sufoco, é muita coisa, é cheiro de cola, é cheiro de tinta. O mais desaforado de tudo isso é que a gente, depois de alguns parceiros - que para mim não é parceiro, para ser bem sincero, não é -, quando eu entro numa casa grande que o cara tem o mesmo trabalho que eu e tem uma casa grande, tem uma coisa errada aí povo, porque eu tenho talento e a única coisa que eu sou é prepotente: é o meu talento. Ninguém segura aqui. Essa linguagem que eu tenho, ninguém tem, é minha.

Mas é triste, porque se eu fosse uma byxa branca - eu tiro a cor -, porque se eu fosse uma byxa branca eu estava em outro lugar. Se eu fosse uma byxa branca

com uma beleza padrão, eu estaria num outro lugar ainda, porque agora estão se revelando várias byxas brancas, de atores da década de 90 que era vistos como homens héteros e sempre foram byxas, e elas foram aceitas, a gente sabia porque tinha o jornalzinho, tinha o programa de fofoca. Uma byxa preta, maravilhosa, que foi humilhada a vida inteira e colocaram um personagem nela nos *Trapalhões*, não sei o que. Um homem preto, hétero também, era visto como um bêbado, botaram ele lá. Já ouviu falar do Macalé? Que aparecia sem dentes e falava “Ah nojento!”, o cara era um sambista e nunca foi visto. Então tem essa situação desses corpos que colocam num local que é esse aqui, é esse espaço só. Eu tô falando de um corpo ainda que se a gente falar do indígena - eu não sou indígena, mas eu tenho os traços indígenas - é uma outra coisa e isso é muito forte. A cada dia eu fico pensando sobre isso.

Um dia eu conheci um grande compositor que há 10 anos ele paga um aluguel de R\$ 800,00 e o cara teve música com vários cantores famosos, intérpretes e pessoas da área da música. Mas é o que? É um homem negro retinto, que sai lá sei da onde do Norte, Nordeste e vem para cá. E nem precisa vir para cá também, porque ele ia passar a mesma situação lá. Aqui tem esse processo.

Eu fico com medo também, sabe? Eu vou ser bem engraçado ou prepotente: eu tenho medo de morrer e depois criar um espetáculo meu, falando sobre mim, ou fazer um livro, uma pessoa que nunca gostou de livro, eu tenho medo disso. Se eu puder atentar eu venho atentar, porque eu não quero ser formalizado, eu nunca fui formalizado. Eu fui visto como uma byxa preta, sem dentes, analfabeta, por uma classe que eu que nem acredito nessa classe, porque eu não sou de classe - aprendi isso com a minha grande diretora Graça Freitas -, eu sou do teatro operário, não engano ninguém, eu só quero sobreviver da minha arte e da minha história.

Sabe essa coisa do *TikTok*? Essa arma que as pessoas acham que é besteira, não é besteira não povo. Olha essa desconstrução que a gente tá fazendo que é pouco, mas é legal. Às vezes eu não assisto mais a Globo. Às vezes eu assisto o povo cozinhando, fazendo a dancinha. Quando o pessoal descobrir essa arma mesmo - já descobriram -, porque a gente entra nessa coisa do intelectual mas não, esse corpo já tá falando, esse corpo tá dizendo “Eu tô aqui, tô dançando, tô

cantando, tô fazendo besteira, mas é o meu corpo”. Sabe essa imagem da formalidade, dessa limpeza, dessa higienização...não, não é isso.

A gente precisa voltar, e eu falo isso principalmente pro corpo negro. O branco vai ficar no local dele, mas os nossos corpos negros temos que voltar. Muitas vezes a gente se catequiza, fica catequizado pela academia, por uma formalidade de classe e esquece dos nossos, e aí pode até reproduzir, com os nossos. Eu sempre fico pensando sobre as nossas companheiras, nossas mães, nossas tias, as nossas avós, eu fico sempre pensando nelas, porque se a gente tá fazendo alguma coisa, na frente tem alguém cozinhando pra gente, tem alguém lavando, tem alguém cuidando da casa. Faça isso não! Vamos fazer junto? Eu fico pensando nisso, as pessoas intelectuais que ajudam na educação, que ajudam na política, mas eu fico pensando “Pessoas, quem arrumou a roupa dele? Quem alimentou ele para ele pensar?”

Tem uma coisa na tradição popular que é essa coisa de mestre, que eu não gosto dessas coisas, respeito, mas eu não gosto. As pessoas aqui em São Paulo me chamam de mestre, mas eu sou mestre de quê minha gente? Só se for de obra! Aí as pessoas falam que não existem mulheres mestras, que são poucas mulheres mestras, e eu falo “Meu filho, a maioria dessas manifestações tradicionais são sustentadas por mulheres. São elas que nos alimenta, elas que nos ensina, elas que têm essa sensibilidade de olhar, de parar e de conversar, porque o macho de qualquer maneira é difícil”.

Como foi pra mim ser criança no lugar onde eu nasci? Isso é bem interessante pra mim, dá para voltar e como voltar né? Porque como eu disse, a gente é catequizado, então a gente gosta de romantizar também as coisas e não é pra romantizar não. O pessoal do canto fala “Agora eu tô cantando cantigas de lavadeira”. Não faça isso! Por quê? Será que cantiga de lavadeira é tão romântico assim? Cantiga de trabalho, será que é tão romântico assim? Dá pra entender? Uma pessoa trabalhando todo dia, qual é a idade dessa pessoa? Qual é o tempo dessa pessoa? Qual é o sonho dessa pessoa? Qual é? Sei lá!

Eu tive uma infância até protegida por duas mulheres, que são muito importantes pra mim. Uma delas é Joana D'arc Cardoso da Silva, minha tia, que é chamada de Dadá, e minha mãe, que é chamada de Lena. Teve uma proteção muito

grande dessa mulher e é bem interessante a história dessa mulher, ela nem sabe como é interessante. É uma mulher calada, uma mulher que foi silenciada a vida inteira, como mil mulheres no Brasil - acho que não só no Brasil, mas na América Latina -, e uma mulher que me amou e me ama até hoje e me espera todo dia. Eu me emociono muito com ela, porque como tinha a minha mãe que me amava mas tinha o moral, a minha tia tinha o amor, só o amor. Eu acho que foi a única pessoa que me amou, que me ama como eu sou. Aquela mulher que as pessoas acham que é frágil, aquela mulher que o povo acha que tem problema porque é calada, que não fala com ninguém e que falava só comigo, que eu acho que passou por várias violências e nunca teve um momento de falar, eu acho que ela acha que nem pode falar, entende?

Eu venho dessa casa que tinha uma mulher sertaneja, que foi com 12 anos pra cuidar de uma outra criança - isso acontece muito -, e que me protegeu muito. A minha infância foi de sonhar, eu tive uma infância de muito sonho, de ver a televisão de preto e branco que era da minha casa e pensar que um dia eu podia tá dentro da televisão, isso é bem engraçado mesmo, bem românticozinho né? Mas tinha uma coisa muito esquisita: tinha hora que eu era amigo de todo mundo da rua e tinha hora que eu não era amigo de ninguém.

Eu morei numa rua trinta anos onde tinha duas famílias pretas, uma delas era a minha e a outra família era interracial, mãe preta e pai branco. Eu tive esse processo bem forte, como eu falo desde o início, do racismo, e também esse processo da minha mãe dizer assim “Você precisa trabalhar” desde sempre. Eu entendo, ela não tava fazendo errado. É engraçado isso, porque os asiáticos tem uma coisa bem linda, eu vejo isso muito aqui, os meninos tão trabalhando, não sei se é certo ou errado, não sei, mas tão trabalhando. Quando uma criança branca tá trabalhando é porque tá sendo explorada. E uma criança preta? A naturalidade né... Mas eu não trabalhei tanto não, não teve esse processo não. Trabalhei dentro de casa cuidando dos pintos, das galinhas - a minha mãe tinha muita galinha -, e teve esse processo de cuidar de tudo, todo mundo tinha uma responsabilidade em casa, era uma casa de responsabilidade. Depois eu fui a batedeira da minha mãe, sempre a minha mãe tava criando alguma coisa - acho que hoje eu tenho *LER* (*lesão por*

esforço repetitivo) por causa disso também -, pra bater os ovos, pra fazer os bolos pra vender era a minha mão, que era ótima.

Eu venho desse canto de sobrevivência e eu não era criança, eu era *de menor*. Eu não era *de menor* só pra minha família, mas pro Estado. O que é dia das crianças? Eu não sei! Natal? Não sei! Tendo comida em casa era o que bastava. Eu venho desse local e de muita criação, sempre criando tudo. O mundo de uma pessoa disléxica é outra coisa, ela não tá aqui, eu tô aqui criando o céu, eu tô uma criando história, eu venho dessa coisa da oralidade, de contar, eu quero contar história. Eu quero contar história através de um boneco que eu faço, de um adereço de cabeça que eu faço, até chegar no teatro que eu faço. Sempre aconteceu isso de contar história e de uma sensibilidade do ouvido, do olhar muito forte.

Eu não era visto como criança, eu era visto como menor que tinha que terminar os estudos logo, a oitava série. Não precisava terminar, só o fundamental mesmo. Eu venho também de um local de muito medo, eu sempre tive medo de tudo. Eu sempre inventava uma doença pra não ir pra escola, eu não gostava da escola. Eu não gostava da escola pela estrutura da escola, pela pedagogia didática da escola, eu não gostava da escola por causa do meu corpo e depois eu fui descobrir que eu não gostava da escola porque eu era uma byxa.

Como foi estar na escola mesmo tendo esse medo de estar lá? Sendo negro? Muito violento! Primeiro é isso, olha o que eu falei pra vocês antes, eu não queria e eu não escolhi ser chamado Catarina. Eu estudei durante uns dez anos numa mesma escola e lá faziam a chamada pelo nome todo, então quando chegava no Catarina eu abaixava a cabeça. Era um corpo preto, visto como uma criança suja, que não era suja, e podia ser suja, porque o nosso corpo não foi visto e a gente foi colocando isso nos nossos corpos. A gente não se cuidava ou a gente não se cuida, porque colocaram isso na gente. O Estado é pior ainda, a situação do sistema de saúde do Estado te coloca nesse local, olha essa pandemia, então isso não é de agora, isso é de sempre, desde que eu nasci eu vi isso.

Eu lembro que os meninos da minha rua iam pro dentista e tinha aparelho, já tinha aparelho de dente e você nem sabe o que era aquilo, dá pra entender isso? Você ter medo de abrir a boca, as feridas por dentro, as dores por dentro. É uma dor histórica, cultural, antes de mim, porque a minha bisa, a minha avó, a minha mãe, a

minha tia e as minhas primas não eram cuidadas porque tiraram tudo isso. É doloroso, é uma criança que sempre teve violência, até de conviver com as crianças, que é uma criança estranha, depois essa coisa do abuso, é bem mais louco. Você descobre um canto, porque eu não vou falar que foi doloroso, hoje isso é doloroso, porque foi tirado de mim, eu percebi isso que foi tirado de mim. Eu não sabia, eu pensava que isso era normal, porque não foi um, foram vários e foi homem de idade grande.

Eu vou dizer uma coisa bem íntima, porque eu acho que a gente tem que falar essas coisas pra ser político, não é por dor não. Eu chorei pela sensibilidade da minha tia, mas eu não choro mais pelas dores, mas eu posso chorar também. A primeira vez que eu me senti amado, eu tive vergonha porque eu gozei e a pessoa percebeu. Era um homem alemão, que tinha o conhecimento do corpo, porque era um homem de idade - eu tinha vinte ou vinte e dois anos, por aí -, e ele já era um homem de quarenta ou cinquenta anos que já tinha uma intimidade e sabia dos prazeres do seu corpo. Ele teve uma sensibilidade que ele percebeu algo do tipo “Eu não posso”, sabe? Eu não falei, o corpo fala, e esse homem olha pra mim e fala “Você pode tudo! E vamos repetir a dose, pra você sentir essa sensibilidade do prazer”. Esse corpo sempre foi esse, violentado, sempre, sempre, e a respiração era quando eu olhava pra minha tia, porque os meus irmãos tinham vergonha de mim.

Eu tenho um irmão de pele mais clara que a minha e um outro mais retinto. O mais velho tem uma pele mais clara, o do meio é mais retinto e eu nasci com essa cor, mas é visto socialmente como negro, não como um homem retinto, mas é visto como negro. Eu passei por tudo isso, então no meu processo de infância eu não tive processo de criança, eu tive processo de menor, menor que vai tá na rua, menor que pode ser expulso, menor que pode ser espancado, porque a criança não, a criança vai no seu ritmo, tem um momento pra tudo, vai descobrindo, eu não descobri nada, me colocaram, me colocaram tanto que aí é muito forte, porque você vai reproduzindo e pra sair disso é bem difícil.

Sobre como eu comecei a de fato falar, a razão de ter buscado essa fala e como é hoje pra mim me colocar e me expressar, bom, eu acho que isso é um exercício, não é de repente. Pra você estar vivo, você tem que se movimentar, acho que a primeira coisa é essa. Eu começo pela educação formal, que é uma ditadura,

que você entra num processo - eu nem gosto dessa palavra, mas é a única que vem agora, eu não sou analfabeto, eu não sou -, que é nesse momento que eu começo a falar, quando eu falo que eu não sou analfabeto, eu tenho outro modo de leitura, outro modo de ver o mundo e tem uma beleza que as pessoas estão perdendo. Foi através da arte, ela foi me mostrando isso. Não dessa arte de uma escola que fala sobre grego, nada disso. Foi olhando pras minhas tias, mulheres que não eram vistas, com suas belezas, que eu fui olhando.

A minha segunda paixão foi por um homem branco e a minha primeira paixão foi pelo meu avô, um homem retinto. Que paixão é essa? Será porque eu queria ser? Quando eu assumo o *Catarina* eu fui atrás desse nome na Umbanda, que foi uma religião que eu me identifiquei e onde eu vi umas coisas muito legais. Eu não frequentei muito porque eu não sou de terreiro. Aqui os terreiros de Umbanda são bem mais tranquilos, coisa de uma hora, mas no nordeste não, lá são cinco horas e por aí vai. O que eu aprendi da Umbanda, que foi uma das coisas que eu me identifiquei pra caramba, foi que eu tenho muito essa coisa da comida - a minha mãe ficava feliz quando uma pessoa comia muito. A pessoa comia e ela ia lá e fazia mais comida pra pessoa -, e a Umbanda me trouxe isso. Quando eu vi o que tava vindo ali, eram pessoas iguais a mim, os Caboclos. Eu acho que foi um lugar que foi a minha primeira escola, a primeira que eu digo pra falar, pra falar dentro da minha arte e pra falar de mim.

Eu estava dentro de uma favela, dentro de um terreiro de Umbanda que eu não conhecia - que aconteceu uma coisa incrível nesse terreiro -, e dentro desse processo, quando eu vejo esses santos que não estão mais no altar, parece que foi uma explosão. Mas isso foi uma construção, eu fui construindo, porque teve o silenciamento da Igreja Católica, não só da igreja, mas dentro de uma sociedade. Eu entro na Renovação Carismática com 14 anos de idade, com um talento maravilhoso, de um ator dentro uma linguagem popular, e depois as pessoas começam a falar "Você não pode andar assim, você não pode fazer isso...", era desse jeito, porque com 14 anos já sabiam que eu era gay e não aceitavam eu ser gay, tem esse processo. Tinha um formador espiritual que me guiava, um cara branco, uma mulher branca com seus privilégios, um era até médico, a outra era

advogada - olha que forte isso -, e em 1998, com 18 anos, eu disse “Eu não quero isso pra mim!”.

Eu venho da periferia, estudo num bairro elitizado e aí eu volto pra trabalhar numa capelinha do Ceasa. Essa capelinha era bem pequenininha, onde passavam várias pessoas na rua pra pegar frutas podres e foi proibido entrar criança, porque elas pegavam frutas junto com a família. De frente tinha uma parte só de frigoríficos, isso era na rua da minha casa, mas numa parte mais comercial - tinha a parte do conjunto e essa parte mais comercial que era na avenida. Aí eu tenho uma loucura e digo “Eu não gosto de caridade, eu gosto de fraternidade”, eu sempre tive esse problema com caridade, sempre fica alguém em cima para dar alguma coisa e esperar a salvação, e fraternidade eu aprendi isso com São Francisco de Assis, bem colonizado mesmo (risos). Era uma época que eu pensava nessas imagens brancas.

Eu comecei a pedir e disse “Todo sábado eu vou fazer sopa, porque as crianças não podem entrar e é o dia que as mães vão...”, então eu chamei uma turma que já tava trabalhando nessa Capelinha e eu pegava carne de todos os frigoríficos, eles davam ossada e com isso eu comecei a fazer sopa. Por que eu tô falando isso? Porque eu comecei a me ver, esse é o meu corpo, sabe? Não tô falando dessa coisa de caridade, dessa coisa de igreja, acho que é algo que vai construindo, porque eu nunca passei por fome, eu passei por necessidades. Teve uma época que meu pai ficou desempregado e a minha mãe fazia quentinha, a vizinha dava um pó de café, então a gente passou por isso. A minha identidade foi feita de construções mesmo, eu fui me vendo e eu precisava voltar e conviver com os meus.

A mesma coisa acontece com a linguagem teatral: eu vou pra uma escola de teatro e escuto tudo que é de branco. Teve um curso que eu fiz de teatro físico, que era com o Marquis do Teatro Solé. Eu tava nessa fase da máscara - eu sempre fui apaixonado pela máscara por causa dos Caretas do Reisado, isso é muito importante pra mim -, do negrume do maracatu, que é onde eu me vejo como um menino preto, porque eu ainda não me via, tem esse processo do embranquecimento. Quando eu vejo aquele maracatu que é um pavão - tem aquela música *Pavão Misterioso* do Ednardo -, aquele ritmo é do maracatu.

*“Pavão misterioso, pássaro formoso,
Tudo é mistério, nesse teu voar...”*

Virou um hino gay, porque as rainhas do maracatu cearense - tem até um livro, *Eternas Rainhas* - eram todas travestis. Essas travestis que estavam na noite viravam rainhas, olha que coisa linda. Toda essa marginalidade, dessa tradição marginal, que é feita no centro de Fortaleza me bateu. São várias coisas, não é nada, a gente vai se construindo de pouquinho em pouquinho. Não é assim “Acordei hoje e sou”, não. Você tem que apanhar, você tem que comer, você tem que viver, você tem que chorar, você vai ter que pescar tudo.

Eu passei por esse processo, vi os meus, me vi, depois o maracatu cearense, que é o maracatu marcado, que é muito grandioso, com pintado de preto - que não é *black face*, não tem nada a ver, é uma máscara da nossa ancestralidade -, e através dessa máscara eu disse “Eu sou isso?”, eu quero saber o que é isso, que máscara é essa. Hoje eu trabalho muito com essa coisa da máscara, que para mim é importante. Esse processo veio daí, também veio da Umbanda, veio também de espetáculos de altos religiosos com linguagem circense. Eu sempre tive essa linguagem.

Quando eu monto a *Casa das Mulheres da Lua*, que é um espetáculo que fala sobre Reisado, que fala sobre a minha família, que fala de três mulheres - duas tão dentro de casa esperando o marido que saiu e nunca mais voltou -, eu vou na Umbanda e descubro que a minha espiritualidade é popular, ela não é aqui, ela é aqui, ela é a sabedoria do povo. Pra mim foi a Umbanda, mesmo sendo religiosa, ela me deu esse caminho. Quando eu vejo um caboclo Tereza da Légua, que foi uma das pessoas que me falou que eu tinha asas nos pés e disse “Não é pra você ser filho de santo de ninguém, você é pra ter asa nos pés”, ele pega a cana que tá bebendo e te dá, eu digo “É isso, a minha vida é essa”.

Isso para mim é muito importante, eu quero falar dos meus, eu quero falar de mim, eu quero falar das minhas dores. Eu quero falar também não só das minhas dores, eu quero falar da minha felicidade, que são tão poucas. Aí é onde eu vou, a minha mãe - o meu ponto de estar vivo é minha mãe -, em 2009 ela faleceu e eu entro nesse processo, nesse buraco, a gente tem que passar por esse processo, de

revolta, de dor, de tudo. Foi onde eu disse, eu não posso mais ficar calado! Agradeço mãe, peço desculpa, porque também tinha um peso do moral, tinha a reprodução do machismo, tinha a reprodução do racismo - porque não existe preto sendo racista, ele reproduz -, então teve esse processo e eu digo “Agora eu tenho que fazer a minha história”. Eu já fazia, mas muito em silêncio, e agora eu vou rasgar, vou botar meu cu na estrada.

Como é pra mim lidar com a solidão e com a busca pelo prazer e pelo afeto com a maturidade que eu adquirir? Desconstruído a gente não tá, eu não acredito nessa palavra, sabe? A gente tá tentando se encontrar em alguma coisa. Eu não vou ser mentiroso: o meu prazer ainda é no cinemão. Eu não sou visto. Eu não sou visto na minha classe, na minha área de trabalho, onde as pessoas estão falando, eu não sou visto, é a verdade. É duro, mas pra eu ter prazer, e eu tô falando carnal mesmo, que é gostoso, eu tenho que ir pra esses cantos.

Esse ano eu comecei a tentar descobrir o meu corpo, quem me segue no Instagram vê isso. Eu comecei a tirar fotos e eu não era uma pessoa de tirar foto - olha que coisa interessante -, eu nem me reconheço no espelho ainda, sabe? Hoje eu tô com 42 anos, eu tenho essa coisa do *Peter Pan* que é bem complicado, não querer crescer, não querer ficar velho e a gente passa por mil processos. Aí eu volto: será que a gente já é desconstruído? Será que a gente é descolonizado? Porque a idade pesa e aí vai pesando tudo.

Eu vou tentando viver, eu não tenho a chave pra isso, eu não tenho a solução pra isso, eu não tenho nada, eu só quero tentar viver, sabe? Tentar ser o que eu sou, a gente tem esperança de um dia ter um companheiro ou uma companheira, sei lá. Eu descobri muito também essa coisa de comunidades, mas eu não quero ser a tia, eu não quero ser o tio, eu não quero e não preciso disso também. Eu fico muito cansado dessa coisa de falar “Ah, você é muito lindo”, eu digo “Tá bom, eu já sei, conta uma história nova pra mim”.

Esses dias eu tive uma reflexão sobre o que é família, principalmente aqui em São Paulo, porque se a gente tem solidão, aqui a gente tem ainda mais solidão. O frio pra uma pessoa solar como eu é bem difícil. A gente começou com alguns amigos essa coisa de falar que é filho, é afilhado, mas esses dias eu descobri que eu não quero nada disso, porque a gente volta de novo pra uma situação patriarca, a

gente precisa assumir alguma coisa pra não se sentir só. A gente precisa de um casamento, a gente precisa de um filho, sabe? É um corpo contraditório, eu sou esse corpo. Eu acho que isso me segura mais, porque amanhã eu quero ser pai, amanhã eu quero ser mãe, às vezes eu não quero, e a gente fica nessa porrada, é muita porrada.

Esse processo da morte e do luto que a gente tá tendo, dois anos com isso (pandemia), foi bem forte para mim. Essa espiritualidade da Umbanda pra mim foi muito importante. Quando eu entro num barracão de Umbanda e vejo tudo eu digo “Eu não preciso seguir só isso. Eu posso ser isso, isso e isso”, então é um dos pontos que eu tento respirar, porque isso nunca vai sair de mim. Durante esse tempo de pandemia mesmo, eu já sabia que eu sou só, mas foi uma das coisas muito fortes, onde as pessoas podiam se separar, onde as pessoas podiam se juntar e eu não podia ter nada disso. Isso não é só eu, isso é uma mulher preta, outra byxa preta. Eu tenho esse pensamento, eu sou esse corpo contraditório, eu adoro ser contraditório, nada da verdade, hoje eu sou isso, amanhã eu sou outra coisa.

Quando eu comecei a me fotografar e criar maquiagens - eu falo pintura -, eu fui descobrindo esse corpo, descobrindo esse olhar, descobrindo o que eu posso ser, porque uma das brigas maiores é isso, o que eu posso ser mais ainda e o que eu quero ser ainda, porque sempre colocam a gente em um local e isso eu não quero ser. É um corpo que nunca tá calmo, esse corpo não é calmo, ele tá sempre se mexendo, sempre tá se questionando e eu não consigo ficar num canto confortável e nem quero. Eu quero criar, eu quero contar, mesmo às vezes eu vendo o meu corpo se limitando, sabe? Mas o que é a limitação? Quando eu falo de limitação parece que eu entro de novo nessa coisa colonizada, que a gente chega numa idade que não pode fazer isso, não pode fazer aquilo. Será que não pode? Será que não colocaram isso pra gente? Olha a visão indígena, a cultura indígena e outras etnias indígenas, etnias afros...é por isso que é tão difícil falar sobre descolonização, sabe? Eu acho muito difícil.

Pra hoje - eu não sei amanhã -, pra hoje eu não sei muito, porque a gente aceita muita coisa, “Olha esse sapato que eu tô usando, é de marca”, é muito hipócrita, fecha o cu. Eu não sei, é por isso que eu acho que eu falo desse corpo contraditório, mas aí eu volto lá pro início: quem faz a tua comida? A tua roupa? Eu

acho que a gente precisa começar a ter um cuidado no olhar, com as pessoas, de onde vem, pra onde vai - eu sou muito arrogante às vezes -, e se reconhecer como humano. “Ah é meio piegas”, mas é isso, com os seus limites, com seus prazeres, hoje eu não quero, amanhã eu quero, tentar não violentar ninguém.

Tem uma coisa do teatro, o oprimido e o opressor, isso é muito colonial: eu preciso de um ser aqui e a gente faz isso também. Nossos corpos estão aí, é por isso que eu sempre falo que é um corpo inquieto, é um corpo contraditório, eu quero ter um salário digno, não sei se isso é certo ou errado. A chave pra mim hoje, eu posso te dizer uma coisa diferente num outro dia, mas é a prepotência da verdade, a gente reconhecer que a gente não precisa disso, e é isso o que tá acontecendo.

Existe um Deus que condena - eu penso nisso -, eu preciso de um ser que condena, um ser que me manda, um manipulador, um boneco que você vai manipular. Eu acho que quando a gente quebra os fios do boneco, quando a gente quebra a mão do manipulador e deixa aquele boneco com a expressão dele contar a história, já muda um pouco. Esse corpo é contraditório mesmo, hoje eu tô aqui, mas eu quero ter dinheiro. É quebrar, voltar pros nossos terreiros, olhar pras nossas...e é isso que eu fico com medo um pouco, sabe? Tem que ocupar a academia? Tem que ocupar! Mas ocupa a sua casa, não vira bolha de falas, “Aqui o grupo é massa, porque eu posso falar isso e aquilo” e lá em casa eu faço outra coisa, em casa eu não converso com a minha companheira - e eu falo companheiro em geral, mãe, tia, tudo -, eu não converso com o meu pai. Saber essa troca, esse olhar e até onde você pode ir.

Imagina falar sobre racismo com uma pessoa de 70 anos. Eu tenho 40 e ainda tem pessoas da minha idade que não entendem sobre racismo, nem fala que é preta, e a gente já chegar falando “Você é preta!”, não é assim, isso é com o passar do tempo. Desconstruir não se desconstrói de repente, a gente não derruba uma casa de repente. A gente reforma uma casa de repente? Não reforma! Uma planta ou uma fruta cresce rápido? Pode até crescer rápido, mas vai dar câncer, entende? Tudo é muito contraditório.

Um branco quando fala sobre descolonização vai falar sobre o que ele fez na faculdade não sei aonde, que fez o mestrado ou o doutorado não sei aonde, mas meu filho, você não pode falar, desculpa, porque até a tua palavra pra entender é

difícil. Se eu tô falando sobre o teatro negro e eu tenho palavras formais que não chegam na periferia, será que eu quero falar para o povo preto? Eu quero falar pra minha mãe? Eu me vejo querendo falar sobre nós quando a minha mãe me olha e fala “Filho, conta a nossa história. Não precisa contar essas coisas não, conta a nossa história”, é aí onde falo que eu vou começar a contar sobre a gente.

Eu preciso me conhecer primeiro e se conhecer não é fácil, povo! Todo dia a gente vai descobrindo um pouco, coisa boa e muita miséria, muita sujeira que colocaram na gente. Eu fico puto quando eu tô numa roda e uma pessoa do movimento X fala que “Os machos...”, daí eu levanto a minha mão e pergunto “Mas qual macho você tá falando? Porque eu não sou o macho do privilégio, vamos começar a separar isso”. “Vai ter que matar todos os homens!”, mas quais são os homens que vocês tão falando? Uma byxa preta como eu que levou porrada a vida inteira? Hoje eu sou violento porque vocês me fizeram essa violência”. Foi através disso, quando a minha mãe fala isso, que eu começo a saber quem sou eu, o que eu quero falar.

Quando eu comecei a fazer as caretas ano passado, na pandemia, eu não tinha pra onde rezar. Minha família estava na periferia, trabalhando com seus comércios que não podia fechar, tinham que ganhar seu pão, de todas as mulheres nenhuma pegou Corona, e eu comecei a fazer careta - máscara -, na minha casa, numa sala bem pequena, e eu preenchi as paredes todas, era o meu modo de “rezar”, porque eu lembrei que um dia, num jogo de búzios, me disseram assim “Essa Oxum é da sua família já faz muito tempo”, então eu disse “Eu vou começar a fazer caretas para pedir a ela pra proteger a minha família”, eu vou pedir aos meus porque na minha ancestralidade são só os meus que vão cuidar dos meus. Então eu comecei esse processo tentando desconstruir essa espiritualidade que você tem que rezar assim, você tem que fazer assim, eu acho que isso pode ser uma descolonização.

Eu comecei mesmo, toda noite, eu fazia uma máscara por semana, e era reza cada papelzinho, cada formato era reza, era o meu processo, era a minha história e eu tinha que pedir à minha ancestralidade mesmo. Eu falava “Me perdoa, mãe. Eu não sei se você pode fazer isso, o meu avô ou a minha avó, mas proteja essas mulheres”. Eu falo muito sobre mulher e os meus processos são com elas, eu

vejo e reproduzo esse reflexo da solidão. É um reflexo da solidão, a gente tem isso muito forte, e aí vamos tentando estar vivo, eu falo bem isso, meu processo de vida é estar vivo, meu processo de fazer arte é estar vivo, minha resistência é estar vivo.

3. Luna Dy Córtes

Você usou um termo muito bom, que é trilhar no infinitivo, porque eu acho que a trilha nunca se trilhou e nunca se trilhará, é sempre um trilhar, sempre um infinitivo. É muito louco pensar o que é tudo isso pra mim hoje, porque provavelmente amanhã vai ser outra coisa e sempre vai ser isso, esse movimento.

Eu sou a Luna, Luna Souto Ferreira, artisticamente eu me nomeio Luna Dy Córtes, acho que são duas facetas de uma mesma pessoa que tem muitas facetas. Eu nasci em São Paulo, no Hospital das Clínicas, mas só nasci mesmo, porque depois já fui pra Taboão da Serra e desde então eu me encontro aqui. Antes eu morava no Jardim Leme, onde você conheceu, e agora eu vim aqui pro Jardim Roberto, mas sempre nesse lugar da quebrada também.

Eu sou filha do Dona Marlene, Marlene Souto, ela é uma mulher nordestina, nasceu lá Bahia, eu não me lembro se foi Itabuna ou Jequié, mas se ela não nasceu em uma dessas cidades ela morou nessas regiões: Itabuna, Jequié, Salvador.

Eu venho de uma família pobre, bem pobre mesmo, que passou muita coisa nessa vida, muita fome. Ela veio pra São Paulo ainda nova com os meus irmãos. Ela trabalha desde os 09 anos de idade, já foi pra Feben por ser tida como orfã - as coisas são muito mais complicadas do que ser ou não ser, mas era muito comum os pais de certa forma abandonar as crianças. Ela é uma pessoa não-branca - eu não sei se eu coloco ela enquanto uma pessoa preta, mas com certeza ela é não-branca e depois eu retomo um pouco mais sobre ela.

Tenho o meu pai também, Francisco Ferreira da Silva, que eu não conheci, eu não tenho memórias dele. Eu sou a única filha de outro pai. Os meus quatro irmãos são filhos de uma outra pessoa com quem minha mãe foi casada por muitos anos e que mora em cima da casa da minha mãe, porque eles tem uma amizade bem forte. Eu chamo ele de Vovó Léo, porque ele é mais velho e eu costumo chamar ele de vô porque eu fui criada um pouco mais próxima dos meus sobrinhos do que dos meus irmãos, por conta desse gap de idade. Depois de mim, a minha irmã mais nova tem 39 anos e eles estão todos na casa dos 40, enquanto que eu

tenho 3. Eu sei que a minha mãe se relacionou com o meu pai por um tempo, ficou grávida, me teve nos primeiros meses em que eles estavam juntos, mas a minha mãe soube que ele mantinha uma outra família no Piauí e isso a magoou muito. Eles se separaram, ela disse que eles tinham até um contato por telefone, mas ele nunca veio visitar. Esse telefone se perdeu, ela perdeu o contato ou ele perdeu, mas ele sabe exatamente onde ela mora, então se ele quisesse ver ele poderia voltar. Ninguém sabe muito sobre o paradeiro dele, se ele morreu ou não, então o meu pai é essa figura meio ausente. Por um lado isso foi bom, porque pai é trauma de qualquer jeito, presente, ausente, presente-ausente, ausente-presente.

Eu sou a irmã caçula, a primeira a entrar em uma universidade e concluir. Sobre a relação com os meus irmãos, eu sinto que às vezes eles são mais os meus tios do que os meus irmãos, por muito tempo eu senti isso. Inclusive o fato da minha mãe estar debilitada tem batido em outros lugares também, como perceber que agora eu consigo falar mais de igual pra igual com eles, pelo fato de ser autônoma, ter o meu trampo, as minhas coisas e tal.

Com a minha mãe sempre foi uma relação meio difícil. Hoje eu consigo elaborar assim, mas por muitos anos não, mas olhar pra ela e ver essa história de vida tão sofrida, ver a marca do tempo ali, a marca social e histórica que ela sofreu e sofre, de alguma maneira sempre me angustiou muito e essa angústia muitas vezes saía um pouco como raiva, como não saber lidar. Ao mesmo tempo parece que eu sempre fui meio alienígena nos lugares, inclusive na minha família, então era difícil de se conectar com a minha mãe, até mesmo pela faixa etária, mas a minha mãe sempre foi uma ótima mãe...mesmo assim.

É muito louco pensar em todo esse processo até eu chegar aqui, porque eu percebo que algumas coisas parecem que sempre estiveram, algumas só se ramificaram, outras se podaram também, seja por mim, seja pelo externo, enfim, são muitas combinações. Pra eu ser quem eu sou hoje, eu tive que ter uma atitude muito radical de entender que a minha existência é baseada no movimento, assim como todas as existências, como o mundo, como a vida, não existe vida sem movimento.

Ao longo desses meus curtos 21 anos de vida, eu acho que esse movimento foi se dando a partir de vários espaços, sejam internos, externos, subjetivos ou objetivos, e a partir também de muita disputa. Eu digo isso porque eu penso muito

sobre a minha infância, é uma coisa que aparece recorrentemente nos meus trampos esse lugar da infância. As minhas primeiras memórias de infância sempre estiveram muito ligadas com uma feminilidade, uma dita feminilidade a partir do que essa sociedade produz e corrompe na gente.

Na infância, esse estado de feminilidade pra mim nunca foi nunca possível não estar nele, eu era uma criança viada e ponto. Eu existia assim, eu não sabia que isso era errado e aos poucos foram surgindo as relações de cerceamento por parte de outras pessoas, mas o fato é que isso sempre foi muito latente e eu coloco isso porque é algo muito essencial na minha trajetória.

Durante essa infância eu sempre percebi isso e muitas coisas aconteceram. É sobre imaginar o contexto da escola, o contexto da família e ser essa pessoa. Eu já tive muito conflito com isso, mas eu acho que conforme eu fui crescendo, me entendendo minimamente e desenvolvendo a minha personalidade, a minha ética, a minha sexualidade e as minhas questões com o gênero, eu acho que isso foi amadurecendo um pouco. Mas quando eu olho a minha trajetória, eu sempre vejo algumas coisas em relação não só exatamente à classificação do tipo “sou isso ou sou aquilo”, mas em relação à perspectiva de mundo.

Quando eu tava ali pela 8º série, eu me via enquanto um homem cis - eu nem sabia o que era cis -, um homem gay, só que daí eu ficava muito em conflito naquilo “Não, eu sou bi”, sabe? Era sempre nesse lugar, mas no ensino médio eu despiroquei bastante, eu sempre fui muito “nerdola”. Tem esse lugar do estudo também enquanto um espaço de proteção mesmo, porque a gente não vai ser respeitada a partir de vários lugares, então quando você se coloca nesse lugar de conhecimento e conhecimento é poder, é um lugar de proteção. Eu sempre fui muito essa pessoa do estudo e minha mãe, acho que pelo fato dela ser uma pessoa que não teve oportunidade de se alfabetizar, ela sempre colocou muito assim “Você vai estudar sua filha da puta”.

Eu tô falando isso, porque quando eu chego no ensino médio, mesmo sendo essa pessoa, eu começo a ter experiências de interação social diferentes. Eu comecei o ensino médio no Hugo Lacorte (Escola Estadual Deputado Hugo Lacorte Vitale), uma escola aqui perto, aqui na perifa, mas foi muito traumático pra mim. Eu sofria muito bullying e entrei num processo de depressão muito fudido, por isso eu

mudei de escola e fui pro Andronico (Escola Estadual Professor Andronico de Mello). Eu comecei a ter essa relação - não que eu já não tivesse antes, devido a cursos que eu fazia, como estudar música no Céu Campo Limpo -, de começar a pegar muito ônibus, me deslocar muito, conhecer pessoas de outros lugares e nisso eu acho que eu fui me descobrindo mais. Eu ocupei a minha escola e o lugar de ocupação foi determinante pra minha formação enquanto pessoa.

Essas questões de gênero e sexualidade em algum nível só foram sendo vivenciadas, e em algum nível também eu começava a me questionar e perguntar, por isso muitos termos já se passaram por mim e já fizeram sentido pra mim. Por exemplo, no ensino médio eu comecei a me ver enquanto uma pessoa não-binária, mas não era uma coisa que eu expunha tanto, não sei se eu entendia tanto, porque esse lugar da não-binariedade já foi muitos lugares.

Chegou um dado momento em que eu percebi que eu sempre reivindiquei uma brasilidade, no sentido de “eu sou uma byxa”, sabe? Esse termo me contempla dentro das minhas experiências. O termo byxa veio pra mim muito no lugar do gênero, porque se você tipo fala “Olha ali o homossexual vindo” e você fala “Olha ali a byxa!”, a própria linguagem entrega, você não usa o pronome masculino, byxa é sobre gênero. Tem linhas muito tênues e muito conflitantes no sentido ideológico mesmo.

Esse lugar da byxa me acompanhou muito, muito, muito por um tempo, até o final do médio. Quando eu entrei na faculdade eu já entrei assim “Sou pessoa não-binária, sou uma byxa-preta, pronomes femininos e é isso”. Só que na faculdade eu também despiroquei mais, eu fui conhecendo outras pessoas, tendo mais acesso a algumas coisas, a mais vivências e eu fui percebendo que só esse termo também não me contemplava, sabe?

Acho que aí veio o lugar da travestylidade, pensar que como byxa é um termo muito brasileiro, travesty também é um termo muito brasileiro, de uma identidade muito latina. Não que não exista travestys em outras regiões do mundo, mas isso é traduzido de outra forma, é uma outra experiência. E daí veio esse lugar da travestylidade que foi só emanando, emanando, emanando e chegou uma hora que não dava pra segurar. Tanto que não dava pra segurar, que eu tava muito infeliz por tá segurando isso, cerceando o movimento dessa árvore que queria crescer.

Eu tentei um suicídio, tive uma queda de saúde mental muito forte e eu acho que a minha melhora em relação a isso foi vindo conforme eu fui me aceitando pra mim e fui tendo coragem de não deitar pra algumas normas sociais. Tipo, eu tinha muito conflito com isso de “Como eu vou contar pra minha família?” e chegou uma hora que eu falei “Foda-se!”, sabe? Foda-se!

Eu sempre lembro que eu falei pra minha família que eu era travesty no mesmo dia que eu falei que eu tinha conseguido o meu primeiro trampo mais formalzinho, que foi enquanto educadora no SESC, no comecinho de 2018.

Eu já tinha me assumido pra minha família enquanto um homem gay e foi horrível, foi traumático, a minha mãe ficou piradona. Às vezes eu tava em casa de boa e ela tinha umas miração estranha, sabe? Ela olhava pra mim e falava “Tira essa maquiagem!” e eu falava “Mãe, eu estou sem maquiagem, estou sem nada aqui!” e ela “Não, você tá de maquiagem!”. Foi nesse nível de chegar na paranóia, mas eu sempre fui muito assim “Você vai me expulsar de casa? Então vai lá, me tira daqui. Você não vai me tirar”, sabe? Então eu continuei lá e ela que se incomodasse. Lógico que isso me afetava muito e eu ficava muito triste. Mas era isso, ela ia ter que lidar: me pariu, então lida.

Foi bem traumático, mas eu acho que isso também foi um processo de aprendizado pra minha família - Isso é uma merda né? A gente sempre ser um processo de aprendizado...mas depois eu falo mais sobre isso -. Passou-se o tempo, eu entrei na faculdade e eu sempre fui muito essa pessoa de conquistar as coisas por mim, sabe? Vou entrar na faculdade, vou conseguir meus tramos, fazer meus rolês, e por mais que eu não seja uma pessoa com tanta sorte no amor, no trabalho realmente eu não posso negar que tem alguém me ajudando, porque não é possível, eu sempre tive muita determinação, muita energia com isso. Eu acho que esse lugar do prestígio social, através do trabalho e do estudo, me trouxe uma camada de proteção com a minha família também, tipo “Ela é assim, mas...”, isso é pesado também.

Voltando pra quando eu falei pra minha família que eu era travesty, eu juntei todo mundo e falei assim “Olha, eu consegui um trampo no SESC, de Educadora e vou ganhar mais do que todos vocês”, mentira (risos)! Mas essa foi a vontade, de esfregar na cara de todo mundo. Não, mentira. Verdade e mentira ao mesmo tempo,

mas aquele orgulhinho, sabe? E falei “Sou uma travesty. Pronomes femininos, meu nome é Luna, eu quero que vocês me respeitem...” e tudo mais.

Essa relação com a família é meio bosta, porque até hoje, vira e mexe, escapa um pronome masculino ou escapa o meu nome morto, então é esse lugar muito de um campo de batalha mesmo. Eu tô falando tudo isso, porque eu acho que a Luna de hoje é uma Luna que não faz sentido se fechar em um termo só, eu sou mulher, eu sou uma byxa, eu sou uma byxa-travesty, eu sou uma pessoa não-binária e tudo isso sou eu, eu fluo entre tudo isso. Pra mim, identidade e existência é a partir desse lugar do movimento, não tem como eu falar “sou isso” ou “sou só aquilo”. A gente nunca é, a gente sempre está, não no sentido de “hoje estou travesty, amanhã não”, mas a identidade é sempre muito mais assim (faz um movimento de fluidez com os braços), do que assim (faz um movimento de fixidez), então todos esses lugares da feminilidade que eu acho que me enquadra eu reivindico pra mim. Eu reivindico também esse lugar onde as coisas não são uma ou outra, elas podem ser uma e outra, sabe? Por que não? Quem disse que não?

Hoje eu acho que eu sou uma pessoa que eu entendo muito mais esse meu movimento. A minha identidade tá ligada a uma questão muito íntima do porquê eu acho que eu estou aqui, não é à toa que isso vai aparecer em todas as minhas artes, não é à toa que isso tá em tudo o que eu falo, em tudo o que eu faço. A Luna de hoje é essa pessoa que é uma reunião de várias experiências, de vários erros, várias transformações.

Uma coisa que eu acho que é muito importante e quem me trouxe isso foi a Linn da Quebrada, é se permitir pensar diferente do que eu já pensei. Por exemplo, hoje eu tomo hormônios, isso faz muita parte de quem eu sou também, esse processo. Antes eu repudiava, dizia que não queria tomar hormônios e é isso aí, mas eu acho que eu sou essa pessoa que se permite a pensar diferente, se permite tentativas, se permite ao erro, se permite acolher, todas essas coisas, porque ser humano é ser complexo. Eu sou tudo isso e sou nada disso ao mesmo tempo.

A Luna Dy Córtes nasceu a partir de um lugar da literalidade da palavra cortes. Em todos esses processos de recaída em relação à saúde mental - recaída não, mas de processo mesmo, de entender essa minha condição mental, física, existencial, corporal. Às vezes a gente tende muito a separar corpo e mente, mas é

uma coisa só -, eu tive experiências bem agressivas de me automutilar, de me cortar, que são os cortes que eu tenho aqui na perna. Eu fiz umas borboletas, coloquei “de cortes”, então Luna saiu muito desse lugar emergencial de ressignificação de uma coisa que era muito dolorosa pra mim, que era agredir o meu próprio corpo. Não celebrar o meu próprio corpo, mas agredi-lo.

Foi um lugar de ressignificação, porque cortes são cortes: se você corta, cortou e vai ter a cicatriz e ponto. O que a gente faz a partir disso? Luna Dy Córtes saiu desse lugar e saiu também como que - eu não sei se eu gosto dessa palavra, porque eu não acho que é exatamente isso, mas eu acho que flerta com isso -, quase como que um alter ego pra conseguir lidar com as coisas, e lidar artisticamente, esteticamente com isso. Eu vou falar sobre isso num poema, eu vou falar sobre isso numa prosa, num quadro, numa performance.

Hoje, um pouco mais madura em relação ao que eu acredito, enquanto arte, enquanto estética, inclusive em questões até burocráticas que envolvem ser artista também, eu acho que Luna Dy Córtes é um quase que um ser-manifesto, sabe? Eu vou cortar tudo o que me prende, eu vou cortar lógicas que não me fazem mais sentido, eu vou eu vou cortar tudo isso. Eu quero cortar isso de mim e não o cortar do cercear, mas o cortar de romper uma lógica pra poder começar outra, pra poder se permitir a pensar diferente, pra se permitir acolher as cicatrizes.

Luna Dy Córtes é essa veia que interliga tudo isso que tá acontecendo aqui a todo momento com uma estética específica, e com isso eu consigo condensar, sublimar isso pra algo direcionado, sabe? Então eu acho que Luna Dy Córtes veio disso, de um lugar quase da palavra literal e cada vez mais essa metáfora vai crescendo pra outros lugares e de alguma forma me alterando. Ao mesmo tempo que eu ia criando eu vou sendo criada também.

O que gênero e sexualidade representam na minha existência, se eu vejo alguma separação entre essas duas questões e de que forma tudo isso se conecta comigo? Não sei te responder nada disso (risos)! Mas é sério mesmo, porque eu acho que neste momento eu tô num período outro. Saiu no meu tarô da semana passada que eu estou num momento de nova visão, então uma nova visão está sendo construída aqui e isso faz muito sentido pra mim.

Em primeiro lugar, eu acho que a gente usa a palavra gênero pra poder se comunicar com essa ocidentalidade, com todo esse lugar da linguagem mesmo: eu estou falando sobre este tema específico, mas na prática e na vivência pra mim é sobre visão de mundo. Eu acho que pessoas brancas vão ter uma retina colonial nos seus olhos da branquitude, pessoas cisgêneras vão ter uma retina colonial no seus olhos em relação às questões de gênero. Todo mundo tem alguma retina colonial no olho, por isso eu acho que gênero é justamente uma contra-retina talvez, uma não-retina em relação a você poder conceber as experiências, o mundo e o seu corpo de uma outra maneira da qual nos foi imposta.

Gênero pra mim é sobre ser e não ficar jogando isso dentro - não é nem de caixa, mas nóia -, a cisgeneridade na realidade é uma grande nóia, é uma grande paranóia, não faz sentido algum. Nada contra, eu tenho até amigos cisgêneros (risos), mas é uma ordem de estado das coisas, uma ordem de lógica de pensamento, de encadeamento de metáforas, de performances corporais, que não me faz sentido e não me cabem, por mais que tentem fazer caber. Não tem nem pra onde eu fugir, porque o meu corpo já vai dizer outra coisa, tudo vai dizer outra coisa que está em mim que não vai remeter à essa norma. É por isso que eu acho que gênero é justamente sobre você poder olhar pro mundo e pra si a partir de outras relações, a partir de outras premissas, a partir do movimento, tudo volta pro movimento, tudo volta pra esse lugar. Gênero é muito isso.

Você perguntou da sexualidade, se tem alguma separação com o gênero e no momento pra mim isso não tem nenhuma separação. Eu tô há seis meses tomando hormônios, eu comecei a tomar hormônios há muito pouco tempo, então muitas certezas minhas caíram por terra, outras se reforçaram e a experiência de um corpo em transformação em todos os sentidos, não só nesse sentido biopsicoquímico que a hormonização trás, mas em sentidos muito íntimos, muito profundos mesmo, na prática essas coisas se dão muito próximas.

Eu acho que são coisas diferentes claro, um a gente tá falando sobre o nosso desejo, na outra a gente tá falando sobre a nossa posição no mundo: quem é que deseja? Quem é essa pessoa que deseja? Tá tudo muito junto, porque somos seres do desejo, então acaba estando muito próximo, até porque a sexualidade se dá a partir de interações sociais, seja consigo, seja com o outro e pra interagir você

tem que ser, então você sempre vai partir de um eu, querendo ou não. De um eu que pode chegar no outro, fazer várias pontes, vários diálogos, reciprocidade, empatia, mas a gente é esse serzinho maldito, que tem essa voz na mente que acha que é alguma coisa no mundo, e a gente chama isso de eu.

A sexualidade sempre vai tá envolvida com o que você é, sabe? Seu desejo sempre vai ser constituído a partir disso. Tem aquela frase famosa que eu nem sei de quem é, se pá eu acho que é do Freud “A gente não deseja o objeto, a gente deseja desejar”, alguma coisa assim. Por isso tá sempre interligada a identidade e o desejo de alguma forma e aí faz muito sentido o movimento LGBT, por exemplo, ter essas duas vertentes do gênero e da sexualidade, mas as pessoas confundem muito, dá um ódio disso às vezes, sabe? Gente, gênero e sexualidade são duas coisas diferentes, tá bom? Dá um Google ali. Eu entendo esse lugar de confusão, mas eu acho que também é um lugar muito perverso de tipo “Ah esse povo diferente aí que gosta de dar o cu, que gosta fazer umas coisas” e não é sobre isso, é sobre uma outra lógica de pensamento mesmo.

Se houve uma receptividade diferente por parte da minha família e das pessoas ao meu redor nos diferentes momentos em que compartilhei sobre a minha sexualidade e gênero?

Na minha família isso foi muito louco, porque quando eu me identifiquei perante a eles como uma pessoa gay, foi horrível, foi muito traumático. Pensa, a primeira pessoa LGBT da minha família a falar sobre isso, e não só falar, mas querer viver isso em sua dignidade, sabe? Então eu sempre fui essa pessoa “Você não gosta? Pau no seu cu!” - mentira, não assim, mas foda-se. Foi muito terrível mesmo aquilo que eu tava falando da minha mãe, das minhas irmãs falar coisas do tipo “Tudo bem você ser assim, mas não mostra”, sabe?

Tem esse lugar, mas acho que também foi associado a um lugar da novidade digamos assim, um lugar de conforto na verdade e conforme isso foi sendo evidenciado enquanto conflito, eu fui pro campo de batalha também, me fiz presente ou também me fiz presente a partir da ausência, tipo “Se vocês não me acolhem, então eu não vou estar aqui”.

Passou-se o tempo e conforme eu fui ganhando a minha autonomia, eu fui ganhando também um certo respeito. Quando eu fui me assumir - eu odeio essa a

palavra, mas ela sempre volta -, quando eu me pus quanto travesty, eles já sabiam minimamente que gênero e sexualidade eram coisas mais ou menos diferentes, já sabiam que nem todo mundo transa papai e mamãe, tinham umas coisas ali, eu já tinha dado a introdução 1 pra eles (risos). Então foi um pouco mais receptivo, não significa que foi menos violento, porque foi esse processo que tá sendo ainda muito lento de entender que pronomes importa, entender que coisas que eu nem sei se vou conseguir verbalizar.

Eu lembro muito disso de quando eu morava com a minha mãe, porque eu sou uma pessoa que eu demoro muito pra me arrumar, por mais que eu não vá fazer uma mega produção, mas porque muitas vezes eu me vejo insegura, sabe? Olha só, uma gostosa dessa se sentindo insegura, aquelas (risos). A minha mãe ficava “Não sei pra que fica levando duas horas pra se arrumar”, além de não entender esse lugar, de que sair na rua pra mim é outro peso, é um outro peso. Isso é uma coisa bem sutil, ou sei lá, ter que ficar corrigindo toda hora o meu nome, de não entender a importância desse lugar, por isso foi e é muito violento ainda.

Socialmente falando, eu acho que foi um pouco contrário do que foi com a minha família, socialmente no sentido fora desse núcleo familiar. Os homens, independentes de serem gays ou não, têm o mundo sob seus pés, talvez os homens gays menos, devido à sexualidade. Eu acho que eu era uma pessoa que tinha muito mais possibilidade de algumas vivências, eu estava mais fácil no lugar do desejo, eu estava mais fácil no lugar de uma entrevista de emprego, vários lugares facilitadores que quando eu me vi enquanto travesty e comecei a externalizar isso, um por um sendo perdido, cada céu e cada chão caindo, um por um, coisas que eu sinto até hoje e que ainda é recorrente.

Ainda é recorrente esses lugares que se perde, mas se ganha muitos lugares também. A gente fala tanto da perda e do que é ruim, mas tem muita coisa boa em ser travesty e tem esse lugar da byxa-travesty, que pra mim faz muito sentido. É muito violento, é muito violento mesmo, você vai sendo jogada literalmente pra uma exclusão, é quase uma coreografia social que ninguém percebe, mas ela tá ocorrendo a todo momento, desde no ônibus as pessoas não quererem sentar do meu lado, até sobre o que as pessoas vão vir falar comigo,

sobre aonde eu pego no desejo das pessoas, validação de conhecimento, muita coisa.

Esse lugar da feminilidade sempre vai ser posto como menor do que a masculinidade. As pessoas te tiram de burra, de puta - tudo bem ser puta, inclusive amo, adoro -, mas é um lugar onde o meu corpo chega antes do que eu sou, não que eu não seja o meu corpo também, mas meu corpo sempre vai chegar antes e conseqüentemente os pré-conceitos das pessoas chegam antes do que eu sou. Eu sempre escuto isso “Nossa, você é tão inteligente”. Porra, por que eu não seria, sabe?

Outra coisa que eu escuto muito também é que eu sou blasé, que eu sou nariz em pé e vocês me conhecem, eu sou essa pessoa aqui, você entra na minha casa e eu falo “Você quer um pão? Toma um pão!”. Mas é exatamente esse lugar, porque eu não posso sair na rua dando sorrisinho pra todo mundo, senão eu vou levar um soco em 5 minutos de um macho idiota. É esse lugar de “Tô aqui, você vai afrontar?”, às vezes as pessoas confundem muito esse lugar.

Existem vários mitos, tipo o mito da mulata gostosa. Como eu sou uma pessoa negra de pele clara, homens héteros pelo amor de deus, quase eu não tô me relacionando mais, porque é esse lugar da gostosona, “E aí, eu vou comer seu cu ou você me come? Você tem pauzão?”. Por outro lado, as mulheres cisgêneras no geral, sejam bis, homo ou héteras, eu acho que a transfobia delas muitas vezes é muito mais agressiva do que a dos homens, porque é num lugar da disputa, sabe? Vamos ver se você é tão mulher assim. É sempre muito sutil e eu acho isso muito violento, muito violento.

Como foi ser uma criança viada? São várias memórias. Não sei...boa pergunta, porque eu era criança né? Então eu não sei o que essa criança exatamente achava, isso vai se perdendo. Olhando pra trás, querendo ou não é uma experiência que acaba te trazendo muita vulnerabilidade. A gente sempre tá em desenvolvimento, mas essa fase da infância é lugar muito da formação, muito importante mesmo. Se colocam várias vulnerabilidades de você consigo, de você com os outros. A gente tende a desumanizar a criança, a criança não é pessoa, é criança, ela é uma mini-pessoa e não uma pessoa em desenvolvimento que tem sua opinião, que tem seus pré-conceitos, que tem sua forma de lidar com o mundo. É

perverso, assim como é perverso na rua, entre as crianças também é perverso. Vinha preconceitos de vários lados, mas foi muito louco porque eu acho que isso te leva pra outro lugar de socialização.

Eu sempre tava com as meninas, mas eu também tava com os meninos, às vezes eu não tava com nenhum dos dois ao mesmo tempo, sabe? Todos os lugares e nenhum lugar ao mesmo tempo, meio que isso. Eu acho que também pelo fato de eu sempre ter sido essa pessoa muito nerdzinha, muito quietinha, pelo menos na escola, as pessoas olhavam isso tentando não ver algumas coisas, falavam que eu era assim porque eu era muito estudiosa e era uma criança sensível, foi muito isso.

O lugar do conhecimento sempre me serviu de escudo para a forma como as pessoas olham pra mim. Eu tava conversando sobre isso uma com uma amiga trava ontem: a gente não tem o privilégio de largar a faculdade. Eu posso ficar 10 anos nessa USP, eu tenho que pegar meu diploma, porque isso vai ser a barreira que não vai me jogar pra extrema vulnerabilidade. O conhecimento ainda é esse lugar, porque conhecimento é poder, conhecimento é acesso. Eu não sei se é exatamente uma máscara, talvez poderia ter sido uma máscara algum dia, mas hoje eu acho que ele é uma barreira de proteção mesmo pra várias questões.

Eu penso sobre, muito mais hoje em dia, ver travestys em espaços de poder, em outros espaços além das coreografias que pressupõem pra a gente, mas ainda assim eu me sinto muito sozinha. Eu sou a única travesty no meu trampo, por isso eu sempre falo que eu sou uma byxa-travesty preta no mundo de cisgêneros, isso é bem chato. Eu acho que o conhecimento vem também desse lugar de você conseguir ter recurso pra conseguir entender essa realidade.

Sobre a minha trajetória escolar, Numa linha cronológica de questões de ensino, no prézinho eu fazia particular, pensar que era a era Lula, a minha mãe tinha mais dinheiro, ela tinha acesso a emprego, tão raro hoje em dia. Foi nesse momento que a minha família tava socialmente um pouco melhor que ela pagou um prézinho particular e eu acho que isso foi determinante na minha história até hoje, porque quando eu cheguei na primeira série, que daí eu fui pra escola pública - eu estudei no Fagundes, EMEF Fagundes Varella, aqui pra baixo - eu já cheguei alfabetizada. Eu sempre me senti um pouquinho mais na frente das pessoas nesse sentido.

Eu estudei no Fagundes até a 8ª série e não tenho muitas boas lembranças não. Pra você ter ideia, todos os meus pesadelos tão ligados ao espaço escolar, todos, todos, todos os meus pesadelos se passam no espaço escolar. Isso é muito louco, porque eu sou educadora hoje. Da primeira à oitava série então não foi tão bacana, lá na sétima e oitava que foi um pouco melhor.

O desafio desse período foi ser a pessoa diferente: eu era o bode expiatório, tudo que não deveria ser eu era. A masculinidade presente nas crianças é muito tóxica, muito tóxica e muito violenta, o despreparo dos educadores, o despreparo dos professores pra lidar com esta questão. Eu lembro até hoje de um dia na quarta série que eu fui com uma boina. Eu lembro que eu tava me sentindo bem bonita com essa boina, eu pisei o pé na escola e todo mundo me zoou. Eu comecei a chorar, fui falar com a professora, daí ela virou e falou assim “Mas também né, olha como você vem vestida”.

Eu lembro que eu tinha uma professora de Educação Física - nossa, eu queria que essa mulher fosse presa, morresse na prisão, porque era muito violento -, que os meninos não podiam se misturar com as meninas e obviamente eu não fazia isso, e chegou ao ponto dela me chamar de viadinho no meio da turma inteira. Essa foi a minha trajetória, muito marcada pela violência, mas eu acho que eu sempre fui muito sagaz, esse lugar do conhecimento eu também revertia ele pro meu lugar. Muitas vezes eu era a favoritinha da professora e com isso eu me protegia nesse espaço, era a forma que eu usava pra me proteger.

No ensino médio eu também fiz escola pública e, como eu tava falando no começo, eu estudei um ano no Hugo Lacorte e depois fui pro Andronico. Quando eu fui pro Andronico foi bem mais massa, eu ocupei a minha escola, eu participei do movimento cultural, ia pra manifestações e com isso a minha vida política ficou muito ativa. A minha alfabetização política se deu nesse espaço e não pela escola, não pela estrutura exatamente na escola - óbvio que tem a ver, hoje como educadora eu percebo que as coisas não vem do nada -, mas foi muito esse espaço autônomo mesmo, nosso enquanto estudantes.

Foi bem melhor, eu tinha amigos, eu lembro que tinha duas travestys na minha escola e a gente se ajudava muito. Eu ainda tava naquele processo de achar que eu era uma pessoa não-binária, mas com tudo isso o meu ensino médio foi bem

melhor. Quando eu entro na USP foi muito louco, porque eu saio do ensino médio e entro direto na universidade.

Tem uma coisa que eu esqueci, antes de falar da universidade, que é muito importante em relação à minha educação: eu estudei música dos 9 aos meus 17 anos. Eu comecei pelo Projeto Guri, dele eu fui pra orquestra que representava o projeto, de lá eu fui pra escola de música do município de São Paulo e depois eu fui pra do estado, que fica lá na Praça das Artes. Foi esse outro lugar de educação que também me permitiu perceber que não tinha coisas erradas comigo. Era muito legal o Guri, todo mês tinha um passeio pra algum lugar cultural, tinha saraus, tinha outras socializações, não que ainda não fosse bem violento em alguns aspectos, mas foi um lugar outro que me formou quanto pessoa, muito importante e que eu sou muito grata pelo Projeto Guri.

Eu entro na USP assim que eu saio do ensino médio e tem um pouco desse lugar de choque. A primeira coisa que a gente pensa é “Estou atrasada!” e ter que lidar com pessoas muito ricas, de outra realidade, então a violência se dá por aí também. Estar na universidade pra mim é muito louco, porque com essa pandemia, um pouco do lugar da territorialidade da universidade se perdeu muito, eu faço EAD, eu finjo que faço às vezes, porque ninguém aguenta mais tela, pelo amor deus.

São muitas dores e delícias a universidade. Eu vivi coisas incríveis, conheci pessoas incríveis, tive experiências incríveis, a universidade foi o que me abriu portas pra fazer estágio e me encontrar na arte-educação, por exemplo, mas também foi o lugar onde eu fui agredida dentro do bandeirão, então é sempre essa dubiedade. Tem um lugar que me irrita muito, que é quando as pessoas falam “Eu sou acadêmico, tenho mil doutorados, fui pra lua e voltei...”, daí eu falo “Tá! Mas você não sabe respeitar o meu pronome, e aí?”

Tem também uma questão pedagógica e epistemológica, um modo de olhar. Por exemplo, eu sou das Letras, e existe um modo de olhar pra literatura que é totalmente hétero-cis, então como você vai falar de algumas questões? Esse lugar também de pressupor que todo mundo tá ali porque ama muito, pode se dedicar muito praquilo e não! Desde que eu pisei o pé na universidade eu comecei a procurar estágio e no meu segundo ano eu consegui.

A universidade é muito violenta, é tema da minha terapia todas as sessões, sabe? Eu odeio estar na universidade, essa é a verdade. Eu estou lá porque eu quero esse diploma, porque eu não aceito ser uma travesty sem ensino superior, mas eu odeio esse espaço, não faz sentido a forma como o conhecimento é produzido nesse lugar, já não condiz mais comigo. Eu não vou dizer tudo, óbvio que coisas maravilhosas vem da universidade, tipo a vacina, não tem como deslegitimar esse espaço por total, mas também não tem como a gente esquecer que esse espaço é baseado no colonial. Você entra na USP e tem um pé de café e um Bandeirante lá. O que é você entrar nesse lugar? Não é só um muro físico, é um muro simbólico muito forte.

Esse lugar da academia, de ABNT, você tem que fazer assim, assado e você tem que ficar falando de homens brancos bigodudos em todas as aulas, sabe? E outras sabedorias? Esse lugar da universidade é muito violento, é muito colonial. Eu nem sei o que falar, eu só queria deixar registrado nesse documentário que eu odeio a USP, eu odeio meus colegas brancos e ricos, e eu espero que vocês tenham um choque de realidade um dia (risos). Os professores, pelo amor de deus, não tem noção nenhuma de realidade, nenhuma, ou um pseudo-comunista, tem aquele discursinho e aí tora no seu cu vinte trabalhos por mês, pra uma pessoa que vai trabalhar, que vai cuidar da sua casa, enfim.

Mas também tem vários lugares de delícia. Eu tava falando das vivências e portas que se abriram, pra minha família foi muita alegria porque eu fui a primeira pessoa a acessar a universidade pública da minha família, então foi esse lugar de muita alegria também, de muito deleite, não tem como tirar, mas não foi por conta da estrutura, com certeza não foi por conta da estrutura. A estrutura da universidade é extremamente passada, ela não dá certo e tem uma coisa muito errada aí. Quantos casos de suicídio tiveram esse ano, sabe? Eu perdi colegas por essa pressão universitária que existe. Daí a USP é assim “Vamos falar de saúde mental aqui”, ah é? Então aumenta a bolsa que ajuda estudantes, vai reformar o CRUSP, faz uma reforma pedagógica aqui, porque os professores não são nada preparados pra dar aula, eles são pesquisadores, então ótimo, vai lá fazer a sua pesquisa.

Ser educador ou ser educadora é outra coisa, se você quiser você pode marcar consultoria comigo que aí eu te ensino, sabe? Os tutores tem uma didática

que pelo amor de deus, é bem violento e pensar que a gente vai passar nesse espaço pra ser legitimada, pensar que isso tudo vai ser um lugar de validação e de proteção, mas a transfobia sempre vai chegar em algum momento, ponto, seja você tendo um diploma, um doutorado, um mestrado, você sendo passável, não sendo passável, sendo branca, sendo preta, vai bater em lugares diferentes, de modo diferentes, mas vai chegar. A universidade é mais um lugar que corrobora com isso, essa é a grande verdade, corrobora pra esse espaço de marginalização nosso, porque se tem um cânone, se tem uma hegemonia, tem uma outra coisa também que está fora disso, que tá pra fora dos muros da universidade, não só fisicamente mas simbolicamente.

Me inserir, continuar e estar no mercado de trabalho foi um processo muito louco. Eu tava refletindo esses dias sobre isso, então vai ser massa poder falar. Eu não sei exatamente onde começou isso, mas eu sempre tive uma conexão com a escrita, desde escrever diários quando eu era mais nova, até na aula ficar escrevendo poeminha pros crushs, sabe? Em algum momento esse lugar começou a ser mais recorrente e esse lugar me acompanha desde sempre, eu não sei desde quando, mas com certeza tem a ver com algum momento da minha formação. Eu lembro que no Fagundes Varella tinha uma sala de leitura, eu gostava muito de ir pra lá, enfim, essa relação em algum momento se pôs. Eu tinha vários escritos, vários textos e o lugar da arte veio muito aí e também veio muito pelo meu estudo de música, de tocar em orquestra, de ir pra espaço cultural, de ir pra isso, de ir pra aquilo, então a arte sempre esteve um pouco nesses lugares.

Conforme eu fui crescendo e fui entrando na universidade, eu fui percebendo que “Nossa, tem alguma coisa aqui. Talvez eu seja artista (risos)”. Teve uma hora que eu parei de estudar música, um pouco antes de entrar na universidade. Eu fui fazer teatro, aí eu me conectei com a performance, a escrita sempre muito junta, os conhecimentos musicais que eu fui acumulando, tudo muito a ver com a minha formação mesmo, de ter tido um projeto de música ali, de ter tido um professor que me incentivou na leitura aqui, de ter uma aula de teatro na escola, por exemplo.

Quando eu entro na universidade isso começa a ter um caráter sério, sério que eu falo no sentido de algo, eu posso acessar espaços a partir disso que eu tô

fazendo. Foi também esse processo de escrever um livro, foi esse processo de começar a ser convidada, as pessoas queriam me ouvir, queriam ouvir sobre a minha arte e aí essas coisas foram vindo.

Se inserir eu acho que foi um pouco natural nesse sentido, o espaço do Guri, por exemplo, a universidade onde você conhece gente e abre portas, aí eu fui pra a arte-educação e comecei a manjar mais do rolê das artes visuais, então eu acho que eu fui me inserindo aos poucos, aos poucos galgando o meu espaço, aos poucos me fazendo presente, meu nome foi sendo reconhecido, foi sendo falado e com vem os convites e tudo mais. Hoje eu me vejo enquanto uma artista independente e galgar o próprio espaço é muito difícil, é muito difícil mesmo estar, ainda mais no momento político que a gente tá agora, é um pouco como tirar leite de pedra, mas também de ter muito respeito com os seus tempos.

Às vezes eu fico pensando “Nossa, eu escrevi um livro e agora tô mó parada, nem vendo os meus livros”, mas porra, tem textos do meu livro que são de 2015 - eu publiquei o meu livro em 2019 -, é óbvio que eu não vou ter um livro pronto agora, então tem esses tempos.

Eu vejo o espaço artístico enquanto um lugar muito político, tipo eu vou ocupar espaços, eu quero estar em espaços onde não me foi permitido estar, e quero me por enquanto artista a partir de outros lugares. A minha produção e a minha poética, estão muito ligadas às questões sociais, a pensar as relações de gênero e sexualidade, mas eu não sou só isso e eu não falo só sobre isso, sabe?

Também é um pouco sobre batalhar pra que as pessoas me contratem não só pelo fato de eu ser trans, porque é sempre isso, as empresas querem botar diversidade, “Vamos botar a diversidade aqui dentro, diversidade! (risos)”, mas eles nem sabem porque querem você naquele lugar, nem sabem porque tá te convidando: “Ah, eu quero que você fale sobre gênero”, “Tá! Sobre o quê de gênero?”.

Eu não consigo dissociar arte da educação, tanto que eu sou arte-educadora, o que é muito nesse lugar de que eu sinto que tô formando as pessoas, às vezes cansa um pouco, cansa bastante. Não é à toa que eu tô num momento de uma produção um pouco mais intimista, porque nesses espaços sociais, pra se inserir, você tem que tá socializando, você tem que conhecer gente,

você tem que conhecer espaços, você tem que conhecer dinâmicas, e às vezes isso cansa, porque no limite uma pessoa branca que tem muito dinheiro vai tá numa galeria, enquanto meus trampos tão aqui, num quartinho guardado.

Como eu estudei música desde nova, quando eu tava no primeiro pro segundo ano do ensino médio, tinha um projeto no Hugo Lacorte que eu esqueci o nome agora, acho que é um projeto que não existe mais, mas era pra pessoas da região, oficinairos da região dar oficinas dentro da escola. Eles valorizavam muito ex-alunos ou alunos, eu me inscrevi lá, fui selecionada e comecei, isso bem novinha. Com 16 anos eu dava aula de música pras quartas séries, então foi o meu primeiro tramposinho, foi remunerado e a partir de algo que eu gostava de fazer que era arte.

Eu não tive tantas experiências profissionais fora disso, eu sou bem privilegiada nesse sentido, eu consegui me inserir de maneira bem sagaz. Depois eu entrei na universidade, daí fui pra outros espaços. O meu primeiro emprego mesmo foi na arte-educação, no Sesc. Do SESC eu trabalhei em várias exposições, depois quando acabou o meu período de estágio eu fui pra Companhia das Letras, era um trabalho bem burocrático mesmo, eu fui bem infeliz, não era a minha vocação lidar com e-commerce. Agora eu tô no MAM (Museu de Arte Moderna de São Paulo), sou estagiária do educativo do MAM.

Eu me vejo muito privilegiada nesse ponto, mas também num lugar que não só caiu do céu. Eu lembro que quando eu era criança eu brigava muito com a minha mãe e com a minha por causa disso, porque elas sempre diziam “Você tem que fazer um cursinho técnico, fazer informática, pensar em prestar um concurso público” e eu “Vou tocar o meu violoncelo”, porque de alguma forma eu sempre soube que esse lugar seria muito mais frutífero do que eu ir pro status quo.

Não que não seja difícil pra porra, eu acho que eu ganho muito pouco pro trampo que eu faço, desde institucionalmente falando, até pro trampo pessoal que eu tenho, é muito corre, é muito corre. Se você quer que alguma coisa aconteça, você vai ter que tirar do zero, isso é muito foda. Isso é uma parte muito privilegiada da minha vida, porque geralmente a narrativa é outra, mas isso também não me tirou de alguns espaços - que tem a ver com o profissional -, de marginalização. Eu já fiz programa, por exemplo, e eu não fazia programa porque eu precisava fazer

programa, eu fazia programa porque eu acreditava que eu precisava fazer programa, sabe? Nesse lugar de “Ah, você é travesty? Então você tem que tá na rua”.

Não desvalorizando o espaço da prostituição, porque eu crítico muito as feministas que querem criminalizar e que não se interam da discussão. Eu sempre lembro de uma fala da Amara Moira: “Enquanto você tá discutindo se prostituição tem que ser proibido ou não, eu preciso pagar as minhas contas. E aí, você vai me contratar?”. Tem esse espaço e de certa forma nada protegeu, porque também é um lugar muito forte de submissão simbólica.

Na universidade eu entro e eu sou uma das poucas travestys ali. Quando eu fiz programa eram dez travestys na rua, onde eu podia conversar sobre as minhas vivências. A Amara Moira fala muito sobre isso também, porque ela também tem movimento de ser uma profissional do sexo e ser uma intelectual, então de alguma forma eu também vivenciei isso, mas eu percebi que não precisava exatamente disso, eu não dependia totalmente disso. Óbvio, entrava uma outra grana e foi essa grana que eu usei nos dois primeiros anos da universidade, por exemplo, pra poder pagar texto. Inclusive isso é uma coisa bem íntima minha, eu não falo pra todo mundo que eu já tive essa vivência.

Pra explicar a questão sobre eu não ter sorte no amor, eu vou precisar tirar uns nós pra conseguir falar, porque ultimamente isso é uma coisa que tá muito latente e nesse momento isso tá muito aflorado. Vou tentar resumir: o espaço da travestilidade é um espaço que vai te cercear do afeto, ponto. As pessoas não querem se relacionar com travestys, e não é tipo “eu não quero me relacionar com você”, é aquilo das coreografias sociais, sabe? Eu não sou o corpo desejado, eu sou o corpo fetichizado. Quantas vezes caras casados ou sigilosos queriam ficar comigo, são sempre esses espaços. Ao mesmo tempo que esses espaços vão te aprisionando, você vai criando uma própria prisão, porque você vai se acostumando, essa vira a sua referência de amor, e se livrar disso é um exercício bem difícil, desde umas coisas muito básicas até coisas muito profundas consigo.

Ultimamente eu acho que eu tô num outro lugar. Hoje eu me entendo enquanto uma pessoa poligâmica, eu ando percebendo muito esses lugares que a monogamia colocou em mim que não são saudáveis, não são maneiras saudáveis de lidar com os afetos. É também um lugar que você vai crescendo, virando outra

pessoa, conhecendo outras pessoas e entendendo um pouco o seu rolê. Onde é que eu sou desejada? Onde é que não? Isso é bem difícil, porque enquanto o homem cis, hétero, branco, padrão sempre vai ser o alvo do desejo de todo mundo, e mesmo que não seja o alvo do desejo vai tá relacionado com desejo, por exemplo, mulheres lésbicas, uma pessoa olha de fora e sempre fala “É falta de macho”, sabe? Aí vem o estupro corretivo, que acontece muito com homens trans. Ele sempre vai ser o alvo do desejo ou vai estar ligado com isso, por isso eu sinto que eu preciso me esforçar dez vezes mais pra ser interessante, ser minimamente interessante ou minimamente humana pras pessoas, então eu acho que falo que tenho azar nesse sentido.

Eu acho que todas as travestys sofrem de alguma maneira ou pelo menos de alguma forma elas vão ter que lidar com essa questão. Essa é uma área bem pesada, isso é uma coisa que me dói bastante, porque eu sou um xuxuzinho, eu gosto de amor, eu gosto de amar, eu gosto de desejar, eu gosto de flertar, eu gosto de me sentir desejada, eu gosto de desejar, e quem eu sou e tudo o que eu acredito é fora dessas normas, porque o amor é político, totalmente político, quais corpos vão ser desejados e quais não vão ser.

A pornografia trans, por exemplo, toda essa sexualização - não só trans, mas pornografia no geral -, esses afetos sexuais que são muitas vezes ligados a esse espaço do sexo enquanto poder, o sexo se torna um contrato de efetivação do poder, de quem vai ser submisso e quem vai não ser o submisso.

Isso é uma coisa que ainda tá em transformação em mim, lidar com toda essa esfera do afeto. Mas pra além desses afetos românticos e sexuais, os outros afetos também são extremamente afetados, totalmente, desde pessoas que eu considerava muito e que não queriam que eu fosse nas casas delas, porque os pais eram preconceituosos e não iam aceitar uma travesty. Nesse caso então você também não vem na minha casa, porque na minha casa a gente não aceita gente preconceituosa.

É sobre esses lugares onde você vai sendo jogada pra uma exclusão quase que inconsciente. Eu desenvolvi agorafobia, desenvolvi fobia social, de acreditar que eu vou pra um lugar e as pessoas vão ficar falando de mim, é bem confuso.

Tem alguns exemplos bem-chaves que eu gosto de usar, que me ajudam a condensar um pouco isso. Um exemplo é quando eu me via enquanto um homem cis gay, eu fazia muito banheiro, acho que não tem um banheiro nessa cidade que eu não transei. São várias problemáticas com essa prática, mas independente dessas problemáticas, ela existe e tá lá. Por mais que eu seja uma pessoa negra, não tão dentro dos padrões - porque eu ainda tô dentro de vários padrões, eu sou um corpo magro, enfim -, eu entrava num banheiro e eu era o alvo do desejo, muitas vezes, muitas vezes. Conforme essa feminilidade foi vindo, isso vai sendo tirado.

Numa festa, por exemplo, isso não era uma questão. Eu queria transar hoje? Eu entrava no aplicativo e eu ia achar alguém pra transar, porque outra pessoa ia desejar o meu corpo. Isso foi sendo perdido e você não tem referências visuais, nenhuma referência. A referência que eu fui ter ultimamente de outras relações foi assistindo POSE. Isso acontece dentro da nossa própria comunidade. Esses dias eu tava com uns amigos, dentre esses amigos tinha uma mana trava, que eu sou mega afim dela, e ela não só não me deu atenção mas também ficou com um homem branco, e aí eu penso “é dentro e fora”.

Sobre questões de religião e espiritualidade, ao mesmo tempo que eu creio muito, eu descreio muito também, então eu já passei por muitos lugares. Na infância foi mais a igreja católica, depois a evangélica e aí eu percebi que esses espaços são uma merda e que eu não queria estar, muito violento. Não fazia sentido, eu ia ler a bíblia e ficava “Qual o sentido disso? Nenhum”. Passaram-se uns anos e eu tive outras relações com o Budismo, com o Hare Krishna, e aí depois, um pouco mais velha, eu fui ter experiências de ir em casa de Umbanda, mas muito enquanto público mesmo, conversando com a entidade, porque eu nunca fui de nenhuma casa.

Eu nunca consegui ver sentido em uma religião ou uma doutrina. Eu sinto que eu acredito um pouquinho de tudo, essa é a minha relação, mas eu também tenho uma relação muito forte - eu acho que isso é a espiritualidade -, de uma coisa muito pessoal, padrões de símbolos que vão aparecendo pra mim - eu tenho um dicionário dos símbolos que vão aparecendo pra mim -, esses rituais e essas crenças que a gente vai bebendo de muitos lugares, eu acho que essa é minha relação.

É uma busca, é sempre uma busca. Uma hora a gente vai se encontrando em alguns lugares, em outra hora em outros lugares, isso é muito estranho. Ultimamente eu não creio em nada específico, mas isso não significa que eu não tenho espiritualidade. Eu desenvolvi isso muito pela meditação, pela arte também. As minhas artes são muito simbólicas: o olho é um sinal que eu valorizo muito na minha vida, o fogo, a ampulheta, o feto, o coração, o cérebro, essas coisas aos poucos foram aparecendo, e é um pouco disso de você saber interpretar os sinais e ver como aquilo faz sentido na sua narrativa. Eu já tive experiência Wicca também, eu acho que onde eu mais me identifiquei foi na Wicca.

Eu acho que a religião sempre foi um lugar mais da minha ausência mesmo. Eu ia e já não via sentido em alguma coisa, por exemplo, de ter ouvido de um pastor que Bob Esponja era desenho de gay pra não deixar seus filhos assistirem. Quando eu ouvi aquilo eu falei “Beijo, tchau, tchau, eu estou indo pra minha casa assistir Bob Esponja”, sabe (risos)? Em terreiro também já aconteceu de eu tá ali trocando uma ideia mega legal com a entidade e a pessoa que tava cuidando dessa entidade ser mega transfóbica, sabe? Então perpassa em todos os lugares e isso é uma coisa muito louca de se pensar, o quanto LGBTs no geral são cerceados do direito à religião.

Eu sempre tenho vontade de ir numa igreja católica que tem ali no centro que a madre é uma mulher trans, isso é muito foda pensar. Ultimamente, até devido alguns rolês do trabalho e também de vida, eu ando tendo um pouco mais de contato com cosmovisões indígenas, não chegando nesse lugar de apropriação de vou fazer um ritual indígena aqui, mas de colocar a minha visão de mundo em xeque, porque pra muitas etnias indígenas, por exemplo, arte, política e religião é coisa só, uma palavra só nomeia esses três campos. Eu ando aprendendo muito nesse sentido e eu acho que a minha espiritualidade tá nisso, nesse diálogo, é a partir daí. Quantas travestys me ensinaram tanta coisa pra lidar com a vida? Pra mim isso é espiritualidade.

O que eu perdi e o que eu ganhei com a travestilidade, seja dentro ou fora do contexto da hormonização? Primeiro é necessário separar duas coisas, pedagogicamente falando. As pessoas tendem muito a associar a experiência trans à experiência dita “transição de gênero”, inclusive tem pessoas trans que pensam

assim, que pra você ser trans você tem que se harmonizar, de alguma forma se enquadrar nisso e não. Quando eu me assumi travesty eu não tinha intenção de me harmonizar, nunca tive, mas eu fui, fogo, eu sou de fogo. Foi uma labareda que se acendeu e vai, vai, vai, quem vier na minha frente vai ser queimado.

Isso foi ótimo pra eu lidar com os pesos que é tudo isso e eu sempre valorizei muito a minha saúde mental, porque esse processo de eu me entender estava muito ligado a isso. Eu me liberei de muitas amarras, não que eu ainda não seja uma pessoa que precisa estar em acompanhamento, que precisa cuidar da minha cabeça, ainda mais hoje que a gente tem Brasil como doença mental. Eu valorizei muito esse espaço, então quando eu me entendi quanto travesty, foi esse espaço que eu fui buscar de entendimento - a minha harmonização foi psicológica, aquelas (risos) -, e também outros espaços. Eu não tava pensando em me harmonizar, mas no primeiro mês eu fui buscar retificar o meu nome. Agora, depois de quatro anos nessa existência trava, esse lugar me fez muito sentido. Eu fui me transformando, transformando, transformando, me permitindo a pensar diferente, me questionar, a testar e hoje isso me faz muito sentido.

O que eu ganhei e perdi com isso são coisas próximas, facetas de uma mesma coisa, mas totalmente diferente. Acho que só de você ser travesty, as interações sociais serão diferentes, começando por como as pessoas vão te olhar na rua. Uma coisa muito, muito nítida, onde eu percebi uma diferença gritante, foi a partir do momento que eu coloquei uma roupa dita “feminina”, porque antes as pessoas na rua me olhavam, mas depois disso as pessoas olham assim pra mim, encarando. Olham pra cara, olham pra genital, olham pra cara, olham pra genital, isso é um exemplo.

Essas interações sociais foram ficando mais difíceis, mas também outras foram vindo, eu fui chegando na minha galera. Com a harmonização é um outro babado, porque é uma coisa que mexe de uma maneira muito intensa consigo, primeiro porque não tem como negar uma relação bioquímica: eu estou bloqueando a minha testosterona e introduzindo estradiol, isso vai gerar algo no corpo. Corpo é uma coisa só, então isso também impacta a mente, porque mente é corpo.

Tem coisas que só não fazem mais sentido pra mim, começando por como eu transo. Uma coisa que eu ganhei com a harmonização, por exemplo, foi

conseguir chorar, porque eu acho que eu sempre tive muito nesse espaço do “preciso ser forte”. Eu lembro que era uma criança muito chorona, até a minha pré-adolescência eu fui muito chorona, e conforme foram vindo esses baques, eu fui criando esse lugar “não vou deitar!”, mas isso é muito perigoso.

Na hormonização, enquanto a testosterona tá muito ligada à questão do bem estar, dessa sensação de imponência, uma libido mais alta, o estradiol - não que ele não esteja ligado com tudo isso -, mas ele também vai agir em outras coisas. Hoje eu sou uma pessoa que eu me permito chorar, se eu tô triste eu vou chorar, eu preciso chorar, isso foi uma coisa que eu ganhei. Eu também ganhei peitos, tô ganhando peitos (risos), mas tudo ainda é muito novo pra mim, seis meses não é nada, tem muita água pra rolar.

Eu acho que eu perdi ilusões e ganhei incertezas, que é a melhor coisa que a gente pode ganhar, porque a gente vai com muita certeza, certeza do que é o outro, certeza do que vai ser, eu sou isso e ponto. Não! Ilusões e certezas: muitas ilusões caíram por terra, muitas. Inclusive nessa relação com a hormonização, porque eu tinha muito esse discurso que, pro meu corpo, quanto mais longe ele estiver desse espaço medicalizado melhor, desse lugar de uma quase fetichização da medicina. Mas a gente vê que o buraco é muito mais embaixo e entender que a gente tá em sociedade.

Eu olho na rua, eu vejo peitos, eu acho bonito e eu quero ter em mim, ponto. É um pouco mais simples do que “Vou estar contribuindo com a indústria farmacêutica...”, até aí eu também tô porque eu tomo remédio pra depressão, eu vou deixar de tomar remédios pra depressão? Até aí quem tem um compasso no coração também tá contribuindo com a indústria farmacêutica, e a pessoa não vai ter um compasso no coração? Não querendo medicalizar, tornar essa experiência médica, que ela precisa estar num espaço médico.

Inclusive essa é a nossa luta e o Paul Preciado vai falar muito desse espaço do biopoder, de quanto os nossos corpos são controlados. Pra uma mulher cis colocar silicone é *um dois* se ela tiver grana, mas e pra um boy trans fazer uma mastectomia, por exemplo? Taca-lhe pílula do dia seguinte mulheres cis, mas aí você vai tomar um hormônio que é estradiol de 0,5mg e “Não, porque tá podando seu corpo”, ou mulheres trans que fazem cirurgias na genital “Não, porque tá

mutilando o corpo”. Não faz sentido. Você começa a perceber que o buraco é muito mais embaixo.

Eu tô ganhando muita coisa, eu tô ganhando uma nova visão pra tudo: a relação com o meu corpo, são outras zonas erógenas, é uma outra forma de se portar e não no sentido de tomou hormônio você fica mais feminina, porque eu não acredito nisso de hormonização feminina ou masculina, é um hormônio, inclusive todo mundo tem os dois hormônios. Você opta, de repente eu poderia ser uma travesty que eu quisesse ter mais barba e eu ia tomar testosterona, deve ter um caso no mundo assim.

4. Rafael Quaresma

O meu nome é Rafael Quaresma, eu tenho 23 anos e sou de Belém. Eu queria contar sobre essa vivência que todo LGBT tem, da vivência de se descobrir, de sair do armário e de como isso resume grande parte da minha vida. Acho que eu não sou isso, mas isso é grande parte de mim e da minha história. Ainda mais contigo na questão de eu ter esse contato através da questão de sair do armário, dos vídeos que você participou e tudo mais.

Como eu falei eu sou de Belém, eu nasci e cresci aqui, mas a minha família toda é do interior do Maranhão, interior bem distante que se chama Estandarte.

Minha mãe era de uma família bem extensa e tinha várias irmãs. Era uma situação de pobreza muito grande, então ela veio para Belém em busca dessa vida melhor e isso também faz muito parte da identidade da minha família. A gente sempre vai para o Maranhão, é sempre um interiorzinho pequeno, sempre aquela coisa familiar.

A minha mãe veio pra cá muito pequena e construiu a vida dela aqui. Uma época da minha vida ela conheceu meu pai, eles se conheceram, se casaram. A minha mãe tentou por muito tempo engravidar. Hoje eu sou filho único, mas por muito tempo durante o casamento ela tentou a gravidez, só que ela tinha alguns problemas de saúde. Realmente eu fui muito batalhado até ela conseguir engravidar naquela época e isso num momento da minha vida me trouxe um certo tipo de pressão. Aquela coisa daquela coisa do filho único, do filho muito esperado, e de repente ele é gay.

Eu desde criança já me via com alguma coisa diferente. Aquela coisa de na brincadeira, no trejeito perceber que tinha algo diferente. Eu não vou dizer que naquele momento da minha infância eu já me descobria gay, acho que nenhuma criança tem noção disso, mas de notar uma coisa diferente...os meninos me tratavam diferente. Eu tenho memórias poucas de brincadeira com eles, de ser chamado de byxa, de viado, aquela coisa desde a infância.

A gente acaba não sabendo o que é byxa, o que é ser viado, mas já nasce com aquela coisa de ser ruim, porque eu era excluído, os meninos não me chamavam, eu recebia bullying por ser isso e eu nem sabia o que era aquilo. Então a gente já cresce com a mentalidade de eu nem sei o que é ser viado, eu nem sei o que é ser byxa, mas eu sei que é algo ruim pros outros. E é ruim justamente nessa fase da infância porque a gente começa a crescer, começa a se identificar e a gente já nasce com uma coisa ruim, de ser aquilo, de ser gay, de ser byxa, de ser viado.

Eu lembro que eu só fui ter essa consciência um pouco mais tarde quando eu fui crescendo e já tava no ensino médio, já tava saindo do fundamental um pouco mais adolescente. Eu lembro que desde a infância eu já mostrava alguns trejeitos, já dava um grito fino, já tinha os trejeitos de mão. Eu tenho muito essa memória de acordar cedo aqui em casa e pegar o salto alto da mamãe, andar pela casa. Eu lembro que ela ria, brincava, mas eu acho que foram sinais do que eu já era. Foi nessa parte da infância que eu sempre tinha essa visão de que eu era um pouco diferente, que eu tinha algo que eu não me identificava com os meninos, de que eu não me encaixava naquele padrão de menino jogar bola e tudo mais.

Eu estudava numa escola bem ao lado da minha casa, uma escola municipal. Eu lembro que lá pela minha primeira série, como eu tinha um bom aproveitamento na escola, eu tinha um desenvolvimento legal, me passaram da primeira para a segunda série no meio do ano. Quando eu passei, os meninos que estavam na primeira série que eu nem era tão chegado, começaram a bolinar muito comigo. Eu tenho essa memória muito grande de eu passando no meio do ano e depois do segundo semestre eles começaram muito forte. Eu lembro que eu sentava numa roda na escola e eles passavam, xingavam, brincavam e eu não podia ficar sozinho porque eles vinham me intimidar. Então foi lá pela primeira série, pela segunda série e eu lembro que isso me afetou o resto do tempo que eu fiquei na escola e quando eu me mudei também. Foi por essa idade, eu lembro que eu tinha de uns 7 a 9 anos por aí nesses primeiros acontecimentos. Esse tempo da escola ficou bem marcado pra mim, essa questão da perseguição, do bullying, de eu não saber o que era, de não saber exatamente porque eu era rechaçado, porque eu era excluído, porque eles brincavam comigo dessa forma. Só com o tempo que eu fui

identificando o que era aquilo que eles me chamavam, o que era ser gay, o que era ser byxa, o que era ser viado.

Lá pela sexta série, final do fundamental, eu mudei pra uma escola mais distante da minha. Eu lembro que nessa época eu já começava a saber o que era ser gay e eu já me trancava nos trejeitos, já me controlava bastante, já me reprimia nesse aspecto de não demonstrar para os outros. Quanto menos eles soubessem, melhor era pra mim - eu já tinha essa mentalidade.

Eu lembro que nessa primeira fase que era numa escola do lado da minha casa, todo mundo era do bairro, os meninos eram da rua daqui debaixo, perto da minha casa, então por eu ter essa exclusão mesmo na escola, eu nunca tive contato, eu nunca tive amizade aqui na rua por conta disso. Eram todos os meninos que jogavam bola na rua e quando eu chegava era aquela coisa de me olhar estranho, de me chamar de byxa, de viado, então eu nunca participei.

Como eu moro num prédio aqui, a minha mãe não me deixava sair tanto. Então as minhas brincadeiras de criança eram todas aqui no prédio e todas com meninas, eu era o único menino do prédio que brincava de queimada, pega-pega com elas, então a minha vida toda foi brincando com meninas. Então desde essa fase da infância a minha amizade era só com meninas, eu nunca tinha um referencial masculino. Aqui em casa na infância a minha mãe me criou muito sozinho também. Na época, como o meu pai era vendedor, ele precisava viajar por semanas, por dias, então eu tive uma infância um pouco ausente da figura paterna também. Era muito a minha mãe, muito eu com ela e sem a presença marcante do meu pai aqui em casa.

Quando eu fui crescendo, eu fui vendo essa figura, foi se personificando o que era aquilo que me xingavam de byxa, o que era aquilo que me xingavam de gay, e quando eu fui percebendo eu lembro que eu fui me controlando no jeito que eu me comportava, da forma que eu falava, da voz como eu entonava, então eu sempre fui muito contido dessa forma.

Eu tenho uma irmã que na verdade é minha prima, ela cresceu junto comigo. Quando ela nasceu, minha mãe trouxe ela pra criar, então a gente é irmão de criação, eu considero ela a minha irmã. Ela sempre foi aquela imagem da menina popular da escola, que todo mundo ria e eu era o irmão dela que era muito nerd,

muito muito introspectivo. Eu lembro que ela tinha muita amizade aqui na rua, o que era o contrário de mim. Todo mundo conhecia ela, todo mundo gostava dela e eu lembro que ela tinha um amigo que era muito byxa, que era o Denis. Hoje a gente tem contato, hoje eu converso com ele, mas eu lembro que na época ele era aquela byxa que tava ali pra feira de salto, aquele cabelo repartido no meio que ele já tinha. Ela ficava aqui na frente do prédio com ele e eu queria tanto ir pra lá pra conversar, mas eu lembro que eu pensava isso: “se me virem com ele vão achar que eu sou mais byxa ainda.” Eu só via daqui de cima, só via ela conversando com ele, mas eu nunca fiz amizade com ele por conta disso. Não só com ele, mas com todos os outros. Na escola geralmente quem era chamado de byxa eu já tentava não me aproximar, não ficar amigo, justamente pra talvez eu não virar o alvo depois.

Eu vejo como isso foi ruim pra mim durante muito tempo, até de me afastar de quem eu era, de não me reconhecer e de não me identificar como gay, como viado, como byxa. Eu lembro como foi ruim e como é ruim às vezes até hoje não ter esse referencial. Até mesmo que fosse uma amizade naquela época, eu sei que isso me faria bem, de me identificar, de saber quem eu era e de me aceitar, mas até isso eu me negava por conta de tudo o que eu passava.

A minha família sempre foi muito católica, muito católica...minha avó, minha mãe e eu acabei seguindo um pouco o caminho. A minha avó me levava pra missa, a minha mãe sempre me levava para a catequese e eu fui meio que entrando nesse caminho também. Acho que lá por volta de 2011 ou 2012 eu já tava bem fervoroso dentro da igreja católica, já tava entrando em grupo, em pastoral. Foram quase cinco anos da minha vida e foi um ambiente que eu vivi muito, eu participei muito da vida na igreja, então eu realmente era uma pessoa muito fervorosa.

Na minha paróquia, eu participava de um movimento que se chama Renovação Carismática Católica (RCC). Era um ambiente realmente muito fervoroso da igreja católica que eu vejo hoje em dia. Eu vivia realmente e eu tenho uma certa vivência carismática. Eles viviam com carismas, o que é muito vivido em igrejas evangélicas, a questão de oração em língua, interpretação, lá tinha tudo isso. Eu lembro que foi uma vivência bem intensa na época pra mim, tanto de me entregar, quanto de ir pra igreja e de viver momentos bons. É uma época que eu não excluiria da minha vida, porque eu realmente tive momentos muito bons, fui feliz durante um

bom tempo lá vivendo as coisas, mas eu lembro que sempre me empacava o fato de eu ser gay.

Nessa época eu já sabia que eu era gay, eu já sabia que eu gostava de homem, eu já sabia que eu me atraía por homens e eu sabia que aquilo era errado pra onde eu tava, pra onde eu tava vivendo, pra igreja, e eu lembro que sempre foi uma questão muito grande pra mim, de sofrimento mesmo.

Eu lembro que uma época, quando eu tava entrando num grupo, teve uma vigília de oração, que era a noite toda orando. Eu lembro que no momento que eles praticavam os dons de oração em línguas, da interpretação, da visão de Deus, eu lembro que eu já tava adolescente, com uns 15 ou 16 anos, e eu rezava perguntando pra Deus por que eu não sentia aquilo, porque eu não conseguia orar em língua. Eu me questionava se era porque eu era gay, se era porque eu gostava de outros homens e isso foi uma questão durante muito tempo nesse início, porque eu tava começando a entrar na igreja, eu sabia o que eu era, mas eu não tinha certeza daquilo e aquilo sempre foi um embate muito grande.

Hoje eu já não faço mais parte da Igreja, eu saí, mas ainda assim eu tenho a minha fé em certas coisas, eu não deixei de acreditar, mas eu sei os limites do que é a fé pra pessoas como eu. Naquela noite eu tive um contato muito forte com Deus. Uma moça do grupo que eu participava, no final da vigília falou que Deus falava com uma pessoa, que era um filho muito amado, que não era pra fazer questionamentos, que ele me aceitava do jeito que eu era. Eu lembro que aquilo me marcou muito porque realmente deu fim àquele meu início de preocupação e de aflição por conta de eu ser gay, de ser gay dentro da igreja e ser um gay meio cristão. Mas foi por pouco tempo, porque a igreja é um campo muito minado pra quem é LGBT. Eu tive um alívio somente por umas semanas, por uns meses.

Tinha acampamentos de jovens com momentos que falavam que era de cura e de libertação, e eu lembro muito forte de um primeiro acampamento que eu fui, que era um momento desses que as pessoas se ajoelhavam e uma pessoa que tava dirigindo pedia pra fazer a oração, pra Deus orar e libertar. Eu lembro que era uma fila gigante de coisas erradas que a pessoa falava demais: falava da depressão e logo no final da oração falava “me livra do homossexualismo”. Eu pensava “Meu Deus, eu tenho que me livrar disso?”. Eu lembro de me questionar isso, foi quando

eu tava começando, porque eu já tava fazendo um ano. Eu vi aquilo e pensei “Caramba!”. O homossexualismo tava ali do lado da depressão, do suicídio e das coisas que eram ruins. Eu pensava “Caramba, será que eu tô assim? Será que é tão ruim que eu tenho que me livrar?”.

Aquilo foi o início de mais um questionamento, de mais aflição, de luta comigo mesmo, de ser quem eu era. Eu gostava de estar ali, mas eu sabia que em parte eu não era muito bem vindo totalmente ali. Isso era uma coisa que me martirizava em diversos aspectos, mas eu sempre tive vontade de estar ali na igreja. Nessa época eu já disfarçava bem os trejeitos, já sabia como e onde andar, já sabia o que ia falar, eu fazia de tudo pra não tá daquele jeito ali. Na igreja eu encontrei uma forma de reprimir e de esconder quem eu sou. Eu tentava me entregando dentro da igreja. Não somente na igreja, mas em tudo, acho que principalmente quando eu fui bulinado na infância na escola, que os meninos me excluía, não me chamavam pra brincadeira.

Eu sempre fui um aluno muito esforçado em tudo, tanto nos estudos quanto naquilo que eu me aplicava, então de certa forma eu meio que tentei suprimir essa parte de mim me jogando de cabeça em tudo o que eu fazia: em relacionamento e muito mais na igreja. O tempo que eu estive na igreja foi um tempo que eu me doei muito pra vida da igreja, pras minhas orações, pra minha espiritualidade, então eu realmente vivi, não era uma coisa supérflua, eu realmente vivi. Foi um momento de muita intimidade com o divino, o que eu vejo que é um traço que foi da minha personalidade desde a infância, de me entregar a essas coisas mesmo e sempre buscar refúgio em outras coisas também. Eu vejo que dentro da igreja foi só mais uma forma de me doar.

Desde criança eu também sempre gostei muito de ler e eu lembro que eu comecei a ler justamente nessa época da escola. Eu sempre gostei muito de livros de fantasia, de ficção...eu lia muito, muito. Eu lembro que tinha a Feira do Livro aqui em Belém e a minha mãe me levava e eu voltava cheio de livros e eu devorava em semanas, em dias. Isso foi uma coisa que eu fui perdendo com o tempo. Às vezes eu até me questiono por conta disso, porque realmente foi uma coisa que eu gostava muito, mas que com o tempo não era mais aquela afinidade. Acho que os

afazeres vieram também, as obrigações mudaram, a rotina mudou e eu acabei deixando esse hábito.

Eu era muito afincado tanto nos livros quanto na arte também. Eu sempre desenhei desde criança, mas com o tempo que eu fui me descobrindo como gay, que eu fui me entendendo, o meu lugar e a aflição de eu não ser o que eu era realmente, eu lembro que eu me joguei muito nas artes. Foi uma época que a partir da adolescência eu comecei a me entender, que eu comecei a ter mais aflições, mais questionamentos. Foi ao mesmo tempo que eu comecei a desenhar mais, eu comecei a experimentar os materiais e isso foi sempre uma coisa muito certa. Eu realmente me refugiava nos desenhos, ficava sozinho desenhando, pintando. Foi uma maneira que eu encontrei de me encontrar também, de eu me encontrar comigo mesmo através da arte.

Até mesmo na igreja eu praticava isso. Eu fazia uns desenhos pra igreja e com o tempo eu fui evoluindo, fui testando e eu lembro que sempre foi um questionamento para mim essa questão de ser gay, eu sempre pesquisava sobre isso. A igreja católica tem lá os ensinamentos bonitinhos pra quem é gay, pra quem é LGBT, mas na prática é outra coisa. Eu lembro que eu encontrei no catecismo da igreja católica um trecho que fala sobre pessoas LGBT, que a igreja deveria acolher, que deveria partilhar da vida comunitária, mas que saberia também dos seus papéis, ou seja, deveriam viver em continência, não praticar o que eles fazem. Foi um ambiente muito violento pra mim em várias ocasiões. Eu lembro que sempre tinha uma brincadeirinha de mau gosto envolvendo gay, envolvendo viado, sempre tinha uma tiração.

Eu nunca esqueço de uma vez que, aqui em Belém a gente tem o Círio de Nazaré - acho que é a maior festa religiosa do Brasil -, então realmente é muita gente e acontece no segundo domingo de outubro e, no sábado anterior do Círio, sempre tem um evento que se chama transladação, que a imagem de Nossa Senhora de Nazaré sai da basílica, que é uma igreja daqui de Belém, e vai pra outra que é a igreja da Sé. É um evento de jovens: como é a noite pra preparar pro Círio no outro dia, é só jovem que tem, é muito jovem que passa no vestibular e que vai pagar promessa.

Nesse mesmo dia acontece a Festa da Chiquita aqui em Belém. A festa da Chiquita é um dos maiores atos culturais LGBT, onde geralmente as drags se montam, montam o palco e elas se preparam pra passagem da santa. A Santa passa por uma berlinda, numa principal via da cidade e tá todo o público de drag, se montando, se apresentando, então é realmente um encontro do profano com o sagrado nesse dia. Quando passa a berlinda - é um ponto onde fica uma praça, onde fica a Chiquita, e do lado da praça passa a berlinda - sempre tem uma drag passando pelo meio da procissão, montada e eu nunca esqueço uma vez que eu tava com os amigos da igreja na época e passou uma drag montada de nossa senhora, toda preparada, e um menino que era muito próximo meu, - a gente não é mais por questões políticas, por questões de vivência -, eu lembro que ele viu aquilo e que ele queria dar porrada na drag, por que tava profanando a imagem de nossa senhora, porque não sei o que, e começou todo mundo a acalmar.

Aquilo nunca saiu da minha cabeça, porque era uma pessoa que eu gostava, não sabia que eu era gay e aquilo me impactou, porque quando eu vi que ele via uma pessoa que era como eu, era como se eu tivesse ali. Ele teve aquela atitude tão violenta, sabe? Aquilo me marcou demais. Quando eu saí, eu saí também com essa visão dele, sabe? Aquilo também marcou muito o tempo da igreja que falava para acolher e eu tentava me sentir acolhido, eu queria ser acolhido naquela época. E de repente eu vi todas aquelas coisas que aconteciam e com o tempo eu fui me entregando à vida da Igreja, eu era uma pessoa muito correta naquilo que eu me propunha a viver, a questão da santidade na igreja, da juventude entre cristãos, eu sempre me propunha muito a viver então realmente o meu tempo na igreja foi muito sincero, aquilo que eu vivi eu realmente vivi com muita verdade.

Era uma questão que quanto mais iam passando os anos, mais eu ia me atormentando e menos eu tinha respostas: ao mesmo tempo eu me sentia dentro mas eu também me sentia fora. Teve uma época que eu realmente vivi uma espiritualidade muito boa, vivi momentos de espiritualidade fortes. Eu pensei que em começar na vida sacerdotal e hoje eu vejo que realmente era como uma fuga na verdade, pra eu estar na igreja sem me preocupar com o fato de eu ser gay, com o fato de eu nunca apresentar uma namorada, com o fato de eu não ir para encontros

de casais etc., porque realmente eu não sentia atração, eu não conseguia fingir, eu não conseguia fazer uma coisa de fachada.

Eu lembro que no ensino médio, lá pelo segundo ano, teve uma menina que ficou muito afim de mim. Era uma escola mais afastada de casa e também era uma escola pública. Eu lembro que tinha violão na escola e eu já tocava na igreja, então era eu com algumas amigas que eram evangélicas e a gente ficava tocando uns hinos e outras coisas também. Eu lembro que tinha uma menina que ficou muito afim de mim, não sei se era por tocar violão ou qualquer outra coisa, mas eu lembro que ela me pediu em namoro assim do nada, e eu lembro que eu fiquei temeroso porque realmente eu não conseguia fingir um sentimento, fingir uma relação, mas eu queria usar pra me esconder, pra dispersar as dúvidas e camuflar. Eu lembro que eu aceitei, a gente se viu dois dias, mas realmente eu não consegui, eu não conseguia passar daí. Eu lembro que terminei e ela continuou me procurando na época, mas eu realmente não consegui.

Aquela foi a única experiência de realmente tentar me relacionar com garotas, que é uma coisa que nunca passou por mim e eu nunca tive atração. Depois continua sempre assim: me questionando muito, de precisar e tentar ser uma coisa só pra enganar, só pras pessoas não desconfiarem, e na época que eu tava na igreja, o sacerdócio foi meio que uma resposta pra eu querer me esconder de tudo isso.

Eu comecei a ir nos encontros e tinha uma pessoa muito querida, que hoje já faleceu com câncer, mas que na época ela tava formando uma comunidade religiosa aqui em Belém. Eu lembro que eu quis me aconselhar com ela pra saber daquela minha inquietação de querer ser sacerdote e ela acabou me encaminhando pro padre dela. Hoje eu agradeço muito porque o padre sempre me desencorajou a ser padre na verdade.

Na primeira conversa que eu tive com ele eu falei que eu era gay, que era uma questão, contei da minha vontade de ser padre, de ser sacerdote, e ele sempre me aconselhando, sempre me falando pra eu não tapar os meus olhos pra outros caminhos, pra eu não fechar o meu olhar como se fosse uma viseira e sempre pra eu ver outras possibilidades também. Eu queria ir pro seminário, queria muito largar tudo, eu tava acabando e sentindo que nem tava terminando o ensino médio. Aquilo

era uma inquietação muito grande. Hoje eu vejo que realmente era uma forma de estar ali na igreja, e como tem a questão do celibato, de não se envolver sexualmente nem com homens, nem com mulheres, eu via naquilo uma saída talvez pra essa aflição de eu querer estar lá e de me sentir de certa forma bem vindo.

Hoje eu vejo que realmente era como uma escapatória, porque na época eu tava naquela aflição de querer e de querer ser. Hoje eu fico pensando se eu isso tivesse sido, talvez seria o maior erro da minha vida, não só pra mim, mas também até para a igreja.

Esse padre sempre me aconselhava a não ir e foi na época em que eu tava terminando o ensino médio e eu já tava partindo pra fazer vestibular, pra prestar ENEM, pra entrar numa faculdade, e eu lembro que eu não queria. Eu não queria terminar o ensino médio, eu não queria estudar, eu não queria fazer vestibular porque eu queria ser padre. Já tava na minha cabeça que eu ia ser padre.

Eu comentei com a minha mãe quando eu comecei a me aconselhar e ela era muito religiosa também. Naquela época ela começou a criar uma certa expectativa na questão religiosa e a minha mãe sempre foi muito próxima da igreja comigo. Quando eu comecei a ir pra igreja eu ia por mim mesmo, com minha avó, com uma tia minha. Minha mãe tava mais distante. Eu lembro que quando eu comecei a ir, ela começou a ir também, a ficar mais fervorosa junto comigo, então aquela vivência da igreja católica, de grupo de oração, ela viveu comigo. Tudo o que eu passava ela via, ela tava junto comigo. Quando eu fui saindo da igreja foi um choque, foi um baque muito grande pra ela porque enfim, muito católica, muito cristã, o filho saindo, o filho se desviando como eles dizem, então realmente foi um processo um pouco mais difícil pra ela.

Quando eu queria ser padre, o meu padre sempre me falava que não era pra eu fechar as minhas possibilidades, que não era pra eu me fechar pra outras coisas. Foi na época que eu tentei ENEM, eu não consegui passar de primeira, mas eu lembro que em 2015 no meio do ano teve um processo de bolsa pro ProUni, eu me inscrevi e acabei passando pra arquitetura na época. Eu lembro que quando eu passei eu nem comemorei, sabe? Eu só vi o e-mail e fiquei assim “Caramba! Eu passei. Legal.” E a mamãe toda feliz querendo comemorar, porque aqui em Belém é uma grande festa quando alguém passa no vestibular, ainda mais quem nunca tem

essa possibilidade de fazer uma faculdade, que vem de família pobre e pequena, é uma felicidade muito grande quando alguém passa. A gente faz festa, a gente quebra ovo na cabeça, joga trigo, raspa o cabelo, pega o carro da família e sai na rua com ele, é uma festa muito grande.

Eu lembro que quando eu passei eu não fiz nada disso, sabe? Eu fui muito apático porque eu não queria fazer isso, eu não queria prestar vestibular, nem queria fazer faculdade, eu queria ser padre, porque eu tava naquela mentalidade ainda. Quando eu passei eu também falei pro padre que eu me aconselhava e ele fez meio que um acordo: que eu continuaria me aconselhando, mas eu teria que fazer a faculdade. Então eu comecei a fazer a faculdade porque eu tinha feito esse acordo com ele. Eu não queria fazer, mas eu fui fazendo. E é na faculdade na verdade que eu saio daquela bolha que eu vivi por muito tempo dentro da Igreja. A minha vida toda, a minha infância e a minha adolescência foi só naquela bolha.

Eu sempre tive um medo pelo meu curso ser muito elitizado. Eu vim de família de classe média/classe média baixa, então eu também tinha medo daquele ambiente que ainda é muito elitizado hoje em dia. Eu fui com vários medos pra faculdade porque na igreja eles criam essa mentalidade que a faculdade vai te desviar, de que você tem que se relacionar somente com as suas amigas da igreja. No fim eu vejo que esse desvio que eles falam é muito sair da bolha e foi isso o que aconteceu comigo naquela época, porque eu passei a minha pré-adolescência e a minha adolescência na igreja, só com amigas daquele ambiente, então eu realmente não tive amigas que eles fariam que é do mundo secular.

Eu comecei a ter contato com pessoas que não viviam as mesmas coisas que eu, que tinham outras visões e que eram LGBT abertamente. Aquilo foi na verdade um grande impacto pra mim, um impacto no fato de eu me sentir seguro para ser quem eu era. Eu vim me assumir pros meus amigos da faculdade no segundo ano do curso só, então quando eu entrei no curso eu ainda era muito religioso, eu andava com crucifixo no pescoço, eu andava com uma bíblia na mochila. Eu lembro que tinha um grupo de oração da universidade que eu ia, às vezes eu tocava, então nesse ano eu ainda tinha esse contato da igreja dentro da faculdade, mas com o tempo que eu fui convivendo com outras realidades, eu fui vivendo outras vivências, eu fui tendo contato com pautas que na igreja eram meio

que proibidas. Meio que a minha mente foi se abrindo pra outras coisas: eu fui realmente me abrindo pra outras possibilidades, pra eu ser quem eu era na verdade, fui me sentindo cada vez mais seguro pra isso.

A faculdade também me demandava mais tempo, aquela coisa de fazer trabalho, estudar, eu lembro que eu já não ia mais tanto pra igreja, foi o tempo que eu fui saindo aos poucos, fui deixando de ir nessa reunião, de ir nesse encontro. Foi o tempo que eu fui realmente me encontrando comigo, de ser quem eu era e de entender quem eu era. Foi o tempo que eu fui acordando pras coisas que eu vivia na igreja, pros abusos, pras violências, porque na época eu lembro que eu ouvia e vivia muita coisa que era ruim pra mim, mas que na época eu tava tão acostumado àquela coisa, aquele linguajar, àquelas brincadeiras, que já passava batido sabe? Eu já nem me importava porque eu me negava tanto que eu falava “Eu sou gay, mas como eu não fico com nenhum garoto eu tô cumprindo o meu papel aqui dentro e é isso o que importa”.

Esse tempo todo que eu vivi na igreja também me trouxe não só essa violência de escutar essas ofensas, essas brincadeiras, mas também me trouxe a questão de eu nunca me relacionar com alguém. O primeiro beijo que eu dei num menino foi quase com 18 anos. O meu primeiro sexo foi quase com 20, então esse tempo que eu tava lá eu sempre me reprimia muito. A afetividade e a sexualidade dos LGBTs também é um tabu muito grande no meio da Igreja, principalmente no meio dos jovens. Eu lembro de uma época que qualquer pensamento sexual que eu tinha relacionado a algum homem, eu me reprimia, eu vigiava, se eu tivesse algum pensamento eu parava e rezava um pai nosso ou uma ave maria pra não ter mais aquele pensamento, então eu passei grande parte reprimindo até os pensamentos que eu tinha, porque era pecado, porque era errado, porque eu não podia ter.

Por isso, afetivamente eu fui muito tardio. Eu fui dar um beijo num menino muito tempo depois, eu nem sabia beijar direito com quase 18 anos, e essas experiências atrasadas, negadas, que eu mesmo me negava, que os outros me negavam, realmente me causaram esse atraso afetivo que me deixavam alheio de outras pessoas que já viviam a sexualidade.

Quando eu entrei na faculdade eu fiquei meio escandalizado. Não só escandalizado, mas era uma coisa nova e eu gostava daquele papo, gostava das

conversas, porque era uma coisa que eu nunca tive, que eu nunca tinha experimentado, que eu nunca tinha vivido, e era bom ver outras vivências e que o ambiente que eu vivia não me violentava por isso. O fato de um menino falar que se relacionou com outro menino, em outros anos atrás seria um choque, seria uma coisa que alguém me falaria “Rafael , você não pode falar isso, você não pode ouvir isso, você não pode fazer isso porque é pecado, porque isso, porque aquilo etc.”. E aquilo foi realmente uma abertura muito grande pra mim, mas as minhas experiências sexuais e afetivas vieram muito tardias por conta disso e eu reprimi por muito tempo.

Eu vejo que isso me traz sequelas até hoje na forma de me relacionar, na forma de sentir afetivamente, sentir sexualmente. Eu vejo que às vezes esse tempo me trouxe algumas sequelas e alguns traços de personalidade, a forma como eu gosto de me relacionar e que me afetam hoje em dia por conta desse tempo todo que eu vivi reprimindo eu mesmo: os outros me reprimiam e eu mesmo me reprimia. O tempo da faculdade foi esse tempo de descoberta, de encontro comigo e de ver o meu passado de uma forma que devia ser visto, uma vez que me foram negadas muitas coisas, então realmente foi um tempo de descoberta muito bom pra mim.

Lá pro final de 2017 eu já tinha me assumido pra uma amiga minha que era muito próxima, que foi a Mariana. A gente fazia muito trabalho da faculdade junto, ela acabou não finalizando o curso, mas a gente mantém um contato muito próximo e foi a primeira vez que eu verbalizei “eu sou gay!”, e parece que a primeira vez que a gente verbaliza, que a gente solta, é uma coisa libertadora mas ao mesmo tempo é apavorante, porque parece que a gente toma pra si realmente o que a gente é, porque a gente tá naquele processo de se ver, de ser ver como gay, de ser ver como byxa, de se ver como viado e a gente começa a tomar posse pra gente, de “Eu sou isso, eu não vou ter vergonha”.

Eu já queria contar pra ela, mas era aquela coisa de “Será que eu conto? Como é que ela vai reagir? Será que ela vai rir?”, eu sempre ficava nessa angústia. Eu lembro que a gente tava numa conversa bem íntima sobre a vida dela e eu decidi contar pra ela. A primeira reação dela foi me abraçar e dizer que ela já desconfiava, que ela já sabia e eu lembro que foi um dia muito bom pra mim. Eu lembro desse dia com muito carinho, que eu verbalizei “Eu sou gay, eu sou isso”.

Acredito que isso foi com 18 ou 19 anos, foi por aí. Esse foi o primeiro passo pra eu me assumir abertamente pra outros, pra viver sem esse medo de ser gay, de ser LGBT. Aquela primeira experiência foi muito marcante pra mim também e eu lembro que foi na mesma época que eu tive o meu primeiro beijo com um menino. Eu lembro que nós dois éramos da igreja, nós éramos bem próximos. Eu já desconfiava que ele era e acho que ele já sabia que eu era também por ser mais experiente. Mas até mesmo nos meus relacionamentos com outros meninos dentro da igreja, quando eu percebia que eles também eram, eu sempre era muito respeitoso, eu nunca tentei nada, mas era sempre uma amizade muito cúmplice, acho que era meio um amor platônico que eu tinha por cada um. Lembro que por esse menino era a mesma coisa e acabou que a gente tava junto e meio que rolou.

Foi nessa mesma época que eu me assumi. Acho que esse primeiro beijo foi um impulso pra querer sair do armário, pra eu querer me assumir pros outros. Isso foi lá pro final de 2017, pela metade. E quando acaba o ano - e foi um dos maiores anos 2017/2018 -, quando começa o ano de 2018 eu lembro que eu me propus “Esse ano eu vou me assumir. Não sei quando, não sei em que momento, mas eu vou assumir pra minha família, eu vou me assumir pra todo mundo”.

Em 2018 a gente já tava mais ou menos na metade do curso, eu já não tava mais indo pra igreja, eu já não tinha mais contato com ninguém ou esporadicamente com um ou outro. Hoje tenho amizades que permaneceram, que também saíram, que não concordam ou que continuam lá mas me entendem, não tem nenhum problema, mas realmente eu já não me sentia bem vindo naquele local, eu já não sentia mais aquela paz que eu tinha quando era adolescentezinho, quando eu comecei a ir e eu já começava a identificar muitas coisas ruins que eu vivia.

As coisas que passavam batido por mim antigamente eu comecei a ver como eram ruins, como me afetavam e como faziam eu me sujeitar a situações que eu não devia estar. Aquele ambiente cristão, aquele ambiente católico não me fazia bem. Eu comecei a perceber isso também com essa troca de vivência. Eu vivendo com outras pessoas, me enxergando como um homem gay, eu comecei a enxergar essas coisas. Então eu já não me sentia mais muito bem vindo lá. Foi o tempo que eu fui saindo. 2018 eu já não ia mais, eu saí de tudo.

Em 2018 eu lembro que eu falei “eu vou me assumir esse ano”. E lá por maio de 2018, uma madrinha com um padrinho meu iam pra São Paulo, ele ia visitar a família dele e convidaram a minha mãe, só que ela não podia por conta do trabalho e falou pra eu ir. Eu lembro que eu estudava, juntei um dinheirinho pra ir pra São Paulo e fui. Quando eu tava me preparando eu falei “Eu vou pra São Paulo, eu vou esfriar a cabeça e vou conhecer a cidade que eu sempre quis conhecer”, porque São Paulo é o paraíso pra quem é arquiteto e pra quem é urbanista, então eu sempre gostei e quis visitar, então eu pensei “vou aproveitar pra fazer uma coisa que eu gosto, pra ter um tempo comigo mesmo, pra botar tudo no lugar e quando eu voltar eu vou me assumir pra minha mãe.” Eu já fui pra São Paulo com esse pensamento, só que nessa época de eu me assumir surgiram vários problemas na família, várias questões familiares que por um tempo eu atrasei mais um pouco. Eu voltei da viagem e adiei mais um pouco essa questão de me assumir.

Quando eu cheguei em São Paulo, o filho da minha irmã que tinha acabado de nascer tava com alguns problemas de saúde. Eu lembro que quando eu cheguei em São Paulo, no aeroporto de Guarulhos, eu desci do avião e três minutos depois minha mãe me ligou dizendo que o Miguel, que era o filho da minha irmã e meu sobrinho, tinha falecido. Eu fiquei muito angustiado porque eu tava longe da minha família, ia ficar longe mais duas ou três semanas e eu não tava lá pra apoiar e estar com eles, e esse já foi logo o primeiro baque da viagem. Essa é uma ferida que dói até hoje na família, essa questão da partida de Miguel. Eu fiquei em São Paulo esse tempo de duas semanas, aproveitei bastante, pensei muito sobre como me assumir e comecei a refletir sobre mim mesmo. Realmente foi um tempo de férias que eu tomei pra pensar.

Quando eu cheguei em casa, voltando da viagem, surgiu um outro problema: o papai não tava aqui em casa. Perguntei dele e mamãe falou que eles tavam se separando. Ele aproveitou que eu tava fora, viajando, pra separar da mamãe. Quando cheguei em casa ele não tava mais e foi um tempo de dificuldade aqui em casa. Essa separação foi difícil pra minha mãe, foi difícil pra todo mundo aqui. Foram muitos anos de casados, sempre vivendo juntos, então realmente foi um baque muito grande e ele queria a separação. Daí eu cheguei nesse ambiente de

separação, do meu sobrinho falecido, a família tava naquele luto ainda e eu pensei “Meu Deus, como eu vou me assumir agora? Vou jogar mais uma bomba”.

Tava programado um show aqui em Belém do Johnny Hooker, ele ia fazer um show do ‘tour do coração’, do último álbum dele e eu lembro que foi na mesma época daquela peça que apresentava uma travesti no papel de Jesus, que foi muito censurada na época, teve bastante burburinho. Daí pra protestar, ele disse no show dele “Jesus é byxa sim! Jesus é travesti!” Na época eu ainda vivia no meio da igreja, eu tava nos grupos ainda e aquilo foi um burburinho tão grande que ninguém conhecia Johnny Hooker - eu conhecia porque eu tava começando a escutar, eu gostava das músicas, eu identificava ele como uma byxa, como um homem gay, como um artista gay mesmo - e eu lembro que na época da igreja todo mundo começou a conhecer ele por conta desse evento. Todo mundo xingava ele por conta desse ato, diziam que era profanação da imagem de Jesus etc.

Aqui em casa também chegou essa notícia do Johnny Hooker e eu lembro que a minha mãe começou a publicar coisas no Facebook contra ele e eu tava com ingresso comprado pro show dele, que ia ser em agosto, e eu fiquei “Caramba, como é que vou falar pra mamãe que eu vou pro show dele agora?”, porque isso foi no mesmo tempo que tudo isso aconteceu. Eu nunca esqueço que o show dele foi no dia 24 de agosto, porque no dia 23 eu me assumi pra ela. Eu disse “Eu vou pra esse show!” porque naquela época eu começava a consumir artistas e conteúdos, porque eu queria me entender como byxa, como gay, como viado, então eu comecei a consumir muita coisa: o teu vídeo, eu vi todos os vídeos do canal ‘Guardei no Armário’ do Samuel Gomes, eu vi vários vídeos no YouTube pra ver sobre questões que eu nunca tinha vivido, que eu nunca tinha vivido com amigos, então eu comecei a consumir esse tipo de conteúdo lá.

Eu lembro que quando ele veio pra Belém, foi o primeiro show que eu ia fora da Igreja, minha primeira experiência com amigas, então eu falei “Eu vou nesse show sim!”. As coisas já tavam um pouco mais acalmadas aqui em casa lá pra agosto, então foi aí que eu decidi me assumir pra minha mãe. Eu falei “Eu vou me assumir, porque amanhã é o show do Johnny Hooker e quero ir assumido, quero falar que eu sou gay, sou byxa, viado e pronto!”. Eu chamei ela pro quarto aqui em casa, depois de ter chegado da faculdade bem tarde por conta de um trabalho. Eu já

vim com esse pensamento de “Hoje eu vou me assumir!”. Daí eu cheguei em casa, me arrumei e chamei ela no quarto pra verbalizar mais uma vez aquele “Mãe, eu sou gay!”.

Não sei se foi tu que falou ou outra pessoa, mas eu sempre guardo isso: “Parece que a gente nunca sai do armário só uma vez, parece que a gente vive saindo.” Esse ato de verbalizar “Eu sou gay!” sempre tem aquela coisa de “Como será que a pessoa vai reagir? Será que ela vai me tratar diferente? Será que ela vai me excluir?”. Eu lembro que aquela foi a noite que eu mais tive angústia pela pessoa que eu mais tive preocupação de falar “Eu sou gay!”, porque parece que a gente que é gay sempre tem esse medo de se mostrar em casa, porque a gente acaba tendo medo das pessoas que mais deveriam acolher gente. A gente tem medo de se mostrar e dessas pessoas serem ruins com a gente. Então eu sempre me preocupei se ela iria ter uma reação ruim, se ela iria me expulsar de casa, se ela ia me bater, se ela ia me excluir, se ela ia me tratar diferente, então foi uma questão que me apavorou por isso. Os outros nem tanto, mas aqui em casa eu tinha medo de como ela iria reagir.

Eu lembro que chegou essa noite, eu me assumi e a primeira reação dela foi parar pra absorver aquilo por 2 segundos. Depois ela começou a chorar, saiu do quarto e foi uma noite longa essa, falando de mim, falando o que eu sempre fui, de como eu sempre me vi e ela dizendo que nunca desconfiou, aquela coisa. Acho que ainda influenciada por aquele pensamento de igreja, ela falava que foram os meus amigos que me influenciaram, que era uma fase, que não era coisa minha, que era porque eu tava vivendo demais na faculdade, porque eu tinha saído da igreja. Aqueles pensamentos, e só o pranto, só o choro. Mas eu sempre tive muita calma nessas horas, porque eu sabia que não ia ser uma coisa nova: raramente uma mãe vai soltar fogos pelo filho falar que é viado. Eu já esperava aquela reação, mas me machucou bastante aquela noite. Eu acho que sempre é um marco pra quem se assume ter que lidar com esse tipo de reação, mesmo que seja positiva ou negativa, sempre marca muito.

O meu pai já não estava mais em casa nesse tempo. Eu lembro que eu e a minha mãe paramos de conversar lá pela uma hora da manhã, muito tarde, sendo que a gente começou essa conversa lá pelas oito horas. Foi muito tempo

conversando, muito tempo falando das coisas que eu passei, das coisas que eu sofria, das coisas que eu chorava sozinho porque eu era gay e eu sabia que não podia ser gay, eu sabia que eu não podia transparecer pra ela, pra família e pra igreja. Falei todas as minhas aflições e tudo o que eu vivi pra ela.

Nesse mesmo dia ela chamou meu pai pra vir em casa e ele veio quase duas da manhã aqui. Eu esperava uma reação mais negativa dele, talvez por essa figura masculina, por ser hétero, etc., eu esperava uma reação mais pesada dele, mas foi o contrário. Ele foi mais leve, disse que já desconfiava. Na época ele era taxista aqui em Belém, em frente da Praça da República que tem a festa da Chiquita, - lá antigamente era um ponto muito forte de pessoas LGBT, tanto pra fazer festa, quanto pra ficar com amigos -, então ele convivia com muita gente assim, por isso eu acho que era mais fácil pra ele, porque ele já via e já era do cotidiano dele conviver com pessoas LGBTs, então tudo foi mais tranquilo. Quando ele veio aqui em casa a gente conversou tranquilo, ele disse que já desconfiava, que já sabia, que não fazia nenhuma diferença pra ele, então foi bem tranquilo, mas com a minha mãe foi mais pesado. Hoje a gente tem uma relação muito boa. A gente conversou muito durante muito tempo. Mas foi um passo muito importante pra mim o fato de eu me assumir, de eu me enxergar e dela me aceitar e estar aqui em casa com isso.

Na época foi um baque grande eu me assumir e dela me ver como gay, dela me enxergar como quem eu sou e dela me tratar a partir desse conhecimento, de finalmente saber quem eu era. Foi um processo muito libertador pra mim tudo isso. Esses anos de 2017, 2018, 2019 foram anos de transição, que eu fui saindo da bolha, eu fui tomando conhecimento, eu fui tomando pra si coisas que pra mim antigamente eram ruins, eu fui assumindo que isso é quem eu sou.

Eu lembro que quando eu comecei a me inteirar mais sobre conteúdos que falavam sobre as vivências, sobre as experiências como um homem gay, eu sempre ouvia falar de gay, byxa e viado como um termo mais genérico, e às vezes aquilo me incomodava porque era como um gatilho pras coisas que eu lembrava. Eu lembro que quando eu era criança o momento da educação física era um momento de temor social muito forte, porque menina brincava com menina e menino brincava com menino, então eu sempre tava com quem não gostava de mim ali, eu era obrigado a estar ali. Eu lembro de uma aula de educação física que era uma

avaliação e era pra gente jogar bola com os meninos - eu não sabia jogar bola, eu nunca joguei bola -, e chutaram a bola em mim me chamando de viado e de byxa de uma forma bem chula. Então pra mim esses termos sempre foram meio traumáticos, como um xingamento, esse negócio de gay, byxa, viado. Mas com o tempo e com o passar das coisas, eu via como aquele termo era usado. Eu não me esqueço de ter ouvido que a gente se apropria disso: uma coisa que era ruim a gente pega pra gente a diz “Você não vai mais me ferir por isso. Eu tiro isso de você”.

Aquilo na época foi uma construção muito forte pra mim, ver que as coisas que me feriam antigamente hoje eu tomo posse pra mim, eu não te dou mais esse direito de me ferir por quem eu sou. Naquele momento que eu me assumi eu me aliviei de um fardo muito grande. A partir do momento que eu me assumi eu não dei mais esse poder pros outros, de querer me atingir, de me ofender por ser quem eu sou. Se me chamassem daquilo eu dizia “Sim, eu sou!”, porque eu tenho orgulho disso, então todo esse processo de me enxergar como gay e tudo isso que eu vivi na época foi muito forte. Foi também muito importante consumir todas essas coisas, porque eu nunca tive essas conversas, eu nunca tive esses papos, eu nunca tive essas experiências, então a partir dessas vivências dos outros eu tive essa liberdade de me encontrar, de saber quem eu era e isso foi muito bom.

Se eu primeiro me vi como alguém diferente ou se foram as pessoas que apontaram isso em mim? Acho que foi um pouco dos dois. Eu nunca gostei das práticas dos meninos: de jogar bola, das brincadeiras, do jeito. Eu não sentia afeição por aquilo. Eu só não era e pronto. Mas a partir disso já me classificaram fora desse meio, já me classificaram como diferente. Acredito que foi mais por parte deles, nessa questão de te acusarem e te excluírem da sua vivência. Eu lembro que na época que isso começou, eu já começava a me ver diferente. Eu já começava a ver que eu não tinha as afinidades que eles tinham, eu gostava de brincar de outras coisas, eu gostava de fazer outras coisas que não era comum dos meninos da época. Então eu acho que essa identificação veio só a partir das coisas que eles faziam comigo, das exclusões, das brincadeiras, foi assim que eu me percebi diferente, vendo porque eles me excluía, porque eles faziam isso comigo e acho que a partir daí eu fui notando essas coisas que me faziam diferente, a partir dessas coisas que não estavam nas mesmas afinidades que as deles.

Na infância não era difícil me relacionar. Eu sempre fui um pouco mais contido e introspectivo, muitas vezes pelo bullying que eu passava, então eu era mais retraído com os meninos. Na minha infância eu tenho poucas memórias de tá brincando com meninos. Eu lembro que eu tinha muitas amigas, muitas amigas meninas que até hoje eu lembro de várias delas. Eu me sentia muito mais confortável pra me abrir, pra brincar, pra conversar com elas. Eu sempre tinha um receio de me relacionar com meninos, mas eu lembro que na infância era muito prático pra mim: eu tava na escola, tinha uma brincadeira, eu entrava e a gente ia convivendo. Até esse momento de eu perceber essas coisas (as diferenças) eu lembro que era muito tranquilo. Quando eu comecei no Jardim II, onde eu tive a minha alfabetização, eu estudei aqui do lado de casa, então eu tenho muita memória dos corredores, eu brincando com eles (os meninos), e às vezes eu nem conhecia, mas começava uma brincadeira e eu entrava, era tranquilo.

Mas eu lembro que isso foi mudando com o tempo. Eu fui me tornando mais introspectivo, ficando mais fechado e isso foi evoluindo ao longo dos anos. Eu lembro claramente dessa transição na minha infância, de eu ser um menino mais aberto, mais dado e de eu ir me fechando aos poucos. Acredito que foi muito por esse bullying que eu passava, pelas coisas que ele me xingavam, pela exclusão que eles faziam comigo.

O que eu sonhava em fazer ou ser quando eu crescesse? Acho que o meu primeiro pensamento sobre isso foi quando eu comecei a desenhar mais. Eu lembro que eu queria muito trabalhar com isso, eu queria ser artista. Fazer alguma coisa onde eu desenhasse, onde eu pintasse. Teve uma revista da Panini que ensinava a desenhar mangás e falava sobre isso, e eu fiquei doido querendo desenhar mangá. Na infância na verdade eu passava muito tempo brincando, acho que eu não pensava tanto nisso. Realmente eu tive uma infância muito boa nessa questão, eu realmente fui criança ali. Eu tive pequenas violências, mas a maior parte foi muito boa.

Desde pequeno eu gosto de desenhar e hoje eu agradeço muito a minha mãe porque ela sempre me incentivou, sempre comprou lápis de cor, sempre dava um jeito de comprar uma canetinha boa e por isso eu desenhava muito quando eu era criança. Mas era uma coisa livre, sabe? Foi lá pelos 10 ou 11 anos que eu

comecei a me interessar mais em como desenhar melhor. Quando a gente é criança a gente usa muito o desenho pra expressar questões mais lúdicas da infância, mas conforme a idade foi chegando na adolescência eu fui vendo isso com mais seriedade e querendo me apropriar da questão estética, de como desenhar melhor, de como fazer um sombreamento. Isso sempre foi um refúgio pra mim. Eu gostava de passar horas desenhando. Eu comprava papel A4, juntava dinheiro pra encadernar e fazia vários desenhos. Eu tenho desenhos muito antigos aqui em casa, eram uns desenhos bem ruinzinhos, meio feio, mas que eu gostava de ver a evolução.

Essa questão da evolução sempre teve muito comigo, porque eu sempre gostei de evoluir naquilo que eu gosto de fazer, naquilo que eu me proponho a fazer. Nessa época então eu comecei a encarar isso com mais seriedade e com o tempo eu fui enxergando isso com outros olhos: não era só mais um hobby, era uma coisa que falava muito de mim, aquilo que eu desenhava, aquilo que eu fazia me identificava muito.

Hoje eu vejo os meus desenhos como uma linha do tempo: eu consigo olhar aquele desenho e lembrar de quando eu fiz, eu consigo lembrar do que eu tava passando, sabe? Então eu guardo muita coisa porque tudo é um registro pra mim. Eu coloco tudo isso na parede porque eu trabalho muito com criação, não só com desenho mas também com arquitetura, e eu sempre gostei de manter esse contato porque é uma parte de mim. A arte não é só aquilo que eu faço, mas aquilo que eu sou. Eu coloco no papel um pouco do que eu sinto, das minhas experiências, da minha visão, então quando eu vejo o trabalho de outra pessoa, como ela usa tal material, as cores que ela faz, hoje mais amadurecido eu consigo ver o que ela quer passar, eu consigo ver o que ela quis botar ali.

Acho que é meio instintivo e isso veio com os anos. Eu fui amadurecendo esse olhar sobre a arte, ao mesmo tempo que eu ia colocando um novo olhar sobre mim, sabe? Eu ia me enxergando, me conhecendo e colocava aquilo no papel ao mesmo tempo. Então eu fui amadurecendo esses dois olhares: esse amadurecimento surgiu com o amadurecimento pra arte. A arte sempre foi pra mim um lugar de autoconhecimento, de contar sobre mim mesmo, de contar aquilo que eu vivo.

A minha mãe sempre me deu esse ambiente próspero pra desenhar e eu sempre dei muito desenho pra ela. Eu escrevia uma cartinha, fazia um desenho meu e dela, eu fazia muito isso, então desde criança eu me expressava muito pela arte e dava muito desenho pra mamãe, e como ela é meio acumuladora ela tem tudo isso.

Por muito tempo eu desenhei aquilo que eu tinha o impulso de fazer, mas eu sempre me interessei muito pela figura humana, pela anatomia física e facial, então esse sempre foi o foco dos meus desenhos. Com o tempo eu me abri pra aceitar encomendas e isso começou lá por 2018 ou 2019. Eu tava refletindo um dia desses que o desenho sempre foi uma forma de escape pra mim, eu sempre me encontrei ali e a partir do momento que eu comecei a fazer faculdade, comecei a ter estágio, comecei a trabalhar, eu também me abri pra encomendas, até mesmo pra ganhar um dinheiro e ter uma renda, mas com o tempo isso foi se desgastando.

Atualmente eu tô no processo de me encontrar de novo. Esses dias eu tô comprando material novo, eu comprei umas telas, comprei tinta acrílica porque eu só usava aquarela, pra dar aquela parada e me encontrar naquilo que eu preciso fazer, porque atualmente eu sinto que tô naquele automático de fazer encomendas e parece que aquele encontro que eu tinha comigo na arte e nas coisas que eu fazia foi se desgastando, e eu já assumi pra mim que eu vou dar um tempo, vou desenhar aquilo que realmente me instiga.

Eu sempre gostei de desenhar a figura humana mais nas expressões, sabe? Por vezes eu acho uma expressão bonita ou um olhar e eu gosto de botar isso no desenho. Eu gosto de explorar a emoção através da arte e isso sempre me encantou muito. Hoje em dia eu tô nessa busca, porque as encomendas são mais básicas: é um casal ou um presente pra alguém, é sempre alguma coisa mais básica. Eu vejo que isso foi me contaminando com o tempo, eu fui perdendo aquele sentido real da arte. Eu sinto que eu me botei pra vender a minha arte e na verdade eu vendi foi tudo. Hoje eu tô naquele processo de usar a arte como um escape, como eu fazia antigamente. Eu quero resgatar esse lugar de encontro comigo e com o que eu quero passar. Eu tô num momento de encontro, meio que um ano sabático artístico, sabe?

Eu sempre fiz muitos autorretratos e eles foram muito importantes pra mim, porque eu via não só o meu traço físico, a minha anatomia, como são as massas do

meu rosto, mas eu via também muitas outras coisas, sempre foi um momento de muita reflexão. Eu sempre penso sobre mim, sobre as coisas que eu passo e a arte que eu fazia de mim mesmo sempre foi uma forma de retratar isso, de colocar um marco: aqui eu tava vivendo isso, aqui eu era assim. Quando eu paro e vejo tudo isso eu penso “Nossa, eu era assim e eu não sou mais desse jeito, eu evolui nisso, eu não penso mais aquilo, eu sou assim agora, sabe?” Então da mesma forma que a gente evolui com o tempo, a minha arte também é muito assim, não só tecnicamente, porque dá pra ver a evolução do traço, de materiais, de cores, mas a forma como eu uso o papel, como eu coloco ali o que eu penso e o que é de mim.

Como foi se relacionar comigo mesmo ao longo da vida e como é isso hoje? Na infância a gente não é tão desperto pra essas coisas e eu acho que essa relação do eu com o eu surge mais a partir da adolescência. Eu lembro que essa época foi muito conturbada na questão da minha autoestima, tanto pelo fato de eu ser gay e em todas as relações que eu tinha com as outras pessoas isso sempre martelava “Tu não pode mostrar que tu é gay! Tu não pode mostrar que tu é gay!”, então eu controlava muito as coisas. Claro que coisas escapavam, uma mão solta, uma afinada na voz, então as pessoas percebiam. Mas eu lembro que eu me martirizava muito quando isso acontecia e isso foi ali pelo início da pré-adolescência que começou a vir a questão da estética física, de como eu enxergava a beleza. Isso foi uma questão muito grande no ensino médio, mas hoje eu vejo o que é próprio meu e eu enxergo tudo com muito mais leveza, diferente daquela época.

Eu tenho muitos traços negros do meu pai, que tem uma família com traços negros muito fortes. Meu pai tem um nariz mais largo, uma boca mais grossa, uma pele mais escura. Já minha mãe vem de uma família branca, então eu nasci ali entre os dois. Hoje eu enxergo essa questão do padrão estético e de como eu me enxergava naquela época, de como eu assumia que o outro era bonito esteticamente, mas aquilo que eu tinha não era. Eu tenho um nariz mais largo e uma boca mais grossa, mas durante um certo tempo no ensino médio isso foi uma questão. Também pelo fato de eu não me relacionar com homens, o que eu acho que é um fato importante se relacionar com as pessoas, delas sentirem atração por ti, é uma coisa que eu não tive a minha adolescência toda. Enquanto as pessoas hétero e até mesmo algumas pessoas LGBT tem experiências desse tipo, eu me

neguei a ter isso. Eu não tive essa referência de alguém atraído por mim durante essa fase e por muito tempo.

Eu fui ter consciência disso, de me enxergar com uma autoconsciência e com cuidado, recentemente. Acho que quando eu comecei a me assumir, quando eu comecei a saber quem eu era, não apenas da minha questão sexual e afetiva mas também da minha questão racial, eu comecei a me enxergar como pessoa e respeitar aquilo que eu era. Mas isso foi uma questão muito grande durante boa parte da minha vida e isso afetou muita coisa, principalmente a forma de me relacionar e me abrir pra outras pessoas.

Quando eu comecei a pensar sobre essas questões quando eu era mais jovem, eu lembro que era uma pressão muito grande, ainda é uma pressão muito grande. A gente não tá maduro talvez pra saber lidar com essa pressão que os outros botam na gente e a gente começa a pegar pra si. Com o tempo eu fui tendo contato com essas questões, eu fui tendo debates, fui assistindo coisas, fui consumindo e entendendo um pouco mais. Acho que sempre vai ter essa pressão estética, essa questão social, mas eu acho que pelo fato de já ter vivido por um tempo essas coisas, por eu saber como funciona essa pressão e o porquê ela existe, eu hoje me olho com muito mais cuidado, eu não tenho essa pressão sobre mim hoje em dia. Vez ou outra tem uma questão que impregna um pouco, mas é aquela coisa que vem e passa, sabe? Acho que quando tu sabe a raiz do problema, parece que esse problema perde um pouco a força.

Eu senti que isso aconteceu com o tempo e foi a mesma coisa com a questão da minha sexualidade: quando tu não sabe o que tu é, quando tu não sabe quais são as suas possibilidades, qual é a tua origem, parece que tudo é meio amedrontador, tudo é meio incerto, e quanto tu começa a ter consciência de tudo, tu percebe que na verdade nem existe um problema, é mais uma complicação que a gente bota sob nós mesmos. Hoje eu vejo que o conhecimento que eu tive através do contato com essas questões, com essas aflições, com essas autocobranças, fez com que essas questões perdessem força. Eu poderia dizer que por um longo tempo isso me resumiu, isso fez parte de mim grandemente. Hoje em dia não, isso é só uma parcela de mim, uma parcela bem pequena.

A questão escolar e acadêmica sempre caminhou ao lado daquela aflição social das pessoas me descobrirem, de eu não dar na cara, de eu não dar aparência, e por conta dessa situação que eu vivi desde criança eu sempre me instiguei muito pra ser bom naquilo que eu era, pra ser um bom aluno, ter boas notas e ser um aluno exemplo, então esse fator da aflição social, de eu me tornar mais introspectivo, de eu não me relacionar muito com meninos durante esse período da escola me deram essa coisa de ser muito bom, de ter uma produção boa, de ter boas notas, de participar de tudo. A minha trajetória escolar sempre foi muito boa, então minha mãe sempre ouviu muitos elogios de mim, os professores sempre falaram bem de mim. Eu mantinha poucas relações, eram poucos os amigos que eu tinha, mas eu lembro que sempre tinha essa questão de não me descobrirem, de não descobrirem que eu sou gay, que eu sou viado.

Na faculdade, a partir do momento que eu me desvencilhei dessa coisa toda, a minha vivência foi muito mais tranquila. Eu conseguia ter uma média boa, mas na faculdade nem tanto, mas era muito mais leve a minha vivência social dentro daquele ambiente acadêmico. Pra mim é muito marcada essa questão da minha saída do armário, de estar no armário, da leveza, dessa angústia social que eu tinha com os outros, que eu tinha comigo mesmo, que eu tinha com a família quando eu chegava da escola e faculdade. Então tem essa transição de eu levar as minhas relações dentro desses ambientes de forma muito mais tranquila, no sentido de que sabendo quem eu sou é muito mais fácil lidar com o outro também.

Pra mim foi uma mudança muito grande porque eu saí muito da bolha. Na escola, tanto no fundamental como no ensino médio, eu convivia com pessoas mais tranquilas, que mesmo evangélicas ou sem religião tinham uma convivência mais pacífica, então eu sempre estive ali numa convivência mais branda, mais leve, de pessoas que estavam na mesma consciência que a minha. Na faculdade eu tive contato com muita gente que não pensava o mesmo que eu. Na época que eu entrei na faculdade eu ainda tava na igreja, então eu tinha pensamentos que me diferenciavam muito dos outros e a minha experiência de vida era muito diferente.

Eu lembro que eu discuti uma questão do ENEM com uma das minhas melhores amigas hoje, que era da faculdade, sobre uma grande feminista que era a favor do aborto, e por estar na igreja tinha toda aquela questão da proibição,

daquela vivência cristã, então a gente acabou discutindo. Eu era super a favor e ela era contra, e a gente quase se bateu ali na internet. Eu lembro disso porque era uma disparidade muito grande da minha realidade e das minhas opiniões em relação às pessoas que estavam ali. Isso foi mudando com o tempo a partir do momento que eu saí da minha bolha, mas era uma realidade muito diferente quando eu cheguei na faculdade.

Na época que eu cheguei na faculdade eu não tinha tanto essa consciência de classe, mas eu tinha medo porque eu consegui a bolsa numa das maiores faculdades particulares daqui da região, e o curso de arquitetura na época custava dois mil e pouco a mensalidade. Graças a deus que a minha bolsa foi 100%, mas na época era um dos cursos mais caros que tinha daqui. Eu sabia que a realidade das pessoas que iriam lá seria totalmente diferente da minha. Eu sempre me incomodei um pouco com isso porque hoje eu tenho consciência, mas na época eu já percebia essa diferença de realidade, de tratamento, de experiências de vida, então eu lembro que eu já cheguei com esse receio por lá. Eu tinha medo de chegar lá e só ter filhinho de papai levado no carro e eu aqui pegando o meu busão, então eu sempre tive esse receio porque eu já sabia de onde eu vinha, de onde os outros vinham.

Como o meu PROUNI foi no meio do ano e a maioria das faculdades particulares tem abertura de turma no início do ano, as turmas estavam bem vazias e por isso juntaram todo mundo, então foi uma turma quase que 90% de bolsistas PROUNI 100%, por isso foi bem de boa a questão da vivência, mas de início eu tinha esse receio muito grande.

Naquele tempo eu também não tinha consciência de como o meu curso e a minha área eram elitizadas, de como a minha área era branca mesmo. Só hoje eu tenho essa consciência, mas na época eu já tinha um receio e uma preocupação sobre tudo isso.

A minha experiência profissional começou na época da faculdade com os estágios e eu estagiei bastante. Quando eu entrei no curso eu já sabia que eu queria ter uma boa renda e uma boa experiência durante a minha formação, então eu sempre procurei estágios. Eu tive experiências bem ruins na verdade com estágios.

O meu último foi o melhor, onde eu tive mais contato com a área que eu trabalho atualmente.

Eu passei por uma loja de modulados que na época eu não era assumido, foi lá por 2016/2017, então eu vivi aquela continência de não mostrar quem eu era. Lá era uma empresa de família e eu vivi muitas coisas horrendas que falavam sobre pessoas LGBTs. Naquela época da ascensão do Bozo, daquele maldito, ele começou a ter a figura dele mais visível e as pessoas começavam a comprar essa figura de extrema direita, eu já tava saindo da loja e queria sair por conta de tudo isso. Eu lembro que a gente tava comentando sobre algum acontecimento de um homem gay e comentaram “Se eu tivesse um filho gay eu ia dar tanta porrada nele!”, e eu fiquei “Meu deus, onde é que eu tô?”. Aquele foi o estopim pra eu decidir sair dali, porque aquele não era o meu lugar, então também no ambiente de trabalho eu tive essa experiência ruim. Depois disso eu tive algumas experiências melhores com escritórios de arquitetura, de interiores e de reformas, então eu tive um contato melhor com essa área profissional e tive mais contato com o trabalho.

Eu cheguei ainda em muitos lugares com receio da minha sexualidade, mas a gente acaba vendo que não é uma questão tão grande, pelo menos na minha área. Ainda assim é uma área muito elitista e eu tive contato com esse fato no meu último estágio. Eu trabalhava num escritório grande e tinham realidades que eram realmente muito absurdas. Absurdas no sentido de uma pessoa dar vinte mil numa mesinha de cabeceira, sabe? E com isso eu fui percebendo a área que eu tava e fui tendo também uma consciência racial. Em eventos grandes de arquitetura, com grandes arquitetos, eu olhava ao redor e pensava “Não tem nenhum negro aqui. Eu sou a pessoa mais escura desse ambiente”. Tu via essa questão da diferença de classe, da diferença de realidade, da diferença de costumes e foi ali que eu fui percebendo essa disparidade tão grande, fui tendo consciência daquilo que eu tava me formando.

Hoje em dia eu busco não ter essas referências porque a arquitetura é um curso muito bonito, é um curso muito social que preza por uma moradia boa e confortável como um direito de qualquer pessoa. Daí tu vê que as pessoas lutam pra ter uma moradia, depois tu encontra uma outra realidade onde uma pessoa dá cem mil num movelzinho...é uma luta muito grande. Mas eu tive contato com a minha

profissão durante todo o curso e eu sempre quis ter esse contato. Eu saí do meu último estágio pra me dedicar ao meu TCC que era bem grande, na época que começou a pandemia também, lá pra março de 2020. A partir da minha formação eu venho trabalhando somente com projetos autorais, projetos de reforma e interiores.

Logo depois da formatura chegaram algumas pessoas que queriam projetos meus e eu fui entrando nessa de autônomo meio que pelo fluxo. Eu ainda nem tinha recebido o diploma e já foram entrando alguns projetos, mas eu sempre busquei também vaga como arquiteto em alguns escritórios, mas essa é uma área com bastante déficit de trabalho pra quem é recém formado. É uma área bastante inflada também, tem muita mão de obra pra pouca clientela. Mas eu sempre tive alguns clientes que eu fui fazendo ali.

Quando a gente trabalha pra uma empresa a gente sempre vai se adequar aqueles costumes, aquele fluxo de trabalho, então quando eu comecei a ter os meus projetos e comecei a fazer a minha divulgação, eu sempre fui muito feliz porque eu consigo fazer do meu jeito. Então eu sempre prezo por ter uma coisa mais confortável comigo, da pessoa realmente saber que eu sou gay, que o meu trabalho é assim, que eu faço desse jeito, porque eu não quero encarar a forma de trabalho como eu encarei no meu último estágio, onde eu me escondia porque as pessoas não poderiam saber da minha sexualidade e tudo mais. A coisa que eu mais prezo hoje em dia é estar confortável no meu próprio trabalho, nas coisas que eu faço e é bom eu estar colocando a minha identidade, colocar as coisas como eu gosto, de fazer como eu quero.

Atualmente eu pego projetos pequenos de interiores e de reformas e eu me preocupo bastante com a questão da classe, porque é triste ver a arquitetura hoje em dia com essa visão de que é só decoração, é só interiores, que é tudo caro, que é um luxo. Recentemente eu tava lendo um artigo sobre arquitetura que é muito triste, sobre amigos e pessoas próximas falarem que só vão me contratar se ganharem na loteria pra fazer a casa deles. Veem a arquitetura como artigo de luxo sendo que é um direito. Realmente não é caro contratar um arquiteto e essa é uma visão que eu quero passar. Eu não quero especificar uma coisa muito cara pra pessoa comprar se ela não tem condições de pagar uma coisa cara. Ela vai me passar o valor, ela vai me passar o que ela quer e eu vou trabalhar com a dignidade

dela, com o que ela pode e dar um projeto acessível, dar um projeto que ela possa viver e usufruir bem.

Isso é uma coisa que eu gosto de trabalhar, porque quando a gente trabalha pros outros a gente tem que se adequar às ordens da empresa, tem que se adequar ao fluxo que já existe, aos costumes que já tem, e eu trabalhando comigo mesmo eu tenho consciência de todos os fluxos, tenho consciência de como eu devo me portar, de como eu devo me comportar, de como eu devo agir sobre isso, de como eu devo fazer as minhas coisas. É uma parte que eu tenho uma certa liberdade e um gosto muito grande de trabalhar como autônomo nessa área que eu me formei.

Dentro da arquitetura a gente passa muito tempo do curso estudando sobre o direito à moradia digna e realmente a moradia é uma questão que pra muitos é sensível, porque muita gente batalha pra ter uma casa e pra ter onde morar, e às vezes a arquitetura parece um artigo de luxo, sabe? Sendo que não. Às vezes uma pessoa começa a adquirir doenças, adquirir mal-estar por conta do espaço onde ela vive. É um direito de cada pessoa ter acesso a essa questão básica e o arquiteto não faz só coisa de luxo e cara, mas uma coisa digna. Um conforto de ter uma boa iluminação na casa pra economizar energia, pra ter entradas de luz, pra ter saúde com uma boa ventilação e tantas outras coisas, mas parece que se perdeu esse valor, pelo menos na minha área e na minha profissão. Eu quero muito resgatar isso porque eu vejo como é importante essa questão, do direito e da dignidade de ter um bom lugar onde morar, onde viver num bairro, numa cidade. São questões que eu gosto muito de pensar.

O meu TCC foi um um projeto arquitetônico no centro cultural do Guamá. O Guamá é o bairro mais periférico daqui da cidade e o mais populoso também. Ele é muito abandonado tanto na questão de infraestrutura como de assistência e isso também passa pela arquitetura e pelo urbanismo. O Guamá é um bairro muito festivo daqui de Belém: tudo aconteceu lá, tudo começa lá, antigamente tinha feira, as casas de festa, os boi-bumbás, as quadrilhas, tudo começava no Guamá, as escolas de samba começaram lá. É um bairro tão festivo, mas também tão abandonado pelo Estado, é um lugar tão precário, e a gente estuda muito isso, sobre as pessoas terem acesso a bons equipamentos, à uma boa infraestrutura e

tudo isso passa pela arquitetura, mas isso é muito esquecido e muito desvalorizado na área.

Pra mim é importante ter essa abordagem no trabalho que eu faço porque como eu te falei, a minha família veio do interior do Maranhão, um interior chamado Estandarte, então a minha mãe, as minhas tias e a minha avó vieram de uma situação de muita pobreza, de ter que comer farinha pra jantar. A minha mãe foi a primeira a vir de lá do interior pra conseguir as coisas dela e eu lembro que quando a minha avó e a minhas tias chegaram aqui em Belém elas foram pra um bairro muito periférico daqui da região, que é um município vizinho aqui de Belém, no bairro das Águas Lindas.

Quando elas chegaram aqui, a gente ia pra lá ajudar a demarcar o lugar na ocupação que tinha, porque era um terreno grande onde tava começando a criar o bairro e todo mundo ia pra ajudar a capinar, pra construir a casa de madeira. Eu lembro que um dia a gente demarcou com uma pedra gigante, onde todo mundo colocava a bolsa, que aquele quintal e aquele espaço era da vovó. Todo mundo ajudava a construir. Eu lembro que no início era uma casa de madeira, tinha goteira e eu passava as férias todas pra lá, então eu vivi muito nessa realidade e eu sei o que é não ter direito a uma moradia muito boa. Os anos foram passando, minhas tias foram conseguindo emprego e foram melhorando de vida. Elas ainda moram em Águas Lindas mas tem uma estrutura melhor.

Eu questionei a minha mãe um tempo desses, porque como elas vieram do Maranhão a lógica básica seria elas terem ido pra São Luís, que é a capital do Maranhão, é mais próximo. Ela comentou que na verdade Belém era um pouco mais próximo, tinha mais oportunidades de emprego e os mais velhos que vieram de lá se instalaram aqui em Belém, então quando as pessoas viam pra cá, elas moravam perto. Se precisava de alguma coisa, o conhecido fulano de tal tá ali então é só pedir ajuda. Então quando a minha família veio pra cá, todo mundo foi pra uma só rua. Minha vó tem um quintal grande onde mora ela, mora uma tia de um lado, outra tia do outro construiu a casa, no final da rua tem outra tia, no final da outra rua tem um vizinho que é filho de alguém lá no Maranhão, e aí quando vai todo mundo pro Maranhão o ônibus só fica naquela rua porque todo mundo entra lá.

Então eu sempre vi essa questão da moradia como um direito básico, até porque quando a minha família veio pra cá não tinha tanta estrutura, não tinha tanta coisa. Como a minha mãe veio primeiro ela conseguiu se formar num técnico de contabilidade, foi tendo mais acesso ao emprego, foi conseguindo dar mais dignidade pras minhas tias e pra minha vó. Mas eu sempre convivi com aquela realidade de periferia na minha vó, quando dava as férias eu ia pra lá, então a gente dormiu muito em barracão de madeira, depois construíram outro, derrubaram pra criar uma alvenaria, então eu vejo como é importante ter um local pra morar, pra viver, um bairro bom, um bairro onde se consiga ter acesso a tantas outras coisas. No curso eu tive essa consciência maior ainda, de direito à cidade, de tu ter um lugar digno de moradia, de vivência e de viver a cidade mesmo.

A minha mãe me teve aqui em Belém. A gente mora num bairro (Castanheira) que é mais distante de Belém. A região metropolitana de Belém é feita por alguns municípios. Belém como é uma ilha tá ali na ponta, digamos assim, geograficamente. Tem outros bairros como Marituba, Benevides e eu moro meio que nessa transição de Belém com Ananindeua. O centro de Belém é bem lá próximo da ponta, então todos os serviços maiores e mais caros tão pro centro, mais afastados periféricamente. Esse bairro é de classe média, a minha tem um apartamento num prédio de três andares aqui no bairro, porque como ela trabalhava numa empresa de imobiliária, então o apartamento foi meio que dado por um amigo dela, então a gente conseguiu essa façanha. Eu cresci aqui. Quando o bairro era menor, na época que a minha mãe chegou aqui, era tudo mato. Tinha o prédio, tinha algumas casas aqui pra trás e só.

Com os anos passando e desenvolvendo a cidade, foi tendo a conurbação¹⁴ dentro dos municípios, foram chegando mais serviços e com isso foi urbanizando melhor. Hoje em dia é um bairro de classe média/classe média baixa, mais ou menos nesse padrão. Eu sempre morei aqui com a minha mãe, - acho que ela conseguiu esse apartamento dois ou três anos antes de eu nascer - , então eu nasci e cresci aqui no bairro.

¹⁴ Conurbação é o nome dado ao processo de aglomeração de várias cidades e sua fusão em uma única área metropolitana.

A mamãe me contou que teve uma época que eles batalharam pra ter uma escola aqui próximo, porque realmente não tinha nada. Se quisesse estudar tinha que ir atravessando, tinha que andar quase meia hora do outro lado da BR que passa aqui, tinha que andar muito pra conseguir matricular o filho na escola mais próxima. Na época foi feita uma reunião com o prefeito e com o governo pra criar uma escola pública pra cá, pros filhos do bairro.

Aqui mudou muito, tinha muito lamaçal aqui na rua, não era asfaltada, não tinha infraestrutura de nada. Com os anos foi chegando a cidade, e como Belém não tem a possibilidade de crescer pro outro lado, ela foi crescendo pra cá. Então foi crescendo essa parte de serviços de Belém, juntou com Ananindeua que também é um bairro grande que foi crescendo, com isso foi juntando e colocando um pouco mais de serviço.

Tinha famílias aqui que tinham menos poder aquisitivo e que foram saindo daqui porque foi ficando mais caro, foram chegando empresas que foram ocupando os terrenos, tinham assentamentos precários onde foram expulsando as famílias, por conta de galpões que queriam instalar. Aqui na rua tinha uma vila onde moravam muitas famílias, muita gente morava em casa de alvenaria e tudo e desapropriaram todo aquele pessoal de lá no ano passado ou retrasado, então isso é uma coisa que continua acontecendo ainda.

Belém tinha só uma via principal que era a BR. Agora abriram uma outra que é a João Paulo que passa aqui por trás e expulsou mais famílias ainda. Tinha muita família na estrada, tiveram que desapropriar e tá chegando muita especulação pra cá também. Então é uma realidade que tá mudando e mudando até mesmo a dinâmica do bairro pra cá.

Belém é quase que uma ilha porque ela é cercada por vários rios. As extremidades da cidade, onde tem os bairros e também alguns serviços, são cercadas por rios. Então tem muita vista, tem muita orla e a cidade vai crescendo de frente pra trás, por isso os maiores serviços, as áreas mais nobres e os lotes mais caros estão no centro.

Lá pro centro também tem outros bairros que são mais periféricos, como é o caso do Guamá. O Guamá, por exemplo, fica numa parte da cidade que é próxima de áreas ribeirinhas, por isso há muitos anos atrás os ribeirinhos começaram a vir

pra cidade e começaram a se instalar no Guamá. Não tinha infraestrutura, eram casas de madeira, eram palafitas¹⁵, e ali foi adensando muita gente e o Estado não criou assistência pra lá, não criou infraestrutura. A infraestrutura foi deixada só no centro, que é uma parte alta da cidade, então quando chove, - e é uma cidade onde chove muito - alaga pros bairros mais periféricos, os bairros mais baixos.

Belém então vem crescendo pra trás e se encontra com outros municípios, como é com Ananindeua. Inicialmente o meu bairro era uma transição entre Ananindeua e Belém, e por ser uma transição com esse limite político, não se sabia se era do governo de Ananindeua ou se era da prefeitura de Belém. Anos atrás se instalou o shopping Castanheiras aqui, que é um dos mais populares até de Ananindeua, porque até uns cinco anos atrás ele era o shopping mais próximo de quem vinha da outra extremidade. Então digamos que aqui tem um limite: pra cá era Belém que tem vários serviços e pra cá não tem quase nada. Por isso esse tanto de bairro vinha pra esse shopping. Com isso começou a ter muita especulação, porque era um valor muito grande, era um fluxo muito grande, começou a ter briga.

Eu lembro de uma época que teve uma briga entre as prefeituras e a gente não sabia se aqui era Belém ou Ananindeua, porque às vezes mudavam o governo pra dizer que o shopping era de Belém, depois mudavam de novo pra dizer que era de Ananindeua, então sempre ficou essa transição. Foram crescendo os serviços, foi crescendo a infraestrutura e com isso acabou acontecendo essa valorização do bairro, de mudar a dinâmica das coisas, de vir mais avenidas, de abrir mais ruas e de ir mudando a vivência do bairro. Esse bairro sempre foi muito comunitário: todo mundo se conhece, todo mundo sabe onde mora todo mundo, tem uma feira aqui próximo. Até uns anos atrás tinha uma deficiência de serviços, mas hoje tem muito mais coisas ofertadas. É um bairro muito conhecido, todo mundo sabe onde é tal coisa, todo mundo sabe a fofoca de alguém, então é um bairro mais próximo mesmo, é uma boa vivência.

Eu me sinto muito pertencente ao lugar onde eu moro, porque a região de Belém, que tá nesse contexto amazônico e que se espalha pros bairros e pros lugares onde a gente vive, tem uma cultura muito forte em qualquer lugar onde você

¹⁵ Nome dado às casas construídas sobre estacas na água, sendo uma construção muito típica e característica das regiões ribeirinhas.

vai, em qualquer evento, então tem muita aquela vivência ribeirinha também, sabe? De rio, de igarapé, de tudo ser próximo, então se tu quiser tomar um banho de rio no final de semana tu pode pegar um barco, tu pode ir numa ilha aqui perto que é Cotijuba, tu pode atravessar pro rio do Combú que tem vários restaurantes de palafita, então é uma vivência muito boa. Por isso eu acho que quem se cria aqui tem esse pertencimento muito forte, até mesmo com a cultura.

Eu passei por vários bairros que foram mais frequentes. Um é o bairro onde a minha família mora, que é Águas Lindas, um bairro que é muito periférico mas que tinha muito mais serviço do que aqui, por exemplo. Antigamente quando eu estudava no ensino fundamental ou médio, dava férias eu ia pra lá, passava o mês todo, a minha mãe fazia umas compras pra ajudar lá e eu ficava na casa da vovó. Era uma vivência muito boa, porque era um ambiente mais rural, era muita coisa de quintal, os vizinhos todos se conheciam, as crianças brincavam na rua, então durante toda a minha infância eu pertencia muito pra lá, eu sempre queria mudar pra lá com a mamãe, mas ela não queria. Era um bairro onde eu vivia muito por lá, então a feira, os locais onde a gente lanchava, onde a gente brincava, as músicas que eram diferentes - por exemplo, uma música que é muito periférica e que nasceu nas periferias aqui de Belém, que é o tecnobrega -, então isso fez muito parte desse meu cenário infantil, da infância, da minha pré-adolescência.

Outro bairro onde eu passei o meu ensino fundamental e médio, que era um bairro um pouco mais próximo de Belém, mas ainda assim também é periférico, que era o Curió Utinga. Por ser uma das partes mais baixas de Belém, quando chove é um bairro que fica submerso, as casas são altas porque quando chove alaga muito. Como essas escolas eram próximas de lá, todos os meus amigos eram de lá, então acabava a aula e eu descia lá pra lanchar com eles, pra brincar na praça que era lá perto, no ensino médio eu ia pra casa da minha amiga fazer trabalho pra lá, então eu tive esse contato muito forte lá. Todo bairro de Belém tem essa questão cultural e de identidade muito forte, o que é uma coisa muito valorizada em todo mundo essa questão de identidade, de cultura, de música, que é muito forte em qualquer lugar aqui de Belém.

O que me levou a querer “me assumir” diante das pessoas, o que isso significou para mim e o que mudou a partir disso? Eu nunca parei pra pensar nisso,

mas eu acho que essa necessidade vinha do fato de eu nunca me sentir bem, do fato de eu me esconder, de eu tentar me camuflar. Essa questão de estar disfarçado sempre foi algo de muita aflição pra mim, principalmente por conta da rejeição das pessoas por eu ser gay, por ser LGBT, então sempre teve um peso muito grande isso, eu não queria me sentir rejeitado por eu ser eu. Eu acho que muito por não saber quem eu era, eu não sabia das minhas possibilidades e do que eu podia ser sendo eu.

Eu acho que essa necessidade veio da vontade de me sentir confortável em mim, de uma coisa que eu nunca tinha sentido e que eu começava a ver nos outros, eu comecei a ver pessoas que viviam muito bem com a sua sexualidade, com a sua afetividade. Eu acho que isso veio dessa vontade de ser assim também, sabe? De ser mais tranquilo com isso, de ser mais tranquilo comigo. Tudo isso veio dessa visão a partir da convivência com outras pessoas, do conteúdo que eu consumia, então eu acho que aquilo que eu vejo nos outros eu quero isso pra mim, eu quero estar tranquilo também comigo, com a minha sexualidade e com a minha afetividade.

O que mudou é que eu me via muito inseguro. Essa questão da insegurança com a sexualidade também me trouxe muita insegurança com várias outras coisas, tanto da minha capacidade, da minha questão estética e de vários outros fatores. Acho que o fato de eu me assumir me deu empoderamento pra eu encarar essas outras questões. Eu me vejo uma pessoa muito mais segura do que eu era anos atrás, quando eu era adolescente, quando eu era criança. Eu acho que o fato de eu viver reprimido me tirou muitas coisas que eu teria hoje em dia, tanto questões na forma de eu me relacionar, o que bullying e essas violências me causaram ao longo dos anos, de como elas me moldaram, do que elas me tiraram, das experiências que elas me tiraram. Eu senti que eu queria retomar, sabe? Eu não queria viver com isso, eu não queria aquilo pra mim, então quando eu me assumi foi exatamente por isso.

Eu acho que a gente não sai do armário só uma vez, sempre tem aquela questão de que eu vou chegar no emprego e eu vou ter que falar que eu sou gay. Claro que não vai ter aquela história passada de que eu tô me escondendo e a partir da saída do armário eu vou ser quem eu sou, mas sempre quando tu tá chegando

num local a pessoa já tem uma ideia pré-concebida de ti, tu vai ter que quebrar aquela ideia e tu não sabe como a pessoa vai reagir, se ela vai reagir bem ou não.

Eu sinto que hoje eu não tenho mais esse peso. Hoje em dia se não gostar de mim, foda-se! Ele que lide com isso porque isso não vai me importar mais. Sempre tem essa questão de eu vou sempre sair do armário, mas isso não é mais uma questão pesada pra mim. É uma coisa natural e que me faz bem hoje em dia, me empodera dizer isso.

Eu lembro da tranquilidade que eu senti depois de eu me assumir aqui em casa. O clima aqui em casa ficou um pouco pesado, na relação com a minha mãe a gente não se falava muito, ela se aconselhava com um padre pra saber o que ela fazia. Melhorou com o tempo, a gente teve conversas boas, teve trocas boas. Aquilo me martirizava um pouco, mas a liberdade que eu sentia depois de eu ter me assumido, a liberdade de eu falar para os meus amigos “Gente, eu me assumi pra minha mãe, eu me assumi pra minha família!” é uma coisa libertadora, é um marco na trajetória de qualquer pessoa que vive no armário, que passou a vida toda se escondendo, se lapidando para não aparecer. É uma sensação de empoderamento, de força, de eu o tenho controle, eu sei quem eu sou, eu sei onde eu tô e eu sei onde eu vou depois disso, sabe?

Eu não tenho muitas certezas hoje em dia de como eu vou estar amanhã, se eu vou estar empregado, se eu vou estar fazendo isso ou aquilo, mas eu tenho certeza de quem eu sou e das possibilidades de que eu mude, de que eu me transforme. Eu tenho certeza de qual é a minha essência, de onde eu vim, do que eu sou, e a partir disso é muito mais tranquilo aceitar as possibilidades que vão vir pra mim. Essa segurança de ser, de estar, essa segurança das possibilidades foi o que essa saída do armário e essa aceitação me trouxeram.

Hoje eu lido melhor com as sequelas que ficaram disso tudo, mas eu lembro que quando eu tava nessa transição de me enxergar e de ver o que tinha acontecido comigo, a minha relação com as outras pessoas era muito tímida e introspectiva, eu me tornei muito introspectivo. Eu lembro de um Rafael que não era tão assim. Eu lembro de uma infância onde eu brincava, onde eu era uma criança fácil e de amizade fácil, mas a partir do momento que eu comecei a sofrer certas violências, eu fui me retraindo, eu fui me tornando fechado com as coisas.

Eu lembro que na época da igreja eu comecei a ver aquelas coisas de oração pra se libertar da homossexualidade, que a igreja dizia que era pecado e eu comecei a me fechar pras possibilidades de afeto, sabe? Eu lembro de um tempo que eu era muito trancado pro afeto e pra relação com as outras pessoas. Eu lembro de ter uma certa fobia social no ensino médio, quando eu comecei a ter uma consciência maior daquilo que eu vivia, das violências, aquilo começou a pesar, era um pouco mais traumático e com isso eu comecei a ser mais introspectivo ainda.

Hoje em dia as formas como eu lido com as situações, como eu lido com as pessoas, às vezes eu tento ver de uma forma mais leve pra não colocar esse peso do que eu era, do que eu sofri, mas eu acredito que isso na infância e na adolescência me moldou muito, moldou quem eu tava me tornando. Eu tava caminhando pra um processo e toda essa vivência me distanciou pra uma outra direção. Hoje eu só tento lidar de uma forma um pouco mais leve, tendo consciência do que eu passei, do que eu me tornei por conta disso, mas tentando fazer com que isso não me prejudique em relações ou outras situações.

Sobre as questões que passam pela minha espiritualidade, o fato de eu ter saído da igreja modificou somente a minha prática da fé e da própria espiritualidade. A espiritualidade e o fato de tu se voltar pra si e refletir a tua vida era uma coisa que eu fazia muito, era uma coisa que me trazia paz, sossego e felicidade dentro da igreja.

Quanto à religião, quanto à fé católica, eu vi um local que realmente era muito inóspito pra mim, pela violência, pelo que a própria fé diz sobre relações homoafetivas, por isso eu não via como um lugar pra mim. Porém, pelo fato de eu ter crescido num ambiente católico, da minha família sempre ser praticante, isso acabou deixando a minha fé lá. Hoje eu não tenho essa vivência de ir na igreja, de ir em missa, de ir em encontro, mas ainda assim eu creio na paternidade divina, na minha filiação, na minha fé. As minhas orações não são tão frequentes mas existem, eu tenho essa relação, mas não é aquela aquela vivência da doutrina e do dogma.

Da minha relação com a igreja católica eu sempre tive também a imagem de nossa senhora e eu lembro que tinha uma doutrina que falava que a imagem de deus era sempre muito brusca, daquele pai que castiga, daquele pai meio severo, e parece que Nossa Senhora era sempre aquela mãe dócil, que dá a mão, que dá

carinho. Ainda mais aqui em Belém onde a gente tem uma relação muito forte com Nossa Senhora de Nazaré, por conta da festa do Círio, pela tradição que é na cidade, porque realmente a cidade se transforma em outubro, tudo se transforma. Por isso eu sempre tive uma relação de mãe e filho com Nossa Senhora, então eu tenho muito carinho pela imagem dela, da virgem Maria, mas é aquela coisa de que eu já não vivo mais o dogma, não vivo mais a doutrina, não vivo mais as regras daquilo fechado, mas eu tenho a minha fé e a minha filiação com deus, eu tenho a minha espiritualidade, não sou fechado a isso, mas ainda assim vivo, ainda assim acredito.

A questão de raça sempre me deixa com um pé atrás, porque eu sei que eu não sou branco. Eu sei que em vários espaços que eu estive, não só na questão racial mas também de classe, eu sempre vi essa diferença, essa disparidade de você é ou não é isso. Na minha região a questão racial tem uma mistura muito grande também pela parte amazônica, pela questão indígena daqui.

Hoje eu me enxergo como um homem gay, como um homem pardo de classe média e eu enxergar isso fez muita diferença na minha vida, eu saber quem eu sou, eu saber o que eu sou fez muita diferença.

A compreensão sobre as questões de racialidade, gênero e sexualidade me ajudaram demais no entendimento de quem eu sou, por conta dos locais que eu vivo, a forma como eu vivo as relações e de como eu me enxergo dentro dessa dinâmica da cidade e da minha profissão até mesmo. A gente vê, por exemplo, essa questão de raça muitas vezes oprimida nas pessoas, diminuída, muitas vezes inconscientemente, que acho que foi o que aconteceu comigo durante a adolescência, não só em relação ao padrão estético, mas de muitos outros padrões.

Eu me enxergar, eu ter consciência de tudo isso, deu um salto no meu autoconhecimento, é sobre essa diferença de você saber quem é, de você saber da onde veio, qual é a tua origem, o que tu é e onde tu pertence diferencia tudo, as suas relações, a forma com tu se enxerga, a forma como se coloca nas vivências e tudo que tu tá vivendo, sabe? Então fez total diferença pra mim.

Para as outras byxas, eu só queria ter esse contato de abraçar, de dizer tudo bem você ser assim, tudo bem você ser byxa, aceite quem você é, acho que isso é o principal: a aceitação, saber quem você é e tu ter esse direito de saber. Seja quem

você é, abrace aquilo que você é e não se importe muito com os outros, porque eles não fazem tanta diferença no final: é tu por tu, é tu com a tua família, mesmo que ela não te aceite o importante é você ser você, o importante é tu se reconhecer, é tu se abraçar e tu se aceitar do jeito que tu é, do jeito que tu veio ao mundo e da forma como tu se encontra.

Para o futuro eu só quero tranquilidade, sabe? Eu sempre prezei por ter uma vida tranquila, uma vida básica, então eu não quero muitas emoções. Eu quero ter uma boa relação com a minha família, eu quero ter um lugar tranquilo pra eu morar, pra viver, pra ter minha dignidade de vivência. Eu realmente não tenho tantas ambições. É claro que eu sempre tenho vontade de me superar, tanto profissionalmente, como pessoalmente, como com as minhas relações, mas eu não tenho grandes desejos. Eu tenho vontade de ter uma vida mais sossegada naquilo que eu posso, naquilo que eu sou, tendo o que eu tenho e naquilo que eu posso conseguir, sabe?

5. Rafael Rodrigues

Eu nasci em Itambé, interior da Bahia, próximo a Vitória da Conquista. Eu vim pra São Paulo com 3 anos de idade, logo após o falecimento dos meus avós, pais da minha mãe. Viemos pra Paraisópolis, eu moro aqui desde os 3 anos de idade. As minhas tias já moravam aqui e a minha mãe só veio para continuar a vida dela, pra gente dar continuidade nas nossas vidas. No decorrer do tempo, a gente foi crescendo, eu fui crescendo, hoje eu sou professor de dança e dançarino também. Eu nunca imaginei que iria dar aula na minha vida. Já tem 13 anos que eu sou dançarino, 7 anos que eu dou aula de dança como professor, eu não sou formado na área da dança, mas eu estou na área da Educação Física, no 3º semestre de Educação Física.

Eu sempre gostei de dançar, desde pequeno. Eu acompanhava o É o Tchan, nas festas de aniversário eu me jogava e um dia eu fiquei sabendo de um curso vocacional de dança aqui no Céu Paraisópolis e eu comecei a fazer aulas de dança contemporânea com a orientadora Adriana Maku. A partir daí montamos um grupo, chamado Grupo MOVE de Dança e através desse grupo nos inscrevemos no VAI. Ganhamos o VAI 1, ganhamos o VAI 2 e através desse projeto nós montamos um espetáculo que falava do corpo e suas barreiras, onde a gente queria mostrar pra quem estivesse assistindo que não precisava ter um corpo padrão pra poder dançar. Na dança contemporânea e no balé o que mais a gente encontra são pessoas brancas por ser uma dança européia, mas pra mim que sou negro, periférico, byxa, as coisas ficam um pouco mais difíceis, ainda mais nessa área artística. No Brasil é muito difícil viver de arte, é como se a gente tivesse que matar um leão por dia pra poder chegar onde a gente quer e ser valorizado.

Acabando esse projeto cada um foi pro seu canto. A partir disso eu vi que não era só isso que eu queria, eu queria mais, eu queria conhecer mais o mundo das artes. Foi aí que eu comecei a fazer teatro também, pra me desenvolver e ter uma desenvoltura maior, porque eu era muito tímido - às vezes me pega um pouco ali, eu tenho a minha timidez. Eu comecei a fazer teatro, na Cidade Escola Aprendiz

na Vila Madalena, que era um projeto do Gilberto Dimenstein, e a partir disso eu fui conhecendo pessoas, fiz aulas de teatro, de expressão corporal e fui me movimentando mais.

Quando acabou o curso, tinha uma amiga minha que começou a trabalhar lá pela Vila Madalena mesmo e ela falou assim: "Rafa, aqui onde eu trabalho rola umas aulas de dança africana. Você não queria vir aqui pra conhecer?" Ela trabalhava como secretária das aulas de dança e eu fui pra conhecer, tanto é que eu fui sem roupa de dança, de nada, eu fui só pra olhar. Quando eu senti e quando eu vi os tambores tocando, vi aquela sala cheia de gente dançando, colocando tudo para fora, eu falei "Meu, é disso que eu tô falando, sabe? É sobre isso! É isso que eu quero pra minha vida". Naquele dia a professora me viu ali de cantinho, só olhando, observando e ela falou "Vem fazer a aula", e eu "Não, eu tô sem roupa", e ela "Não, não tem problema". Eu só tirei o meu sapato e me joguei. Parecia um patinho feio lá no meio da galera, enquanto eu não tinha nenhum conhecimento maior com a dança.

A partir daí eu falei "É isso o que eu quero pra mim. Como que eu faço? Eu quero uma bolsa". Eu consegui a bolsa, tanto é que eu tô até hoje fazendo as aulas de danças africanas com a Flávia Mazal. A Flávia é uma pesquisadora das danças tradicionais do oeste africano e em 2013 ela conseguiu ir pra Guiné Conacri na África, as nossas pesquisas vem da Guiné e lá a dança e a música são um modo de viver dos povos de lá, pra tudo se toca e se dança: têm ritmos de casamento, ritmos de pesca, ritmos de circuncisão, até pra morte eles tocam e dançam. Como eu disse, é um modo de viver deles, eles se reúnem pra tocar e dançar. São danças de aldeia que quando vem pro palco ou pra sala de dança, ela vira dança de balé afro, balé africano.

Com o passar do tempo eu comecei a fazer parte do grupo Trupe Benkady, que é um grupo que já existe desde 2010, onde a Flávia é a diretora e coreógrafa, e desde o começo do grupo eu estou até hoje. No grupo existem 5 dançarinos, 4 músicos que tocam percussão ao vivo e nós dançarinos fazemos uma releitura das danças tradicionais da Guiné, porque nós somos brasileiros, corpos brasileiros, fazendo uma releitura das danças deles. É uma dança que eu amo de paixão. Com o tempo, a Flávia foi trazendo alguns mestres pra cá, os mestres que a gente só

aprendia por DVD ou por internet, nós tivemos a oportunidade de ter aulas com eles. Nós temos bases nas danças do Youssouf Koumbassa e Mustafa Bangora, inclusive eles já vieram para o Brasil, eles são mundialmente conhecidos - quem pesquisa essas danças sabe de quem eu tô falando -, e a cada dia é um novo aprendizado, porque eles já nascem com essa cultura, com essa dança no corpo, mas a gente todo dia tem que tá em busca de novos aprendizados.

Tirando um pouco a dança africana de lado, eu quis buscar outras coisas. Enquanto eu tava com a dança africana eu comecei a fazer balé clássico. Eu fiz um ano de ballet clássico pra poder me aprimorar e é como dizem: “Quem faz balé clássico, você pode fazer todos os tipos de danças que vier”, porque você já vai saber as nomenclaturas, já sabe a desenvoltura, já tem a posição, enfim. Eu fiz um ano de balé clássico, fiz seis meses de contemporâneo e a dança africana sempre ali, sempre me acompanhando.

Eu comecei a fazer dança de salão, ganhei bolsa também, só que eu não gostava tanto porque eu tinha que conduzir a dama, e eu já não queria, já não gostava muito dessa pegada de conduzir. Eu gostava de fazer mais danças soltas, dança livre. Por exemplo, o contemporâneo, o ballet, a dança africana onde você não precisa conduzir alguém já era mais a minha cara. Eu acabei saindo justamente por isso, porque o professor da escola só falava “Você tá aqui mais pra ajudar a gente a conduzir”, porque tinha poucos homens na sala de dança e até hoje a gente só vê mais mulheres do que homens, então é por isso que o homem tem mais chance de conseguir bolsa do que uma mulher. Depois comecei a fazer essas outras aulas e saí das aulas de danças de salão, continuei só com a dança africana e conhecendo pessoas. Na dança africana tinha pessoas em quem eu me espelhava, que são grandes dançarinas renomadas, como Luciane Ramos, Janette Santiago, Regina Santos, elas eram minhas inspirações nas aulas de dança africana, são mulheres pretas, incríveis, maravilhosas.

Um certo dia a Regina precisou de alguém pra cobrir uma aula dela, mas eu não tinha começado a dar aula ainda. Foi a partir daí que eu comecei a dar aula. A Regina falou assim “Rafa, você pode me cobrir numa aula, porque eu vou ter que fazer um curso fora e eu não tenho ninguém pra me cobrir?”, eu falei “Meu Deus do céu, Regina! Eu nunca dei aula na minha vida, socorro!”, e ela “Rafa, pra tudo tem

uma primeira vez e eu acho que você já tá mais do que preparado”. Eu fui com a cara e a coragem e, a partir dessa experiência que eu tive, da devolutiva que os alunos me deram, eu falei “É isso!” e comecei a dar aula a partir daí.

Tem uma amiga minha, a Taís Prado, que hoje mora na Espanha, ela morava aqui em Paraisópolis, era a minha parceiraça da dança, a gente fazia vários duos juntos, apresentávamos no Céu Paraisópolis, no Sarau Paraisópolis, e ela precisou ir embora pra fazer sua vida lá fora, e na ONG onde ela dava aula, que é a Casa da Amizade, onde eu me encontro hoje, ela perguntou “Rafa, você gostaria de me cobrir lá, de ser professor lá no meu lugar?”, e eu falei “Claro!”. Eu conhecia a coordenadora de lá, que é a Mônica, e ela super me abraçou e até hoje eu ministro aulas lá pra crianças, jovens e adultos.

Com isso eu fui vendo que, pra gente viver de arte, é possível sim, só que não é tão fácil como é lá fora. Como eu falei, a gente tem que matar um leão por dia pra tentar chegar onde a gente quer. Depois que eu vi que era possível a gente sobreviver de arte, ganhar dinheiro dando aula, que é uma coisa que a gente gosta, eu falei “Por que não, né?”. Até hoje eu ministro aulas em Paraisópolis, fora também, eu dou aulas particulares, e é uma profissão que entrou pra minha vida, sabe? Antes de eu entrar pro mundo da dança, eu trabalhava. Eu já fui atendente e até entregar jornal no farol eu já entreguei, por exemplo, poucas pessoas sabem que até por isso eu já passei.

Eu morei com a minha mãe até os meus 28 anos e o que falar da minha mãe? Minha mãe é uma mãe solo. Quando viemos aqui pra Paraisópolis ela já era separada, já tinha terminado com o meu pai lá na Bahia mesmo. Ela veio para cá sozinha, nunca deixou faltar nada, sempre levantando cedo pra trabalhar, pra batalhar e deixar a casa impecável pra gente. Eu digo pra gente porque depois veio a minha irmã, a Cláudia. Eu sou o mais velho e a Cláudia hoje tem 24 anos. Depois de algum tempo já morando aqui em Paraisópolis, a minha mãe conhece o pai da Cláudia - somos de pais diferentes -, se envolve com ele, tem a minha irmã e de repente os dois acabam terminando também, ele vai embora e minha mãe mais uma vez sozinha pra cuidar da casa e dos filhos, a gente ainda pequeno, sem ajuda nenhuma dos pais que dizem ser pais e a minha mãe sempre batalhando pra que nunca faltasse nada pra gente.

Eu comecei o meu primeiro emprego com 16 anos, trabalhando como atendente num comércio aqui em Paraisópolis. Eu fui começando a crescer, a ter o meu próprio dinheirinho ali e a minha mãe sempre falava “Rafa, esse dinheiro que você tem é pra te ajudar, porque você já vai estar me ajudando comprando suas coisinhas e começando a perceber o seu próprio valor”. Eu terminei, fui passando de um emprego pro outro, entrei pro telemarketing também e nisso eu já entrava na questão das aulas de dança, só que ainda não como professor.

A partir do momento que eu soube que eu não estava mais feliz trabalhando pros outros, trabalhando em empresa onde você não se sente feliz como você deveria ser e vendo que dava pra viver de arte, eu acabei me desligando da empresa e falei “Isso daqui não é pra mim!”. Aí foi onde eu comecei a jogar tudo pro alto, apertar o botão do...e falar “Não é isso o que eu quero. Eu quero dar aula, eu quero fazer dança, eu quero viajar dançando e apresentando”. Meu último emprego antes de viver da arte foi no Telecentro, onde eu dava aulas de informática e anotava quem entrava para acessar a internet, e foi onde eu comecei a ver que não tava me fazendo bem, tanto mentalmente, até financeiramente, às vezes você se pega e pensa “Seria mais fácil eu já ter vivido de dança antes de começar a me envolver no trabalho de carteira assinada e CLT”. Não foi fácil e não é fácil viver de arte, eu passei por alguns perrengues ainda morando com a minha mãe, mas ela sempre tava ali do meu lado me acompanhando. Eu falava “Mãe, hoje não dá pra ajudar” e ela falava “Tranquilo!”, mas mesmo com as coisas apertando dentro de casa a gente conseguia dar aquela remanejada.

Eu fiquei morando com a minha mãe até os 28 anos de idade e, por sorte - porque a gente morava numa área de risco, eu, a minha mãe e a minha irmã -, Paraisópolis começou a ter urbanização, por isso quem morava em área de risco, a prefeitura tirava daquelas casas e tinha a opção de dar os predinhos ou uma carta de crédito, que era um valor x que você poderia comprar uma outra casa, só que esse valor que eles davam não dava pra comprar nem um barraco. A minha mãe falou “Eu já tenho um valor guardado, então eu posso colocar o seu nome pra te dar o prédio quando sair e eu compro a minha casinha e a gente vai vivendo”. Foi isso o que ela fez e eu sou grato até hoje por ela, por ter feito isso por mim. Enquanto eu morava com a minha mãe já na casa própria dela, enquanto o prédio da CDHU onde

eu moro hoje não saía, eu ia batalhando, eu ia comprando as coisas como geladeira, mesa, fogão e eu ia deixando tudo na loja. Quando os prédios foram entregues, eu só pedi para entregar as coisas que eu tinha comprado, então foi a melhor coisa que eu fiz, graças a minha mãe que hoje é minha fanzaça e eu sou fã dela.

Vamos passar agora para outro fato que eu também gostaria de falar, que é sobre a minha sexualidade, que foi outro ponto bem marcante na minha vida, que eu sempre tive medo. A gente sempre sabe que a gente já nasce com uns trejeitos, já tem um negocinho ali e a mãe também sempre sabe que a gente já tem alguma coisa, um pezinho ali atrás. Eu sempre tive muito medo de me assumir pra minha mãe. Eu sempre falava que enquanto eu não fizesse 18 anos eu não ia falar pra minha mãe, com medo dela me expulsar de casa, de eu não ter lugar para morar, de eu não ter um emprego, então eu sempre pensava isso e nunca tinha me assumido pra minha mãe.

Quando eu me assumi, que foi justamente com os meus 18 anos, foi por acaso também, foi um boom. Foi bem no aniversário da minha mãe, olha que louco, a gente tava fazendo um churrasquinho na casa dela, ela recebendo já os amigos e eu tinha um tio, um falecido tio, que se chamava Miraldo, ele era rapper, era machão, aceitava quem era de fora, mas não aceitava quem era da família. Sempre isso.

Nesse dia, juntamente com uma tia minha que hoje é a minha madrinha - eu acho que os dois sempre confabulavam algo assim “Eu acho que ele é, não sei o que...”. Sempre tem alguém pra apontar, principalmente quem é da família. -, nesse dia ela, a minha tia, me ligou e disse “Rafa, vem aqui na casa do Miraldo porque ele quer falar com você”. Eu cheguei lá, eu nem sabia o que ia se passar, e ele já tava lá todo nervoso, “Senta aí!” e me deu um chá de cadeira, “Espera aí que já, já a gente conversa” e eu “beleza!”. A minha mãe viu que eu tava demorando, parece que ela já tava adivinhando o que tava acontecendo e falou “Eu vou atrás do Rafael para ver aonde ele foi, se tá acontecendo alguma coisa”.

Foi o momento dela chegar, que a minha tia já tomou a frente e falou “E aí, Rafael. Você é gay ou não é?”, me colocou contra a parede que eu falei assim “Meu Deus e agora? Socorro!”. Comecei a tremer, sentei e falei “Meu Deus e agora o que eu faço?”. Eu falei que era bi, falei que era bissexual, curtia tanto menino como

menina para dar uma apaziguada. Foi aquele chororô, a minha mãe começou a chorar, meu tio começou a levantar, já começou a ficar nervoso, foi aquela coisa toda, aquele clima tenso. Aí eu fui pra casa e a minha mãe também foi pra comemorar o aniversário dela daquele jeito, nervosa. Não foi a mesma coisa como a gente esperava, mas acabou rolando e eu super sentido.

No dia seguinte a minha mãe foi trabalhar, e quando eu cheguei em casa da escola a gente sentou para conversar, só eu e ela. Ela me chamou pra conversar e falou “Rafa, por que você não me falou antes?”, aí eu falei “Mãe, eu sempre tive medo de você me colocar pra fora de casa”, por medo mesmo né. Ela acabou falando “Não! Eu não iria te colocar pra fora porque você é meu filho e ainda continua sendo”, aí nós nos abraçamos, nos encontramos ali e foi um peso que eu tirei das minhas costas, sabe? Foi um alívio, porque era a única pessoa que eu temia mesmo. Ela já me abraçou e hoje eu também sou muito grato por isso porque tem muitas famílias que não aceitam os seus filhos ou filhas e não tem a mesma sorte que eu tive, de ser aceito pela família, por mais que eu tinha um tio que não aceitava, pra mim a minha mãe era o que mais importava e dane-se o resto, sabe?

Com o passar do tempo a gente se falava pouco eu e meu tio, porque ele sempre escutava piadinha dos amigos, “Seu sobrinho é...não sei o quê...tananam”, ele nunca sabia se sobressair, enfim. Um certo tempo ele acabou falecendo - que Deus o tenha -, e a gente terminou nessa.

Hoje em dia eu e a minha mãe somos mais amigos do que éramos antes, a gente conta tudo um pro outro - na medida do possível, porque nem tudo eu conto pra ela -, mas tudo o que eu acho pertinente eu conto pra ela, ela me ajuda, enfim, nós viramos mais amigos hoje do que éramos antes e foi a melhor coisa que foi feita. A partir disso eu acho que comecei a enxergar a minha vida com outros olhos, eu já não tinha mais medo, por mais que a gente more num país onde mais matam LGBTs. É dolorido porque a minha mãe sempre falava “Rafa, toma cuidado quando você sair de casa, me avisa”, e até os meus 28 anos, quando eu morava com a minha mãe, eu avisava pra ela “Mãe, tô indo na casa de fulano. Mãe, tô indo não sei aonde, tô indo pra balada, tô voltando pra casa”, eu sempre avisava pra minha mãe, porque ela tinha esse medo, ela não sabia o que ia acontecer, ainda mais quando

ela via noticiários na televisão do tipo “gays espancados na Paulista com lâmpadas”, então ela morria de medo e sempre que eu podia eu avisava pra ela também.

A gente sempre costumava manter essa relação, mas com os meus 28 anos eu passei a morar sozinho. O meu primeiro namorado, eu lembro até hoje, que eu tinha medo de falar “Mãe, eu tô namorando um homem, eu tô namorando um rapaz”. Por incrível que pareça, eu ainda no colegial namorei uma menina por um ano, a galera sempre passava na rua e falava, a gente sempre escutava uma piadinha “Olha lá! Tá com ela só pra falar não falar que é gay”.

Nessa época eu não tinha me assumido ainda, eu ainda morava com a minha mãe quando eu comecei a namorar essa menina. Eu tava no 3º Colegial, eu até gostava da pessoa, mas tinha atração por homem. Eu vi também não tava sendo saudável pra gente esse relacionamento, até pela parte dela que era muito possessiva - nós temos amigos em comum -, então vinha muita cobrança, as minhas amigas eram as mesmas amigas dela e ela não sentia confiança e eu falei “Não dá, vamo terminar por aqui” e cada um seguiu o seu rumo.

Foi tudo na mesma época: eu terminei com ela, me assumi, tive o meu primeiro beijo gay e aí eu comecei a conhecer o mundo mais colorido, sabe? Eu falei “Tá vendo? Quando é pras coisas acontecer, acontece e de uma forma que a gente sabe que vai dar bom”. Foi a melhor fase assim da minha vida. A partir dos 18 eu não tenho do que reclamar. Eu comecei a ver o mundo com outro olhar, eu comecei a conhecer pessoas. O primeiro namorado pra apresentar pra minha mãe também foi um negócio, eu falei “E agora?”. Mas tudo tranquilo, minha mãe sempre naquelas “Tá bom...ok...”.

Eu terminei, não durou muito, eu vim morar sozinho e nesse meio tempo eu conheci outra pessoa, que é o Vitor que tá comigo até hoje, vai fazer 4 anos que estamos juntos. Como todo final de semana ele vinha aqui para casa - ele morava com a mãe -, isso foi começando a ficar mais rotineiro, uma coisa mais gostosa e antes de entrar na pandemia - eu acho que foi bem no começo do ano mesmo, do ano passado, retrasado, não lembro, já fico até perdido. Vai fazer um ano e meio que a gente tá na pandemia -, antes de começar a pandemia ele veio morar comigo e a gente entrou num consenso, “Ah, já que você tá mais aqui do que na tua casa, vamos morar juntos”. Ele trouxe as coisas dele para cá e estamos vivendo até hoje,

morando juntos praticamente o mesmo tempo de pandemia e namorando vai fazer 4 anos.

A gente é uma balança, ele é bem mais para frente e eu já sou um pouco mais calmo, tenho aquela coisa de “Não, vamos fazer desse jeito”, ele já é um pouco mais estourado, mas a gente meio que se dosa, a gente meio que se encontrou nisso. O Vitor também é meu parceiraço da dança e da vida, porque a gente sempre ajuda um ao outro e eu também sou muito grato por isso. Ele dança comigo também na Trupe Benkady, mas ele entrou bem depois que eu. Tamo aí, seguindo juntos, firmes e fortes, ele também é artista, se formou em palhaço, no Doutores da Alegria, é formado em teatro e agora tá no mundo da dança também comigo. Assim a gente vai vivendo, né? Trabalhando um pouquinho ali, trabalhando um pouquinho aqui e assim junto a gente consegue pagar as contas.

Do pouco que eu conheço, antes da gente vir para cá, aqui já moravam algumas tias, a irmã da minha mãe já morava aqui. Após o falecimento dos meus avós, a minha mãe já veio pra cá porque ela falou assim: “O que eu vou fazer aqui? Os meus pais já não estão mais aqui entre a gente, então eu vou pra São Paulo pra fazer a vida lá”, até porque lá, como era interior, não tinha muita coisa, trabalho era difícil, praticamente tudo era difícil, então a gente veio para cá justamente por isso, pra fazer uma nova vida aqui.

A gente passou um tempo morando na casa dessa tia, dessa irmã da minha mãe, que na época era uma casa grande, praticamente a família toda morava lá: os irmãos da minha mãe, a gente, ela, até cada uma conseguir o seu cantinho. Conforme a gente foi crescendo, a minha mãe já conseguiu comprar a casinha dela, a minha outra tia comprou uma casa e assim foi.

Após essa vinda para cá, sempre a cada 2 anos elas iam pra lá passear, porque tinha alguns parentes que ficaram lá ainda, tias delas, primas. Eu mesmo consegui voltar pra Itambé com 15 anos e depois, já morando aqui sozinho, com os meus 28/29 anos. A gente geralmente vai em época de São João, porque nada melhor do que passar São João no interior, na Bahia onde tem o maior festão, tem as comidas típicas, então sempre a cada 2 anos elas vão e dessa vez eu fui com elas. Lá a gente fica na casa das primas, dos tios, fica uma semaninha e depois volta pra cá de novo.

Falando do meu pai, mesmo depois que a gente veio pra cá, eu sempre quis encontrá-lo, conversar, ter uma aproximação maior. Eu lembro que quando ele vinha pra São Paulo, pra casa de uma irmã dele, eu sempre procurava e ia atrás dele, ficava igual um besta e a minha mãe falava “Rafael, ele não tá nem aí pra você. O que você quer?”. Eu sempre tentava e nada, a gente sempre se desencontrava. Dessa última vez que eu fui, eu acabei indo lá na casa dele, que ele soube que eu tava lá, me procurou e falou “Você pode vir aqui? Eu soube que você tá aqui”. Eu fui, conversei super de boa, fui super bem recebido.

Lá tem um irmão por parte de pai, que tá com quase 18 anos e uma outra irmã que tem uns 8 ou 9 anos. Lá o pessoal é assim, eles te abraçam, isso que é gostoso, sempre quando você vai pra interior e encontra as pessoas, elas falam “Nossa, eu te conheci quando você era desse tamainho, agora tá um homão, tá lindo”. Esse foi o único contato que a gente teve. Depois que eu vim para cá, depois dessa viagem, a gente ainda se comunicou algumas vezes por telefone, mas bem vago, só para saber como o outro tava, mas nada se compara à relação que eu tenho com a minha mãe. É a única lembrança mesmo de lá que eu tenho, desse pouco contato.

Paraisópolis, quando eu vim para cá - eu tenho poucas memórias de pequeno -, não era tão urbanizado como é hoje. Na rua onde a gente morava era tudo de barro, tinha bastante áreas verdes. Paraisópolis é a segunda maior comunidade de São Paulo, com mais de 80 mil habitantes, aqui é uma outra cidade parando pra pensar. Eu realmente vi as coisas mudarem da água pro vinho. Nós já moramos em área de risco, onde passava córrego embaixo e hoje não. A famosa Avenida Hebe Camargo, pegando ela toda você já sai na João Dias, é um fácil acesso pra quem vem de fora e vive de lá pra cá. Melhorou bastante em questão de urbanização.

É uma comunidade onde eu sempre fui muito bem respeitado aqui, por mais que você passe na rua e escute algumas piadinhas que machucam até hoje, ainda mais pra mim que sou byxa, preta e da comunidade. Ainda machuca você passar na rua e escutar uma piadinha do tipo “Olha lá o viadinho”, em pleno século 21 ainda tem aquela pessoa dentro da caixinha que não expande a cabeça. Isso é doloroso, mas eu com a minha bela trança, jogo o cabelo e não tô nem aí, empoderamento tá

aí pra isso. Eu sempre fui bem respeitado e ganhei o respeito também, talvez pela minha maneira de ser, de ser comunicativo com as pessoas.

Geralmente quem é de fora, quem não é de Paraisópolis, marginaliza quem é daqui da comunidade ou tem até medo de entrar na comunidade, porque sempre quando a gente ouve o noticiário na televisão, eles não falam das coisas boas que tem na comunidade. Eles sempre falam do roubo que tem, das polícias que entram aqui dentro caçando usuário de drogas, mas não é só isso, todo lugar tem, mas também tem as partes boas.

Aqui na comunidade tem vários artistas. Aqui eu vejo que eu também sou uma referência pro mundo da dança daqui da comunidade, porque sempre quando acontece algum evento, eles vão chamar o Rafael que é da dança pra fazer uma apresentação com o grupo, eles sempre vão me contatar e isso é bacana, de ver, de ser conhecido por isso. A maioria dos meus alunos jovens estão numa transição pra trans, são meninas trans, e por um lado eu sou um espelho para eles, sabe? Sou preta, sou byxa, sou respeitada, então eles se espelham.

Chegaram até a me perguntar “Rafa, dá pra gente viver só de dança?”, e eu falei “Dá! Olha eu aqui, a prova viva é essa”, porque eu vejo também que eles querem seguir o mesmo caminho, que gostam de dançar, inclusive dois deles vão fazer uma apresentação hoje, uma gravação de dança, então sempre me procuram pra isso. Eles estão nessa transição e eu tô ali pra orientá-los também, porque muitos deles, antes de entrar pra área da dança e fazer as aulas comigo, não conhecia mesmo, até passava na rua, entrava em briga, sabe? Na Casa da Amizade, que é onde eu dou aula, a gente traz essas pessoas em situação de vulnerabilidade, que não tem condição de ir pra fora pra pagar uma aula de dança, pra poder ter um pouco de cultura ali. Eu acho que essa é uma das melhores coisas que tem aqui.

Eu vejo que ainda tem muito a melhorar, principalmente vindo das pessoas. Eu não sei se eu sonho demais, mas eu ainda vejo um lugar que tenha mais empatia, que se coloque no lugar do outro, o mundo precisa de mais empatia, então aqui eu não descarto isso. Às vezes você vai passar na rua e vai escutar um burburinho falando de você ou de como você se veste. Não é só porque eu sou de comunidade, de Paraisópolis, que eu tenho que seguir aquele padrão que todo

mundo acha que tem que ser: ser aquele homem padrão, hétero, que veste só tênis de mola, bermuda até abaixo do joelho, camisa de time.

Quando as pessoas te vêem com um estilo diferente, com uma trança, com uma roupa mais legalzinha assim, a gente vai escutar, a gente vai ouvir, tanto bom como ruim, por isso quando eu falo de empatia, eu falo de olhar pra si também e parar de apontar pros outros, e ver que em todo lugar a gente pode ou deve vestir e andar com a gente bem quiser, por isso eu acho que é isso o que falta. Tem pessoas que vão passar por você e te dar um bom dia, um boa tarde, um boa noite e tem pessoas também que não tão nem aí, mas eu acho que todo lugar tem.

A gente tá em Paraisópolis e ao redor a gente tá rodeado de casa rica e de luxo, porque saiu aqui na esquina você já tá no Morumbi, na Giovanni Gronchi. Tem pessoas que moram aqui na Giovanni e que às vezes tem medo de entrar aqui dentro, que marginalizam também e falam que aqui dentro só vai ter gente que não presta, como em vários casos que a gente já ouviu falar. Mas não, a maioria das pessoas que moram aqui na comunidade, por exemplo, domésticas, trabalham nessas casas daqui do Morumbi e eu acho que a partir daí já vai criando outro vínculo, um outro olhar.

Eu não tenho do que reclamar também, porque como eu falei, sou muito bem respeitado aqui, senão eu não estaria aqui até hoje, mas se eu pudesse eu moraria em outro lugar que tivesse menos barulho, porque eu acho que a partir de uma certa idade a gente quer um pouco mais de aconchego e paz. Às vezes chega final de semana, você quer descansar porque trabalhou a semana toda, mas seu vizinho tá com o som ligado até sei lá que horas - não aqui porque até depois das 10 horas não pode, mas aqui do lado a gente geralmente escuta o som às alturas que a gente não consegue dormir -, mas só por isso que talvez eu iria pra um lugar que tivesse mais conforto em questão de barulho.

Eu aproveitei muito bem a minha infância. Acho que até os meus 17 anos eu tava brincando, porque como a minha irmã é mais nova que eu, quando a minha mãe saía pra trabalhar eu cuidava dela e brincava junto. Tava ali brincando de casinha, de escolinha e eu adorava, eu amava, então eu aproveitei muito bem a minha infância. Desde que eu cheguei aqui eu sempre brincava na rua, na casa dos primos, dos amigos. Eu também gostava de brincar de pular elástico, amarelinha,

esconde-esconde, eu amava tudo isso, então eu aproveitei muito bem a minha infância e adolescência e não tenho do que reclamar.

Tem essa questão de eu ser preta e gay aqui em Paraisópolis. Antigamente eu não sabia, eu era uma pessoa muito que não tava nem aí pra nada, entrava por um ouvido e saía pelo outro, sabe criança mesmo, moleque que não entendia nada? Eu vim começar a entender mais sobre essas questões tanto raciais, como de tudo mais agora. Eu vou te falar que é hoje em dia que eu posso falar e entender um pouco mais sobre, mas eu ainda tô em constante aprendizado. Eu falava que eu nunca tinha sofrido preconceito na minha vida, aí você parando pra pensar e analisar hoje, que você já tem uma mente mais aberta das coisas, você fala “Tá vendo, eu já sofri sim”.

Na 8º série, por exemplo, tinha um rapaz na escola que as pessoas falavam que era parecido comigo, ele também era gay, da minha altura, da minha cor, e por isso sempre me chamavam de Cláudio, que era o nome dele. Um certo dia na saída da escola, num dia que entregaram mexerica na merenda, uns três meninos começaram a me xingar, vindo atrás enquanto eu ia pra casa. Me xingavam de tudo quanto era nome e pegavam os gomos da mexerica pra jogar em mim e eu não fazia nada, sabe aquela pessoa besta que não tava nem aí? Nesse momento eu comecei a correr, eles também começaram a correr atrás de mim jogando coisas, eu consegui despistar ele e cheguei em casa chorando. A minha mãe perguntou o que foi e eu falei pra ela o que aconteceu.

Nessa época, a minha mãe acabou contando pra esse meu tio que faleceu, o Miraldo que era rapper. Ela contou toda a história que os meninos tinham mexido comigo e falou pra que no dia seguinte eu mostrasse quem eram esses meninos. Dito e feito: a gente foi, eu mostrei quem era e esse meu tio falou uma pá pra esses meninos, falou um monte, “Se acontecer de novo vocês vão ver” e nunca mais. A partir daí eu já comecei a ficar mais esperto, porque era muito besta, as pessoas mexiam, eu não falava nada, talvez por medo. Eu acho que foi um dos piores momentos que eu tive na minha adolescência, esse que as pessoas mexiam comigo e eu não fazia nada, mas da minha infância eu não tenho do que reclamar, foi a melhor fase que eu tive.

Tem aquela mãe que é tipo uma leoa, não encosta no meu filho ou na minha filha que o bicho vai pegar. Foi bem isso a relação que eu sempre tive com a minha mãe, de proteção mesmo, de um saber como o outro tá, o que tá acontecendo, o que tá pegando. Teve uma época que eu era muito tímido, quando era criança mesmo, que minha mãe até me colocou pra passar com uma psicóloga, porque ela dizia “Meu Deus, o que esse menino tem? O menino não chora, não grita, não faz nada. Vai namorar menino, sai de casa, só vive debaixo das minhas saias. Pra onde eu vou esse menino vai atrás”, e eu só vivia grudado com a minha mãe, pra onde ela ia eu ia atrás.

Eu comecei a passar na psicóloga pra minha mãe ver o que tava acontecendo, mas não tinha nada, era só o meu jeito mesmo, quieto, calado, tímido, mais acanhado, mais delicado, eu sempre fui assim. A partir do momento que eu comecei a fazer teatro eu fui me soltando mais, me abrindo mais pro mundo, porque eu sempre tive esse medo do mundo, de pensar como as coisas são mas de não parar, porque se você não se proteger ou não virar alguém pra se proteger do mundo, você acaba caindo e indo embora, por isso eu acho que a arte foi uma das coisas que me salvou, me transformou real, pra conseguir enfrentar e correr atrás dos meus.

Se eu primeiro me vi diferente ou se foram as pessoas que apontaram essa diferença? Acho que foi um misto de tudo, eu comecei a perceber e a me ligar vendo os apontamentos dos outros na rua. Eu pensava “Será que eu tenho que me encaixar nesse padrão? Será que eu tenho que seguir o mesmo que essas pessoas seguem e deixar de ser eu?”. Eu realmente entrava numas paranoias assim. Antes de assumir a minha negritude, por exemplo, eu sempre falava que eu era moreno. Sempre quando alguém perguntava se eu era negro ou como eu me reconhecia, eu falava que era moreno, porque pra mim negro era uma coisa marginal.

Teve uma época que eu comecei a alisar o meu cabelo. Eu sempre deixei o meu cabelo raspado, mas depois passei a deixar o cabelo crescer e comecei a alisar, talvez pra entrar nesse padrão de ter um cabelinho mais caído pro lado, mas eu acho que foi a pior coisa que eu fiz na minha vida, porque hoje eu olho a foto e falo “Que porra é essa?”, sabe? Isso não é você aqui. Tudo isso justamente pra

tentar se encaixar num padrão onde talvez as pessoas te vissem com um outro olhar, e não de você chegar e te olharem de cima a baixo tipo “Quem é essa POC?”.

Acho que essa questão passa mais pela minha pela minha negritude, do que por ser gay. Eu sempre me questionava “Por que eu nunca arrumo ninguém pra namorar ou pra ficar?”, eu entrava em aplicativos, bate-papo, essas coisas pra tentar arrumar alguém. Das pessoas que eu me relacionava antes, parece que elas só queriam sexo, você era só um objeto, usava, te descartava e jogava fora. Eu parava e pensava que eu queria mais que isso, eu não queria só ser visto dessa forma, eu queria ter alguém, eu queria namorar, eu queria ter um relacionamento com alguém.

Eu sempre me questionava o porquê e eu fui começando a entender com o decorrer do tempo que eu não sou uma pessoa padrão, uma byxa padrão que é branca, forte, de tanquinho, a “byxa Barbie” que o povo meio que aceita. Tava explicado o porque eu não arrumava ninguém naquela época. Eu fui tentando me desviar falando “Não Rafael, isso não pode afetar, sai dessa, sai dessa bolha”, porque se você deixar se levar por aquilo, você acaba caindo, entra naquilo e não sai. É por isso que as pessoas têm depressão e acabam caindo num lugar estranho, foi onde eu disse “Não vou deixar isso acontecer, vou ser mais eu em primeiro lugar. Eu me amo e amor próprio é acima de tudo”, e a partir disso eu fui evoluindo, porque senão...

Na escola eu não tive relacionamento afetivo de namorar e de paquerar, não tinha. Era só amizade e a maioria delas era com meninas.

Eu não andava com os meninos porque eu acho que não me enquadrava naquele rolê, porque os meninos héteros só falavam de menina, de futebol, e era uma coisa que não era eu, sabe? Já com as meninas não, a gente conversava sobre tudo, então era onde eu me sentia mais presente. Aquela menina que eu namorei, a gente começou a ficar fora porque a gente fazia o mesmo curso juntos e a gente também estudava na mesma escola, mas acho que dentro não iria rolar, justamente por ter aquele padrãozinho. Era uma coisa que eu não me encaixava e pensava “O que tá acontecendo?”.

Demorou pra encontrar o tipo de relacionamento que eu buscava, porque eu via que as pessoas só queriam oba oba, só queriam sexo e nada mais que isso. Eu sou de peixes, aquela pessoa sonhadora, a primeira pessoa que beijou já pensa em

casar, já pensa em ter filho, cachorro e tudo. Às vezes eu não deixo me levar muito pelo signo e falo “Vamo só curtir então”, mas eu via que queria algo além de curtir, eu queria um relacionamento sério com a pessoa, mas a pessoa não queria e eu falava que não queria mais também.

Teve um tempo eu parei de sair e ficar só na cassação de sexo, porque eu entendi que o povo só quer isso, ninguém quer nada sério, até você encontrar alguém que de fato queira algo junto com você, que foi o que aconteceu. O Vitor, que é a pessoa que tá comigo até hoje, por incrível que pareça foi algo que se conectou. A gente dançava junto e foi algo que foi crescendo, a gente foi se aproximando, eu via que a gente tinha os mesmos gostos, até que rolou, uma hora chega pra todo mundo, não adianta você ficar desesperado, porque o mundo não vai acabar.

Eu também não posso descartar que eu também fui uma pessoa que curtiu muito em questão de sexo, de sair, de ficar, de namorar, não de namorar sério, mas de ter esses encontrinhos ali. Às vezes também acontecia da pessoa querer algo a mais comigo e, eu acho que por tanto apanhar, de eu querer fazer a mesma coisa que as pessoas faziam comigo antes, eu já passei por isso também. Chegou um momento que eu não queria nada sério, eu só queria ficar. Teve uma pessoa que eu fiquei e que parecia que queria algo a mais comigo, mais do que só uma ficada, mas eu não quis porque pensei “Eu já sofri tanto, vai que eu me envolvo demais e essa pessoa não quer”. Eu passei esse tempo só cuidando de mim, vivendo pra mim, até que eu encontrei o meu parceiro que tá comigo até hoje.

Eu danço porque a dança pra mim é a cura de tudo, de todas as questões do mundo que a gente vive. Quando eu entro numa sala de dança pra dar a minha aula ou pra fazer uma aula, é como se eu colocasse pra fora todas essas coisas ruins que a gente vive e vê, é como se você tirasse isso daquele momento. Você se reconecta com a arte, com a dança e você faz aquilo com prazer e vontade, não tem nada melhor que isso. Quando você sai da sala de dança e volta pro mundo real, parece que volta tudo de novo, é uma bola de neve, mas você ainda sai com aquela sensação que tá em você, que você vai voltar ali e vai fazer melhor.

Eu acho que eu só fui. Quando eu falei que não me encaixava fazendo dança de salão é porque você tem que fazer o papel do homem, de conduzir a dama

na dança, seja no bolero, no tango, no forró universitário. Já nessas outras danças como, por exemplo, o balé e o contemporâneo, que você não precisa conduzir ninguém, você já se encaixa mais porque você pode dançar do seu jeito, você faz o que você pode fazer, seja homem, seja mulher, enfim.

Na dança africana foi a mesma coisa, eu me vi ali pela ancestralidade que a dança africana trás, pela possibilidade de você se reconectar com os seus antepassados, então isso me trouxe toda uma vontade de estar ali e fazer parte. Quando eu vi aqueles tambores vibrando e tocando ali, aquilo me tocou lá no fundo e eu falei “É isso que eu quero pra minha vida!”. Foi a partir disso, desse ouvir, do rufar dos tambores, de você sentir aquele vibrar em você, que isso tudo me puxou e me resgatou pra esse lugar que eu vivo até hoje.

Seja onde for, na dança africana ou no balé, tirando a dança de salão, a gente só precisa estar, fazendo com prazer e com vontade. Você não precisa saber, porque você tá numa sala de dança pra aprender e ver o que você realmente quer. Tem gente que vai pra aprender, tem gente que vai por hobby, tem gente que vai pra seguir uma carreira profissional na dança, que foi o meu caso. Eu vou pra sala de dança pra aprender, pra me distrair, pra me jogar, porque é sobre se jogar no mundo e tirar essas preocupações.

Além de todas as danças que eu fiz, eu consegui também ser comissão de frente de duas escolas de samba de São Paulo, que é a Vai-Vai e a Mocidade Alegre. O samba é a minha outra paixão. Primeiro eu entrei na Mocidade Alegre, através de uns amigos que já faziam parte de uma ala coreografada - esse amigos faziam parte do Meninos do Morumbi, na época que existia esse projeto -, porque precisavam de um integrante a mais na ala e isso também se tornou uma paixão.

A gente só assistia na televisão os desfiles das escolas de samba e eu nunca imaginava de pisar no Sambódromo do Anhembi desfilando, é uma coisa de outro mundo você ver aquela arquibancada toda cheia de gente, vibrando, cantando samba, tudo muito colorido, aqueles carros alegóricos enormes. Foram cinco anos que eu passei Mocidade Alegre, quatro anos em ala coreografada e um ano como comissão de frente. Depois de sair da Mocidade Alegre eu fui pra Vai-Vai, fiquei um ano também como comissão de frente, o samba se tornou ainda mais uma paixão

que tá no sangue, e eu só saí da escola de samba por questões de desvalorização do artista.

A gente vê aquela coisa linda e maravilhosa, mas pra quem tá lá a gente não sabe o que se passa por trás. Uma coisa é você querer desfilhar na escola X, pagar sua fantasia e desfilhar na avenida. Outra coisa sou eu, como profissional da dança, ir lá fazer o meu trabalho como dançarino e como comissão de frente, porque eu preciso ser pago para isso, o que as escolas na maioria das vezes não fazem. Na Mocidade Alegre, por exemplo, eu sempre desfilei por amor, porque eu gostava, porque eu amava, só que chegou um momento que eu entendi que nem só amor paga as contas. Viver de amor não paga as contas e eu precisava, por isso eu saí e fui pra Vai-Vai, porque pra participar da comissão de frente eles ofereciam um cachê X, então além de desfilhar e de dançar, que é uma coisa que eu gosto, eu também pude ganhar um cachê. Eu me joguei, desfilei, ganhei o meu cachezinho e saí linda e maravilhosa.

Tem muito essa questão da pessoa ir e querer dançar por visibilidade, mas eu penso “Tá...eu vou aparecer, mas e aí?”, porque eu tô fazendo o meu trabalho, dança também é um trabalho. Você tira tempo pra ensaiar e ensaia a semana toda, ainda mais quando chega próximo do Carnaval que é ensaio, é pauleira, você não tem vida, você vive só pra isso, só pro Carnaval. Tem gasto com condução, gasto com comida que você come fora, vira e mexe você fica até tarde no ensaio e não tem como pegar um ônibus, você pega um táxi ou um Uber. É gasto e tempo, sabe? Você gastar tudo isso pra estar numa escola de samba e depois não ser reconhecido é complicado, é por isso que hoje eu não estou mais desfilando em nenhuma escola. Eu ainda recebo alguns convites, mas é sempre aquela história “A gente não oferece cachê, não tem como pagar”, então eu falo “Tá né, desculpa, mas você não vai ter meu corpinho dançando na avenida pra vocês”. Gosto, amo, mas é o que eu falo: também é o meu trabalho.

A partir do momento que eu comecei a abrir os meus olhos também pra isso, eu passei a crescer profissionalmente. Anteriormente, mesmo já na área da dança, eu não sabia sobre essa desvalorização do artista, que isso também é um trabalho e que você precisa receber para aquilo, mas com isso a gente vai abrindo os olhos. Antigamente, aqui mesmo na comunidade quando tinha algum evento, pagavam

horrores pras pessoas virem colocar palco no meio da rua, pras pessoas trabalharem atrás dos palcos, pra filmar etc., mas pra te chamar pra fazer uma participação não tinha dinheiro, não tinha cachê, nem que fosse uma ajuda de custo. Poucas vezes te ofereciam uma água, um lanche, que é o mínimo que se deve fazer e não tinha.

Eu parei e pensei “Não é isso! Não é isso o que eu quero”. É a minha paixão, é o meu amor a dança, eu saio pra mostrar o meu trabalho, mas por trás disso tem toda uma pesquisa, tem o tempo que eu gasto pra criar uma coreografia, pra fazer um ensaio, pra levar pro palco...tem que sacar isso também né? Quando a gente fala sobre isso ainda é tido como ruim, mas não é. Eu ia sempre por amor, fulano te chamava pra fazer uma apresentação não sei aonde, tem a possibilidade de se mostrar, vai ter câmeras, mas depois você voltava pra casa chupando dedo, sabe? E aí? Amanhã eu tenho que ralar pra comprar meu pacote de feijão, por exemplo. Mas com isso a gente vai crescendo, vai amadurecendo e colocando o seu valor naquilo que você faz.

Até emissoras mesmo. No grupo que eu faço parte, que é a Trupe Benkady, em 2015 nós fomos para o programa Encontro com Fátima Bernardes na Globo, tudo pago por eles, avião, hospedagem, só pra aparecer, fazer uma apresentaçõzinha de dança lá no palco, mas não teve cachê pro grupo. É uma emissora, a Rede Globo, e aí você pensa “Só uma passagem e hospedagem?”. Não ofereceram nada, mas tem a questão da visibilidade: depois que a gente passou no programa acabou, é naquele momento. As pessoas até falam “Vi você na televisão”, tem aquele engajamento, mas no dia seguinte eu volto a ser o Rafael da comunidade, a mesma coisa que era antes.

Em 2018 ou 2019, nós também fomos para o programa Fábrica de Casamentos do SBT, pra participar de um casamento com tema africano. Também a mesma coisa: não ofereceram cachê, teve comida, teve carro pra levar e buscar, mas só isso. Aí você pára e pensa “Duas grandes emissoras de televisão não podem pagar um cachê pro artista, que país a gente tá?”. Por isso que aqui no Brasil é muito difícil você viver de arte. Eu tenho vários amigos que já viajaram pra fora ou que vivem lá fora que falam “Rafa, se você vier pra cá você consegue ganhar o dobro vivendo de arte”, mas eu acho que isso não tá nos meus planos porque eu

gosto do Brasil e não penso em tão cedo ir pra fora, talvez pra fazer um trabalho ou outro, mas vamos jogar pro universo também.

Pra conseguir viver da dança Primeiro foi fazendo apresentações. A primeira vez que eu ganhei um cachê com dança, foi numa apresentação onde eu fiz parte de um corpo de baile, através dessas meninas que eu citei lá no começo, das três grandes referências que eu tinha, que era a Janete, a Luli e a Regina. Elas me convidaram pra participar do corpo de baile do espetáculo de uma cantora chamada Iara Rennó, esse espetáculo seria lá no Teatro Oficina e a gente ficaria em cartaz por três dias consecutivos. Elas já dançavam com ela, estavam precisando de mais bailarinos e me chamaram pra fazer parte.

Foi meu primeiro cachê com a dança e foi onde eu falei “Dá pra gente ganhar dinheiro com a dança, seja apresentando, seja dando aula”. Eu ainda não dava aula, mas eu sempre sonhava em viver da dança, viajar apresentando nos lugares, eu queria ter um grupo de dança e foi isso o que aconteceu. Eu me senti uma pessoa muito importante, tipo “eu sou um artista vivendo da dança e ainda ganhando cachê”, foi uma experiência maravilhosa. Nesse espetáculo a gente falava sobre os contos de Macunaíma, era o Macu na Ópera, um espetáculo que envolvia dança, canto e encenação também, foi bem bacana.

A partir disso você vê como as portas vão se abrindo. As pessoas que vão assistir talvez gostem de você, te chamem pra fazer outro trabalho e assim vai crescendo, como se fosse um trabalho de formiguinha. Teve uma outra apresentação lá na Bienal que também foi a Luciane que me chamou pra participar, de um artista senegalês que veio para o Brasil e queria vários corpos dançantes explorando os espaços lá da Bienal.

Com a Trupe Benkady a gente sempre vende os nossos espetáculos pra SESCs, Casas de Cultura etc, e com isso a gente já passou por vários lugares de São Paulo participando de editais e enviando projetos. Além da Trupe, eu também tenho os meus trabalhos fora com aulas de dança, tem os meus trabalhos na ONG e o que entra pela Trupe é um lucro a mais: pintou um show aqui, você já tem um cachê garantido pro mês e não tem mais que se preocupar naquele mês. Tem dia que tem show e tem dia que não tem, é isso que pega muito pro artista: nem sempre

vai ter show, nem sempre a gente vai fechar com SESC, nem com a Casa de Cultura, então se não for eu por eu mesmo fazendo meu nome, gata, já era.

Nessa pandemia eu comecei a dar aulas online de dança africana, porque eu vi que as coisas apertaram pra nós artistas, apertou bastante. Eu pensei “Por que não? Já que tudo tá sendo online e virtual, então vamos abrir uma turminha de dança africana”. No começo, até eu me adaptar, foi um pouco difícil viver nesse virtual, acho que foi pra todo mundo, porque a gente tá acostumado com sala cheia de gente e no virtual você tem um aluno, dois alunos, é muito doído, mas a gente vai vivendo até voltar o que era antes.

Além da ONG, da Casa da Amizade, eu também comecei a dar aula de dança pra um grupo de meninas que fazem dança judaica lá na Bela Vista. É até engraçada essa história, porque elas me chamaram pra dar uma oficina de dança africana e eu pensei “Mas dança judaica tem a ver com o judaísmo, que é uma religião onde geralmente só tem gente branca”, eu não conheço muito, mas eu fui com esse meu preconceito de pensar “Como assim? Eles querem uma oficina de dança africana?”. Eu cheguei lá e foi totalmente diferente do que eu tinha construído aqui, não era aquilo, eu fui muito bem recebido e eles queriam aprender um pouco mais. Eu percebi que tinha que tirar um pouco desse meu preconceito de querer olhar as coisas de uma maneira que elas não são, se ela me chamou pra fazer esse trabalho, é porque elas estão a fim de aprender, de querer saber um pouco mais da cultura e tudo mais.

A partir dessa oficina, eles me chamaram pra ficar fixo com eles, dando aula todas as quintas-feiras. É só 40 minutos de aula que eu dou no início do ensaio delas, mas não só de dança africana, tem dias que eu levo zumba, ritmos, axé. Elas gostam de experimentar e de inovar, porque elas só conhecem aquilo, poucas conhecem outras coisas, então eu levo novidades pra elas. Antes de começar o ensaio delas, eu passo um aquecimento e um alongamento, mas às vezes faço uma coisa mais tranquila, mais light. A partir desse trabalho da primeira oficina que eu fiz com elas, elas apresentaram lá no Clube Hebraica, na Rebouças, num evento que teve com pessoas de fora do país, e em uma das coreografias elas abriram com a dança africana. Eu levei dois músicos que trabalham comigo pra tocar enquanto elas dançavam, em seguida elas entraram com uma dança judaica e eu vi que muitos

passos se encaixaram ali, foi uma junção que levou a galera ao delírio. Foi muito bom resultado, tanto que eu tô com elas até hoje.

Pra mim o ensinar também é um momento de você se libertar, de você ter aquilo como um refúgio. Eu pego como exemplo uma reunião que eu tive com as mães, que são as minhas alunas adultas da Casa da Amizade, porque elas geralmente falam que trabalham a semana toda, chegam em casa, tem que fazer comida, cuidar de filho, marido que não ajuda, e quando chega o final de semana - porque é todo sábado que eu dou aula pra elas -, elas querem ter um momento só delas. É o momento que elas esquecem da casa, dos filhos, do marido e vem para se divertir, pra se libertar, pra ser quem elas são, colocar tudo o que tem pra fora, dançar e se divertir mesmo. Eu pego a aula das mães como exemplo porque elas falam que realmente é um refúgio pra elas, é o momento que elas se colocam ali como elas mesmas, então ela não tá ali como mãe, ela não tá ali como dona de casa, ela tá ali como a Maria, a Joana, a Francisca e assim vai. Elas estão ali pra se divertir, pra aprender e também pra extravasar, como elas dizem.

Isso é também o que me orgulha e me motiva a estar nesses espaços, principalmente em periferias e comunidades que não têm acesso à cultura, não tem acesso à dança, não tem como pagar uma aula fora, então a ONG tá aí pra isso. Elas não pagam nada, mas eu recebo pra estar lá, pra ensinar, pra dar aula. Ali é para elas, então eu tenho muito orgulho e é isso o que me motiva, ver essa vontade delas aprenderem.

Eu tenho um grupo de quase 20 mães e desde quando elas começaram, até hoje elas só vem crescendo. Alguma sai, mas depois volta. Elas são aquelas alunas frequentes que falam “Prof, eu não vou hoje mas semana que vem eu tô aí”, sabe? Sempre quando é o meu aniversário elas me presenteiam, sempre levam alguma coisa: é lembrancinha, é bolo, e é isso o que eu quero, eu não quero mais nada. Às vezes não tem valor que pague esse afeto e esse reconhecimento, então é muito gratificante pra mim. Isso só tende a crescer e expandir mais a minha cultura, a minha arte, a possibilidade levar o que eu faço pra outros lugares e ser reconhecido também, talvez pela minha história, pelo que eu faço, de onde venho, onde eu moro. Também é sobre ser alguém para as pessoas seguirem como exemplo e verem que

realmente a arte salva, a arte cura e eu tô aí pra isso, pra mostrar. Quer mais prova que isso? Venha fazer aula comigo que você vê (risos).

Eu já tive contato com igreja sim. Eu sou católico não praticante, como dizem. É mais pela minha família mesmo, que é uma família católica. Eu sou devoto de Nossa Senhora Aparecida, eu tenho a minha fé e minha religião, mas eu não costumo ir mais em igrejas e missas. Eu ia bastante com a minha mãe, quase todos os domingos a gente ia pra missa, mas conforme eu fui crescendo, eu fui deixando de ir presencialmente à igreja, mas sempre mantendo a minha fé, o que acredito e a minha reza. Eu sempre falo que pra você ter fé ou acreditar em um deus, você não precisa estar numa igreja 24 horas, você não precisa tá lá todo domingo, ajoelhado, orando, não precisa, pelo menos ao meu ver. Não é só porque eu não frequento mais a missa que eu deixei de acreditar ou de ter fé naquilo que eu acredito.

Ir para a igreja só aconteceu na época que eu morava com a minha mãe. Quanto às outras religiões, as pessoas sempre me perguntam se eu sou do Candomblé ou da Umbanda, por eu fazer dança africana, e eu falo “Não, gente. Não precisa ser”. Eu tenho total respeito, amo também, tenho vários amigos que são do Candomblé e da Umbanda, vou em festas, já fui em festa de terreiro, amo também, se for comida me chama que eu vou e já tô lá. Eu já cheguei também a me consultar com entidades, Preto Velho, Maria Padilha, e eu acredito super, são coisas que super batem, mas mesmo assim eu não deixei de ser católico. É uma outra religião que, se eu não fosse católico, eu gostaria de ser.

Eu só não fui em igreja evangélica e também não pretendo, não quero. É um outro olhar que eu tenho da igreja evangélica, por eles marginalizarem o gay, o preto etc. Eu já ouvi várias histórias de dedos apontados pros outros e me parece que são eles que fazem o que dizem que não deveria ser feito, enquanto a gente não, a gente só vive e acredita naquilo que é. Eu acredito que tendo o respeito acima de tudo, eu vou onde eu quero ir, seja no Candomblé, na Umbanda, na igreja, na missa católica eu tô lá, sempre acreditando na minha fé.

Sobre questões de racialidade, sexualidade, gênero e classe social, hoje eu me reconheço como uma pessoa negra e gay, homossexual. Eu comecei a me descobrir como uma pessoa negra com o passar do tempo. Dentro da dança africana eu comecei a ver que tinha muito de mim ali e que as pessoas se pareciam

comigo. Nos momentos em que eu alisava o meu cabelo, geralmente alguém do grupo falava “Rafa, precisa mesmo?”.

Eu tenho uma amiga, a Natália, que é trançista e também dança no grupo. Um dia ela falou “Rafa, deixa eu fazer trança em você pra ver como fica?” e fez. Quando eu me olhei no espelho, eu falei “Meu Deus, quem é essa pessoa?” e a partir daí eu comecei a tirar a química que tinha no meu cabelo e fazer transição capilar. Eu ia cortando as partes alisadas e deixando o meu cabelo natural, colocava trança, tirava, cortava, colocava trança novamente até eu deixar o meu cabelo natural.

Foi nessa transição e através dos amigos da dança africana que eu fui começando a me reconhecer como uma pessoa negra, porque antigamente eu falava que era moreno. Eu fui começando a entender esse meu lugar, quem eu sou hoje e quem eu sou na fila do pão, sabe? Hoje eu tenho mais propriedade do que antes pra falar desse meu lugar de pessoa negra e do que eu já sofri também, porque antes eu era aquela pessoa que falava que nunca sofreu preconceito racial.

Teve um fato que me veio rapidamente, de quando eu trabalhava no meu primeiro emprego. Tinha uma advogada que trabalhava nesse local, isso aqui em Paraisópolis, ela é preta e eu era atendente de recepção, quem chegava eu atendia e atendia o telefone também. Num certo dia a bolsa dela sumiu e ela me culpou, falando que eu tinha pegado a bolsa dela. Ela fez um alvoroço lá no local e eu falando “Não fui eu, não fui eu. Se quiser me revistar, revista tudo”. Eu cheguei em casa pra baixo, chorando e a minha mãe perguntou o que tinha acontecido. Eu contei o ocorrido pra ela e imediatamente ela disse “Vamo lá!”.

Chegando lá a minha perguntou o que tava acontecendo e a advogada chegou dizendo que a bolsa dela tava no armário e ela não tinha visto. A minha mãe questionou ela e deu aquela chamada, e depois eu comecei a me questionar, porque geralmente é uma pessoa que mal te conhece ou fala com você, mas te acusa de algo que você não fez.

Hoje em dia eu sei o que é entrar num shopping e ser perseguido por seguranças. Você tá numa loja e toda hora a pessoa tá atrás de você perguntando se você quer ajuda: “Não moço, eu só quero olhar, eu só quero ver. Quando eu precisar, eu te chamo”, mas tá toda hora ali te olhando, escondidinho, de bituca e o

segurança atrás. Hoje eu sei o que a gente passa, porque antigamente eu falava “Não, gente! Eu nunca passei por isso”, porque eu não sabia, mas hoje eu sei o que é e é muito doloroso.

É muito triste isso, mas é uma luta diária pra gente que é preto e periférico, ainda mais quando você fala que mora em Paraisópolis, porque os olhares crescem. Hoje nem tanto, mas quando eu trabalhava em telemarketing, as pessoas me perguntavam onde eu morava, eu falava que era em Paraisópolis e vinha a reação “Nossa, mas lá não é perigoso? Se eu for lá será que eu saio vivo?”. Eu falava “Gente, mas todo lugar é perigoso”, eu me sinto mais seguro aqui em Paraisópolis do que se eu for na avenida Giovanni Gronchi, porque aqui as pessoas já me conhecem, eu já sei quem são as pessoas e aqui ninguém vai fazer mal com você, a não ser que você faça.

Aqui dentro tem uma regra do pessoal do comando, porque eles não gostam que roubem aqui dentro. Quer roubar, vai roubar lá fora, porque roubando aqui dentro vai trazer polícia e isso é o que eles não querem, vai trazer imprensa e vai ficar ainda mais mal falado do que já é. A gente sabe do que tá falando porque a gente vive isso, é por isso que eu me sinto mais seguro aqui do que se eu for pra fora. Hoje eu vejo que essa visão sobre Paraisópolis já mudou bastante, as pessoas já olham de outra forma, acredito que pelas questões sociais que já tem aqui em Paraisópolis e que costumam passar na mídia.

Pro meu futuro eu espero continuar na área da dança, nas artes, ser reconhecido nessas áreas, ser mais valorizado enquanto artista, não só eu, mas todos os artistas que trabalham com isso. Dizer também que dança é um trabalho, teatro, música e a cultura no geral, tem gente que vive disso.

Pras byxas eu espero que elas possam seguir naquilo que acreditam, sendo elas mesmas e com respeito acima de tudo. Vai voar, tira a sua asinha e beijos. Se precisar tamo aí (risos).

6. Ton Moura

Eu sou o Kleberton Moura dos Anjos, mais conhecido como Ton. Eu criei esse nome em 2011 como um nome artístico, porque eu achei Kleberton difícil pra algumas pessoas e Ton eu acho muito simples, o que é o oposto da minha pessoa, porque eu não gosto de ser simples. Eu gosto de chegar nos lugares e ser notado, eu gosto que as pessoas me vejam, porque eu acho que já passou desse momento de sempre levar um não. Eu sempre carrego em cima da minha cabeça o não, porque de 20 testes de elenco - porque eu vou chegar na minha profissão que é multiartista -, 19 são não. Então a gente sempre carrega esse não na cabeça.

Como eu falei eu sou o Kleberton, Ton, eu sou natural de Aracaju, Sergipe. Nasci lá, cheguei aqui em São Paulo dia 02 de fevereiro de 2009, eu tinha 14 anos e eu nunca pensei em ser artista. Eu sempre fazia vocacional e trabalhava num lava rápido, daí eu fazia teatro aos domingos e trabalhava em padaria ou em loja de um nove nove - eu já trabalhei em loja de um nove nove com a minha mãe também. Eu nunca pensei em trabalhar diretamente com a arte e também nunca pensei que ganharia grana e iria me sustentar trabalhando com arte. Em 2013 eu pensei comigo mesmo e falei “Eu vou viver de arte e seja o que as deusas quiser” e fui.

Em 2013 eu comecei a fazer teatro de grupo, mandamos projeto e ganhamos o primeiro VAI. O grupo eram OS CONECTADOS, lá do vocacional. A Naloana foi a minha professora e ela me deu aula durante quatro anos - foi uma faculdade, gente, eu fiz uma faculdade vocacional -, quatro anos e foi ali que eu pensei que eu não poderia viver só de teatro, por isso eu precisei ser multiartista.

Daí eu fui pra dança, eu entrei pra Trupe Benkady em 2016, três anos depois. Eu faço essa pesquisa sobre as músicas e danças africanas com eles. Foi a Trupe Benkady que me levou pra lugares e palcos que eu jamais pensei que pisaria e foi aí quando eu comecei a entender esse meu mundo de artista. Eu já dancei no Encontro com a Fátima Bernardes na Globo, já dancei no SBT, já dancei na TV Cultura e em quase todos os SESCs de São Paulo. Meus amigos me chamam de princesinha do SESC, mas eu falo que danço porque eu precisei, porque não dá pra viver só de teatro ou só de dança. Eu tive que fazer mil coisas.

Eu também fui fazer a formação no Doutores da Alegria, fazer a seleção pra escola, o que é totalmente diferente do elenco oficial, que é a panelinha fechada, a galera mais experiente, e tem a escola que é pra jovens que querem aprender a linguagem do palhaço, jovens pobres, periféricos e não periféricos também. A gente ganhava uma bolsa e fazia esse estudo de segunda à sexta-feira durante dois anos e meio. Eu comecei em 2016 juntamente com a dança. Eu comecei a dança com a Flávia, em danças africanas, e fiz a minha formação no Doutores durante dois anos e meio e em 2018 eu me formei. E aí meu amor, você vai pro mundo viver de arte né. Eu sou palhaço formado, o que é mais uma carta pra você ir pro mundo e viver de arte, então eu precisei ser multiartista e fazer mil coisas.

Eu fazia teatro e eu tinha que fazer bem, porque eu tinha que decorar o meu texto bem, eu tinha que atuar bem porque a gente tem que doar o melhor da gente. Eu fazia dança, eu tinha que dançar bem, tinha decorar as danças bem, porque a gente tava ali pra apresentar. No palhaço também, porque no coletivo Bando Trapos que eu faço parte, que é do Espaço Cultural Cita, na quebrada do Campo Limpo, todo mundo já era palhaços e palhaças e só faltava a minha formação. Daí eu cheguei também como palhaço e tem que fazer o palhaço bem, porque nós byxas pretas e artistas sempre temos que dar o nosso melhor, mil vezes mais do que alguém branco e privilegiado que já tá fazendo esse trabalho, e mesmo assim a gente ainda fica pra trás. Por isso que sempre que alguém vai me chamar pra fazer parte de um coletivo ou algum trabalho, eu tenho que pensar bem se eu quero realmente fazer, porque eu já tô no teatro, na dança e na linguagem do palhaço porque eu tenho que fazer isso bem. Eu acho que é o mínimo que eu tenho que fazer.

Eu vivo da arte, eu sempre vivi da arte e foi a dança, o teatro, os jobs, os mil nãos que eu já recebi que ajudou a minha mãe a construir esse sobrado aqui. Eu ajudei a minha mãe a comprar o terreno, a quitar o terreno, a sair do barraco - porque antes era um barraco-, e a fazer esse sobrado. Cada tijolo, cada azulejo lá embaixo, o concreto tem dinheiro meu da arte de cachê e eu tenho muito orgulho disso: viver de arte pra mim é um orgulho muito grande. Não é matar um leão por dia, mas é ser um leão por dia, sabe? Porque eu tenho sempre que tá correndo

atrás. Se eu não tenho trampo esse mês, mês que vem eu não tenho dinheiro, daí eu não ajudo a minha mãe e ela que tem que segurar tudo.

A minha mãe, a dona Magna Alves de Moura, que é o meu pilar - é uma pena que vocês não vão conhecer ela, porque ela é uma das pessoas mais incríveis que existe no mundo, a favela toda conhece ela. É a tia Má -, criou cinco filhos sozinha, sem ajuda de macho nenhum, sem ajuda de homem nenhum. Eu tenho um pai biologicamente, mas não tenho né! Eu sem quem é, sei onde mora, tá lá em Aracaju, mas eu não tenho contato, ele não quis ter contato, eu precisei dele uma vez na minha vida e ele não conseguiu me ajudar, que foi quando eu precisei da minha certidão de nascimento.

Eu falei “Olha pai...”, - chamava de pai né, 2011 isso gente - “eu preciso porque eu tenho que trabalhar e tal, tenho que tirar o meu RG aqui e a primeira via tava toda borrada”. No dia ele falou “Eu vou tentar ver como tá funcionando pra tirar...” e que pagava uma taxa de R\$ 40,00. Eu falei “O homem me colocou no mundo, tem 27 anos que nunca pagou uma pensão, nunca ajudou a minha mãe e não pôde pagar R\$ 40,00 pra tirar a minha certidão de nascimento”. Eu falei “Tá bom” e depois desse dia, em 2011, até hoje eu nunca mais falei com ele. Pra mim é a minha mãe que sempre fez tudo e a minha tia que mandou a certidão de nascimento e pagou a taxa, que na época eu ainda era de menor, tinha 17 anos se eu não me engano.

Voltando à minha mãe, são cinco filhos, são três de um pai - esse aí desnaturado -, e dois de um outro pai que já faleceu, que são os dois mais novos, o Flávio e a Luciana. O mais velho é o Anderson, daí tem o Agno, depois eu sou o do meio, daí vem o Flávio e a Luciana. Somos três meninos gays, mas não vamos romantizar porque ter irmãos gays é ótimo pra troca de roupa, pra conversas, pra falar sobre meninos também, mas é briga pra lavar a louça, é briga pra arrumar a casa, é briga porque pegou as coisas, mas é muito importante ter irmãos que você se identifica. Cinco irmãos e três são gays, pra mim isso é muito maravilhoso. A minha mãe lidou com isso muito bem, ela sempre foi tranquila e a gente não precisou se assumir, ninguém se assumiu, acho que tudo a mãe já sabe.

Eu sempre gostei de morar em Aracaju, eu não queria vir pra São Paulo. Minha mãe já morava aqui fazia cinco anos e ela deixou a gente aos cuidados do

irmão mais velho, que ainda era bem jovem e trabalhava no farol pra sustentar a gente. Ele limpava os vidros dos carros e era esse o sustento que a gente tinha com a ajuda que a minha mãe também mandava pra gente e os meus parentes. Aqui eu só tenho uma tia e uns primos. Toda a minha família tá lá em Aracaju.

A gente gostava de morar lá, a gente nasceu lá e a gente morava com o meu avô, que perdeu uma perna e com isso a gente passou a morar com a minha tia. O meu avô teve esse problemas, nós fomos morar com a minha tia e ficamos sozinhos, nós cinco, os irmãos. Morando sozinho, estudando, o meu irmão trabalhando, aí o meu irmão casou com a minha cunhada Silmara, teve um filho, mesmo assim a gente continuou todo mundo junto numa casinha de dois cômodos e a galera ficava chocada, porque eram só irmãos, um cuidando do outro e a minha mãe aqui juntando dinheiro pra levar a renca. Só que a gente não queria ir, porque a minha mãe era casada com um homem, um cara que a gente não gostava e foi por ele que ela veio pra cá pra São Paulo, porque a gente tinha tudo lá: amigos, família, a gente não pensava em sair de lá, a gente tinha a nossa casa que a minha mãe vendeu e acabou perdendo porque não recebeu todas as prestações.

Em 2008 o meu avô faleceu, em novembro, e era a quem a gente era mais apegado. A gente tava lá por ele, porque ele gostava da gente e defendia os filhos da Magna. A minha mãe era a filha errada da família, se juntava com pessoas que pra minha avó e pros meus outros tios não valiam nada, eram marginais, povo do gueto. O meu avô é policial e os meus tios são policiais, o avô que é pai do meu pai. Então a minha mãe sempre foi a errada e ela era a jovem que saia sexta-feira do trabalho e só voltava na segunda, aí a minha avó ia buscar a gente porque a gente tava sozinho em casa, o meu avô não gostava disso, ela era presa com as amigas e ia pra delegacia, o meu avô tinha que tirar a minha mãe da delegacia. A minha mãe sempre foi do mundo - até hoje né gente, porque minha foi embora e volta sei lá quando, só segunda-feira.- e aqui eu sou muito o pai dela. Eu falo isso “Você tem 50 anos e eu que sou o seu pai”, eu que tenho que ficar correndo atrás, ir quatro horas da manhã num forró pegar ela pra trazer pra casa.

Então em resumo foi isso: foi uma vinda forçada, porque a gente não queria ficar longe da nossa mãe, então resolvemos vir. O meu irmão mais velho ficou, ele nunca veio, ele casou, continuou morando na casinha e eu e os meus três irmãos

viemos de ônibus. Meu avô faleceu em novembro de 2008 e quando foi numa sexta no final de janeiro, porque a gente chegou em 02 de fevereiro aqui, viemos num ônibus sozinhos, foram três dias de pura emoção. A minha mãe falava “Não tomem banho, não saiam do ônibus”. Várias marmitas e dinheiro pra chegar aqui e morar com a minha mãe, mas eu acho que foi algo muito forçado.

Eu não queria, os meus irmão não queriam, mas a gente queria passar a nossa vida com a nossa mãe e cinco anos já era muito tempo sem ver ela. Não tinha internet, ela ligava no orelhão lá da rua e a galera corria pra chamar a gente pra falar com ela uma vez por semana, isso quando ela conseguia ligar, ou quando a gente conseguia atender ou quando o orelhão não tava quebrado. Era emocionante quando falavam “Sua mãe!” e a gente saía correndo, a renca gritando “primeiro eu falo, primeiro eu falo” e às vezes não era todo mundo que conseguia falar porque o crédito acabava - naquela época, em 2009 não tinha muito crédito -, e quem não conseguia falar, falava só numa próxima semana e se ela ligasse, mas sempre foi bom.

Eu voltei em Aracaju duas vezes. Voltei em 2015 e 2017 e hoje eu não pretendo mais morar em Aracaju porque eu já me acostumei aqui. Eu tenho os meus amigos, eu tenho os meus trabalhos então lá pra mim é só férias, rever os meus avós, meu irmão, meus sobrinhos - tenho dois -, mas pra morar eu não penso mais em voltar pra Aracaju.

Voltar pra Aracaju pela primeira vez foi muito emocionante, principalmente quando eu cheguei no aeroporto Santa Maria, que é o bairro onde a minha avó mora. Quando eu cheguei eu parecia uma criança, eu voltei no mesmo lugar onde eu morava, que já não morava mais ninguém. Eu tive que me organizar pra rever todo mundo, eu pensava que 20 dias era muita coisa e foi pouco. Eu fiquei uma semana com a minha avó, eu fui ver a minha outra avó, a mãe do meu pai que mora na mesma rua que o meu pai, fui almoçar com ela, fiquei com o meu irmão, fiquei com os meus primos, fui pra praia. Muita gente e lá é um outro tempo. Aqui eu tenho que sair duas ou três horas antes pra ir pro trabalho ou ver alguém lá na cidade de São Paulo, e em Aracaju em 20 minutos você chega, porque não tem trânsito, é outro tempo, as pessoas estão em outro tempo e aqui as pessoas estão sempre na correria.

Eu gostei muito de ter ido, tanto que eu voltei depois de dois anos lá, foi incrível. Fui na casa da minha avó, mãe do meu pai, mas eu não fui na casa do meu pai por causa da não relação que a gente teve. Eu não fazia questão de ir e não fazia sentido pra mim visitar ele. Ela já sabia também que eu tava em Aracaju e depois desse tempo todo ele não foi lá na casa da mãe dele me ver e eu também não fui ver ele, pra mim tá tudo bem, tá tudo ótimo e foi perfeito. Eu quero voltar, talvez esse ano, não sei.

Quando eu cheguei em São Paulo, a minha mãe tava me esperando com o patrão dela - na época ela trabalhava em uma padaria. O patrão dela foi buscar a gente de carro, tudo muito novo, em Aracaju não tem metrô, cidade grande, o tempo tava assim nublado também, tava bem fechado, mas tava quente. Pra mim era muito novo também os sobrados - que aqui fala sobrado, mas lá em Aracaju fala casa de andar - lá são pouquíssimas pessoas que têm casa de andar, o sobrado, e aqui era tudo muito novo. Fomos pro Capão, pra quebrada mesmo.

O primeiro lugar que eu morei foi o Capão Redondo. Já morei no Valo Velho também e depois de três anos morando lá no Capão, a gente veio aqui pro Embu das Artes. A minha mãe comprou esse terreno e a minha família toda também tá aqui. Primeiro veio a minha tia, depois vieram os meus primos, eu tenho dois primos aqui, e a minha mãe veio por último. Ela se negou a pagar aluguel, tinha esse terreno vazio aqui, tavam vendendo e ela comprou e aí foi isso.

Aqui é chamado Jardim Pinheirinho, Embu das Artes. Eu me sinto bem seguro aqui, eu gosto dessa quebrada, a galera me conhece por quem eu sou, por eu ser talvez um pouco diferente, por eu ser artista, a galera me conhece e eu gosto da galera daqui. Eu gosto dos meninos da boca, a minha mãe conhece todos, a minha mãe é amiga de todos. Eu sempre me senti seguro de chegar a noite aqui. Eu faço aula de dança africana na Vila Madalena, que é um lugar totalmente diferente daqui da minha quebrada. A aula acaba às dez, até a gente sair é dez e meia, eu pego o ônibus 032 que é sentido Itapeverica e eu sempre chego aqui meia noite, meia noite e quinze e eu nunca tive medo de subir, de vir pra cá, porque eu conheço a galera e o maior medo mesmo é da polícia, porque uma byxa preta, periférica, subindo aqui meia-noite tem que ficar bem atenta, mas eu nunca tive medo. Eu gosto daqui.

Eu sou byxa preta, favelada, pobre, artista, nordestina, mas a primeira oportunidade que eu tiver de sair da favela, eu vou sair, porque não é só porque eu nasci na favela que eu devo morrer na favela, sabe? Eu almejo coisas melhores pra mim, pra minha mãe, pros meus irmãos. Eu sei da onde eu vim, eu nasci na favela, minha família toda mora na favela, meus amigos todos são de quebrada, de favela, mas a primeira oportunidade que eu tiver de ter grana, de fama, eu vou agarrar todas essas oportunidades - porque preto não tem privilégio, preto tem oportunidades -, eu vou sair da favela, sempre olhando pra trás, sempre olhando pra quem tava comigo, sabe? E eu indico: venham pro Pinheirinho (risos).

Sobre a questão da abordagem policial, existe esse privilégio de “você não pode invadir a minha casa sem autorização, sem o papel, sem o mandato”, mas aqui eles fazem o que eles querem, eles levam quem eles querem e se eles quiserem me levar, eles me levam como já levaram os meus primos. Os meus primos trabalhavam na boca pra se sustentar, inclusive um dos meus primos foi preso porque a polícia levou ele. A feira daqui é na terça, eu tava indo na feira e um policial me parou na viela, me pediu pra eu abrir a minha pochete, eu falei “Eu tô indo na feira” e ele mandou eu calar a boca, abrir a minha pochete, falar o que tinha ali dentro. Ele abriu a minha pochete, eu mostrei o meu dinheiro e eles são super sem escrúpulos. Eles entraram na casa da minha tia na semana passada com um cachorro, que ela chegou aqui falando. Eles fazem e eles levam quem eles quiserem.

Eu vi muita mudança desde que eu cheguei aqui. Eu moro aqui há sete anos e todas essas casas que estão ao redor, inclusive a minha, eram de madeira e eu acho que hoje só tem três casas de madeira aqui na favela. É uma favela pequena, porque era um terreno que o dono foi vendendo ao pedaços pra conseguir uma grana. É um bairro novo, acho que tem dez anos no máximo. A maioria das casas estão sendo construídas agora porque a galera conseguiu quitar o terreno agora. Aqui em casa e todos os vizinhos estão construindo ainda, então aqui ainda é tudo muito novo, energia também, água a gente começou a pagar mesmo esse ano, então é tudo muito novo, porque tem só dois meses que a gente tá pagando energia e ainda nem chegou o talão do segundo mês.

Dizem que aqui é a favela dos Moura, que é a minha família, e quando os Moura não brigam com a galera da favela, eles brigam entre si (risos). A minha

família é muito grande aqui e olha que eu só tenho uma tia, mas os primos são muitos. Os meus primos de Aracaju tão vindo pra cá, acabou de chegar um, tem dois meses que o Mário chegou e ele já quer comprar um terreno aqui. Tem muito primo aqui. Mas o bairro é novinho, ainda tem muita história pra contar.

A minha infância foi muito, muito foda! Eu gostei, eu acho que eu vivi muito, eu tenho muitas cicatrizes por causa da infância, de subir em árvore, de cair de árvore, de roubar manga no vizinho, de correr do vizinho porque eu roubei a manga e eu sempre andei com os moleques. Não tinha essa diferença porque eu era uma byxa preta e vivia só com meninas. Eu era uma byxa preta, os meus amigos também eram pretos, a gente se entedia e eu não sofri racismo em Aracaju por isso, porque 80% dos meus amigos eram pretos e os brancos que tinham eram favelados ou o pai era preto e a mãe era branca, então todo mundo se entendia. Eu sempre gostei da minha infância.

Eu mudei muito de casa. Eu conheci todos os bairros de Aracaju e Sergipe também, Nossa Senhora do Socorro, porque a minha mãe era casada com um cara que era traficante, ele assaltava a cidade, hoje ele tá preso ainda por causa disso, então a gente precisava mudar de casa o tempo todo, de bairro, antes da polícia chegar pra prender ele. Eu morei em todos os bairros e conheci muita gente, fiz amigos em todos eles, porque a gente sempre tinha um teto pra morar em um bairro que era de um ano. A gente morava e eu estudava a primeira série na escola desse bairro, daí depois a minha mãe fugia com o meu padrasto porque ele era foragido e a gente criança que fazia a mudança. A gente tinha que fazer a mudança porque a minha mãe morre de medo de polícia, por isso ela ia primeiro embora e deixava a gente. Eu falo “Gente, como é que uma mãe deixa os filhos pra trás por causa do marido e a gente que tinha que fazer tudo: encontrar o caminhão da mudança, mudar...” e foi sempre assim.

Eu estudei em várias escolas, todas sempre públicas, e eu fiz amigos e amigas em todos os bairros, por isso se eu fosse juntar todos os amigos que eu fiz, é muita gente, daria pra fazer um show, daria pra lotar um teatro e dançar pra eles, sabe? Então a minha infância foi ótima, apesar disso de sempre ser ciganos, sempre tendo que tá num bairro, em outro, nunca mais podendo voltar naquele bairro porque não podia, por causa do endereço, mas a minha infância foi boa. Eu sempre fui na

feira, já trabalhei na feira também carregando as compras da galera que ia comprar, eu ganhava dois reais com um carrinho de mão, levava na casa do cliente, aí voltava pra feira, brincava de bola de gude, brincava de queimada...

Era legal mudar, a gente era criança e sempre queria conhecer outras pessoas, mas tinha esse lugar negativo porque era chato, todo mundo sabia o porquê a gente tava mudando, daí também tem esse rolê de um pouco de vergonha e também a escola. Sempre a gente chegava na escola em setembro, num rolê que já tava acontecendo, daí tinha que se enturmar e correr atrás. Era chato por isso, mas era bom porque a gente sempre conhecia outras pessoas e eu sempre gostei de ficar com os meninos da quebrada, eu era uma byxa maloqueira que vivia com os moleques pra cima e pra baixo.

Eu nunca parava em casa, eu só ia em casa pra comer, eu almoçava e ia pra rua, voltava, tomava banho e ia pra rua. De manhã eu ia pra escola e da escola eu já tinha que correr do meu irmão mais velho pra poder brincar na rua, porque ele não deixava, tinha que fazer lição e eu não queria saber de lição ou de escola, eu queria saber do mundo, eu gostava de ficar na rua e de conhecer as pessoas. Quando eu já tinha essa amizade toda que tava no ápice, a gente tinha que mudar.

Na escola eu sempre cabulava aula pra ir pra praia, aqui você vai cabular aula pra ir pra onde? Lá em Aracaju a gente cabulava pra ir pra praia, que era a 20 minutos da onde a gente morava.

É difícil falar sobre pessoas que marcaram a minha infância, porque eu sempre mudei, então sempre foi muita gente. Quando a gente ia se apegar às pessoas, a gente tinha que mudar. As únicas pessoas que continuavam juntas, que a gente tomava banho juntos, que a gente fazia tudo junto, que a gente acordava juntos, que a gente estudava juntos, eram os meus irmãos que eram duas byxas pretas também. Então eram três bichinhas pretas pequenas pelo mundo. Todos nós somos de três em três anos e eu sou o último a fazer aniversário. Eu tô no meio, tem dois mais novos e dois mais velhos.

Eu sempre fui atirado. Eu sempre cheguei, eu gosto que as pessoas me vejam, eu gosto de ser visto, eu gosto de ser essa vitrine desde criança. Quando tinha festa junina eu fazia os detalhes na minha calça, eu que fazia a minha camiseta, então não era o heterozinho normativo, era a bichinha poc que gostava de

chegar na escola, brigar pra fazer par com um amiguinho que eu gostava, que era o meu crush, aí a escola não deixava e eu tinha que fazer par com uma menina. Eu sempre tava em tudo, eu sempre tava na festa junina, eu sempre era o pai da noiva ou marido da noiva - apesar de querer ser o marido do noivo -, então eu sempre gostei de quebrar o padrão.

Como eu falei, a gente nunca precisou se assumir pra nossa mãe porque ela já sabia. Ela chegava em casa e a gente tava com uma toalha enorme na cabeça e com um salto enorme dela dançando Calypso na sala de casa. Era o nosso hobby e é óbvio que eu tinha as minhas duas dançarinas perfeitas, que eram os meus irmãos, e eu era Joelma né gente. Essa era a melhor coisa de ter mais dois irmãos gays dentro de casa, porque a gente se dava bem, a gente fazia tudo junto, brincava de boneca, roubava as bonecas da minha irmã.

Eu lembro de uma época que a gente tava passando muita necessidade porque a minha mãe não tava trabalhando. Ela ia na feira com os meus irmãos mais velhos e pedia sobras de carnes e verduras pra fazer sopa pra gente comer a semana toda. A única coisa que ela recebeu do governo foi leite em pó. Eram toneladas de leite em pó e eu falava “O que é que a gente vai fazer com leite em pó?”, porque ninguém tinha dinheiro pra comprar e a gente não ia viver só de leite. Por causa da minha irmã que era recém nascida, o governo dava pra ela.

A gente também já foi em lixão catar coisas. A gente já catou comida e brinquedos no lixão da Terra Dura e a gente criança fazia isso sorrindo. A gente fazia amigos lá, fazia amigos na praia quando ia pedir, então a gente brincava como se tudo fosse uma missão, mas pra minha mãe já era uma coisa muito séria. Pra ela não tinha emprego, não tinha comida, tinha cinco filhos pra criar, o meu irmão mais velho ainda era adolescente, então ele ainda não tava no farol trabalhando pra ajudar ela, mas com quinze anos ele já tava indo pro farol pra ajudar a minha mãe.

A minha mãe trabalhava em casa de família ou em restaurante, então a sexta-feira era o melhor dia. A minha mãe é muito jovem - o meu irmão mais velho tem 33 anos e a minha mãe tem 49 -, então quando eles saiam juntos a galera pensava que eles eram namorados. Quando a minha mãe na sexta saía com o meu irmão, ficava sábado, domingo e só voltava na segunda, era a nossa hora de sair pro mundo. A gente sempre foi sozinho, então um ia na padaria pedir pão e comida,

e no mercadinho do lado a minha mãe tinha um vale que era de R\$ 100,00, que a gente poderia gastar pra ela pagar no mês seguinte. A gente comprava só besteira: a gente comprava salame, bolacha, a gente fazia a festa. De sexta à domingo a gente saía pedindo coisas, pegando coisas, a gente já roubou até mercadinho pra comer as coisas, mas assim, coisa de criança mesmo.

A gente teve que se virar desde muito cedo. Eu te falei que era como se fosse uma brincadeira, mas eu ir na feira pedir tomate, cenoura, sobras, pedir o que tivesse de carne pra gente conseguir fazer uma sopa porque no armário de casa não tinha nada, isso já era um trabalho. Quando o meu irmão saía de casa e levava a gente pro farol pra limpar vidro de carro, isso já era um trabalho. Inclusive o primeiro trabalho do meu irmão ele conseguiu com uma mulher que tava passando no farol e deu um trabalho de faxineiro pra ele em um condomínio, depois ele fez um curso pra porteiro e trabalha lá até hoje.

Na época desses corres o meu irmão mais velho tinha 15 anos, o outro tinha 12, eu tinha 9, o outro tinha 7 e a minha irmã pequenininha. A gente gostava de ir pra escola, então eu acho que isso não atrapalhou porque a gente estudava de manhã e tudo o que a gente tinha que fazer, brincar na rua ou ir na feira pedir era depois. A gente gostava de ir pra escola até mesmo pela merenda, porque a gente ia pra escola pra comer, a gente não ia pra estudar. Eu acho que quando nós crianças faveladas passamos fome em casa ou não temos o que comer, o que salva é a escola, então eu não vou pra escola estudar, não faz sentido pra mim ir pra escola estudar sendo que a minha barriga tá vazia, não tem como eu aprender.

A gente ia de segunda à sexta-feira pra escola por causa da merenda e a minha já falava isso: “Vai pra escola almoçar, porque em casa não tem nada pra comer.”. Mas ela sempre batalhou pra nunca faltar e quando faltava a gente fazia esse corre, que era o corre da feira, que era o corre do mercadinho onde tinha o vale pra gente pegar as coisas, mas fome a gente nunca passou não, porque quem passa fome é só quem não tem saúde, porque o resto a gente vai atrás.

Eu sempre fui pra escola e reprovei dois anos porque eu cabulava aula ou naquele dia eu não queria ir. Como eu falei uma criança com fome não quer estudar, ela não quer ter nota 10 igual uma criança que tá num colégio particular. Eu tinha um amigo que estudava em escola particular, o Samuel, que depois foi pra pública e

estudava na mesma sala que eu. Um dia ele chorou desesperadamente porque numa prova ele tirou nove e meio. Eu falei “Samuel porque você tá chorando?” e ele disse “Porque eu errei essa questão”, e aí a minha questão era se eu ia comer naquele dia ou o que teria de lanche pra eu comer na segunda série, sabe? São mundos diferentes e a família dele era de bombeiro, era de policial, então são mundos diferentes. Eu falava que um dia eu queria levar o Samuel na minha casa, no meu mundo, pra ele ver como que uma pessoa chora de verdade, não porque tirou um nove e meio numa prova, sabe?

Eu gostava mais de educação física. Eu amava educação física porque era a única matéria que a gente ganhava nota fazendo exercício. A gente jogava bola ou vôlei - eu amava jogar vôlei! -, então se era pra fazer exercícios e atividades a minha nota era sempre 8 ou 9, então essa era a matéria que eu gostava, agora o restante, uó gente, eu não gostava de nada.

Eu e os meus irmãos sempre estudamos na mesma escola e às vezes por a gente repetir um ano ou outro, calhava de cair na mesma sala, por isso já estudamos juntos. Eu ia pra escola na segunda série de bota, eu gostava muito dessa bota e com essa bota eu fazia tudo menino: era São João, era a bota, era escola na semana toda, era a bota, era Natal, era essa bota, tudo eu fazia com essa bota. Os meninos zoavam porque falavam que era bota de menina ou a minha roupa parecia de menina e a gente ameaçava, porque a gente era três bichinhas na escola e falava “Ó, se você falar isso de novo pra gente, você vai apanhar de três irmãos, tá bom? Ou você tá junto com a gente ou você vai apanhar” e a gente batia.

A gente falava pra diretora que a nossa mãe trabalhava viajando, então quando a gente era chamado na escola por bater em alguém, a gente falava “A minha mãe não pode vir porque ela tá viajando, ela não tem tempo pra vir aqui, ela precisa trabalhar” e aí a diretora passava a mão. A gente sempre falava “A gente agride as pessoas que mexem com a gente. Você já me viu agredindo alguém?”. Eu sempre fui muito empoderado na escola, de conversar com a diretora e questionar ela “Você já me viu agredindo alguém que nunca mexeu comigo? Eu bato nas pessoas que mexem comigo, que mexem com quem eu sou.” Isso na segunda série...gente, tô chocada, real. Eu questionava muito a diretora por causa disso.

A minha mãe sempre falava assim: "Se você chegar em casa chorando você apanha!". Então eu apanhava, mas a pessoa também ia chorando, eu nunca abaixei a cabeça pra ninguém, nem menina, nem menino, nem grande, nem baixo, eu sempre levei na porrada, se mexesse comigo eu batia. Aqui também é assim na favela, viu? É porque não pode, mas se mexer comigo...mas eu sempre esperei dar o primeiro tapa, porque a minha mãe fala "Espera dar o primeiro tapa que o segundo você não tá errado, você só revidou." Eu sempre esperava, mas eu acho que agressão não, era mais agressão verbal ou falar de como eu me vestia, falar de como eu me portava na escola.

A treta corria atrás de mim, porque eu nunca fui atrás de confusão. Eu gostava de vôlei no recreio, eu gostava de ficar com os meninos, de brincar e obviamente eu era isqueirinho, eu falava "Vai ter briga lá fora!" e eu sempre tava lá. Uma vez eu apanhei da minha mãe porque eu cheguei duas horas da tarde, sendo que a gente saía onze e meia da manhã, porque eu sempre gostava de esperar pra ver a briga, pra ver o rolê acontecer, mas eu nunca tava no meio, só quando era comigo, aí eu revidava mesmo.

Eu comecei a fazer arte quando eu já tava aqui em São Paulo. Eu estudava no Capão. Eu ainda tava estudando, porque eu comecei a fazer arte quando eu tinha 17 anos e eu ainda tava no primeiro ano, porque eu repeti alguns anos na quinta série em Aracaju. Eu, estudava, eu trabalhava e fazia o vocacional no CEU Feitiço da Vila. Eu gostava dessa agenda de jovem cheia. Eu tinha que trabalhar, eu entrava no segundo horário à noite porque eu tava trabalhando e nos finais de semana eu fazia teatro, essa era a minha rotina pra tentar ajudar em casa, pra tentar fazer o que eu queria que era arte, e sempre estudando também, sabe?

Eu me formei em 2012, um ano depois que eu comecei a fazer teatro em 2011. Em 2012 a Naloana entrou pra dar aula no vocacional de teatro e eu sempre fazia tudo. No domingo eu fazia capoeira, eu fazia teatro, eu fazia musicalização, eu fazia dança, hip-hop, cheguei a fazer curso sobre projeto do VAI, sobre a galera da periferia, fotografia, pintura, tudo. Tudo o que eu conseguia fazer, eu fazia. Chegava no CEU às nove da manhã e saía às dez da noite.

O meu primeiro trabalho aqui em São Paulo foi num lava rápido, onde eu trabalhava de domingo a domingo, quando eu tinha 15 anos. Eu ganhava R\$ 300,00

por mês nesse lava rápido. Eu entrava às oito da manhã e saía às cinco, porque eu tinha que ir pra escola, eu estudava à noite. Eu sempre estudei à noite porque eu fazia EJA, por conta dos anos que eu perdi na quinta série. Só um ano que eu estudei de manhã que foi no primeiro ano, então eu sempre estudei à noite e sempre com o meu irmão, o Agno. Eram as duas byxas da sala e a gente sempre estudou juntos, até a oitava série.

Meu primeiro emprego foi num lava rápido, depois surgiu uma oportunidade pra trabalhar em um outro lava rápido onde eu ganhava um pouco mais, ganhava R\$ 600,00. Depois eu passei a trabalhar numa padaria como atendente durante um ano, também estudando, trabalhando e ajudando a minha mãe, e depois surgiu uma vaga de atendente numa loja de um nove nove no Largo da Batata, onde a minha mãe era caixa.

Eu também trabalhei numa ótica, eu era agente de ótica. Nesse trabalho eu tinha que ir pra rua procurar pessoas pra fazer exames. Eu saía no bairro todo e foi quando eu realmente conheci o Capão e as redondezas, porque eu ia por todas as ruas, de casa em casa, parando as pessoas pra ver se elas queriam fazer exame, fazer um óculos, se tinha um filho ou uma filha, então era lábia. Eu tinha o meu salário, que era um salário mínimo, mas eu tinha comissão se eu conseguisse essa galera, então como eu tinha lábia eu saía pela rua e conversava com as pessoas.

Esse foi o meu último emprego antes de falar “Chega! Eu vou viver de arte. Vou mandar um projeto com os meus amigos.” Foi quando eu falei pra minha mãe “Eu vou viver de arte. Segura as pontas, querida, porque o seu filho vai viver de arte!”. Nessa época eu ainda tava trabalhando, mas eu mandei um projeto, o VAI, que é pra iniciantes, junto com cinco amigos que tavam fazendo o vocacional. A gente mandou Sertão amado: a arte de um povo, que era o nome do projeto, e fomos contemplados logo de primeira. A gente foi ousado porque o projeto era de vinte e cinco mil reais e a gente mandou com cinquenta centavos a mais, mas eles aprovaram.

Depois desse projeto nós circulamos em 10 CEUs, a galera foi assistir e a Trupe Benkady, o Bando Trapos e o espaço CITA foram todos convites, eu nunca fui lá fazer um teste. Eu fui apresentar, a galera me viu e disse “Esse menino é bom, vamo pegar ele, vamo chamar ele pra trabalhar com a gente.” Pra Trupe Benkady eu

fiz uma oficina de dança com a Flávia no Fábricas do Capão, ela me chamou e falou “Olha, eu vou te dar uma bolsa de dança africana, se você quiser você vai lá.” Eu fui, ganhei essa bolsa, depois eu fui convidado pra entrar na Trupe. No Bando Trapos também, disseram “A gente tá precisando de um ator. Você não quer fazer um espetáculo itinerante, o Mephisto.” Na peça eu faço uma travesti, que é a Mary Star, que junto com outras são todas moradoras de rua, estão ocupando o espaço e querem fama, a gente vende a nossa alma pra fama.

Tudo foi se encaixando, tudo foi se direcionando perfeitamente. A Naloana e Naruna sempre falam “Você tem essa oportunidade de chegar na arte já ganhando uma grana” e disso eu não posso reclamar, porque eu sempre tive grana, mesmo que seja trezentos reais ou duzentos reais num mês, eu sempre tive. Não foi uma batalha onde eu sofri anos pra conseguir um projeto. Hoje eu tô no Fomento à Periferia com o Bando Trapos, a gente tá com uma série sobre moradores do Campo Limpo, então eu larguei tudo o que eu tava fazendo pra viver de arte e deu super certo até hoje. Desde 2013 eu sempre tive um projeto, eu sempre tava fazendo alguma oficina, fazendo job, sempre dançando com a Trupe, sempre atuando com o Bando Trapos, então deu super certo até hoje.

Tinha uma época que eu achava que não ia dar conta, que eu teria que largar uma coisa ou outra. A minha mãe sempre foi assim “Faz o que você tem que fazer” e como eu falei eu sou multiartista, então eu tenho que dar conta, tenho que ser o melhor. Ela falou “Se você quer fazer tudo isso, você tem que dar conta e você tem que ser o melhor”, foi quando eu coloquei isso na minha cabeça.

Eu vim pra estudar e eu queria focar nisso, mas as minhas notas caíram de 9 ou 8 pra 6 ou 5 depois que eu comecei a trabalhar e entrar no segundo horário. Eu não aguentava mais, o meu corpo não aguentava mais. Eu chegava em casa quase meia noite, tinha que acordar 06 horas pra trabalhar, então eu fui largando de mão, mas eu não fui largando de fazer, eu fazia como eu podia, com a energia que sobrava do meu trabalho.

Foi por isso também que eu fui pra arte, porque eu disse que não queria mais trabalhar pro sistema, não quero mais bater o meu ponto. É por isso que eu tô na Trupe, no Bando Trapos, um dia eu tô numa casa de cultura, no outro dia eu tô em um SESC, no outro dia eu tô em São Paulo, porque eu gosto de conhecer

peessoas, eu sempre gostei de estar em todos os lugares. Desde criança é assim, eu sempre morei em todos os bairros, sempre tive contato com várias pessoas e na arte também. Quando eu cresci eu falei pra mim “Não é pra eu tá no mesmo lugar sempre, com as mesmas pessoas.” Eu gosto da minha família que é a Trupe Benkady, o Bando Trapos, os meus irmãos e a minha mãe, mas eu sempre gostei de tá no mundo, sempre gostei de viajar, de trabalhar viajando, por isso que eu não me prendi a trabalho de ficar batendo cartão, não gosto disso.

Eu também terminei os meus estudos, porque quando eu vim pra cá eu falei que o mínimo que eu tinha que fazer era terminar. Em 2012 eu terminei e pretendo começar uma faculdade em Educação Física, mas eu não comecei por causa da pandemia, porque eu não quero fazer EAD, não quero fazer à distância, eu quero fazer presencial porque eu quero conhecer, eu quero ver como que é, porque eu nunca fiz um curso assim. Terminei a escola, vou terminar a minha faculdade e quando terminar eu vou fazer outras coisas e quero sempre tá fazendo outras coisas, porque eu nunca parei.

O que me motiva a fazer tudo o que eu faço? Como eu falei, eu nasci na favela mas eu não quero morrer na favela. O que também me motiva é estar vivo, porque uma byxa preta que está viva não tem essa possibilidade de estar parada ou de reclamar da vida. Pelo o que já passei e pelo o que ainda eu vou passar, eu preciso estar em movimento. Só de estar vivo ou de fazer as coisas do jeito que eu sou, já em um avanço pra mim mesmo, porque eu tenho vários amigos trans que tiraram a própria vida porque não conseguia fazer algo ou vários amigos pretos que morreram pela mão da polícia ou por bala perdida - e a bala perdida só encontra os corpos pretos na favela, né? -. Então é isso o que me motiva: eu tô vivo, eu tô vivo hoje, então se eu tô vivo hoje eu quero tá aqui gravando, se eu tô vivo amanhã eu quero tá em algum lugar, eu sempre quero tá fazendo alguma coisa.

Eu quero chegar em todos os lugares! Eu sou de todos os lugares desde pequeno, então eu quero chegar em todos os lugares, eu quero que as pessoas me conheçam pela minha arte, não por alguém ou por “Esse aqui é o Ton de X lugar, de X coisa.” Eu quero ser conhecido como o Ton que dança, esse é Ton que atua, esse ó Ton que é palhaço, esse é o Ton que é poeta, esse é o Ton que faz tudo.

Eu não tenho um lugar, eu vivo. Eu não sei onde eu vou tá amanhã, não sei onde eu vou tá no ano que vem, não sei onde eu vou tá em 2025, eu só sei que eu quero estudar, quero fazer coisas, quero conhecer pessoas, quero conhecer projetos, e eu sempre quero ir, independente da onde, eu sempre quero ir. Toda oportunidade que eu tiver, mesmo que seja mínima, eu vou agarrar, porque a gente já não tem privilégio de fazer as coisas, então todas oportunidades que eu tiver, que eu puder agarrar, eu vou agarrar, e aonde eu quero estar é em um futuro muito longe e vivo. Só isso.

Eu gosto de ser visto porque teve uma época em Aracaju que as pessoas sempre falavam que eu era uma criança feia, que eu era uma criança desajeitada, que só vivia com a mesma calça, que só vivia com a mesma roupa, porque era só o que eu tinha. Quando eu comecei a crescer eu coloquei isso na minha cabeça que eu queria que as pessoas me vissem, eu queria que as pessoas me enxergassem por onde eu passasse. Eu sempre gostei disso, de visibilidade, gosto que as pessoas me vejam, gosto que as pessoas me notem. Quando eu saio daqui da favela e as pessoas não começam a me olhar, eu acho que alguma coisa tá errada. Eu volto pra casa e troco de roupa, e as pessoas começam a me olhar. As pessoas me olham ou pelo meu black, ou pela minha roupa, ou pela pessoa diferente que talvez eu seja.

Eu gosto que as pessoas me vejam porque no passado as pessoas falavam que eu era feio, que eu era comum e que eu só usava a mesma roupa, então hoje em dia eu gosto que as pessoas me vejam. E não tem nada demais quando uma pessoa fala que eu tô bonito, ou que essa roupa é linda, ou que eu sou foda, eu só agradeço. Eu não tenho essa delicadeza de falar “é gentileza sua” ou “é bondade sua, são os seus olhos”, isso não cola pra mim, eu sou isso, porque eu quis ser isso. Se você tá falando isso é porque eu sou, e eu sei que eu sou, então é isso o que importa. Eu sei que eles sabem e elas sabem porque eu faço eles verem.

Eu nunca fui de igreja. Eu sempre falei pra minha mãe e pra minha família. Todo mundo é católico. A minha mãe adora as imagens dela, que é Nossa Senhora da Aparecida, que é uma santa negra, mas eu não tenho religião. O meu irmão - eu falo que é o gay mais novo, porque tem o gay mais novo, o gay do meio e o gay mais velho -, é do candomblé. O meu outro irmão é católico, ele é negro mas ele fala

que não é negro. Então eu tenho essa distância com religião porque toda vez que eu ia pra igreja quando eu era criança, o pastor ou o padre gritava demais e eu dormia. Eu não tenho religião e também acredito que o meu deus não é branco dos olhos azuis e dos cabelos ondulados, não faz sentido pra mim, ele não me representa.

Ser católico hoje em dia, eu sempre falo pra minha mãe e fico batendo na mesma tecla, é negar toda a minha ancestralidade, quem eu sou, sobre ser negro, então eu não vejo essa necessidade de ter uma religião. Eu sei que eu adoro um deus que é negro, os Orisàs também e toda a força da natureza, que é isso que faz o mundo girar e a gente respirar. Não é um deus branco dos olhos azul que a galera coloca num quadro na parede. Até respeito quem é, mas eu não tenho religião e essas histórias me afastam.

Das pessoas mais velhas da minha família eu conheço um pouco, porque quando eu tava estudando no Doutores pediam pra gente pesquisar sobre a vivência que os nossos avôs e avós tiveram. Foi na época que eu fui pra Aracaju e eu fiquei uma semana na casa da minha avó. Eu acho que a pessoa mais velha da minha família é a minha avó que tem 83 anos. Ela é uma mulher negra, dos cabelos super lisos e é louco porque eu nunca tinha ouvido a minha avó cantar quando eu era criança, e ela canta muito. Ela canta cantigas que não são evangélicas, que não são católicas, são cantigas ancestral, de lavadeira. Foi aí quando caiu a ficha de que eu não preciso dessas religiões, porque a minha avó é super católica, ela reza a ave maria seis horas em ponto, mas ela canta outra coisa, sabe?

Ela perdeu a mãe quando tinha 12 anos, ela casou com o meu avó que é um cara branco, que é Juvêncio e é tudo o que eu sei, que ela fala “Eu perdi a minha família muito nova e já casei ainda muito nova com o seu avô e a gente construiu essa família.” O Moura é do meu avô branco e dela que é Pereira, Natália Pereira.

A minha avó da parte de pai é obreira da universal há mais de quarenta anos. Ela vendeu a casa dela e deu 60% do dinheiro pra universal, simplesmente assim. Talvez a história dela também como uma mulher negra que casou com o meu avó que é tenente/coronel aposentado, mas eu não cheguei a ter contato com ela pra falar sobre a história dela, é só disso que eu sei: que ela é obreira da universal há anos, vendeu a casa dela e deu mais da metade da grana pra universal e vive de uma aposentadoria que o meu avô deixou pra ela.

Sobre a minha relação com a família, aqui em casa é mais tranquilo. Mas sobre a família toda, a gente passa o Natal na casa da minha prima e sempre tem amigo secreto. Eu deixei de participar de amigo secreto por piadinhas sobre o meu cabelo, sobre a roupa que eu uso e também por que eu evito discutir com os meus primos ou primas mesmo discutindo, porque eles sabem como que eu sou. Acho que a minha relação com eles é mais de parentesco, a gente se ama, a gente se gosta, a gente tá junto - amanhã tem o aniversário da minha prima onde todo mundo vai tá -, mas é mais uma relação de domingos em família onde sempre tem aquela piadinha homofóbica ou racista. Isso neles eu acho que eu já não posso mudar - a minha família quando eu falo na borda - , porque eu acho que todo mundo tem o conhecimento na mão, hoje todo mundo tem internet e eu não tô aqui pra ensinar ninguém mais já que essa galera tem a internet na mão e sabe que preconceito, racismo ou homofobia é crime -, o que eu sempre deixo claro pra eles.

Aqui dentro de casa eu sempre trabalhei bem com os meus irmãos, porque todos os meus irmãos são gays, mas com a minha mãe eu ainda tô nesse processo de trabalhar com ela. Hoje tá tudo mil maravilhas, porque eu falo “Mãe, isso não pode mais, isso não passa mais, isso que você tá falando pode ser crime”, mas antes o cuidado dela era quando eu ia procurar um emprego, quando eu deixei o meu cabelo crescer era “Você não vai pentear esse cabelo pra sair?”, e tava blackinho então “Pentear como? Meu cabelo fica assim mãe, não tem como pentear o meu cabelo, o meu cabelo é assim!” ou então “Eu vou te dar dinheiro pra você cortar o cabelo”, então eu sempre ouvi isso da minha mãe.

Eu sempre ouvi algumas frases racistas também do meu irmão, o gay mais novo, porque ele é branco, então eu já fui chamado de “cabo USB” ou “suco de pneu”. São coisas na briga que antes passava, mas que hoje em dia eu falo pra melhorar uma relação “Poxa, a gente é da sigla LGBTQIA+, a gente tá nessa luta, a gente é irmãos, a gente é byxa e você fala uma coisa dessa pra mim, quando você poderia tá me fortalecendo? Já basta a galera da rua, já basta o Natal com a família”, porque ele tem esse preconceito comigo.

Mas isso antes, hoje em 2021, na pandemia principalmente que eu tô muito mais em casa, eu me aproximei muito dos meus tios, me aproximei muito das minhas tias, dos meus primos. É louco porque quando eu fui votar nessa eleição eu

fui com o meu tio e o marido da minha prima. Dentro do carro - a gente vota em São Paulo, no Capão -, eles começaram a perguntar sobre essas questões de “Quem é o homem e a mulher numa relação entre gays?” ou “Isso pode ou não pode?”. E isso foi natural. Eu disse “Olha, não existe um homem e uma mulher numa relação entre gays. São dois homens ou duas mulheres e você faz o que você sente vontade. Se você casar com um cara, um dos dois não vai virar mulher”. Eu comecei a trabalhar isso com eles e eles me deram liberdade até que chegaram no “entendi!”, sendo que o meu tio tem lá sessenta e poucos anos e o meu primo quarenta e poucos.

Eu tô começando a trabalhar na minha família algo que eu não trabalho fora, porque fora eu geralmente já aponto o dedo, eu já começo a falar “você tá errado!” e tal. Na minha família eu tenho que ter esse cuidado, eu tô lapidando porque eles vão passar pras gerações, pros meus primos que tão nascendo - porque aqui nasce primo viu, a cada ano vem um novo -. Então eu não sou obrigado a ensinar, mas se me perguntar eu tô aberto às possibilidades e à explicar.

Agora Natal, Ano Novo e festa tá sendo mais tranquilo com a minha família, tá incrível, porque eles tão dando possibilidade de eu poder falar e até o meu jeito, porque no começo eles falavam muito do meu cabelo, faziam piadinha tipo “Virou um caminhão de tesoura ali na esquina”. Hoje em dia não. Hoje em dia é totalmente diferente e também depois que eu dancei no Encontro com a Fátima agora todo mundo me respeita. O povo vem “Ah, porque ele apareceu na Globo, porque isso e aquilo” e eu “Ah, agora né...”. Porque artista é assim, você não pode ser só artista de teatro da quebrada, você tem que aparecer numa emissora X pra ser reconhecido artista, ator ou dançarino. Na minha família foi bem assim e eu acho que nas outras famílias também não é diferente.

Como foi e atualmente é a relação comigo mesmo? Ninguém nunca me perguntou isso. Eu sou muito generoso e gosto de ser cativante. Eu tô freando mais, porque a gente vai ficando velho e com isso a gente vai entendendo muitas coisas, a chave que muda, a válvula, e eu tenho uma válvula que é pra todo mundo. Eu me preocupo demais com as pessoas e gosto de fazer com que as pessoas se sintam bem. Eu nunca parei pra pensar na relação comigo mesmo, acho que eu nem sei te responder isso.

Eu sempre fui vivendo. Eu sempre me olho no espelho e eu acho que eu nunca mudo, sempre tá a mesma coisa, então eu gosto de mudar porque eu gosto de mudar, eu gosto de usar algo porque eu gosto de usar, eu não sigo um padrão de beleza ou porque eu tô num rolê onde isso tá na moda. Eu sempre gostei de fazer as minhas coisas, inclusive eu tenho roupa aqui que eu mesmo fiz. Eu fiz uma roupa específica pra ir na seleção do Big Brother, por exemplo.

O meu cuidado maior é que se eu cuido das pessoas eu me sinto bem. Eu gosto de andar com os meus amigos porque eu acho eles bonitos, então quando eu tô no meio dos meus amigos bonitos, independente da beleza que seja, eu me sinto bem, eu me sinto bonito.

Sobre me relacionar afetivamente/amorosamente com as pessoas eu tô muito num momento de que eu não preciso de ninguém pra tá comigo. Eu tive uma relação, eu namorei três anos e nove meses e esse meu ex-companheiro me acompanhou em tudo, em várias fases, vários rolês, me assistiu em tudo o que eu fazia. Eu acho que os meninos me veem como alguém que não é pra ter algo sério, sei lá, então fora desse relacionamento que eu tive, eu nunca tive um relacionamento duradouro ou além disso, até porque eu não sei se eu preciso disso pra mim.

Sempre tem alguém querendo ficar comigo, então eu vou lá e fico, não tô fazendo nada - quer dizer, eu sempre tô fazendo alguma coisa -, mas a gente arruma um jeitinho pra ficar. Depende do papo, depende de quem é, depende da história, tudo depende pra mim pra ter uma relação com alguém, porque se for pra ser chato e possessivo, eu prefiro ficar sozinho, sabe?

Esse meu ex-namorado, por exemplo, não queria que eu dançasse na Trupe, ele não queria que eu usasse um certo tipo de roupa porque essa roupa não é adequada pra X lugar, então não faz sentido pra mim. A Trupe Benkady não é um lugar onde eu vou dançar, é um lugar onde eu vou trabalhar, eu trabalho além da dança. Eu vou dançar nas aulas, que é segunda, quarta e sábado, e a Trupe é o meu trabalho. Aí eu falo “Se eu não trabalho eu vou fazer o que? Você vai me dar uma pensão? Se quiser me dar uma pensão eu aceito, super saio de lá”, mas óbvio que eu não ia sair. Eu acho que são esses lugares de acordos que não são acordados, não faz sentido pra mim eu não usar uma roupa que eu queira usar, não

faz sentido pra mim não ir a um lugar onde eu quero ir por causa de uma segunda pessoa, sabe? Eu sempre fui muito empoderado nessa questão, sempre entendi isso e descobri isso sozinho, nunca precisei de ninguém pra me empoderar. Acho que foi a vida, foi vivendo. Nunca precisei de ninguém na família pra dizer que eu tenho que deixar o meu cabelo crescer ou parar de alisar o meu cabelo, pra usar X roupa, sempre foi só. Eu sempre fui me moldando com o passar do tempo.

Talvez na pirâmide do relacionamento homoafetivo eu esteja no último lugar, porque é a byxa preta, periférica, que mora longe, afeminada, que às vezes é meio estranha é tem o jeito dela de ser. Eu não posso mudar pra agradar alguém que queira me conhecer, porque eu sou assim, eu sempre fui assim, então isso me afasta também.

Talvez eu não esteja nessa pirâmide, no topo, porque pra tá na linha de frente eu só preciso de que? De ser uma mulher trans pra ser a linha de frente real, porque eu só tô a um passo delas, o restante eu tenho. Quem é que compra essa briga comigo? Quem é que vai me dar a mão? Então eles escolhem o mais fácil, o caminho mais fácil e a pessoa mais fácil pra se relacionar que não seja eu né.

Como eu lido com tudo isso? Ihh menino! Tu acha que eu ligo pra isso? Eu nunca liguei na verdade. Se eu ligasse eu acho que o meu Instagram não seria como é, eu não seria como eu sou, porque como eu falei, eu não preciso de ninguém, eu nunca precisei de ninguém, a única pessoa que eu precisei na vida que me ajudou e me ajuda é a minha mãe, o restante é tudo figurante. Eu não preciso dessa galera, eu sempre corri atrás. Se eu namorei três anos e nove meses com o Felipe, - que a minha família super adora ele, todo mundo mesmo, tanto que ele passou o Natal com a gente um tempo -, foi porque ele quis me entender do jeito que eu sou e me aceitou do jeito que eu era, e se a gente terminou esse ciclo era porque não dava mais. Eu não ligo não, eu balanço o ombro igual nordestino faz, tô nem aí.

Sobre lidar com a rejeição eu acredito que uma byxa preta, favelada, nordestina, morando aqui no sudeste em São Paulo, ela já nasce cancelada. Ela já é cancelada pela sociedade, pelo sistema branco, pela produção branca. Eu sempre levei o não comigo. Eu fiz testes em vários lugares, em várias séries, eu fiz teste pra série 3%, eu fiz teste pra série Sintonia da Netflix, fiz teste pra Malhação - que a

diretora do Mephisto, do espaço cultural CITA, é preparadora de elenco da Malhação -, e eu sempre tinha um não.

Eu comecei a entender e a trabalhar isso em mim que não era eu. Não era a minha arte, não era o meu trabalho, não era quem eu sou. São eles! São os papéis que eles querem enquadrar e que vai ficar bonito na TV, na tela, na Netflix. Eu comecei a entender que eu vou lá e já tenho o meu não e eu vou ter que correr atrás do sim, mas esse sim a galera romantiza demais “Vai lá, corre atrás do sim, porque é lindo, você é foda...”, mas são dez testes de elenco e você não passa nos dez. Chega uma hora que cansa, porque você sabe que não é você, mas o que é que eles estão procurando? Quem eles colocam depois no elenco? Quem eles passam?

O Rafael é uma pessoa que pega muito no meu pé, então quando a Skol manda um teste, a Brahma manda um teste, eu já fiz pra tudo o que você possa imaginar, daí eu falo “Às vezes cansa, amigo. Às vezes cansa mandar aquele vídeo, cansa passar a semana toda fazendo teste pra depois não ser aprovado”, então eu começo a largar de mão porque é algo que no final eu não preciso. Eu tenho o meu grupo de teatro, eu tenho o meu grupo de dança e é isso que eu gosto de fazer, porque o resto eu faço por dinheiro, porque eu preciso do dinheiro, eu faço esses testes por dinheiro.

A gente não é valorizado pela imagem, porque o produtor ou o diretor não conhece quem você é, então a primeira imagem é a que passa. Se você não é bom o suficiente pra chegar num teste, porque você já chega frustrado dos 200 não, daí pra fazer um teste você tem que dar o melhor, tá com a cabeça vazia, depois dali você tem uma apresentação que você vai correndo, então eu acho que já comecei a largar de mão, porque dizer esse negócio de que brasileiro não desiste nunca é balela. Eu desisto de pegar metrô lotado, eu desisto de ir num teste - como eu já desisti várias vezes -, e eu acho que tá válido e tá tudo bem pra mim. Eu tô fazendo o que eu gosto e no tempo que eu quero. Se eu gostar do teste, se eu gostar de quem tá por trás eu vou e faço, senão esse não fica pairando aqui na minha cabeça, enorme. A gente já nasce assim, sem privilégio nenhum.

Tem um pouco de que estamos chegando, de que estamos tomando os lugares, porque a maioria se uniu pra que isso acontecesse, mas também ainda tem o restante que é moda: a gente precisa colocar a byxa preta em série X, porque a

galera tá falando disso, isso é super legal, então vamo colocar a byxa preta na rede globo. Isso é representatividade pras trans e byxas pretas também, mas tem esse por cento de moda, da modinha.

Quando a mão branca chega nesse lugar onde tem uma byxa preta, onde tem uma trans preta, fica caricato e daí não sou eu, eu não me sinto representado nesse trampo. A galera preta, mulher trans, homen trans, as byxa preta de quebrada que eu vejo tá na quebrada, tá fazendo um trabalho na quebrada, tá fazendo um trabalho vendendo o seu corre ou vendendo o produto que ela mesma faz. Não é esse rolê todo de “A gente chegou”. Tá, a gente chegou, mas a gente tem que se fuder pra pagar um aluguel, a gente que se fuder pra fazer esse rolê: é um ou outro que eles colocam lá em cima pra dizer assim “Olha, a gente tá dando lugar pra essa byxa preta!”. Não é assim.

A gente tá chegando obviamente porque a gente tem arte, a gente é foda, a gente é foda no que faz, mas às vezes eu acho que ainda falta muito pra gente chegar aonde a gente no mínimo quer. A gente tem que se fuder 3 vezes, 4 vezes mais do que uma pessoa branca que às vezes não faz nem teste, é só convidada pra tá onde tá. Quando colocam a gente nesse lugar, não é a gente, é só pra dizer que mais uma byxa preta tá ali, e as byxas pretas que estão aí, com os trabalhos que elas tem, é porque elas fizeram o corre sozinhas, não precisaram de ninguém. Se a gente tá ouvindo falar da galera da Quebrada Queer, que é uma banda onde 50% são amigos meus daqui do Valo Velho, do Capão; a Jupe do Bairro, que é uma mulher trans do Valo Velho que eu conheci, elas fizeram o corre na raça, elas não precisaram da mão branca, do que eu falo que é o sistema ou alguém que tem que colocar lá. A gente tem que correr atrás e aí quando a gente chegar lá, a gente é conhecido por um trabalho merda ou por alguém merda e aí destroi tudo o que eu vivi até hoje.

É como uma byxa preta na seletiva do Big Brother, porque se eu entro num programa desse eu não sou mais o Ton, o artista foda do espaço cultural CITA, do Bando Trapos, dançarino da Trupe Benkady, eu sou um ex-BBB e é só isso: “Ex-BBB X vai fazer a Malhação porque foi convidado”. E eu preciso disso porque eu moro na favela, porque eu moro num sobrado, porque eu preciso terminar a construção, porque eu preciso dar uma qualidade de vida melhor pra minha mãe e

pros meus irmãos. É por isso que eu preciso disso, é por isso que eu fui parar lá na Avenida Paulista no meio de muita gente linda, bonita, modelo, brancas e só eu e mais duas pessoas negras, sabe? Eu precisei estar ali porque eu precisei de visibilidade, precisei mostrar o meu produto, mostrar quem eu sou, arriscado a ser cancelado dentro de um programa e sair com rejeição, pra poder sair da favela, simplesmente, pra poder ter uma vida melhor, sabe?

O conhecimento sobre as questões de racialidade, sexualidade, gênero e classe me ajudou muito no entendimento de quem eu sou e eu entendi e descobri isso sozinho, assistindo uma novela, indo numa palestra no Doutores da Alegria, totalmente diferente de quando eu era adolescente e alisava o meu cabelo. Eu comecei a me descobrir e é muito louco isso, porque quando jovem eu achava que era uma pessoa normal, que tava no meio da galera, porque eu sempre vivi no meio dos meninos e eu não sou uma pessoa normal. Eu sou diferente e eu gosto de ser diferente, porque eu tenho um cabelo diferente da galera que mora aqui, eu tenho as roupas diferentes, eu sou diferente, mas mesmo sendo diferente a gente tem a mesma história, a gente mora na mesma quebrada, a gente pega o mesmo ônibus, quando a polícia invade aqui todo mundo sofre igual.

Quando eu comecei a descobrir esse meu empoderamento, eu comecei a questionar a mim mesmo e a falar qual é o meu lugar aqui na quebrada, de questionar a polícia, por exemplo, de saber quem eu sou, de falar “Você não pode fazer isso! Você não pode apontar a arma na cara do meu primo”, de falar que eu vou gravar, que eu posso gravar, de ter essa força e essa coragem, porque uma byxa preta afrontar a polícia é pedir pra morrer. Vão falar que a gente reagiu, que a gente tava vendendo droga, que a gente saiu correndo, sabe?

Eu sou completamente diferente de cinco anos atrás, no meu empoderamento, de quem eu sou e cinco anos pra frente eu vou ser muito mais foda do que eu sou hoje. Eu tenho certeza disso, pelos meus estudos, pelas pessoas que eu vou conhecer, pelas pessoas que vão entrar na minha família, pelas que vão também partir. Eu sempre tô preparado, eu nasci pra sempre tá preparado pra tudo, eu tô de olho. Eu tô conversando com você, mas eu sei que ela tá aqui, que a outra tá aqui, que a música tá rolando, que tá tudo ao meu redor, porque eu precisei ser assim e precisar ser assim é bom, eu gosto de ser assim.

Eu sempre tive essa vivência e esse olhar por causa dos meus irmãos, então eu já conhecia outras histórias. Eu conheço a história dos meu irmão que é uma byxa preta também, que é três anos mais velha que eu, e eu conheço a história do meu irmão três anos mais novo do que eu, que é também uma byxa branca, mas é favelada e da mesma mãe, então eu tive essa oportunidade.

O que eu falo pra essas byxas que já passaram por isso é continuar, porque a gente ainda tá viva no país que mais mata travestis, byxas e pretos no mundo. A gente ainda tá viva, a gente ainda tem história pra contar e fazer a nossa história, continuidade. O que eu falo é: continue! Faça o que você tiver que fazer, bata no peito e derrube quem você tiver que derrubar na sua frente pra você seguir, porque ninguém pode parar a gente.

Morrer na areia da praia é foda. Eu não vim pro mundo pra morrer na areia da praia, sabe? Eu vou continuar, eu quero subir na calçada, quero entrar na cidade, quero que as pessoas me vejam e eu quero que elas também façam isso, sabe?

Para o futuro, eu espero primeiro que a gente fique viva, nós byxas pretas, e também que a gente tenha mais oportunidades. É foda você tá trabalhando e não poder ajudar outra byxa preta, ver que elas não tem a oportunidade que eu tive ou que outra byxa preta teve e às vezes, no meio dessa pandemia, pode tá vendendo as próprias coisas dentro de casa pra ter uma grana pra pagar o aluguel, sabe?

No futuro eu espero que a gente tenha tudo isso: que a gente tenha saúde, visibilidade e grana, muita grana pra gente gastar com o que a gente quiser e como a gente quiser. Que todas as byxas pretas sejam ricas e dominem esse Brasil!